

New York Times Bestseller

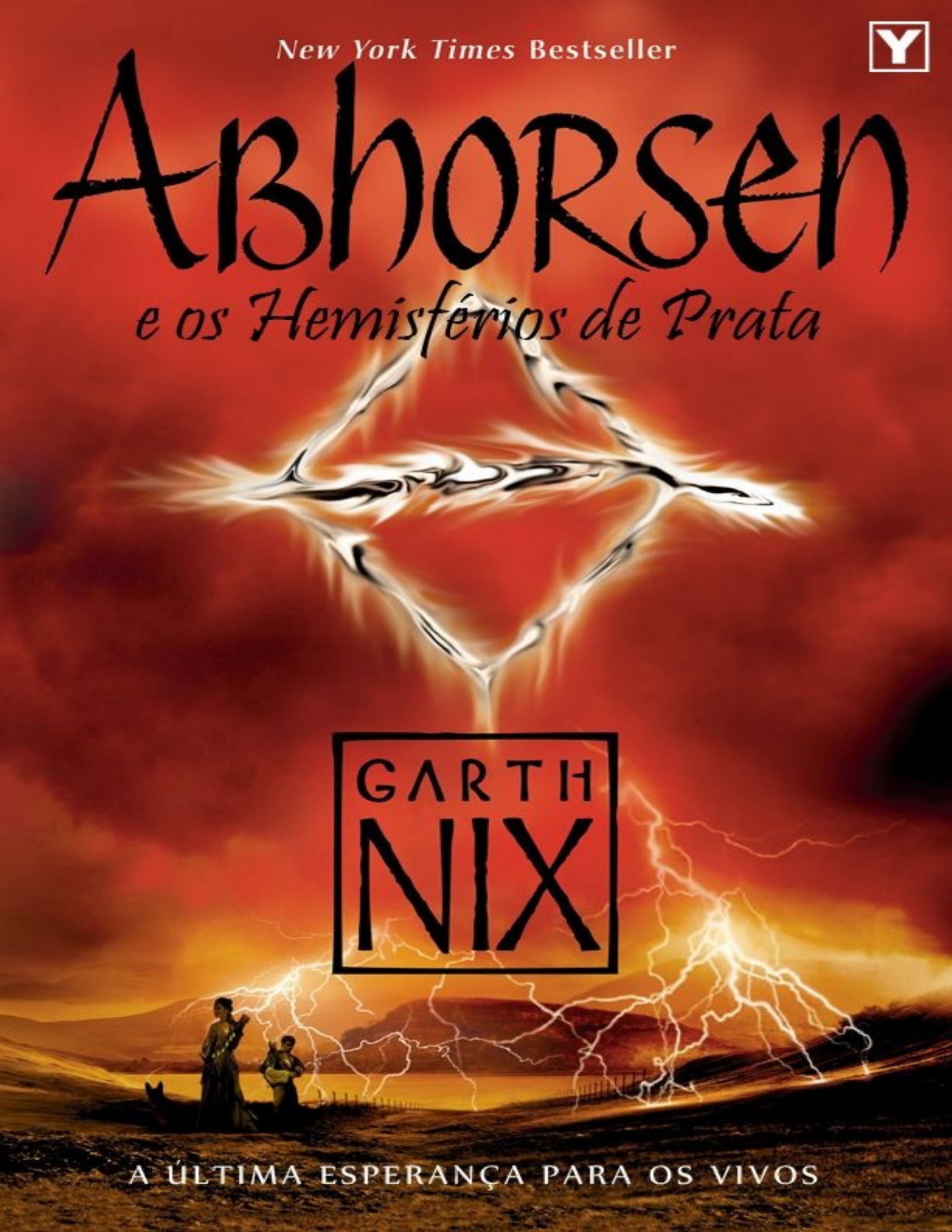


Arbhorssen

e os Hemisférios de Prata



GARTH
NIX

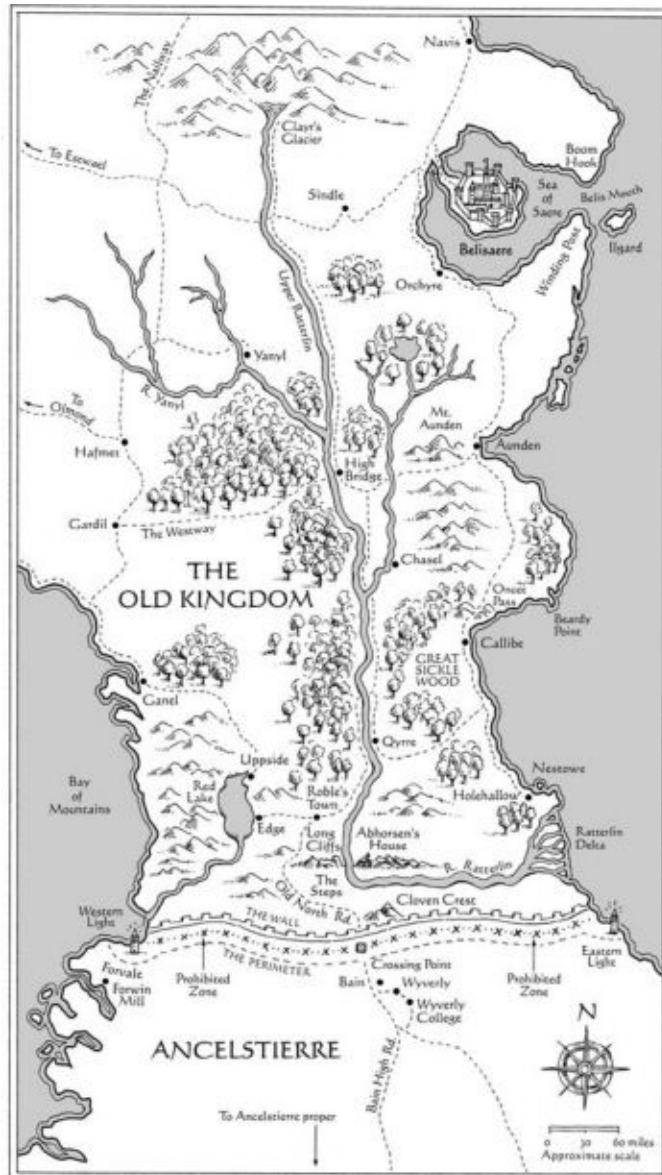


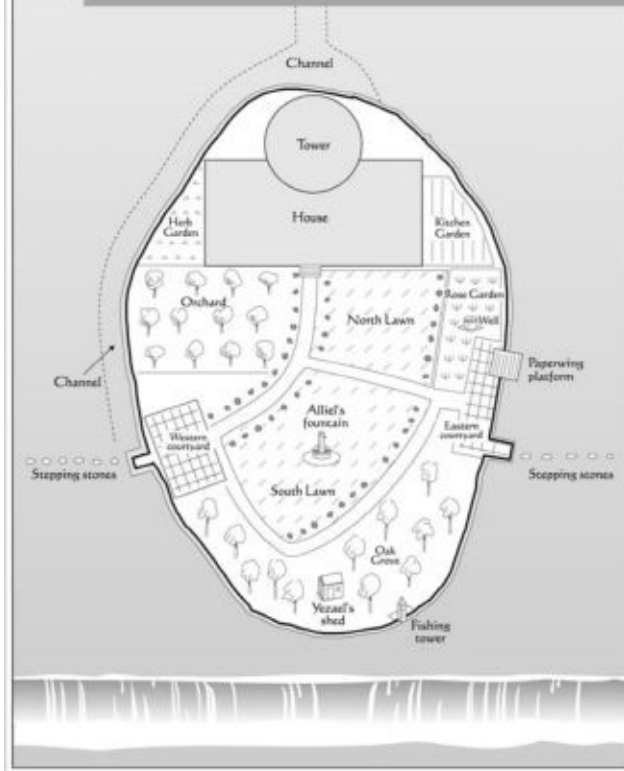
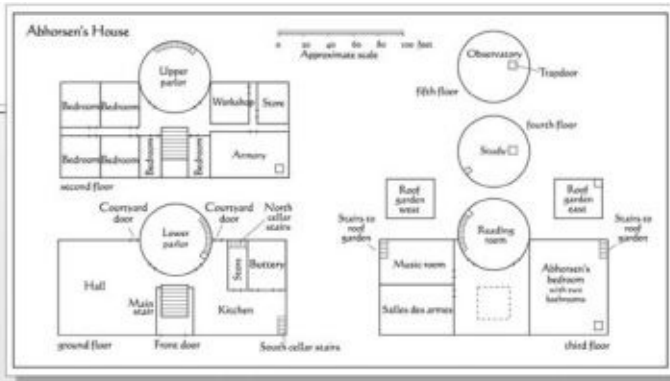
A ÚLTIMA ESPERANÇA PARA OS VIVOS



*Abhorsen
e os Hemisférios de Prata*







A Anna e Thomas Henry Nix

Prólogo

O nevoeiro elevava-se do rio, grandes ondas brancas introduzindo-se na fuligem e na fumaça da cidade de Corvere, para se tornarem aquela coisa híbrida a que os jornais mais populares chamavam *smog* e o *Times* "nevoeiro miásmico". Frio, úmido e malcheiroso, era perigoso qualquer que fosse o seu nome. Na sua maior densidade, era capaz de sufocar e podia transformar o mais tênue indício de tosse em pneumonia.

Mas a insalubridade do nevoeiro não constituía o seu principal perigo. Esse provinha da sua outra característica fundamental. O nevoeiro de Corvere era um dissimulador, um véu que envolvia os vaidosos candeeiros a gás da cidade e confundia tanto a vista como os ouvidos. Quando o nevoeiro se estendia sobre a cidade, todas as ruas ficavam escuras, todos os ecos eram estranhos e qualquer lugar, um cenário de crime e mutilação.

— O nevoeiro não dá mostras de levantar — informou Damed, principal guarda-costas do rei Touchstone. A sua voz patenteava a aversão ao nevoeiro, apesar de saber que era apenas um fenómeno natural, uma mistura de poluição industrial e bruma do rio. Lá no país deles, o Reino Antigo, tais nevoeiros eram com frequência criados pelos feiticeiros da Magia Livre. — O telefone... também não funciona e a escolta está não só fora de forma, como é nova. Não a integra nem um só dos oficiais que costumam constituí-la. Não creio que deva ir, majestade.

Touchstone encontrava-se de pé junto à janela, olhando através das persianas. Tinham sido obrigados a proteger todas as janelas há alguns dias, quando no exterior uma parte da multidão adotara o uso de físgas. Antes disso, os manifestantes não tinham conseguido arremessar os meios tijolos suficientemente longe, já que a mansão que abrigava a Embaixada do Reino Antigo se situava num parque rodeado por muros e a uns bons cinquenta metros da rua.

Não era a primeira vez que Touchstone desejava poder alcançar a Carta e retirar dela a força e o auxílio da magia. Mas estavam oitocentos quilômetros a sul da Muralha e o ar era silencioso e frio. Só quando o vento soprava com muita força do norte é que conseguia sentir um leve indício da sua herança mágica.

Sabriel sentia ainda mais a falta da Carta, Touchstone sabia. Olhou para a mulher. Ela estava à mesa, como de costume, escrevendo uma última carta a um velho amigo do colégio, um proeminente homem de negócios, ou um membro da Assembléia de Ancelstierre. Prometendo ouro, ou apoio, ou apresentações, ou talvez fazendo ameaças ligeiramente veladas do que

aconteceria se fossem estúpidos ao ponto de apoiar as tentativas de Corolini de instalar centenas de milhar de refugiados sulistas do outro lado da Muralha, no Reino Antigo.

Touchstone achava ainda estranho ver Sabriel vestida com roupas ancelstierranas, em particular vestes de cerimônia, como as que usava naquele dia. Deveria envergar o seu tabardo azul e prata com os sinos do Abhorsen sobre o peito, a espada à cinta. Não um vestido prateado com uma pelica de militar sobre um ombro e um estranho coque preso no cabelo muito preto. E a pequena pistola automática na sua bolsa de rede prateada não substituíra em nada a espada.

Não que Touchstone se sentisse também à vontade com as suas roupas. Uma camisa ancelstierrana com o seu colarinho rígido e gravata apertavam demais e o seu terno não oferecia qualquer proteção. Uma lâmina afiada deslizaria através do jaquetão de lã superfina com a mesma facilidade que por manteiga e quanto a uma bala...

— Transmito as suas desculpas, Majestade? — perguntou Damed.

Touchstone carregou o cenho e olhou para Sabriel. Ela andara no colégio em Ancelstierre, compreendia as pessoas e as suas classes dirigentes muito melhor do que ele. Era ela quem conduzia os esforços diplomáticos deles a sul da Muralha, como sempre fizera.

— Não — respondeu Sabriel. Levantou-se e selou a última carta com uma pancada forte. — A Assembléia reúne-se esta noite e é possível que Corolini vá apresentar a sua Lei da Emigração Forçada. O bloco de Dawforth pode dar-nos precisamente os votos para derrotar a moção. Temos de ir à sua recepção ao ar livre.

— Com este nevoeiro? — perguntou Touchstone. — Como podemos ir a uma recepção ao ar livre?

— Eles ignorarão o tempo — disse Sabriel. — Estaremos todos lá, bebendo absinto verde e comendo cenouras cortadas segundo formas elegantes e fingiremos que estamos nos divertindo muito.

— Cenouras?

— Uma moda do Dawforth, introduzida pelo seu guia espiritual — respondeu Sabriel. — De acordo com Sulyn.

— Ela é que sabe — disse Touchstone, fazendo uma careta, mas ante a perspectiva de cenouras cruas e absinto verde, não de Sulyn. Ela era uma das antigas amigas do colégio que tanto os ajudara. Sulyn, tal como os outros no Colégio Wyverley há vinte anos, vira o que acontecia quando a Magia Livre era agitada e se tornava suficientemente forte para atravessar a Muralha e se espalhar selvagememente por Ancelstierre.

— Iremos, Damed — disse Sabriel. — Mas seria sensato pôr em prática o plano que discutimos.

— Desculpem, Majestade Abhorsen — respondeu Damed. — Mas não me parece que vá aumentar a sua segurança. Na verdade, só irá complicar a situação.

— Mas será mais divertido — declarou Sabriel. — Os carros estão a postos? Vou só vestir a capa e calçar umas botas.

Damed anuiu com relutância e abandonou a divisão. Touchstone escolheu um sobretudo escuro de uma série deles disposta nas costas de um canapé e vestiu-o. Sabriel colocou outro (um casaco de homem) e sentou-se para trocar os sapatos por botas.

— Damed não está preocupado sem motivo — afirmou Touchstone ao estender a mão a Sabriel. — E o nevoeiro está muito espesso. Se estivéssemos em casa, não duvidaria de que fora criado com maldade premeditada.

— O nevoeiro é bastante natural — replicou Sabriel. Encontravam-se bastante próximos e enrolaram os abafos um do outro, terminando com um beijo suave, de leve. — Mas concordo que pode perfeitamente ser usado contra nós. Porém, estou tão perto de formar uma aliança contra Corolini. Se Dawforth alinhar e os Sayre não se intrometerem no assunto.

— São muito escassas as chances de tal, a menos que possamos provar que não raptamos o precioso filho e sobrinho deles — resmungou Touchstone, mas a sua atenção ia para as pistolas. Verificou se estavam ambas carregadas e havia munições de reserva na câmara, se tinham o cão para baixo e se estavam travadas. — Quem me dera que soubéssemos mais sobre este guia que Nicholas contratou. Tenho certeza de que já ouvi antes o nome Hedge e não foi em qualquer circunstância abonatória. Se ao menos os tivéssemos encontrado na Grande Estrada do Sul.

— Estou certa que em breve teremos notícias de Ellimere — disse Sabriel enquanto verificava a sua própria pistola. — Ou talvez mesmo de Sam. Temos de deixar pelo menos esse assunto entregue ao bom senso dos nossos filhos e enfrentar o que nos espera.

Touchstone fez uma careta ante a noção de bom senso dos filhos, entregou um chapéu de feltro cinzento a Sabriel com uma faixa preta, gêmeo do seu e ajudou-a a retirar o coque e a prender o cabelo debaixo do substituto.

— Pronta? — perguntou-lhe enquanto ela apertava o casaco. Com os chapéus postos, as golas levantadas e os abafos bem enrolados, não se distinguiam de Damed nem dos seus outros guardas. Era precisamente essa a idéia.

Havia dez guarda-costas lá fora à espera, sem contar com os motoristas

dos dois automóveis *Hedden-Hare* fortemente blindados. Sabriel e Touchstone reuniram-se a eles e os doze permaneceram juntos por um momento. Se houvesse qualquer inimigo observando dos muros, seria muito difícil distinguir quem era quem através do nevoeiro.

Duas pessoas foram para a traseira de cada carro, com as outras oito de pé nos estribos. Os motoristas tinham mantido os motores trabalhando há algum tempo, os escapes enviando uma corrente constante de emissões quentes, mais leves que o nevoeiro.

A um sinal de Damed, os carros começaram a descer o acesso, tocando os Cláxons. Era o sinal para os guardas ao portão o escancararem e para a polícia ancelstierrana lá fora afastar a multidão. Ultimamente, havia sempre uma multidão, constituída principalmente pelos simpatizantes de Corolini: rufiões e agitadores pagos usando as braçadeiras do partido de Corolini, o Nosso País.

Não obstante as preocupações de Damed, a polícia desempenhou bem a sua função, afastando a turba para que os dois carros pudessem avançar acelerados. Foram arremessados alguns tijolos e pedras depois de passarem, mas não acertaram nos homens da guarda montada ou então resvalaram pelo vidro temperado e placa blindada. Um minuto depois, a multidão ficava para trás, apenas uma massa escura ululante no nevoeiro.

— A escolta não nos segue — informou Damed, que ia de pé no estribo ao lado do condutor do carro da frente. Tinha sido cedido um destacamento de polícia montada para acompanhar o rei Touchstone e a sua rainha Abhorsen para onde quer que fossem na cidade e até agora haviam desempenhado a sua função de acordo com os parâmetros esperados da Força Policial de Corvere. Desta vez, os soldados de cavalaria encontravam-se ainda de pé junto das suas montarias.

— Talvez confundissem as ordens — disse a motorista através do quarto de janela aberto. Mas não havia convicção na sua voz.

— É melhor alterarmos o percurso — ordenou Damed. — Siga por Harald Street. Em frente à esquerda.

Os carros passaram acelerados por dois veículos mais lentos, um caminhão bem carregado, um cavalo e uma carroça, frearam bruscamente e viraram à esquerda no amplo troço de Harald Street. Este era um dos passeios públicos mais modernos e melhor iluminados, com candeeiros a gás dos dois lados da rua em intervalos regulares. Mesmo assim, o nevoeiro não tornava seguro ir a mais de vinte e cinco quilômetros por hora.

— Existe algo à frente! — informou a motorista. Damed ergueu o olhar e praguejou. Quando os faróis atravessaram o nevoeiro, viu uma grande massa de pessoas bloqueando a rua. Não distinguiu o que estava nos cartazes que empunhavam, mas era bastante fácil reconhecê-la como uma manifestação do

Nosso País. Para complicar, não havia polícia para a controlar. Não se avistava um só oficial de capacete azul.

— Pare! Recur! — gritou Damed. Acenou ao carro que vinha atrás, um sinal duplo que significava "Problemas!" e "Retirar!"

Ambos os carros começaram a recuar. Quando o fizeram, a multidão à frente avançou. Até então, estivera silenciosa. Agora ouvia-se a gritar, "Fora com os estrangeiros!" e "Nosso País!". Os gritos eram acompanhados de tijolos e pedras, que no momento não os atingiam.

— Recue! — voltou a gritar Damed. Sacou da pistola, segurando-a junto à perna. — Mais depressa!

O carro da retaguarda estava quase na esquina quando o caminhão e a carroça que tinham ultrapassado pararam, bloqueando o caminho. Saltaram das traseiras de ambos os veículos homens com máscaras, fazendo estremecer o nevoeiro ao correrem. Homens com armas.

Damed soube antes de ver as armas que se tratava do que sempre temera.

Uma emboscada.

— Saiam! Saiam! — gritou, apontando para os homens armados. — Disparem!

À sua volta, os outros guardas escancaravam as portas dos carros para terem cobertura. Um segundo depois abriram fogo, o estampido mais forte das suas pistolas acompanhado do tap-tap-tap agudo das novas metralhadoras compactas que eram bem mais fáceis de manejar do que as antigas *Lewtns* do Exército. Nenhum dos guardas gostava de armas, mas tinham treinado constantemente com elas desde a vinda para sul da Muralha.

— Sobre a multidão, não! — chamou Touchstone. — Apenas sobre os alvos armados!

Os seus atacantes não eram tão cuidadosos. Tinham-se enfiado debaixo dos veículos, atrás de um marco do correio e escondido no caminho ao lado de um muro baixo de floreiras e disparavam furiosamente.

As balas ricocheteavam na rua e nos carros blindados em guinchos enfurecidos e enérgicos. Havia barulho por todo o lado, sons irritantes e confusos, uma mistura de gritos e berros combinada com o estampido e a trepidação constantes da fuzilaria. A multidão, tão ansiosa por se precipitar segundos antes, tornara-se uma terrível torrente baratinada de pessoas tentando fugir.

Damed correu para um aglomerado de guardas acorados por trás do motor do carro da retaguarda.

— O rio — gritou. — Atravessem a praça e desçam as Escadas do

Guarda-Portão. Temos ali dois barcos. Não conseguirão persegui-los com o nevoeiro.

— Podemos tentar voltar para a Embaixada! — retorquiu Touchstone.

— Isto está muito bem planejado! A polícia bandeou-se, ou pelo menos um número suficiente deles! Têm de sair de Corvere. De Ancelstierre!

— Não! — gritou Sabriel. — Nós não acabamos...

Foi interrompida quando Damed a empurrou violentamente e a Touchstone saltando para cima deles. Com a sua rapidez lendária, interceptou um enorme cilindro preto que vinha às voltas pelo ar, trazendo um rastro de fumaça atrás de si.

Uma bomba.

Damed apanhou-a e arremessou-a num único movimento rápido, mas nem sequer ele foi suficientemente ligeiro.

A bomba explodiu enquanto ainda vinha no ar. Carregada de explosivos fortes e pedaços de metal, matou de imediato Damed. A explosão fez saltar as janelas ao longo de um quilômetro e ensurdeceu e cegou momentaneamente todos num raio de cem metros. Mas foram os milhares de fragmentos de metal que causaram os verdadeiros estragos, cortando e silvando pelo ar, fazendo saltar pedra ou metal, ou dilacerando a carne com muita frequência.

A explosão foi seguida de silêncio, à exceção do ruído do gás que saía dos candeeiros partidos. Até o nevoeiro fora repellido pela força do rebentamento, deixando um círculo enorme aberto no céu. Raios de sol fraco infiltravam-se, vindo iluminar uma cena de destruição terrível.

Havia corpos espalhados por todo o lado e debaixo dos carros, nem um só guarda de sobretudo permanecia de pé. Até as janelas dos carros blindados estavam partidas e os ocupantes tinham tombado mortos.

Os assassinos sobreviventes esperaram alguns minutos antes de saírem rastejando de trás do muro baixo e avançarem, rindo e congratulando-se mutuamente, carregando as armas descontraidamente nos braços ou aos ombros com o que julgavam ser um estilo bonito.

A conversa e as gargalhadas eram muito altas, mas nem perceberam. Os seus sentidos estavam abalados, as suas mentes em choque. Não só da explosão, mas também das visões terríveis que se aproximavam e eram mais reais a cada passo, ou até do alívio por estarem vivos no meio de tanta morte e destruição.

O verdadeiro choque deu-se com a tomada de consciência de que há trezentos anos um Rei e uma Rainha tinham sido assassinados nas ruas de Corvere. Agora voltara a acontecer — e fora obra sua.

Primeira Parte

UMA CASA SITIADA

Havia outro nevoeiro, muito longe do *smog* de Corvere. Novecentos e sessenta quilômetros a norte, do outro lado da Muralha que separava Ancelstierre do Reino Antigo. A Muralha onde a magia do Reino Antigo começava realmente e a moderna tecnologia de Ancelstierre falhava.

Este nevoeiro era diferente do seu parente mais a sul. Não era branco, mas o cinzento-escuro de uma nuvem de tempestade e completamente artificial. Este nevoeiro fora criado a partir do ar e da Magia Livre e surgira no alto de uma colina distante de qualquer resquício de água. Sobrevivera e espalhara-se não obstante o calor de uma tarde do final da Primavera, que o deveria ter feito dissipar.

Ignorando o sol e as brisas ligeiras, o nevoeiro avançava desde a colina e estendia-se para sul e leste, braços finos rastejando à frente do corpo principal. Meia légua para lá da colina, um destes braços separava-se numa nuvem que se elevava alto no ar e atravessava o poderoso rio Ratterlin. Uma vez transposto, descia para assentar como um sapo na margem oriental e mais nevoeiro começava a sair dele.

Em breve os dois braços do nevoeiro envolviam tanto as margens ocidental como oriental do Ratterlin, apesar do sol brilhar no rio.

Tanto o rio como o nevoeiro deslocavam-se a ritmos muito diferentes em direção aos Penhascos Longos. O rio precipitava-se com cada vez maior intensidade ao dirigir-se para a grande cascata, onde mergulhava a mais de trezentos metros. O nevoeiro era lento e ameaçador. Adensava-se e elevava-se enquanto se estendia.

Alguns metros antes de chegar aos Penhascos Longos, o nevoeiro cessava, apesar de continuar a adensar-se e elevar-se cada vez mais, ameaçando a ilha que se situava no meio do rio e à beira da cascata. Uma ilha com muros brancos altos que rodeava uma casa e jardins.

O nevoeiro não se estendia sobre o rio nem se curvava a uma grande distância ao elevar-se. Havia defesas invisíveis que o detinham, que mantinham o sol brilhando nos muros brancos, nos jardins e na casa de telhado vermelho. O nevoeiro era uma arma, mas tratava-se apenas do primeiro avanço numa batalha, apenas do começo de um cerco. As linhas de combate estavam traçadas e a Casa atacada.

Porque toda a ilha circundada pelo rio era a Casa do Abhorsen. O lar do

Abhorsen, cujo direito adquirido pelo nascimento e função era manter as fronteiras entre a Vida e a Morte. O Abhorsen, que usava os sinos necromânticos e a Magia Livre, mas que não era nem um necromante nem um feiticeiro da Magia Livre. O Abhorsen, que reenviava quaisquer Mortos que invadissem a Vida para o lugar de onde tinham vindo.

A autora do nevoeiro sabia que a Abhorsen não se encontrava na Casa. A Abhorsen e o marido, o Rei, tinham sido atraídos ao outro lado da Muralha e seriam, ao que se supunha, liquidados ali. Fazia parte do plano do Amo, há muito traçado, mas só recentemente iniciado.

O plano tinha muitas partes, em muitas zonas, apesar de seu âmago e motivo se situarem no Reino Antigo. A guerra, o assassinio e os refugiados faziam parte do plano, todos manipulados por uma mente sutil e maquiavélica que aguardara durante gerações que tudo se concretizasse. Contudo, tal como em todos os planos, houvera complicações e problemas. Dois deles estavam na Casa. Um era uma jovem mulher, que fora enviada para sul pelas bruxas que viviam na montanha coberta pela geleira junto à nascente do Ratterlin. As Clayr, que viam muitos futuros no gelo e que certamente iriam tentar alterar o presente de acordo com os seus próprios fins. A mulher era uma das suas magas de elite, facilmente identificada pelo colete colorido que envergava. Um colete vermelho, caracterizando-a como Segunda Assistente de Bibliotecária.

A autora do nevoeiro vira-a, de cabelo preto e tez pálida, não tendo certamente mais de vinte anos, uma mera insignificância em termos de idade. Ouvira o nome da jovem, gritado no desespero do combate.

Lirael.

A outra complicação era conhecida e possivelmente incômoda, muito embora os fatos fossem contraditórios. Um jovem, pouco mais do que um rapaz, com o cabelo encaracolado do pai e os sobrolhos negros da mãe e a altura de ambos. O seu nome era Sameth, o filho do rei Touchstone e da rainha Abhorsen Sabriel.

O príncipe Sameth devia ser o Futuro Abhorsen, herdeiro dos poderes d'O *Livro dos Mortos* e dos sete sinos. Mas a autora do nevoeiro tinha agora as suas dúvidas. Estava muito velha e em tempos soubera muita coisa a respeito da estranha família e da sua Casa no rio. Lutara com Sameth há menos de uma noite e ele não combatera como um Abhorsen, até a forma como lançara a sua Magia da Carta fora estranha, sem qualquer reminiscências da linha real nem dos Abhorsens.

Sameth e Lirael não estavam sós. Contavam com o apoio de duas criaturas que pareciam ser apenas um pequeno gato branco de temperamento irascível e uma cadela grande preta e castanho-amarelada de índole amigável.

No entanto, ambos eram muito mais do que pareciam, apesar de existirem dúvidas quanto ao que eram em concreto. Muito provavelmente, tratava-se de espíritos da Magia Livre de alguma espécie, obrigados a servir o Abhorsen e as Clayr. Até certo ponto, sabia-se o que era o gato. De seu nome Mogget, especulava-se a seu respeito em certos livros eruditos. Já a Cadela era uma questão diferente. Era jovem, ou tão velha que qualquer livro que falasse dela há muito se transformara em pó. A criatura no nevoeiro era da segunda opinião. Tanto a jovem como a cadela tinham vindo da Grande Biblioteca das Clayr. Era provável que ambas, tal como a Biblioteca, possuísem profundezas ocultas e contivessem poderes desconhecidos.

Juntos, estes quatro podiam ser adversários de peso e representavam uma ameaça séria. Mas a autora do nevoeiro não tinha de lutar diretamente com eles, tão-pouco o podia fazer, pois a Casa estava muito bem guardada tanto por encantamento como por águas rápidas. As suas ordens eram para se certificar de que eles ficavam presos na Casa. Esta deveria estar sitiada enquanto os assuntos se desenrolavam em outro lugar — até ser muito tarde para Lirael, Sam e os seus companheiros fazerem fosse o que fosse.

Chlorr da Máscara sibilou ao pensar naquelas ordens e o nevoeiro ergueu-se em ondas à volta do que passava pela sua cabeça. Em tempos fora uma necromante viva e não recebia ordens de ninguém. Cometera um erro, erro esse que a levara à servidão. Mas o seu Amo não a deixara ir para o Nono Portão nem para lá dele. Fora devolvida à Vida, embora não sob qualquer forma viva. Agora era uma criatura Morta, apanhada pelo poder dos sinos, aprisionada pelo seu nome secreto. Não gostava das suas ordens, no entanto, não tinha outra alternativa senão obedecer.

Chlorr baixou os braços. Alguns finos fios de nevoeiro escorreram dos seus dedos. Havia Mãos Mortas a toda a sua volta, centenas e centenas de cadáveres oscilantes, supurantes. Chlorr não trouxera da Morte os espíritos que habitavam estes corpos meio esqueléticos e putrefatos, mas aquele que o fizera ordenara-lhe que os comandasse. Levantou um braço magro e comprido de sombra e apontou. Com suspiros, gemidos, gorgolejos e o estalido de articulações imobilizadas e ossos partidos, as Mãos Mortas avançaram marchando, fazendo o nevoeiro rodopiar a toda a sua volta.

— Há pelo menos duas centenas de Mãos Mortas na margem ocidental e oitenta ou mais na oriental — disse Sameth. Endireitou-se por trás do telescópio de bronze e baixou-o. — Não consegui ver Chlorr, mas ela deve estar ali em algum lugar, presumo.

Estremeceu ao recordar a última vez que vira Chlorr, uma coisa de

negrura maligna erguendo-se sobre ele, a sua espada flamejante prestes a descer. Fora apenas na noite da véspera, apesar de parecer que decorrerá já muito mais tempo.

— É possível que algum outro feiticeiro da Magia Livre tenha provocado este nevoeiro — afirmou Lirael. Mas não acreditava nisso. Conseguia captar lá fora a mesma força opressiva que sentira na última noite.

— Nevoeiro — disse a Cadela Sem Vergonha, que estava delicadamente equilibrada no banco do observador. Além do fato de falar e da coleira brilhante feita de marcas da Carta à volta do seu pescoço, parecia igual a qualquer outro cão grande preto e castanho-amarelado fruto de um cruzamento. Daqueles simpáticos que abanam a cauda e não dos que ladram e rosnam. — Acho que se tornou suficientemente denso para se poder designar por nevoeiro.

A Cadela, a sua dona, Lirael, o príncipe Sameth e o servidor do Abhorsen com forma de felino, Mogget, estavam ali todos no observatório que ocupava o piso mais alto da torre no lado setentrional da Casa do Abhorsen.

As paredes do observatório eram completamente transparentes e Lirael deu por si a lançar olhares nervosos para o teto, porque era difícil ver se algo o sustentava. As paredes também não eram de vidro, ou de qualquer material seu conhecido, o que, de certa forma, só vinha agravar a sensação.

Todavia, como não queria que o seu nervosismo transparecesse, Lirael transformou a sua mais recente contração muscular num aceno de concordância enquanto a Cadela falava. Só a sua mão denunciava o que sentia, por isso manteve-a no pescoço da Cadela, por causa do conforto do calor do pêlo do animal e da Magia da Carta na sua coleira.

Apesar de ser apenas o início da tarde e do Sol incidir diretamente sobre a Casa, a ilha e o rio, havia uma massa sólida de nevoeiro em cada margem, erguendo-se em simples muros que continuavam a crescer, apesar de estarem já a várias dezenas de metros de altura. O nevoeiro era sem dúvida de origem mágica. Não se elevava do rio, como sucederia no caso de um nevoeiro normal, nem vinha com uma nuvem baixa. Este nevoeiro avançara de leste e oeste ao mesmo tempo, deslocando-se com rapidez independentemente do vento. Pouco espesso de início, fechava-se mais a cada minuto.

Um outro indício do carácter estranho do nevoeiro encontrava-se a sul, onde parava abruptamente antes de se poder misturar com a bruma natural provocada pela grande cascata onde o rio se precipitava sobre os Penhascos Longos.

Os Mortos haviam chegado pouco depois do nevoeiro. Cadáveres arrastando-se pesadamente que subiam de forma desajeitada pelas margens do rio, apesar de recearem a água que fluía rapidamente. Algo os impelia, algo

escondido bem no meio do nevoeiro. Quase com certeza que esse algo era Chlorr da Máscara, outrora uma necromante, agora ela própria um dos Mortos Maiores. Uma combinação muito perigosa, Lirael sabia, porque provavelmente Chlorr conservaria grande parte dos seus antigos conhecimentos nefastos de Magia Livre, combinados com quaisquer poderes que pudesse ter adquirido na Morte. Poderes que seriam negros e desconhecidos. Lirael e a Cadela haviam conseguido repelir sumariamente Chlorr no combate da noite da véspera junto à margem do rio, mas não fora uma vitória.

Lirael sentia a presença dos Mortos e a natureza sobrenatural do nevoeiro. Apesar da Casa do Abhorsen estar protegida por água corrente profunda e muitas proteções e defesas mágicas, tremia ainda, como se uma mão fria tivesse feito deslizar os seus dedos sobre a pele de Lirael.

Ninguém comentou o arrepio, apesar de Lirael se sentir embaraçada pelo seu caráter tão óbvio. Ninguém dissera nada, mas estavam todos olhando para ela. Sam, a Cadela e Mogget, todos aguardando como se ela fosse proferir alguma verdade profunda. Por um momento, Lirael teve um acesso de pânico. Não estava acostumada a assumir a condução, quer na conversa quer fosse no que fosse. Mas agora ela era o Futuro Abhorsen. Enquanto Sabriel estava do outro lado da Muralha, em Ancelstierre, era ela a única Abhorsen. Os Mortos, o nevoeiro e Chlorr eram problemas seus. E eram apenas problemas menores, comparados com a verdadeira ameaça — o que quer que Hedge e Nicholas estavam desenterrando próximo do Lago Vermelho.

“Vou ter de fingir”, pensou Lirael. “Vou ter de agir como um Abhorsen. Talvez se eu conseguir ser suficientemente convincente, acabe por acreditar também em mim mesma.”

— Depois das alpondras, existe alguma outra saída? — perguntou de repente, virando-se para sul para olhar para as pedras que se viam debaixo de água, conduzindo tanto à margem oriental como à ocidental. Alpondras não era propriamente o nome mais adequado, pois não se passava a pé enxuto, pensou Lirael. Era preciso saltar, já que foram colocadas a pelo menos um metro e oitenta umas das outras e estavam à beira da cascata. Se errasse o salto, seria levado pelo rio e a cascata atirava uma pessoa para baixo. Era uma descida muito longa, sob o enorme peso esmagador da água.

— Sam?

Sam abanou a cabeça.

— Mogget?

O pequeno gato branco estava enroscado na almofada azul e dourada que se encontrara por breves momentos em cima do banquinho do observador, antes de ser retirada por uma pata e de se revelar de muito maior utilidade no

chão. Mogget não era efetivamente um gato, apesar de apresentar a sua forma. A coleira de marcas da Carta com o seu sino em miniatura — Ranna, o Portador do Sono — mostrava que ele era muito mais do que um simples gato falante.

Mogget abriu um olho verde-vivo e bocejou amplamente. Ranna tiniu na sua coleira, e Lirael e Sam deram-se conta de que também bocejavam.

— Sabriel levou a Asa de Papel, por isso não podemos sair pelo ar — disse ele. — Mesmo que pudéssemos voar, teríamos de passar pelos Corvos de Sangue Coagulado. Acho que poderia invocar um barco, mas os Mortos nos seguiriam pelas margens.

Lirael olhou para os muros de nevoeiro. Era o Futuro Abhorsen há apenas duas horas e já não sabia o que fazer. Exceto que tinha a convicção absoluta de que precisavam abandonar a Casa e ir rapidamente para o Lago Vermelho. Precisavam encontrar o amigo de Sam, Nicholas, e impedi-lo de desenterrar o que quer que se encontrava aprisionado debaixo da terra.

— Talvez haja outra saída — afirmou a Cadela. Saltou do banquinho e começou a descrever um círculo próximo de Mogget enquanto falava, trotando como se estivesse a pisar ervas debaixo das suas patas e não pedra fria. Ao dizer “saída” atirou-se subitamente para o chão próximo do gato e bateu com uma pata pesada junto à cabeça dele. — Muito embora Mogget não vá gostar.

— Qual saída? — sibilou Mogget, arqueando o dorso. — Não sei de nenhuma saída depois das alpondras, ou do ar por cima, ou do rio... e ando por aqui desde que a Casa foi construída.

— Mas não quando o rio foi dividido e criada a ilha — disse a Cadela com toda a calma. — Antes dos Construtores da Muralha erguerem os muros, quando a tenda do primeiro Abhorsen estava armada no lugar onde cresce agora a figueira grande.

— É verdade — admitiu Mogget. — Mas você também não estava lá. — As últimas palavras de Mogget indiciavam uma pergunta, ou uma dúvida, pensou Lirael. Observou com atenção a Cadela Sem Vergonha, mas o animal limitou-se a coçar o focinho com ambas as patas dianteiras antes de prosseguir.

— Seja como for, em tempos existiu outra saída. Se ainda existe, é funda e poderia ser perigosa de muitas formas. Há quem pense que seria mais seguro atravessar as pedras e abrir caminho através dos Mortos.

— Mas você não? — perguntou Lirael. — Acredita que existe uma alternativa?

Lirael tinha medo dos Mortos, mas não ao ponto de não ser capaz de enfrentá-los se fosse necessário. Só não estava inteiramente confiante na sua identidade recentemente descoberta. Talvez uma Abhorsen como Sabriel, na plena flor da idade e dos poderes, conseguisse simplesmente galgar as alpondras

e pôr Chlorr, as Mãos Sombra e todos os outros Mortos em debandada. Lirael pensou que se tentasse pessoalmente, acabaria a bater em retirada pelas pedras e muito provavelmente cairia ao rio e seria despedaçada na cascata.

— Acho que deveríamos investigar — proferiu a Cadela. Espreguiçou-se, quase atingindo Mogget de novo com as patas, depois levantou-se devagar e bocejou, pondo a descoberto dentes extraordinariamente grandes e muito alvos. Tudo aquilo, estava Lirael absolutamente convencida, era para provocar Mogget.

Mogget fitou a Cadela através dos olhos semicerrados.

— Funda? — miou o gato. — Isso significa o que eu estou pensando? Não podemos ir até lá!

— Há muito que ela se foi — replicou a Cadela. — Muito embora presuma que possa existir algo...

— Ela? — inquiriram Lirael e Sameth ao mesmo tempo.

— Conhecem o poço no roseiral? — perguntou a Cadela.

Sameth anuiu, enquanto Lirael tentava recordar-se se tinha visto um poço quando haviam atravessado a ilha até à Casa. Lembrava-se vagamente de ter vislumbrado rosas, muitas rosas espalhadas que se erguiam depois da parte oriental do relvado mais próximo da Casa.

— É possível descer o poço — prosseguiu a Cadela. — Muito embora seja uma descida longa e estreita. Vai nos levar diretamente às cavernas mais profundas. Existe um caminho através delas até à base da cascata. Depois teremos de voltar a subir os penhascos, mas espero que consigamos fazê-lo mais a oeste, ultrapassando Chlorr e os seus lacaios.

— O poço está cheio de água — disse Sam. — Vamos nos afogar.

— Tem certeza? — indagou a Cadela. — Alguma vez olhou lá para dentro?

— Bem, não — disse Sam. — Está tapado, creio...

— Quem é a "ela" que mencionou? — perguntou Lirael com firmeza. Sabia por experiências passadas quando a Cadela estava evitando um assunto.

— Alguém que viveu em tempos lá embaixo — respondeu a Cadela. — Alguém que tinha poderes consideráveis e perigosos. É possível que existam ali alguns restos dela.

— O que significa "alguém"? — inquiriu Lirael em tom austero. — Como é possível que alguém tenha vivido debaixo da Casa do Abhorsen?

— Recuso-me a ir a qualquer lugar próximo daquele poço — interpôs Mogget. — Acho que foi Kalliel que se lembrou de escavar solo proibido. Qual a necessidade de acrescentar os nossos ossos aos dele em algum canto escuro das profundezas?

O olhar de Lirael deslizou, por um instante, como uma flecha até Sam, a

seguir voltou a Mogget. Lamentou-o de imediato, pois expôs-lhe as suas próprias incertezas e apreensões. Agora que era o Futuro Abhorsen, tinha de dar o exemplo. Sam não escondera o seu medo da Morte e dos Mortos e o desejo de se esconder ali na Casa fortemente protegida. Mas ele vencera finalmente o seu medo, pelo menos no momento. Como poderia Sam continuar a ser corajoso se ela não desse o exemplo?

Lirael era também tia dele. Não se sentia como uma tia, mas entendia que tinha determinadas responsabilidades em relação a um sobrinho, mesmo que ele fosse apenas alguns anos mais novo do que ela.

— Cadela! — ordenou Lirael. — Responda com clareza ao menos uma vez. Quem... ou o que... está lá embaixo?

— Bem, é difícil exprimi-lo por palavras — respondeu a Cadela. Voltou a agitar as patas dianteiras. — Em particular, dado existir a probabilidade de não haver ninguém lá embaixo. Se estiver, acho que lhe chamaria um resquício da criação da Carta, tal como eu sou e tantos outros de estatura variável. Mas se ela estiver lá, ou alguma parte dela, nesse caso, é possível que ela se encontre como era, o que é perigoso de uma forma... muito... *elemental*, apesar de ter acontecido tudo há tanto tempo e, na realidade, só estou contando o que outras pessoas disseram ou escreveram ou pensaram...

— Porque ela haveria de estar lá embaixo? — perguntou Sameth. — Porquê debaixo da Casa do Abhorsen?

— Ela não está propriamente em qualquer lugar — disse a Cadela, que coçava o focinho com uma pata e, assim, conseguia não olhar para os olhos de ninguém. — Parte do seu poder encontra-se aqui e é onde ela estaria se tivesse de estar em algum lugar.

— Mogget? — perguntou Lirael. — Você é capaz de traduzir alguma coisa do que a Cadela acabou de dizer?

Mogget não respondeu. Tinha os olhos fechados. A dada altura da resposta da Cadela, enrolara-se e voltara a adormecer.

— Mogget! — repetiu Lirael.

— Ele está dormindo — disse a Cadela. — Ranna chamou-o para o sono.

— Acho que ele só dá ouvidos a Ranna quando lhe agrada — disse Sam. — Espero que Kerrigor durma mais profundamente.

— Podemos ir olhar, se quiserem — disse a Cadela. — Mas tenho certeza que saberíamos, se ele tivesse despertado. Ranna tem uma mão mais leve do que Saraneth, mas prende com força quando é preciso. Além disso, o poder de Kerrigor reside nos seus seguidores. A sua arte baseou-se neles e a sua queda foi uma consequência disso.

— O que você quer dizer? — perguntou Lirael. — Achava que ele era um feiticeiro da Magia Livre que se tornou um dos Mortos Maiores?

— Ele era mais do que isso — disse a Cadela. — Porque possuía sangue real. O domínio sobre os outros estava no sangue. Kerrigor encontrou, em algum lugar na Morte, os meios para usar a força daqueles que lhe haviam jurado fidelidade, através do ferro que lhes cravou na carne. Se Sabriel não tem usado, por acaso, um encantamento extraordinariamente antigo que o separou do seu poder, acho que Kerrigor teria triunfado. Pelo menos durante algum tempo.

— Porquê apenas durante algum tempo? — perguntou Sam. Desejando nunca ter mencionado Kerrigor.

— Acho que ele acabaria por ter feito o que o seu amigo Nicholas está fazendo agora — disse a Cadela. — E desenterrado algo que era melhor ser deixado em paz.

Ninguém disse nada a esse respeito.

— Estamos perdendo tempo — disse por fim Lirael.

Olhou de novo para o nevoeiro na margem ocidental. Sentia ali muitas Mãos Mortas, mais do que se conseguia ver, apesar de serem inúmeras. Sentinelas putrefatas, envoltas em nevoeiro. À espera de que o inimigo saísse.

Lirael respirou fundo e tomou a sua decisão.

— Se acha que devíamos descer o poço, Cadela, então é esse o caminho que tomaremos. Espero que não encontremos quaisquer restos do poder que espreita lá embaixo. Ou talvez ela seja simpática e possamos conversar.

— Não! — latiu a Cadela, surpreendendo todos. Até Mogget abriu um olho, mas, vendo Sam olhando para ele, apressou-se a fechá-lo de novo.

— O quê? — perguntou Lirael.

— Se ela estiver lá embaixo, o que é muito improvável, não deve falar com ela — disse a Cadela. — Não deve escutá-la, nem tocar-lhe de qualquer forma.

— Já alguém a ouviu ou lhe tocou? — indagou Sam.

— Nenhum mortal — afirmou Mogget, levantando a cabeça. — Tão pouco atravessou os domínios dela, calculo. Seria uma loucura tentar. Sempre me perguntei o que aconteceu a Kalliel.

— Julguei que estivesse dormindo — disse Lirael. — Além disso, ela poderia ignorar-nos tal como nós a ignoramos.

— Não é a sua vontade doente que temo — disse Mogget —, mas sim que ela nos possa prestar qualquer tipo de atenção.

— Talvez devêssemos... — disse Sam.

— O quê? — perguntou Mogget com sarcasmo. — Ficar todos aqui

muito sossegadinhos e seguros?

— Não — retorquiu Sam calmamente. — Se a voz desta mulher é tão perigosa, nesse caso, talvez pudéssemos arranjar alguns tampões para os ouvidos antes de partirmos. De cera ou algo assim.

— Não serviria de nada — disse Mogget. — Se ela falar, vai ouvi-la através dos seus próprios ossos. Se ela cantar... É melhor esperarmos que ela não cante.

— Nós a evitaremos — decidiu a Cadela. — Confiem no meu faro. Encontraremos o nosso caminho.

— Pode nos dizer quem foi Kalliel? — pediu Sam.

— Kalliel foi o décimo segundo Abhorsen — respondeu Mogget. — Um indivíduo muito suspeito. Manteve-me trancado durante anos. O poço deve ter sido escavado nessa época. O neto dele me libertou quando Kalliel desapareceu e ele herdou os sinos e o título do avô. Não desejo partilhar o destino de Kalliel. Em particular no fundo de um poço.

Lirael contraiu-se ao sentir subitamente uma mudança lá fora no nevoeiro. A presença sinistra que espreitara lá atrás movia-se. Sentia-a, um ser bem mais poderoso do que as Mãos Sombra que começavam a deslocar-se à beira do nevoeiro.

Chlorr aproximava-se, descera quase até à margem do rio. Ou se não Chlorr, alguém com poder igual ou superior. Talvez fosse mesmo o necromante que encontrara na Morte. Hedge. O mesmo necromante que queimara Sam. Lirael conseguia ainda ver as cicatrizes nos pulsos de Sam, através das aberturas nas mangas da sua capa.

Aquela capa era outro mistério — ficaria para um outro dia, pensou Lirael, aborrecida. Uma capa que esquartelava as torres reais com um dispositivo que não era visto há milênios. O esparavel dos Construtores da Muralha.

Sam captou o olhar e passou os dedos pelo fio dourado pesado, onde o símbolo dos Construtores da Muralha fora tecido através do linho. Começava a entrar-lhe aos poucos na cabeça que os enviados não tinham se enganado a respeito da capa. Para começar, fora feita recentemente e não era uma coisa antiga que haviam ido buscar em um armário ou em um cesto da roupa com séculos de existência. Ele era um Construtor da Muralha bem como um Príncipe real. Mas o que significava isso? Os Construtores da Muralha tinham desaparecido há milênios, tendo entrado pessoalmente na criação da Muralha e das Pedras Grandes da Carta. Em sentido literal, tanto quanto Sam sabia.

Por um momento, perguntou-se se seria também este o seu destino. Teria igualmente de fazer algo que acabasse com a sua vida, pelo menos como um homem vivo e a respirar? Porque os Construtores da Muralha não estavam

propriamente mortos, pensou Sam, recordando as Pedras Grandes da Carta e a Muralha. Estavam mais transformados ou transfigurados.

Não que ele o desejasse. De qualquer forma, o mais provável era ser simplesmente morto, pensou, ao olhar para o nevoeiro e sentindo a presença fria da Morte dentro dele.

Sam tocou de novo no fio dourado sobre o peito e retirou conforto desse gesto, o seu medo dos Mortos retrocedendo. Nunca quisera ser um Abhorsen. Um Construtor da Muralha era muito mais interessante, mesmo que não soubesse o que implicava sê-lo. Com o benefício acrescido de dar conta do juízo à sua irmã, Ellimere, uma vez que ela nunca acreditaria que para ele era uma questão de não saber e não poder, *e* não de não querer explicar o que era ser um Construtor da Muralha.

Partindo do princípio de que voltaria a ver Ellimere...

— É melhor irmos andando — disse a Cadela, sobressaltando Lirael e Sam. Lirael estivera também olhando para o nevoeiro, perdida nos seus próprios pensamentos.

— Sim — respondeu Lirael, desviando o olhar. Já não era a primeira vez que desejava voltar à Grande Biblioteca das Clayr. Mas isso, tal como o seu eterno desejo de usar as túnicas brancas e a coroa de prata e selenites de uma Filha das Clayr plenamente desenvolvida, teria de ser arrancado e enterrado bem fundo. Agora ela era um Abhorsen e tinha pela frente uma tarefa enorme e importante. — Sim — repetiu. — É melhor irmos andando. Desceremos pelo poço.

ATÉ ÀS PROFUNDEZAS

Uma vez tomada a decisão, levaram pouco mais de uma hora para preparar a partida. Lirael viu-se pela primeira vez vestida com uma armadura desde as aulas de Artes de Combate muitos anos antes — mas a cota que os enviados lhe tinham trazido era muito mais leve do que os lorigões de malha que as Clayr guardavam no depósito de armas na sala de aula. Era feita de minúsculas escamas ou placas sobrepostas de algum material que Lirael não conseguiu identificar e, apesar de lhe chegar aos joelhos e das suas mangas compridas em forma de cauda de andorinha, era bastante leve e confortável. Também não tinha o odor característico do aço oleado, o que deixou Lirael grata.

A Cadela Sem Vergonha disse-lhe que as escamas eram uma cerâmica chamada *getbre*, feita com Magia da Carta, mas não mágica em si mesma, embora fosse mais forte e mais leve do que qualquer metal. O segredo do seu fabrico há muito que se perdera e há mil anos que não era feita qualquer cota nova. Lirael apalpou uma das escamas e ficou surpresa ao dar consigo a pensar, "Sam conseguiria fazê-las", muito embora nada a levasse a supor que isso fosse possível.

Por cima da cota blindada, Lirael vestiu uma capa com estrelas douradas e chaves prateadas. A bandoleira com os sinos assentaria sobre ela, mas Lirael ainda teria de experimentá-la. Sam aceitara com relutância as flautas de Pan, mas Lirael conservou o Espelho Negro na sua bolsa. Sabia que muito provavelmente precisaria olhar de novo para o passado. A sua espada, Nehima, o arco e a aljava das Clayr e uma mochila leve habilmente preparada pelos enviados com todo o tipo de coisas que não tivera oportunidade de ver, completavam o seu equipamento.

Antes de se reunir a Sam e Mogget lá embaixo, Lirael deteve-se por um momento para se ver no espelho alto de prata pendurado na parede do seu quarto. A imagem que nele se refletiu tinha poucas semelhanças com a Segunda Assistente de Bibliotecária das Clayr. Viu uma jovem mulher com ar guerreiro e carrancudo, o cabelo negro apanhado atrás com um fio prateado em vez de cair solto para lhe ocultar o rosto. Já não envergava o seu colete de bibliotecária e, em vez do punhal fornecido pela biblioteca, usava a comprida Nehima à cinta. Mas não podia abandonar por completo a sua identidade anterior. Pegando na ponta de um fio solto do colete, retirou um filamento de seda vermelha, enrolou-o várias vezes à volta do dedo mindinho para formar um anel, deu-lhe um nó e

guardou-o na pequena bolsa à cintura juntamente com o Espelho Negro. Podia não usar o colete, mas parte dele a acompanharia sempre.

Tornara-se um Abhorsen, pensou Lirael. Pelo menos por fora.

O sinal mais visível tanto da sua nova identidade como do seu poder enquanto Futuro Abhorsen era a bandoleira com os sinos. Aquela que Sabriel dera a Sam depois de ter aparecido misteriosamente na Casa no Inverno anterior. Lirael abriu uma por uma as bolsas de pele, introduzindo os dedos para apalpar a prata fria e o mogno e sentir o equilíbrio delicado entre a Magia Livre e as marcas da Carta tanto no metal como na madeira. Lirael teve o cuidado de tocar os sinos, mas só o fato de passar o dedo pela borda do sino foi suficiente para invocar algo da voz e da natureza de cada sino.

O menor era Ranna. Adormentador, chamavam-lhe alguns, a sua voz uma doce canção de embalar atraindo os que a ouviam para o sono.

O segundo sino era Mosrael, o Despertador. Lirael tocou-lhe muito de leve, pois Mosrael equilibrava a Vida e a Morte. Devidamente manejado, traria os Mortos de volta para a Vida e enviaria o manejador da Vida para a Morte.

Kibeth era o terceiro sino, o Caminhador. Concedia liberdade de movimento aos Mortos, ou podia ser usado para os fazer caminhar para onde o manejador quisesse. No entanto, podia virar-se contra um tocador de sinos, obrigando-o a seguir, normalmente para onde ele não queria ir.

O quarto sino chamava-se *Dyrim*, o Falador. Este era o sino mais musical, de acordo com *O Livro dos Mortos* e também o mais difícil de usar. *Dyrim* era capaz de restituir o poder da fala aos Mortos há muito silenciosos. Consequia também revelar segredos ou mesmo permitir a leitura do pensamento. Encerrava também poderes mais negros, preferidos pelos necromantes, pois *Dyrim* conseguia calar para sempre uma língua faladora.

Belgaer era o nome do quinto sino. O Pensador. Era capaz de reparar a erosão da mente que ocorria com frequência na Morte, restituindo os pensamentos e a memória dos Mortos. Consequia igualmente apagar aqueles pensamentos, na Vida assim como na Morte, e fora usado pelos necromantes para despedaçar as mentes dos inimigos. Às vezes, despedaçava a mente do próprio necromante, pois *Belgaer* gostava do som da sua própria voz e aproveitava qualquer oportunidade para soar de moto próprio.

O sexto sino era *Saraneth*, também conhecido por Aprisionador. *Saraneth* era o sino preferido de todos os Abhorsens. Grande e fidedigno, era poderoso e verdadeiro. *Saraneth* era usado para dominar e prender os Mortos, fazê-los obedecer aos desejos e orientações do manejador.

Lirael estava relutante em tocar no sétimo sino, mas achou que não seria

diplomático ignorar o mais poderoso de todos eles, muito embora fosse frio e assustador ao seu tato.

Astarael, o Pesaroso. O sino que enviava todos os que o ouviam para a Morte.

Lirael retirou o dedo e verificou metodicamente cada bolsa, certificando-se de que as línguas de couro estavam no lugar e as fivelas bem presas, mas também prontas a serem abertas com uma só mão. Depois colocou a bandoleira. Os sinos eram seus e tinha de aceitar o armamento dos Abhorsens.

Sam estava à espera dela lá fora, sentado nos degraus da porta principal. Encontrava-se igualmente protegido e equipado, apesar de não ter o arco nem a bandoleira com os sinos.

— Encontrei isto no depósito de armas — disse, empunhando uma espada e inclinando a lâmina para que Lirael pudesse ver as marcas da Carta gravadas no aço. — Não é uma dessas espadas com nome, mas está preparada para destruir os Mortos.

— Mais vale tarde do que nunca — comentou Mogget, que estava sentado no degrau da frente com ar carrancudo.

Sam ignorou o gato, retirou uma folha de papel de dentro da manga e entregou-a a Lirael.

— Esta é a mensagem que mandei para Barhedrin por falcão-mensageiro. Aí o Posto da Guarda a enviará para a Muralha e será transmitida aos Ancelstierranos, que... hum... a enviarão através de um dispositivo chamado telégrafo aos meus pais em Corvere. Por isso se encontra escrita em estilo telegráfico, que parece bastante estranho quando não se está acostumado. Havia quatro falcões na gaiola, sem contar com o de Ellimere, que não voltará a voar durante uma semana ou duas, por isso mandei dois a Ellimere para Belisaere e dois para Barhedrin.

Lirael olhou para o papel e as palavras escritas nele com a caligrafia legível de Sam.

PARA: O REI TOUCHSTONE E A ABHORSEN SABRIEL
EMBAIXADA REINO ANTIGO CORVERE ANCELSTIERRE CÓPIA:
ELLIMERE VIA FALCÃO-MENSAGEIRO

CASA RODEADA MORTOS MAIS CHLORR AGORA MORTA
MAIOR STOP HEDGE É NECROMANTE STOP NICK COM HEDGE STOP
ELES DESENTERRAM MAL PERTO EDGE STOP VOU PARA EDGE MAIS
TIA LIRAEI ANTIGA CLAYR AGORA FUTURO ABHORSEN STOP MAIS
MOGGET MAIS CADELA CARTA DE LIRAEI STOP FAREI O QUE

PUDER STOP MANDEM AJUDA VENHAM PESSOALMENTE RÁPIDO
URGENTE STOP ENVIADO DUAS SEMANAS ANTES DIA SOLSTÍCIO
VERÃO SAMETH FIM

A mensagem estava realmente escrita de forma muito estranha, mas fazia sentido, pensou Lirael. Dadas as limitações das mentes pequenas dos falcões-mensageiros, o "estilo telegráfico" era provavelmente uma boa forma de comunicação mesmo quando não estava envolvido um telégrafo.

— Espero que os falcões consigam chegar ao seu destino — disse ela enquanto Sam voltava a guardar o papel. Em algum lugar no nevoeiro espreitavam Corvos de Sangue Coagulado, um bando de aves mortas animadas por um único espírito Morto. Os falcões-mensageiros teriam de passar por eles e talvez outros perigos também, antes de seguirem rapidamente para Barhedrin e Belisaere.

— Não podemos contar com isso — afirmou a Cadela. — Estão preparados para ir até o poço?

Lirael desceu os degraus e deu alguns passos ao longo do caminho de tijolo vermelho. Puxou a mochila mais para cima e prendeu as tiras. Depois ergueu o olhar para o céu soalheiro, agora apenas uma mancha de azul muito pequena, os muros de nevoeiro a delimitá-lo em três lados e a bruma da cascata no quarto.

— Acho que estou preparada — respondeu.

Sam pegou a mochila, mas antes de colocá-la, Mogget saltou para lá e enfiou-se debaixo da aba superior. Tudo o que se podia ver dele eram os seus olhos verdes e uma orelha coberta de pêlo branco.

— Lembrem-se de que desaconselhei esta saída — disse. — Acorde-me quando acontecer o que quer de terrível que está para acontecer, ou se parecer que posso vir a me molhar.

Antes que alguém pudesse responder, Mogget enroscou-se mais profundamente na mochila e até os seus olhos e aquela orelha desapareceram.

— Mas porque sou eu que tenho de carregá-lo? — perguntou Sam em tom ofendido. — Acredita-se que ele seja o servo do Abhorsen.

Saiu uma pata da mochila e uma garra cravou-se na nuca de Sam, muito embora não chegasse a perfurar a pele. Sam estremeceu e praguejou. A Cadela saltou sobre a mochila e firmou nela as patas dianteiras. Sam vacilou e praguejou de novo quando a Cadela disse:

— Ninguém te carregará se não se comportar bem, Mogget.

— E também não terá peixe — murmurou Sam, esfregando o pescoço.

Qualquer das, ou ambas, as ameaças funcionaram, ou então Mogget

mergulhara no sono. Seja como for, a garra não voltou a aparecer, nem se tornou a ouvir a voz sarcástica do gato. A Cadela pousou as patas, Sam acabou de ajustar as tiras da mochila e partiram pelo caminho de tijolo.

Quando a porta da frente se fechou atrás deles, Lirael virou-se para trás e viu que cada janela estava apinhada de enviados. Centenas deles, todos comprimidos contra o vidro, e as suas túnicas com capuz pareciam a pele de alguma criatura gigante, as suas mãos de brilho tênue, fazendo lembrar muitos olhos. Não acenaram nem se moveram sequer, mas Lirael teve a sensação desconfortável de que diziam adeus. Como se não esperassem ver regressar este Futuro Abhorsen em particular.

O poço ficava apenas a trinta metros da porta da frente, escondido debaixo de uma rede de roseiras-bravas que Lirael e Sam tiveram de afastar, parando de tantos em tantos minutos para chupar os dedos picados pelos espinhos. Estes eram invulgarmente compridos e aguçados, pensou Lirael, mas possuía uma experiência limitada sobre flores. As Clayr tinham jardins subterrâneos e estufas imensas iluminadas por marcas da Carta, mas a maior parte era dedicada a legumes e frutos e havia apenas um roseiral.

Assim que os troncos das roseiras foram afastados, Lirael viu uma tampa redonda de madeira coberta com espessas pranchas de carvalho, com cerca de dois metros e meio de diâmetro, colocada com firmeza dentro de um círculo baixo de pedras de um branco pálido. A tampa estava fixa em quatro pontos com correntes de bronze, os elos cravados diretamente nas pedras e presos à madeira, por isso não havia necessidade de cadeados.

Marcas da Carta para trancar e fechar circulavam pela madeira e pelo bronze, as marcas brilhantes apenas visíveis à luz do Sol, até Sam tocar na tampa e elas ganharem subitamente intensidade. Sam colocou a mão sobre uma das correntes de bronze, sentindo as marcas dentro dela e analisando a fórmula. Lirael espreitou por cima do ombro dele. Não conhecia nem sequer metade das marcas, mas ouviu Sam murmurando nomes para si mesmo como se lhe fossem familiares.

— Consegue abri-lo? — perguntou Lirael. Conhecia muitas fórmulas para abrir portas e portões e possuía experiência prática da abertura de caminhos para muitos lugares onde não devia ter entrado na Grande Biblioteca das Clayr. Mas soube instintivamente que nenhuma delas funcionaria ali.

— Acho que sim — respondeu Sam com alguma hesitação. — É uma fórmula incomum e há muitas marcas que não conheço. Tanto quanto consigo apurar, pode ser aberto de duas maneiras. Uma não compreendo em absoluto. Mas a outra...

A sua voz diminuiu de intensidade quando voltou a tocar na corrente e

as Marcas da Carta saíram do bronze para se espalharem pela sua pele e depois fluírem para a madeira. — Acho que é preciso soprarmos sobre as correntes... ou beijá-las... só que tem de ser a pessoa certa. A fórmula diz "sopro dos meus filhos". Mas não sei quais os filhos ou por que meios. Quaisquer filhos de um Abhorsen, presumo.

— Experimente — sugeriu Lirael. — Só um sopro, por via das dúvidas.

Sam olhou desconfiado, mas baixou a cabeça, inspirou fundo e soprou sobre a corrente. O bronze ficou embaciado com o bafo e perdeu o seu brilho. As marcas da Carta brilharam e deslocaram-se. Lirael susteve a respiração. Sam levantou-se e afastou-se, enquanto a Cadela Sem Vergonha se aproximou e farejou.

Subitamente, a corrente soltou um gemido e todos deram um pulo para trás. Depois, um novo elo saiu da pedra aparentemente sólida, seguido de outro e mais outro, a corrente chocalhando ao enrolar-se no solo. Passados alguns segundos, encontravam-se amontoados cerca de dois metros de corrente, o suficiente para permitir levantar aquele canto do poço.

— Ótimo — disse a Cadela Sem Vergonha. — Agora é a sua vez, Dona.

Lirael debruçou-se sobre a corrente seguinte e soprou-lhe de leve. Por um momento, não aconteceu nada, e sentiu uma pontada de incerteza. A sua identidade como Abhorsen era tão nova e tão precária, que podia ser facilmente posta em dúvida.

Depois, a corrente ficou gelada, as marcas brilharam e os elos começaram a sair da pedra com o chocalhar áspero do metal. O som ecoou quase de imediato do outro lado, quando Sam soprou sobre a terceira corrente.

Lirael soprou sobre a última, tocando-lhe por um momento enquanto inspirava. Sentiu as marcas estremecerem debaixo dos seus dedos, a reação viva a uma fórmula da Carta que sabia que chegara a sua hora. Como uma pessoa a retesar os músculos naquele instante de imobilidade que antecede o começo de uma corrida.

Libertas as correntes, Lirael e Sam puderam levantar uma extremidade da tampa e fazê-la deslizar. Era muito pesada, por isso não a arrastaram por completo, criando apenas uma abertura suficientemente grande para passarem com as mochilas.

Lirael contara que saísse um cheiro de umidade e fedor do poço aberto, apesar da Cadela ter afirmado que não estava cheio de água. Havia um cheiro, suficientemente forte para se sobrepor ao odor das rosas, mas não era o da água há muito parada. Era um agradável odor herbal que Lirael não conseguiu identificar.

— A que é que me cheira? — perguntou à Cadela, cujo focinho captara

muitas vezes cheiros e odores que Lirael não conseguia sentir, decifrar ou sequer imaginar.

— A muito pouco — respondeu a Cadela. — A menos que tenha melhorado recentemente.

— Não — afirmou Lirael com paciência. — Vem um determinado cheiro do poço. Uma planta ou uma erva. Mas não consigo situá-lo.

Sam cheirou o ar e a sua testa franziu-se enquanto pensava.

— É algo usado na culinária — disse. — Não que eu seja grande cozinheiro. Mas cheirei-o nas cozinhas do Palácio, quando estavam a assar borrego, creio.

— É rosmarinho — disse subitamente a Cadela. — E há também amaranto, muito embora provavelmente não consiga notá-lo.

— Fidelidade no amor — disse uma voz baixa dentro da mochila de Sam. — Com a flor que nunca murcha. E ainda diz que ela não está ali?

A Cadela não respondeu a Mogget e enfiou o focinho no poço. Andou farejando à sua volta durante pelo menos um minuto, enfiando o focinho cada vez mais dentro do poço. Quando se afastou, espirrou duas vezes e sacudiu a cabeça.

— Cheiros antigos, fórmulas antigas — disse ela. — O cheiro já está desaparecendo.

Lirael experimentou cheirar, mas a Cadela tinha razão. Agora só sentia o cheiro de rosas.

— Existe uma escada — disse Sam, que olhava também para o poço, uma luz criada pela Carta agitando-se por cima da sua cabeça. — De bronze, como as correntes. Pergunto-me porquê. No entanto, não consigo ver o fundo... ou se tem água.

— Eu vou primeiro — disse Lirael. Sam pareceu prestes a protestar, mas afastou-se. Lirael não sabia se era por medo ou porque se submetia à autoridade familiar de Lirael como sua tia recém-descoberta ou ainda porque ela era agora o Futuro Abhorsen.

Olhou para o poço. A escada de bronze brilhava próximo do alto, desaparecendo na escuridão. Lirael subira, descera e atravessara muitos túneis e corredores escuros e perigosos na Grande Biblioteca das Clayr. Mas isso fora em tempos mais inocentes, muito embora ela tivesse passado pela sua quota-parte de perigo. Registrava agora uma sensação de forças poderosas e maléficas em atividade no mundo, de um destino terrível em movimento. Os Mortos que rodeavam a Casa eram apenas uma parte pequena e visível dessas forças. Lembrou-se da visão que as Clayr lhe tinham mostrado, do poço próximo do Lago Vermelho e do fedor horrível de Magia Livre do que quer que estava sendo

desenterrado ali.

A descida por este buraco escuro era apenas o começo, pensou Lirael. O seu primeiro passo na escada de bronze seria o primeiro passo verdadeiro da sua nova identidade, o primeiro passo de um Abhorsen.

Olhou pela última vez para o sol, ignorando os muros de nevoeiro que se erguiam de ambos os lados. Depois ajoelhou-se e desceu cautelosamente pelo poço, os seus pés encontrando apoios firmes na escada.

Atrás dela vinha a Cadela Sem Vergonha, as suas patas alongando-se para formar dedos curtos e fortes que se agarravam à escada melhor do que quaisquer dedos humanos conseguiriam. A sua cauda roçava no rosto de Lirael de tantos em tantos degraus, agitando-se com um entusiasmo superior ao que Lirael teria conseguido manifestar caso possuísse cauda própria.

Sam vinha em último lugar, a sua luz da Carta pairando ainda sobre a cabeça, Mogget afivelado na segurança da sua mochila.

À medida que as botas de Sam soavam nos degraus, e como se fosse um efeito desse som, ouviu-se um estrondo lá em cima, quando as correntes se contraíram subitamente. O jovem mal teve tempo de retirar as mãos antes da tampa ser arrastada e assentar com força no lugar provocando um ruído áspero e um estampido ensurdecedor.

— Bem, não vamos voltar por ali — disse Sam, com uma boa disposição bastante forçada.

— Se voltarmos — murmurou Mogget, a sua voz tão baixa que possivelmente ninguém o ouviu. Porém, Sam hesitou por um momento e a Cadela soltou uma rosnadela cava, enquanto Lirael continuava a descer, acalentando aquela última lembrança do sol enquanto mergulhavam cada vez mais fundo nos escuros recessos da terra.

AMARANTO, ROSMANINHO E LÁGRIMAS

A escada descia e descia e descia. A princípio, Lirael contou os degraus, mas quando chegou aos 996, desistiu. Continuaram a descer. Lirael invocara pessoalmente uma luz da Carta. Pairava à volta dos seus pés, para complementar aquela que Sam tinha dançando por cima da cabeça. À luz daquelas duas bolas brilhantes, com as sombras dos degraus tremeluzindo na parede do poço, Lirael não teve dificuldade em imaginar que estavam, de alguma forma, presos à escada, repetindo sucessivamente a mesma seção.

Uma tarefa monótona e árdua que nunca conseguiriam abandonar. Esta fantasia desenvolveu-se nela e começava a achá-la real, quando, de repente, o seu pé encontrou pedra em vez de bronze e a sua luz da Carta ressaltou à altura do joelho.

Tinham chegado ao fundo do poço. Lirael proferiu uma marca da Carta e a sua luz subiu para se reunir à palavra falada, circulando à volta da sua cabeça. Com esta luz, viu que tinham chegado a uma câmara retangular, talhada na invulgar rocha vermelha. Um corredor conduzia da câmara à escuridão. Havia um balde de ferro no início do corredor, cheio do que pareciam ser archotes, simples pedaços de madeira de vários comprimentos e com trapos embebidos em óleo.

Lirael avançou enquanto a Cadela Sem Vergonha saltitava atrás dela, seguida de perto por Sam.

— Acho que é este o caminho — murmurou Lirael, indicando o corredor. Por qualquer razão, achou mais seguro não levantar a voz.

A Cadela farejou o ar e anuiu.

— Não sei se deveria levar... — disse Lirael, estendendo a mão para um dos archotes. Mas antes mesmo da sua mão conseguir se aproximar dele, o archote desfez-se em pó. Lirael recuou, quase caindo por cima da Cadela, que foi chocar com Sam.

— Cuidado! — gritou Sam. A sua voz ecoou pela coluna do poço e passou a reverberar por Lirael corredor fora.

Lirael estendeu de novo a mão, mais cautelosamente, mas os outros archotes também se desfizeram simplesmente em pó. Quando tocou no balde, ele afundou-se em si mesmo, tornando-se uma pilha de fragmentos enferrujados.

— O tempo realmente não perdoa — afirmou a Cadela em tom enigmático.

— Acho que temos de continuar — disse Lirael, mas na verdade falava apenas consigo mesma. Não precisavam dos archotes, mas teria se sentido melhor com um.

— Quanto mais depressa, melhor — disse a Cadela. Farejava novamente o ar. — Não queremos demorar seja onde for aqui embaixo.

Lirael anuiu. Deu um passo em frente, depois hesitou e puxou a espada. As marcas da Carta brilharam intensamente na lâmina quando saiu da bainha e o nome da espada ondulou pelo aço, mudando por instantes para a inscrição que Lirael vira antes. Ou era diferente? Não conseguia se lembrar, e as palavras deslizaram com muita rapidez para ela poder se certificar.

”As Clayr Viram uma espada e assim Eu nasci. Lembre-se dos Construtores da Muralha. Lembre-se de Mim.”

O que quer que dissesse, a luz extra tranquilizou Lirael, ou talvez fosse apenas a sensação de Nehima na sua mão.

Ouviu Sam puxar também a espada atrás de si. Esperou alguns segundos depois de ela recomeçar a andar. Era óbvio que não queria tropeçar e empalar a Cadela ou Lirael por trás, uma precaução que Lirael aprovou vivamente.

Durante os primeiros cem passos ou algo assim, o corredor era de pedra trabalhada. Depois esta acabou subitamente e chegaram a um túnel que não fora obra de qualquer ferramenta. A rocha vermelha dera lugar a uma pedra de uma tonalidade branco-esverdeada pálida que refletia as luzes da Carta, obrigando Lirael a proteger os olhos. O túnel parecia ter sido erodido em vez de trabalhado, e viam-se os padrões de muitos turbilhões e redemoinhos no teto, no chão e nas paredes. No entanto, até estes pareciam estranhos, contrários ao que deveriam ser, apesar de Lirael não saber porquê. Sentia apenas a sua singularidade.

— Nenhuma água abriu este caminho — disse Sam. Agora também murmurava. — A menos que fluísse para cá e para lá ao mesmo tempo em vários níveis. E nunca tinha visto este tipo de pedra.

— Temos de nos apressar — avisou a Cadela. Havia algo na sua voz que fez Lirael mover-se rapidamente. Uma ansiedade que não ouvira antes. Talvez fosse mesmo medo.

Começaram a caminhar mais rapidamente, o mais depressa que podiam sem correrem o risco de tropeçarem ou caírem dentro de algum buraco oculto. O estranho túnel brilhante continuou pelo que pareciam ser vários quilômetros, depois abria-se numa caverna, mais uma vez escavada por meios desconhecidos, da mesma pedra refletora. Partiam dela três túneis, e Lirael e Sam pararam enquanto a Cadela farejava cuidadosamente junto a cada entrada.

Havia uma pilha do que Lirael julgou ser pedra a um canto da caverna,

mas quando olhou para ela mais de perto, percebeu que era realmente um monte de ossos velhos e pulverulentos misturados com pedaços de metal. Tocando no monte com a ponta da bota, separou vários pedaços de prata baça e o fragmento de um maxilar humano, mostrando ainda um dente intacto.

— Não toque nele — avisou Sam num murmúrio apressado, quando Lirael se curvou para inspecionar os fragmentos de metal.

Lirael parou, a sua mão ainda estendida.

— Porque não?

— Não sei — replicou Sam, um arrepio inconsciente descendo-lhe pelo pescoço. — Mas é metal de sino, creio. É melhor deixá-lo em paz.

— Sim — concordou Lirael. Levantou-se e também não pôde evitar um estremecimento. Ossos humanos e metal de sino. Tinham encontrado Kalliel. Que lugar era este? E porque a Cadela estava demorando tanto a se decidir pelo caminho a tomar?

Quando deu voz à sua pergunta, a Cadela Sem Vergonha parou de farejar e apontou com a pata direita para o túnel do meio.

— Este — disse ela, mas Lirael notou uma certa falta de entusiasmo na Cadela. O animal não falara com total confiança e até a sua posição estática vacilara. Se estivesse numa competição de perdigueiros, teria perdido pontos.

O túnel era significativamente mais largo do que o anterior, e o teto mais alto. Pareceu também diferente a Lirael e não porque houvesse mais espaço para se movimentarem. A princípio, não conseguiu situar o que era, depois percebeu que o ar à sua volta estava ficando mais frio. E havia uma estranha sensação à volta dos pés e dos tornozelos, quase como se estivesse algo ali circulando em redor dos seus tornozelos. Uma corrente que se agitava em um sentido e depois no outro, mas não havia água ali.

Ou havia? Quando olhava diretamente para a frente ou para baixo, Lirael via pedra. Mas quando olhava pelos cantos, conseguia ver água escura correndo. Vinda por trás deles, estendendo-se e depois enrolando-se, como uma onda arrebatando na praia. Uma onda que tentava derrubá-los e fazê-los voltar pelo caminho que tinham trazido.

De uma forma muito inquietante, fez-lhe lembrar o rio da Morte. Mas não lhe pareceu que estivessem na Morte e além do frio crescente e da visão periférica do rio, todos os seus sentidos lhe diziam que estava firmemente na Vida, embora em um túnel muito estranho, bem debaixo do solo.

Depois voltou a cheirar a rosmaninho, com algo mais doce e naquele momento, os sinos na bandoleira que tinha sobre o peito começaram a vibrar nas suas bolsas. Com os badalos imobilizados pelas línguas de couro, não poderiam soar, mas sentia-os mover-se e tremer, como se tentassem libertar-se.

— Os sinos! — arfou. — Estão tremendo... não sei o que...

— As flautas! — exclamou Sam e Lirael ouviu uma breve cacofonia quando as flautas de Pan soaram com as vozes da totalidade dos sete sinos, antes de serem subitamente interrompidas.

— Não! — gritou uma voz que não foi logo reconhecida como a de Mogget. — Não!

— Corram! — atroou a Cadela.

No meio dos gritos, e dos berros, e dos bramidos, a luz da Carta por cima da cabeça de Lirael diminuiu subitamente para pouco mais do que um brilho tênue.

Depois, apagou-se.

Lirael estacou. Vinha alguma luz das marcas na lâmina de Nehima, mas estas estavam também sumindo e a espada se contorcia de forma estranha na sua mão. Ondulando de uma maneira como nunca nada de aço conseguira se mover, ganhara vida, já não tanto uma espada, mas antes uma criatura tipo enguia, contorcendo-se e crescendo na sua mão. A pedra verde no botão do punho tornara-se um olho brilhante sem pálpebras, e o arame de prata no punho, uma fiada de dentes brilhantes.

Lirael fechou os olhos e guardou a espada, enfiando-a com força na bainha antes de largá-la com alívio. Depois abriu os olhos e observou à sua volta. Ou tentou fazê-lo. Toda a luz dourada da Carta desaparecera e estava escuro. A escuridão total das profundezas da terra.

No vazio negro, Lirael ouviu tecido sendo rasgado e arrancado, e Sam gritou.

— Sam! — exclamou. — Aqui! Cadela!

Não obteve resposta, mas ouviu a Cadela rosar e depois uma gargalhada suave e baixa. Uma risada horrível de regozijo que pôs em pé os cabelos da sua nuca. O fato de haver nela algo de familiar ainda a tornava pior. A gargalhada de Mogget, distorcida e mais sinistra.

Desesperadamente, Lirael tentou alcançar a carta, invocar uma nova fórmula para luz. Mas não havia nada ali. Em vez da Carta, sentiu uma presença terrível e fria que logo identificou. A Morte. Foi tudo o que conseguiu sentir.

A Carta desaparecera, ou não conseguia alcançá-la.

O pânico começou a brotar nela quando a risada de regozijo se tornou mais cava e a escuridão a pressionou. Depois, os olhos de Lirael registraram uma tênue mudança. percebeu cinzentos sutis na escuridão e sentiu uma esperança momentânea de que fosse surgir luz. A seguir, viu uma ínfima réstia de iluminação faiscar e cintilar e ir ficando mais intensa até se tornar um foco de luz branca forte e encandeante. A luz fez-se acompanhar do cheiro de metal

quente da Magia Livre, um cheiro que se propagou em ondas, cada uma provocando um estrangulamento reflexo quando a bÍlis subiu na garganta de Lirael.

Sam deslocou-se com a luz, aparecendo ao lado de Lirael como se tivesse voado até lá. A sua mochila estava aberta no alto, as extremidades rasgadas mostrando o lugar por onde algo se libertara. A sua espada estava embainhada e segurava as flautas de Pan com ambas as mãos, os dedos enfiados nos buracos. As flautas vibravam, emitindo um zumbido baixo que Sam procurava desesperadamente abafar. Lirael comprimia o braço ao longo da bandoleira com os sinos, para tentar calá-los.

A Cadela encontrava-se entre o foco de fogo branco e Lirael, mas não era a Cadela tal como Lirael a conhecia. Tinha ainda uma forma canina, mas a coleira de marcas da Carta desaparecera e era mais uma vez uma criatura de escuridão intensa com contornos de fogo prateado. A Cadela olhou para trás e abriu a boca.

— Ela está aqui! — atroou uma voz que era a da Cadela e, no entanto, não era a da Cadela, pois penetrou nos ouvidos de Lirael e fez com que dores agudas lhe atravessassem o maxilar. — Mogget libertou-se! Fugam!

Lirael e Sam ficaram paralisados quando os ecos da voz da Cadela passaram por eles ressoando em ondas. O foco de fogo branco faiscava e estalejava, girando no sentido retrógrado enquanto se elevava para ganhar a forma de um humanóide rodopiante muito magro.

Todavia, além da coisa que era Mogget liberto, brilhava uma luz mais intensa. Algo tão intenso que Lirael percebeu que fechara os olhos e o via através das pálpebras, pálpebras que deixavam passar a imagem de uma mulher. Uma mulher com uma altura impossível, a cabeça curvada mesmo neste túnel alto, estendendo os braços para arrebanhar a criatura Mogget, a Cadela, Lirael e Sam.

Corria um rio à volta e à frente da mulher. Um rio frio que Lirael identificou de imediato. Era o rio da Morte e esta criatura levava-o até eles. Não o atravessariam, mas seriam submersos e levados dali. Arremessados e apanhados, levados num ímpeto até ao Primeiro Portão e para depois dele. Nunca mais conseguiriam voltar.

Lirael apenas teve tempo para alguns pensamentos finais, horríveis.

Tinham falhado tão cedo.

Tanta gente dependia deles.

Estava tudo perdido.

Depois, a Cadela Sem Vergonha gritou:

— Fugam! — e latiu.

O latido estava imbuído de Magia Livre. Sem abrir os olhos, sem pensamento consciente, Lirael virou-se e deu consigo de repente a correr, a correr para a frente, correndo como nunca antes correria. Correu sem cuidado, para o desconhecido, afastando-se do poço e da Casa, os seus pés encontrando as voltas e curvas do túnel apesar de terem deixado para trás a luz branca e no escuro Lirael não saber dizer se tinha ou não os olhos abertos.

Correu através de cavernas e câmaras e caminhos estreitos, sem saber se Sam corria com ela ou se era perseguida. Não era o medo que a movia, pois não sentia medo. Estava em outro lugar, trancada dentro do seu próprio corpo, uma máquina que funcionava sem sentimentos, agindo sob orientações que não provinham dela.

Depois, tão repentinamente quanto começara, a compulsão de correr cessou. Lirael caiu para o chão, estremecendo, tentando fazer entrar o ar nos seus pulmões carentes. A dor percorreu-lhe cada músculo fazendo-a enrolar-se numa bola de câibras, massagear freneticamente as barrigas das pernas enquanto reprimia os gritos de dor.

Havia alguém perto dela fazendo a mesma coisa e quando a razão voltou, Lirael viu que era Sam. Vinha uma luz tênue de algum lugar à frente, suficiente para distingui-lo. Uma luz natural, apesar de muito difusa.

Hesitante, Lirael tocou na bandoleira com os sinos. Estava imóvel, os sinos em repouso. A sua mão tocou no punho de Nehima e ficou aliviada ao sentir a solidez da pedra verde no botão do punho e que o arame de prata era apenas isso mesmo.

Sam gemeu e levantou-se. Encostou-se à parede com a mão esquerda e guardou as flautas de Pan com a direita. Lirael viu aquela mão tremer num movimento cuidadoso e uma luz da Carta surgir na sua palma.

— Tinha desaparecido, sabe? — disse ele, deslizando pela parede para ficar sentado de frente para Lirael. Parecia calmo, mas estava obviamente em choque. Lirael percebeu que também estava, quando tentou levantar-se e simplesmente não conseguiu.

— Sim — respondeu. — A Carta.

— O quer que fosse — prosseguiu Sam —, não era a Carta. E quem era daí.

Lirael abanou a cabeça, tanto para desanuviá-la como para indicar a sua incapacidade de responder. Voltou a abaná-la de imediato, tentando obrigar de novo os seus pensamentos à ação.

— É melhor... melhor voltarmos para trás — disse ela, pensando na Cadela tendo de enfrentar Mogget e aquela mulher brilhando sozinha no escuro. — Não posso abandonar a Cadela.

— E então ela? — perguntou Sam e Lirael soube a quem se referia. — E Mogget?

— Não precisam voltar — disse uma voz dos limites escuros do corredor. Lirael e Sam puseram-se imediatamente em pé, encontrando novas forças e finalidade. As suas espadas estavam desembainhadas e Lirael percebeu que tinha uma mão em Saraneth, embora não imaginasse o que fazer com o sino. Não lhe ocorreu espontaneamente nenhum conhecimento d'O *Livro dos Mortos* nem d'O *Livro da Lembrança e do Esquecimento*.

— Sou eu — disse a voz em tom ofendido e a Cadela Sem Vergonha avançou lentamente até à luz, a cauda entre as patas e a cabeça baixa. Além desta pose incaracterística, parecia ter voltado ao normal (ou ao que era normal para ela) com o brilho intenso e profundo de muitas Marcas da carta mais uma vez à volta do pescoço e o pêlo curto castanho e dourado à exceção do dorso, onde era preto.

Lirael não hesitou. Pousou Nehima e atirou-se à Cadela, enterrando o rosto no seu pescoço amigo. A Cadela lambeu a orelha de Lirael sem o seu habitual entusiasmo e não tentou sequer uma beliscadela afetuosa.

Sam ficou hesitante, a espada ainda na mão.

— Onde está Mogget? — perguntou.

— Ela quis falar com ele — disse a Cadela, estendendo-se pesarosa em cima dos pés de Lirael. — Enganei-me. Eu a expus a um perigo terrível, Dona.

— Não compreendo — respondeu Lirael. De repente, sentia-se incrivelmente cansada. — O que aconteceu? A Carta... a Carta parecia subitamente... não existir.

— Foi a chegada dela — disse a Cadela. — É o seu destino, que o eu consciente dela fique para sempre fora daquilo que escolheu criar, a Carta de que o seu eu inconsciente faz parte. No entanto, ela deteve a mão quando podia muito facilmente tê-la atraído para o seu abraço. Não sei porquê, ou o que possa significar. Julguei que ela já não se interessasse pelas coisas deste mundo e, assim, achei que passaríamos por aqui sem problemas. No entanto, quando as forças antigas se agitam, muitas coisas são despertadas. Eu devia ter calculado que seria assim. Perdoe-me.

Lirael nunca vira a Cadela tão humilde e isso assustou-a mais do que tudo o que acontecera. Coçou-a à volta das orelhas e debaixo do queixo, procurando consolá-la o máximo possível. Mas as suas mãos tremiam e sentiu que a qualquer momento se desfaria em lágrimas. Para tentar impedi-las, respirou lentamente, contando ao inspirar e contando também ao expirar.

— Mas... o que acontecerá a Mogget? — perguntou Sam, a sua voz

hesitante. — Ele foi liberto! Irá tentar matar o Abhorsen... a Mãe... ou Lirael! Não temos o anel para aprisioná-lo de novo!

— Há muito que Mogget a evitava — murmurou a Cadela. Hesitou, depois afirmou calmamente: — Não creio que precisemos nos preocupar mais com Mogget.

Lirael expirou e não voltou a inspirar. Como podia Mogget não voltar?

— O quê? — perguntou Sam. — Mas ele é... bem, não sei... um espírito da Magia Livre... poderoso...

— Quem é ela? — indagou Lirael. Falou de forma muito austera, agarrando a Cadela Sem Vergonha pelo maxilar e olhando de forma penetrante nos seus olhos escuros. A Cadela tentou desviar-se, mas Lirael segurava-a com firmeza. O animal fechou os olhos, esperançoso, apenas para ser vencido quando Lirael lhe soprou no focinho e eles se voltaram a abrir.

— Não ajudará se ficar sabendo, porque não pode compreender — disse a Cadela, a sua voz tomada de um enorme cansaço. — Ela realmente já não existe, exceto de vez em quando e aqui e ali, de pequenas maneiras e em pequenas coisas. Se não tivéssemos vindo por aqui, ela não teria surgido e agora que passamos, ela não surgirá.

— Conte-me!

— Você sabe quem ela é, pelo menos em certa medida — disse a Cadela. Tocou com o focinho na bandoleira com os sinos de Lirael, deixando uma marca molhada no couro do sétimo sino, e uma única lágrima desceu lentamente pelo focinho vindo molhar a mão de Lirael.

— Astarael? — murmurou Sam, incrédulo. O sino mais assustador de todos, aquele em que nunca tocara no breve tempo em que guardara aquele conjunto de sinos. — O Lamuriador?

Lirael largou a Cadela, e o animal enfiou de imediato a cabeça mais no colo de Lirael e soltou um profundo suspiro.

Lirael coçou de novo as orelhas da Cadela, mas mesmo com a sensação do pêlo quente dela debaixo da mão, não pôde deixar de fazer uma pergunta que já antes fizera.

— Nesse caso, o que você é? O que libertou Astarael?

A Cadela olhou para ela e limitou-se a dizer:

— Sou a Cadela Sem Vergonha. Uma verdadeira serva da Carta e sua amiga. Sempre sua amiga.

Lirael chorou então, mas limpou as lágrimas quando agarrou a Cadela pela coleira e a afastou de modo a poder levantar-se. Sam apanhou Nehima e entregou-a em silêncio. As marcas da Carta na lâmina agitaram-se quando Lirael tocou no punho, mas não apareceu nenhuma inscrição.

— Se tem certeza que Mogget não vai voltar, preso ou liberto, então temos de partir — afirmou Lirael.

— Acho que sim — disse Sam, duvidoso. — Muito embora me sinta... sinta um pouco estranho. Já tinha me acostumado a Mogget e agora ele desapareceu... pura e simplesmente? Quer dizer, ela... ela o matou?

— Não! — respondeu a Cadela. Parecia surpresa com a sugestão. — Não.

— Então o quê? — perguntou Sam.

— Não nos compete saber — retorquiu a Cadela Sem Vergonha. — Temos a nossa tarefa pela frente, e Mogget fica agora para trás de nós.

— Tem certeza absoluta de que ele não virá atrás da Mãe ou de Lirael? — inquiriu Sam. Conhecia bem a história de Mogget e fora alertado desde muito pequeno para o perigo de lhe retirar a coleira.

— Tenho certeza que a sua mãe está a salvo de Mogget do outro lado da Muralha — replicou a Cadela, respondendo apenas em parte à pergunta de Sam.

Sam não ficou totalmente convencido, mas anuiu lentamente em relutante aceitação da garantia da Cadela.

— Não começamos com o pé direito — murmurou Sam. — Espero que melhore.

— Há luz do sol lá adiante e uma saída — anunciou a Cadela. — Ficarão mais felizes ao sol.

— Já deve ter escurecido a estas horas — disse Sam. — Quanto tempo estivemos debaixo do solo?

— Quatro ou cinco horas, pelo menos — respondeu Lirael com ar carrancudo. — Talvez mais, por isso não pode ser a luz do sol.

Seguiu na dianteira atravessando a caverna, mas quando se aproximaram mais da entrada, evidentemente que era a luz do sol. Não tardaram a ver uma fenda estreita adiante e através dela um céu azul limpo, molhado pela borriça da grande cascata.

Uma vez transposta a fenda, encontraram-se várias centenas de metros a oeste da cascata, na base dos Penhascos Longos. O Sol ia a meio do céu a oeste, a sua luz criando arco-íris na enorme nuvem de borriça que pairava por cima das quedas.

— É de tarde — anunciou Sam, protegendo os olhos para olhar para perto do Sol. Observou a linha dos penhascos, depois levantou a mão para calcular quantos dedos o Sol se encontrava acima do horizonte. — Ainda não são quatro horas.

— Perdemos praticamente um dia inteiro! — exclamou Lirael. Qualquer atraso implicaria uma maiores chances de fracasso e esmoreceu ante

mais este revés. Como podiam ter passado quase vinte e quatro horas debaixo do solo?

— Não! — contrapôs a Cadela Sem Vergonha, que observava o Sol e farejava o ar. — Nós não perdemos um dia.

— Não mais do que isso? — murmurou Lirael. Certamente que não. Se tivessem de alguma forma passado semanas ou mais no subsolo, seria muito tarde para fazer algo...

— Não — continuou a Cadela. — É o mesmo dia em que deixamos a Casa. Talvez uma hora desde que descemos pelo poço. Talvez menos.

— Mas — Sam ia começar a dizer algo, depois calou-se. Abanou a cabeça e olhou para a fenda que ficara no penhasco.

— O Tempo e a Morte dormem lado a lado — disse a Cadela. — Ambos se encontram no domínio de Astarael. Ela nos ajudou, à sua maneira.

Lirael concordou, muito embora não sentisse que tivesse sido ajudada. Estava chocada e cansada e sentia dores nas pernas. Queria enroscar-se ao sol e acordar na Grande Biblioteca das Clayr com o pescoço dolorido de ter adormecido em cima da mesa e uma vaga lembrança de pesadelos perturbadores.

— Não sinto qualquer Morto aqui embaixo — afirmou, depois de afastar o devaneio. — Já que nos foi concedida a dádiva de uma tarde, acho melhor aproveitá-la. Como subimos os penhascos?

— Existe um caminho a cerca de uma légua e meia para oeste disse Sam. — É estreito e a maior parte dele é constituído por degraus, por isso não é muito usado. Lá no alto deveremos estar livres do nevoeiro e dos lacaios de Chlorr. Depois dele, o Atalho Ocidental fica pelo menos doze léguas mais para adiante. É por onde passa a estrada.

— Como se chama o caminho com degraus? — inquiriu a Cadela.

— Não sei. A Mãe chamava-lhe apenas a Escada, creio. É bastante estranho, na realidade. O caminho só tem largura para uma pessoa e os degraus são baixos e fundos.

— Eu o conheço — disse a Cadela. — Trezentos degraus e apenas água potável na base.

Sam anuiu.

— Existe ali uma nascente, e a água é boa. Está dizendo que alguém construiu todo o caminho para vir beber água boa?

— Água sim, mas não para beber — disse a Cadela. — Felizmente que o caminho ainda existe. Venham daí.

Com aquilo, o animal deu um salto, passando por cima dos pedregulhos que ajudavam a encobrir a fenda e as cavernas do outro lado.

Lirael e Sam seguiam mais tranquilamente, trepando pelo meio das

pedras. Estavam ambos ainda doloridos e tinham muitas coisas em que pensar. Lirael em particular estava pensando nas palavras da Cadela: "Quando as forças antigas se agitam, muitas coisas são despertadas." Sabia que o que quer que Nicholas estava desenterrando era simultaneamente poderoso e maléfico e era evidente que o seu aparecimento pusera muitas coisas em movimento, incluindo a ressurreição dos Mortos por todo o Reino. Mas não considerara que outros poderes pudessem ser também despertados e até que ponto isso iria afetar os seus planos.

Não que tivessem propriamente um plano, pensou Lirael. Seguiam apenas de forma precipitada para impedir Hedge e salvar Nicholas e manter firmemente enterrado no solo o que quer que lá estivesse.

— Devíamos ter um plano decente — murmurou para si mesma. Mas não lhe ocorreram idéias ou estratégias brilhantes e teve de se concentrar em passar por entre as pedras e subi-las enquanto seguia a Cadela Sem Vergonha pela base dos Penhascos Longos, Sam caminhando logo atrás.

O CAFÉ DA MANHÃ DOS CORVOS

O Sol já quase se pusera quando Lirael, Sam e a Cadela chegaram à base das Escadas e a sombra dos Penhascos Longos se estendia por toda a planície do Ratterlin. Lirael encontrou facilmente a nascente — uma poça cristalina e borbulhante com dez metros de largura, mas demorou mais a encontrar o começo da escada, já que o caminho era estreito, talhado fundo na superfície do penhasco e disfarçado pelas muitas saliências e contrafortes protuberantes de pedra denticulada.

— Podemos subi-la de noite? — perguntou Lirael, duvidosa, olhando para o penhasco sombrio que se erguia acima deles e a última tênue réstia de sol a uma altura de mais de trezentos metros. O penhasco estendia-se ainda mais para lá dessa altitude e não lhe conseguia ver o topo. Lirael subira muitas escadas e caminhos estreitos na Geleira das Clayr, mas possuía pouca experiência de viajar ao ar livre sob o sol e a lua.

— Não deveríamos arriscar uma luz — respondeu a Cadela, que estivera incaracteristicamente silenciosa. A sua cauda pendia ainda inerte, sem o seu habitual abanar ou sacudir. — Eu podia conduzi-los, muito embora seja perigoso no escuro se houver degraus desfeitos.

— Haverá luar — anunciou Sam. — Ontem à noite estava na sua terceira fase e o céu está razoavelmente limpo. Mas só nascerá de madrugada. Pelo menos uma hora depois da meia-noite. Deveríamos esperar até lá, se não mais pela noite adentro.

— Eu não quero esperar — murmurou Lirael. — Tenho esta sensação... uma ansiedade que não consigo descrever. A visão das Clayr mostrou-me, eu e Nicholas, no Lago Vermelho... sinto-a escapar, como se de alguma forma eu fosse perder o momento. Que se irá tornar um passado em vez de um futuro possível.

— Cair dos Penhascos Longos no escuro não nos levará lá mais depressa — disse Sam. — E poderia comer qualquer coisa e descansar algumas horas antes de subirmos.

Lirael anuiu. Também ela estava cansada. Doíam-lhe os músculos das pernas e os ombros estavam sensíveis do peso da mochila. Mas havia também um outro cansaço, um cansaço de que tinha certeza que Sam também partilhava. Era um cansaço do espírito. Proviera do choque de perder Mogget e, na realidade, ela só queria estender-se junto à nascente fresca e adormecer na

esperança vã de que o novo dia fosse melhor. Era uma sensação que conhecia desde a sua meninice. Na época, fora a esperança ilusória de que adormeceria e de manhã acordaria com a Visão. Agora sabia que o novo dia não traria nada de bom. Precisavam repousar, mas não por muito tempo. Hedge e Nicholas não descansariam, nem tão-pouco Chlorr nem as suas Mãos Mortas.

— Esperaremos que a Lua nasça — disse ela, fazendo deslizar a mochila dos ombros e sentando-se ao lado desta num pedregulho.

No instante seguinte estava de novo em pé, de espada na mão antes mesmo de perceber que a puxara, no preciso instante em que a Cadela passou por ela catapultada, soltando um latido súbito. Lirael levou um momento para perceber que o latido não tinha qualquer ressonância mágica, depois outro para localizar o alvo do ataque da Cadela.

Um coelho ziguezagueava por entre as pedras caídas, tentando desesperadamente escapar à perseguição da Cadela. Aquela terminou a alguma distância, mas não foi muito claro qual o resultado. A seguir, voou uma grande chuva de terra, pó e pedras, e Lirael soube que o coelho se enfiara pelo solo abaixo e a Cadela começara a escavar.

Sam estava ainda sentado ao lado da mochila. Soerguera-se vários segundos depois de Lirael, percebera o que acontecia e voltara a sentar-se. Agora olhava para o buraco rasgado na tampa da mochila.

— Pelo menos estamos vivos — disse Lirael, confundindo a observação silenciosa dele com o remorso pela perda de Mogget.

Sam ergueu o olhar, surpreso. Tinha na mão um estojo de costura e preparava-se para abri-lo.

— Oh, eu não estava pensando em Mogget. Pelo menos não neste momento. Estava pensando na melhor forma de coser este buraco. Acho que vou ter de remendá-lo.

Lirael soltou uma gargalhada, uma gargalhada peculiar de indiferença que não conseguiu controlar.

— Ainda bem que está pensando em remendos — disse-lhe. — Eu... eu não consigo deixar de pensar no que aconteceu. Os sinos tentando tocar, a dama branca... Astarael... a presença da Morte.

Sam escolheu uma agulha grande e cortou com os dentes uma porção de linha preta de uma bobina. Carregou o cenho enquanto enfiava a agulha, depois falou na direção do Sol poente, não propriamente de Lirael.

— É estranho. Desde que soube que você era o Futuro Abhorsen, e não eu, não tenho sentido receio. Quer dizer, tenho tido medo, mas não é o mesmo. Agora sou responsável, porque sou um Príncipe do Reino, mas sou responsável por coisas normais. Nada de necromantes nem a Morte nem as criaturas da

Magia Livre. — Fez uma pausa para dar um nó na extremidade da linha e desta vez olhou para Lirael. — E os enviados me deram esta capa. Com o esparavel. O esparavel dos Construtores da Muralha. Eles me deram, e tenho pensado que é como se os meus antepassados estivessem dizendo que está certo criar coisas. É isso que me compete. Criar coisas e ajudar a Abhorsen e o Rei. Portanto farei isso, e farei o meu melhor, e se o meu melhor não for suficiente, pelo menos terei feito tudo o que podia, tudo o que está ao meu alcance. Não tenho de tentar ser outra pessoa, alguém que eu nunca poderia ser.

Lirael não respondeu. Desviou antes o olhar, para o lugar de onde a Cadela regressava, um coelho inerte na boca.

— Jantar — proferiu a Cadela, falando com maior clareza depois de depositar o coelho aos pés de Lirael. Voltara a agitar a cauda. — Jantar. Vou apanhar outro.

Lirael pegou o coelho. A Cadela partira-lhe o pescoço, matando-o instantaneamente. Lirael sentiu o espírito dele próximo na Morte, mas bloqueou-o. Pendia pesado na sua mão e desejou que pudessem simplesmente comer o pão e o queijo que os enviados haviam empacotado para eles. Mas os cães serão sempre cães, pensou, e se aparecerem coelhos...

— Eu o esfolo — ofereceu-se Sam.

— Como vamos cozinhá-lo? — perguntou Lirael, entregando de bom grado o coelho. Já comera coelhos, mas apenas crus, na sua pele da Carta de coruja latidora, ou então cozidos e servidos nos refeitórios das Clayr.

— Uma pequena fogueira debaixo de um daqueles pedregulhos não teria importância — replicou Sam. — Pelo menos daqui a pouco. A fumaça não será visível e podemos esconder bem as chamas.

— Fica encarregado disso — afirmou Lirael. — A Cadela comerá o dela cru, tenho certeza.

— Você devia dormir — disse Sam enquanto testava com o polegar a lâmina de uma pequena faca. — Pode descansar uma hora enquanto eu preparo o coelho.

— Cuidando da sua velha tia — disse Lirael com um sorriso. Era apenas dois anos mais velha do que Sam, mas em tempos dissera-lhe que era muito mais velha e ele acreditara nela.

— Ajudando o Futuro Abhorsen — disse Sameth e fez uma vênica, não totalmente jocosa. Depois baixou-se e, com um movimento experiente, deu um golpe e arrancou a pele do coelho inteira, como se tirasse a fronha de uma almofada.

Lirael observou-o por um instante, depois virou-se e deitou-se no solo pedregoso com a cabeça na mochila. Não era nada confortável, em particular

porque mantinha vestida a armadura e conservava as botas calçadas. Mas não importava. Estava deitada de costas olhando para o céu, vendo o último azul desaparecer, o negro avançar e as estrelas começarem a cintilar. Não sentia qualquer criatura Morta nas proximidades, nem qualquer indício de Magia Livre e o cansaço que se apoderara dela voltou cem vezes mais intenso. Piscou os olhos duas, três vezes; depois eles não se conseguiram manter mais abertos e mergulhou num sono profundo e imediato.

Quando acordou, estava escuro, à exceção da luz das estrelas e do clarão vermelho difuso de uma fogueira bem escondida. Viu a silhueta da Cadela sentada próximo, mas nem sinal de Sam a princípio, até ver um bloco de escuridão do tamanho de um homem estendido no solo.

— Que horas são? — murmurou e a Cadela mexeu-se e encaminhou-se para ela.

— Perto da meia-noite — respondeu a Cadela tranquilamente. — Achamos melhor deixá-la dormir e depois convenci Sam de que seria seguro para ele dormir também, deixando-me de guarda.

— Aposto que não foi fácil — disse Lirael, levantando-se e gemendo por causa dos músculos rígidos. — Aconteceu alguma coisa?

— Não. Está tudo calmo, tirando as coisas habituais da noite. Espero que Chloir e os Mortos ainda estejam vigiando a Casa e o continuem a fazê-lo por muitos dias mais.

Lirael concordou enquanto tateava entre os pedregulhos e avançava com passos vacilantes até à nascente. Era a única mancha de claridade na noite calma e escura, a sua superfície de prata captando a luz das estrelas. Lirael lavou o rosto e as mãos, o choque frio da água fazendo-a despertar por completo.

— Comeu a minha parte do coelho? — murmurou Lirael enquanto se dirigia para junto da mochila.

— Não comi, não! — exclamou a Cadela. — Como se isso fosse possível! Além disso, Sameth deixou-o ficar na panela. Coberto com a tampa.

Não que isso fosse impedimento para a Cadela, pensou Lirael quando encontrou a pequena panela de viagem em ferro fundido ao lado da fogueira moribunda. Os pedaços de coelho lá dentro tinham cozido tempo demais, mas o guisado ainda estava quente e soube-lhe muito bem. Ou Sam encontrara ervas ou os enviados haviam-nas empacotado, apesar de Lirael estar satisfeita por não haver vestígios de rosmaninho. Não queria cheirar aquela erva.

Quando terminou o coelho, lavou as mãos e raspou os restos de comida da panela com uma mão-cheia de areia na nascente, a Lua subia já no céu. Como dissera Sam, ia à vontade em mais de três quartos, bem a caminho da fase cheia e o céu estava limpo. Sob a sua luz, Lirael distinguia perfeitamente os detalhes

no solo. Daria para subir a Escada.

Sam acordou rapidamente quando ela o abanou, levando a mão à espada. Não falaram — algo no silêncio da noite impedia qualquer conversa. Lirael apagou a fogueira enquanto Sam passava água pelo rosto e entreajudaram-se a colocar as mochilas. A Cadela andava para cá e para lá enquanto se preparavam, abanando a cauda, toda ansiosa por voltar a partir.

A Escada começava num corte fundo que avançava vinte metros pelo penhasco, por isso, a princípio parecia que se tornaria um túnel. Mas abria-se para o céu e em breve virava para acompanhar a subida do penhasco, avançando rumo a oeste. Cada degrau era exatamente do mesmo tamanho, em altura, largura e profundidade, por isso a subida era regular e relativamente fácil, embora não deixasse de ser esgotante.

Enquanto subiam, Lirael acabou por constatar que o penhasco não era, conforme pensara, uma superfície única e quase vertical de pedra rugosa. Na verdade, era composto por centenas de faces de rocha deslocada, como se tivesse sido encostada uma resma de papel e muitas folhas individuais houvessem resvalado. O caminho nos degraus era principalmente constituído nos intervalos e no alto pelas faces, estendendo-se até ter de virar e ser talhado mais fundo no penhasco para alcançar a face seguinte mais acima.

A Lua foi subindo à medida que escalavam, e o céu tornou-se muito mais claro. A lua projetava agora sombras e sempre que paravam para descansar, Lirael olhava para as terras mais além, para as colinas distantes a sul e o rastro prateado do Ratterlin a leste. Sobrevoara a Geleira das Clayr e as montanhas gêmeas de Starmount e Sunfall sob a forma de coruja, mas aquilo era diferente. Os sentidos de uma coruja eram diferentes e, nessa ocasião, ela sempre soubera que, chegada a manhã, estaria enfiada na segurança da cama, protegida pela solidez das Clayr. Aqueles vôos tinham sido pura aventura. Isto era algo muito mais sério e não podia simplesmente desfrutar do fresco da noite e do luar intenso.

Sam olhou também. Não conseguia ver a Muralha para sul — ficava para lá do horizonte — mas reconhecia as colinas. Barhedrin era uma delas, o Cume Fendido de outros tempos, onde havia uma Pedra da Carta e, desde a Restauração, uma torre que era o quartel-general mais meridional da Guarda. Do outro lado da Muralha ficava Ancelstierre. Um país estranho, mesmo para Sameth, que frequentara lá o colégio. Um país sem a Carta, ou a Magia Livre, exceto nas zonas setentrionais, próximo do Reino Antigo. Sameth pensou na mãe e no pai ali, no longínquo Sul. Estavam tentando encontrar uma solução diplomática para impedir que os Ancelstierranos enviassem refugiados sulistas para o outro lado da Muralha, para as suas mortes certas e, depois disso, para

servir às ordens do necromante Hedge. Não podia ser coincidência, pensou Sam, taciturnamente, este problema dos refugiados sulistas ter surgido precisamente numa época em que Hedge estava dirigindo a escavação do mal antigo que se encontrava aprisionado próximo do Lago Vermelho. Tinha tudo um travo a um plano de longo prazo, muito bem concebido, de ambos os lados da Muralha. O que era extremamente incomum e não prenunciava nada de bom. O que podia um necromante do Reino Antigo esperar lucrar do mundo do outro lado da Muralha? Sabriel e Touchstone julgavam que o plano do seu Inimigo era fazer centenas de milhares de sulistas atravessar a Muralha, matá-los com veneno ou fórmula encantada e constituir com eles um exército de Mortos. Mas quanto mais Sam pensava no assunto, mais se interrogava. Se fosse essa a única intenção do Inimigo, o que estava sendo desenterrado? E que papel iria o seu amigo Nicholas ter de desempenhar em tudo aquilo?

As pausas para repousar tornaram-se mais frequentes enquanto a Lua descia lentamente no céu. Apesar dos degraus serem regulares e bem talhados, era uma subida íngreme e já estavam cansados na partida. A Cadela continuava saltitando, voltando esporadicamente atrás para se certificar de que a sua dona vinha lá, mas Lirael e Sam vacilavam. Seguiam com regularidade mecânica e as suas cabeças pendiam. Nem mesmo a visão de um ninho cheio de filhotes de coruja-das-escarpas próximo do caminho despertou mais do que um breve olhar de Lirael e muito menos a atenção de Sameth.

Continuavam ambos a subir quando surgiu um clarão vermelho a leste, colorindo a luz fria da Lua. Em breve se tinha tornado suficientemente intenso para eclipsar a Lua e as aves começaram a cantar. Andorinhões minúsculos saíram de fendas em todo o penhasco, voando em busca dos insetos que apareciam com o vento matinal.

— Devemos estar próximo do topo — disse Sam quando pararam para descansar, os três estendidos pelo caminho estreito: a Cadela no alto, à altura da cabeça de Lirael e Sameth abaixo dela, a cabeça mais ou menos ao nível dos joelhos dela.

Sam encostou-se à superfície do penhasco quando falou, apenas para recuar com um grito no momento em que um espinheiro despercebido o picou nas pernas. Por um momento, Lirael julgou que ele fosse cair, mas recuperou o equilíbrio e contorceu-se para arrancar os espinhos.

A Escada era consideravelmente mais assustadora de dia, pensou Lirael, olhando para baixo. Bastava um passo para a esquerda e cairia sempre até lá embaixo, pelo menos até ao próximo deslizamento de rocha. Um ficava vinte metros abaixo deles, o suficiente para quebrar ossos se não matasse imediatamente.

— Nunca me percebi! — exclamou Sam, que deixara de arrancar espinhos e se ajoelhou para sacudir a poeira e os fragmentos de pedra nos degraus à sua frente. — Os degraus são feitos de tijolo! Mas podiam perfeitamente ter sido talhados na pedra, por isso, para quê revestir a pedra com tijolo?

— Não sei — respondeu Lirael, antes de compreender a pergunta que Sam realmente se fazia. — O que importa?

Sam levantou-se e esfregou os joelhos.

— Não, acho que não. Só que é estranho. Deve ter dado um trabalhão, em particular porque não vejo qualquer sinal de ajuda mágica. Acho que poderiam ter sido usados enviados, muito embora eles tendam a deixar uma marca aqui, outra ali...

— Anda — disse Lirael. — Vamos para acima. Talvez se encontre lá alguma pista sobre a construção da Escada.

No entanto, muito antes de chegarem ao alto das escadas, Lirael perdera todo o interesse nas placas ou monumentos do construtor. Um mau presságio terrível que estivera à espreita no seu subconsciente ia-se tornando mais forte à medida que subiam os últimos metros e, aos poucos, tornou-se cada vez mais concreto. Registrou uma sensação de frio nas entranhas e soube que o que os esperava no topo era um local de morte. Não de morte recente, não naquele dia, mas mesmo assim de morte.

Sabia que Sam também o sentia. Trocaram olhares furtivos à medida que a escada se alargava perto do topo. Sem precisarem conversar sobre o assunto, passaram de fila indiana a uma linha lado a lado. A Cadela tornou-se ligeiramente maior e manteve-se junto de Lirael.

A sensação de morte de Lirael foi confirmada pela brisa que os atingiu nos últimos degraus. Uma brisa que se fazia acompanhar de um cheiro terrível, alertando com alguns momentos de antecedência, antes de chegarem ao alto da Escada e verem um campo estéril repleto dos corpos de muitos homens e mulas. Uma grande quantidade de corvos estava aglomerada à volta dos corpos e sobre eles, arrancando carne com os seus bicos afiados e querelando entre si.

Felizmente, constataram de imediato que os corvos eram aves normais. Levantaram vôo assim que a Cadela Sem Vergonha se precipitou sobre eles, manifestando a sua contrariedade por terem de interromper o seu café da manhã. Lirael não sentiu qualquer dos Mortos entre eles, ou nas proximidades, mas, mesmo assim, retirou Saraneth e a espada, Nehima. Mesmo de longe, os seus sentidos necromânticos diziam-lhe que os cadáveres estavam ali há dias, apesar do cheiro lhe indicar precisamente o mesmo.

A Cadela voltou a correr para perto de Lirael e inclinou a cabeça numa

pergunta. Lirael anuiu e o animal partiu a trote, farejando o solo à volta dos corpos em círculos cada vez mais amplos até desaparecer de vista por trás de um aglomerado particularmente grande de espinheiros. Havia um corpo pendurado na árvore mais alta, arremessado ali por um vento forte ou uma criatura mais possante do que qualquer homem.

Sam surgiu ao lado de Lirael, de espada na mão, as marcas da Carta na lâmina brilhando palidamente ao sol. Alvorecera por completo, a luz intensa e forte. Parecia errada neste campo de morte, pensou Lirael. Como podia a generosa luz do sol incidir em semelhante lugar? Deveria haver nevoeiro e escuridão.

— Um grupo de mercadores, pelo seu aspecto — disse Sam quando se aproximaram mais. — O que seria que...

Via-se pela maneira como os corpos jaziam que tinham fugido de algo. Todos os corpos dos mercadores, distinguíveis pelas suas roupas mais ricas e a ausência de armas, estavam mais perto da Escada. Os guardas tinham tombado ao defender os seus empregadores, numa linha cerca de vinte metros mais atrás. Uma última posição, virados para enfrentar um inimigo que não podiam vencer.

— Há uma semana ou mais — disse Lirael ao aproximar-se dos corpos. — Os seus espíritos já terão partido há muito. Para a Morte, espero, muito embora não tenha certeza que não foram... ceifados para uso na Vida.

— Mas porquê deixar os corpos? — indagou Sam. — E o que poderia ter provocado estes ferimentos?

Apontou para um guarda morto, cuja cota de malha fora perfurada em dois locais. Os buracos eram mais ou menos do tamanho dos punhos de Sam e estavam chamuscados à volta das extremidades, as argolas de aço e o couro por baixo enegrecidos pelo fogo.

Lirael guardou cuidadosamente Saraneth na sua bolsa e avançou para observar melhor o corpo e os estranhos ferimentos. Tentou não respirar ao aproximar-se, mas a alguns passos de distância parou subitamente e arfou. Com aquela inspiração, o fedor horrível entrou-lhe no nariz e nos pulmões. Era demais e começou a sufocar e teve de se virar e vomitar. Assim que o fez, Sam seguiu imediatamente o seu exemplo e esvaziaram ambos os estômagos do seu conteúdo de coelho e pão.

— Desculpe — disse Sam. — Não consigo ver outras pessoas vomitando. Está bem?

— Eu o conhecia. Ele veio a Geleir há alguns anos e conversou comigo no Refeitório Inferior. Na época, a cota de malha ficava-lhe grande.

Pegou a garrafa que Sam lhe ofereceu e deitou um pouco de água nas mãos e lavou a boca.

— O nome dele era... não me consigo lembrar. Larrow, ou Hawow. Algo desse gênero. Perguntou-me o nome e eu nunca lhe respondi.

Hesitou, prestes a dizer mais, mas parou quando Sam se virou subitamente.

— O que foi aquilo?

— O quê?

— Um ruído, em algum lugar além — respondeu Sam, apontando para uma mula morta que jazia na borda de um barranco pouco erodido que conduzia aos penhascos. A sua cabeça pendia do barranco e não era visível.

Enquanto observavam, a mula mudou ligeiramente de posição; depois, com um esticão, deslizou pela beira e caiu pelo barranco. Ainda lhe conseguiam ver os quartos traseiros, mas a maior parte estava oculta. Depois, o traseiro da mula e as patas posteriores começaram a tremer e a sacudir.

— Algo a está comendo! — exclamou Lirael, repugnada. Consequia ver agora no solo as marcas de ter sido arrastada, conduzindo todas ao barranco. Houvera mais corpos de mulas e homens. Alguém... ou algo os arrastara até ao fosso estreito.

— Não sinto nada Morto — afirmou Sam, cheio de ansiedade. — E você?

Lirael abanou a cabeça. Fez deslizar a mochila e pegou o arco, retesou-o e colocou uma flecha. Sam desembainhou novamente a espada.

Avançaram lentamente para o barranco enquanto a mula desaparecia cada vez mais de vista. Ali próximo, conseguiam ouvir um ruído seco de deglutição, mais como o som de alguém lançando pazadas de areia. De vez em quando era acompanhado de um gorgolejo mais líquido.

Mas continuavam sem ver nada. O barranco era fundo e tinha apenas um metro ou um metro e meio de largura, e o que quer que estava lá dentro encontrava-se por debaixo da mula. Lirael não conseguia sentir nada Morto, mas havia um leve cheiro de algo no ar.

Ambos reconheceram de imediato do que se tratava. O odor acre e metálico característico da Magia Livre. Mas era muito tênue e impossível de dizer de onde provinha. Talvez do barranco, ou possivelmente trazido pela brisa fraca.

Quando se encontravam apenas a alguns passos da beira do barranco, as patas traseiras da mula desapareceram com um puxão derradeiro, os seus cascos voando numa lúgubre imitação da vida. O mesmo gorgolejo líquido acompanhou o desaparecimento.

Lirael parou junto à beira e olhou para baixo, o arco retesado, uma flecha protegida pela Carta pronta a voar. Mas não havia nada sobre o que atirar.

Apenas um longo veio de lama escura no fundo do barranco, com um único casco afundando debaixo da superfície. O cheiro de Magia Livre era mais intenso, mas não o fedor corrosivo que encontrara no Stilken ou em outros elementais menores da Magia Livre.

— O que é? — murmurou Sam. A sua mão esquerda estava curvada num gesto de lançamento de fórmula e uma fina chama dourada ardia nas pontas de cada dedo, pronta a ser arremessada.

— Não sei — respondeu Lirael. — Uma coisa qualquer da Magia Livre. Nada sobre que alguma vez tenha lido. Como foi que...

Quando falou, a lama borbulhou e afastou-se, revelando uma goela funda que não era nem terra nem carne, mas pura escuridão, iluminada por uma língua bifurcada de fogo prateado. Com a abertura da goela, saiu de lá um fedor de Magia Livre e carne putrefacta, quase um ataque físico que fez Lirael e Sam recuarem vacilando no momento em que a língua de fogo prateado subiu no ar e desferiu um golpe no lugar onde Lirael se encontrara um momento antes. Depois, uma grande cabeça de cobra de lama seguiu a língua, erguendo-se do barranco, pairando no ar por cima deles.

Lirael largou a flecha ao vacilar, e Sam estendeu a mão, gritando as marcas ativadoras que enviaram uma fonte bramante e estralejante de fogo na direção da coisa de lama e sangue e escuridão que se erguia. O fogo atingiu a língua de prata, e explodiram faíscas em todas as direções, incendiando a erva. Nem a flecha nem o fogo da Carta pareceram afetar a criatura, mas ela recuou e Lirael e Sam não hesitaram em se afastar mais numa corrida.

— Quem se atreve a perturbar o meu banquete?! — bramou uma voz que era muitas vozes e uma só misturadas com o zurrar das mulas e os gritos de homens moribundos. — O meu banquete há tanto ansiado!

Como resposta, Lirael baixou o arco e puxou de Nehima. Sam murmurou marcas e desenhou-as no ar com a espada e a mão, entrelaçando muitos símbolos complexos. Lirael deu meio passo em frente para proteger Sam enquanto ele concluía a fórmula.

Sam acabou com uma marca principal que envolveu a sua mão de chamas douradas ao desenhá-la no ar. Era uma marca que Lirael sabia ser capaz de imolar facilmente aquele que a lançasse sem estar preparado e estremeceu ligeiramente quando ela apareceu. Mas esta saiu de Sam com facilidade, e a fórmula pairou no ar, um rendilhado brilhante de marcas ligadas, mais como uma faixa de estrelas cintilantes. Pegou com cuidado numa extremidade, agitou tudo aquilo à volta da cabeça e arremessou-a à criatura, gritando simultaneamente:

— Não olhe!

Deu-se um clarão ofuscante, um som semelhante a um coro gritando e

depois, silêncio. Quando olharam, não havia sinal da criatura. Apenas pequenos fogos ardendo na erva, rolos de fumaça interligando-se para lançar um manto sobre o campo.

— O que era aquilo? — inquiriu Lirael.

— Uma fórmula para aprisionar algo — respondeu Sam. — Nunca soube muito bem o quê, no entanto. Acha que funcionou?

— Não — disse a Cadela, o seu súbito aparecimento fazendo Lirael e Sam darem um pulo. — Muito embora fosse suficientemente intensa para alertar qualquer coisa Morta entre este lugar e o Lago Vermelho da nossa presença aqui.

— Se não funcionou, então onde está aquela coisa? — perguntou Sam. Olhou à sua volta com nervosismo ao falar. Lirael olhou também. Sentia ainda o cheiro de Magia Livre, muito embora mais uma vez muito leve, e era impossível afirmar de onde vinha no meio do redemoinho de fogo.

— Provavelmente está debaixo dos nossos pés — disse a Cadela. Enfiou subitamente o focinho num pequeno buraco e resfolegou. O resfolego fez levantar uma nuvem de terra no ar. Lirael e Sam afastaram-se com um salto, hesitando à beira da fuga, depois ficaram costas com costas, de armas a postos.

SOPRA O VENTO, VEM A CHUVA!

— Exatamente onde debaixo dos nossos pés?! — exclamou Sam. Olhou ansiosamente para baixo, a espada e a mão de lançar a fórmula a postos.

— O que podemos fazer? — perguntou Lirael rapidamente.- Sabe o que era aquilo? Como o combatemos?

A Cadela farejou o solo com ar desdenhoso.

— Não precisaremos combater. Aquilo era um Ferenk, um necróforo. Os Ferenks são só exibicionismo e jactância. Este encontra-se agora debaixo de várias varas de terra e pedra. Só sairá com o escuro, talvez mesmo só amanhã depois de escurecer.

Sam observou o solo, não confiando na opinião da Cadela, enquanto Lirael se curvava para falar com o animal.

— Nunca li nada sobre as criaturas da Magia Livre chamadas Ferenks — disse Lirael. — Não em qualquer dos livros que consultei para descobrir os Stilken.

— Não deveria haver aqui nenhum Ferenk — respondeu a Cadela. — São criaturas elementais, espíritos de pedra e de lama. Tornaram-se apenas pedra e lama quando a Carta foi criada. Podem ter escapado alguns, mas não aqui... não num lugar tão utilizado...

— Se era apenas um necróforo, o que matou estas pobres pessoas? — perguntou Lirael. Os ferimentos que vira tinham-na deixado intrigada e não lhe agradava o rumo que os seus pensamentos estavam tomando. A maior parte dos cadáveres apresentava, tal como o guarda, dois buracos que os atravessavam, buracos nos quais a roupa e a pele estavam chamuscadas à volta das extremidades.

— Certamente uma criatura, ou criaturas, da Magia Livre — disse a Cadela. — Mas não um Ferenk. Algo parecido com um Stilken. Talvez um Jerreq ou um Hish. Houve milhares de criaturas da Magia Livre que escaparam à criação da Carta, muito embora fossem mais tarde aprisionadas ou obrigadas a servir de uma certa maneira. Havia raças inteiras e outras de natureza singular, por isso não posso falar com certeza absoluta. É complicado pelo fato de há muito tempo ter existido aqui uma forja, dentro do círculo de espinheiros. Havia uma criatura presa dentro da bigorna de pedra daquela forja, no entanto, não consigo encontrar nem a bigorna nem qualquer outro resto. Possivelmente, o que quer que aqui esteve preso matou aquelas pessoas, mas não creio...

A Cadela parou para voltar a farejar o solo, andou em círculo, sacudiu distraidamente a cauda e depois sentou-se para avançar a sua conclusão.

— Podia ter sido um Jerreq geminado, mas inclino-me para que a matança aqui tenha sido perpetrada por dois Hish. Seja como for, foi feita ao serviço de um necromante.

— Como é que sabe isso? — inquiriu Sam. Parara de andar em círculo quando a Cadela começara, muito embora continuasse a olhar para o solo. Procurava agora sinais de uma bigorna de pedra bem como da irrupção de um Ferenk. Não que alguma vez tivesse visto ali uma bigorna.

— Pistas e indícios — respondeu a Cadela. — As feridas, os cheiros que permanecem, uma pegada tridigitada em solo mole, o corpo pendurado numa árvore, os espinhos arrancados de sete ramos em celebração...tudo isto me diz o que andou aqui, até certo ponto. Quanto ao necromante, nenhum Jerreq ou Hish ou qualquer das outras criaturas verdadeiramente perigosas da Magia Livre despertou em mil anos a não ser ao som de Mosrael e Saraneth, ou por uma invocação direta usando os seus nomes secretos.

— Hedge esteve aqui — murmurou Lirael. Sam estremeceu ao ouvir o nome e as cicatrizes das queimaduras nos seus pulsos escureceram. Mas não olhou para as cicatrizes nem desviou o olhar.

— Talvez — retorquiu a Cadela. — Pelo menos não foi Chlorr. Um dos Mortos Maiores teria deixado sinais diferentes.

— Eles morreram há oito dias — continuou Lirael. Não se perguntou como sabia aquilo. Agora que vira os corpos mais de perto, sabia-o apenas. Fazia parte da condição de ser um Abhorsen. — Os seus espíritos não foram levados. De acordo com *O Livro dos Mortos*, não devem ter passado o Quarto Portão. Eu podia ir à Morte e procurar um...

Calou-se quando tanto a Cadela como Sam abanaram as cabeças.

— Não acho que seja boa idéia — disse Sam. — O que iria apurar? Já sabemos que há bandos de Mortos e necromantes e quem sabe mais o quê perambulando por ali.

— Sam tem razão — disse a Cadela. — Não há nada de útil a apurar das suas mortes. E como Sam já anunciou a nossa presença com a Magia da Carta, vamos dar a esta pobre gente um fogo purificador, para que os seus corpos não possam ser usados. Mas teremos de ser rápidos.

Lirael olhou para o campo, piscando os olhos quando o sol incidia neles, para o lugar onde jazia o corpo do jovem que fora Barra. Ocorrera-lhe o nome ao olhar para ele. Tinha pensado em ir procurar Barra na Morte e dizer ao seu espírito que a garota que ele provavelmente esquecera anos atrás sempre desejara ter falado com ele, tê-lo beijado até, feito qualquer coisa além de se

esconder atrás do seu cabelo e chorar. Mas mesmo que conseguisse encontrar Barra na Morte, sabia que há muito ele teria abandonado qualquer preocupação do mundo dos vivos. Não iria procurar o seu espírito por ele, mas por si, e não podia dar-se a esse luxo.

Encontravam-se os três debruçados junto do corpo mais próximo. Sam desenhou a marca da Carta para fogo, a Cadela Sem Vergonha latiu uma para purificação, Lirael desenhou as de paz e sono e reuniram todas as marcas. Estas juntaram-se e faiscaram sobre o peito do homem, tornaram-se chamas douradas saltitantes e, um segundo depois, explodiram para imolar todo o corpo. Depois o fogo apagou-se tão depressa quanto surgira, deixando apenas cinza e pedaços de metal derretido do que fora outrora a fivela do cinto e a lâmina da faca.

— Adeus — disse Sam.

— Vai com segurança — proferiu Lirael.

— Não volte — acrescentou a Cadela.

Depois daquilo, efetuaram o ritual individualmente, movendo-se o mais rapidamente possível entre os corpos. Lirael reparou que Sam ficara surpreso a princípio, depois obviamente aliviado, por a Cadela Sem Vergonha conseguir lançar marcas da Carta e efetuar um rito de que nenhum necromante ou criatura da Magia Livre eram capazes, em virtude da oposição inerente do rito às forças que eles manipulavam.

Mesmo com os três realizando o rito, o Sol ia alto e a manhã quase terminara quando acabaram. Sem contar com o número desconhecido de pessoas levadas pelo Ferenk para a sua toca lamacenta, trinta e oito homens e mulheres haviam morrido no campo de espinheiros. Agora eram apenas pilhas de cinza num campo de mulas putrefatas e corvos, que tinham voltado, manifestando a sua insatisfação com a diminuição do festim.

Foi Lirael quem percebeu primeiro que um dos corvos não se encontrava realmente vivo. Estava pousado na cabeça de uma mula, fingindo debicá-la, mas os seus olhos negros estavam cravados em Lirael. Sentiu a presença dele antes de vê-lo, mas não sabia se eram as mortes de oito dias que sentia, ou a presença dos Mortos. Assim que o seu olhar se cruzou com o dele, soube. O espírito da ave há muito que partira, e algo putrefato e maléfico vivia dentro do corpo emplumado. Algo outrora humano, transformado por eternidades passadas na Morte, anos malbaratados numa luta incessante para regressar à vida.

Não era um Corvo de Sangue Coagulado. Apesar de usar o corpo de um corvo, este era um espírito muito mais forte do que alguma vez fora utilizado para animar um bando de corvos acabados de matar. Encontrava-se sob o brilho intenso do sol, por conseguinte, devia ser um Repousante do Quarto ou Quinto

Portão, pelo menos. O corpo do corvo a que recorrera tinha de ser fresco, pois tal espírito corroía a carne do que quer que habitasse ao fim de um dia.

Lirael levou a mão a Saraneth, mas no momento em que retirava o sino, a criatura Morta disparou para o ar e voou rapidamente para oeste, rente ao solo e contorcendo-se entre os espinheiros. Penas e pedaços de carne morta caíram durante o deslocamento. Seria um esqueleto antes de ir muito mais longe, percebeu Lirael, mas nessa altura não precisava de penas para voar. Impelia-o a Magia Livre e não qualquer energia viva.

— Devia tê-lo apanhado — criticou a Cadela. — Conseguiria ainda ter ouvido o sino, mesmo depois daqueles espinheiros. Esperemos que fosse um espírito independente, senão vamos ter, no mínimo, os Corvos de Sangue Coagulado todos por cima de nós.

Lirael guardou Saraneth na sua bolsa, segurando cuidadosamente o badalo até a língua de couro encaixar e manter o sino calado.

— Fui surpreendida — afirmou ela, calmamente. — Serei mais rápida da próxima vez.

— É melhor irmos andando — disse Sam. Olhou para o céu e suspirou. — Muito embora estivesse contando com algum descanso. — Está muito quente para caminharmos.

— Para onde vamos? — perguntou Lirael. — Existe uma mata ou algo próximo que nos esconda dos Corvos de Sangue Coagulado?

— Não tenho certeza — disse Sam. Apontou para norte, onde o solo se elevava numa colina baixa, os espinheiros dando lugar a um campo que outrora devia ter sido cultivado, apesar de ser agora o habitat de ervas daninhas e árvores novas. — Podíamos olhar daquela elevação. De qualquer forma, temos de nos dirigir para noroeste.

Não olharam para trás quando deixaram o que se tornara um cemitério. Lirael tentou olhar para outro lado, a sua visão e a sua sensação da Morte atentas ao menor indício dos Mortos. A Cadela saltitava ao lado dela e Sam seguia mais à esquerda, alguns passos atrás.

Seguiram os restos de um muro baixo de pedra até ao alto da colina. Outrora separara dois campos e podiam ter existido carneiros no pasto de cima e colheitas no de baixo. Mas isso fora há muito tempo e o muro não era reparado há décadas. Em algum lugar, a menos de uma légua dali, devia existir uma casa de fazenda em ruínas, pátios em ruínas, um poço seco. Os sinais indiciadores de que as pessoas tinham vivido em tempos ali e não haviam se dado bem.

Do seu ponto alto, podiam ver os Penhascos Longos estendendo-se para leste e oeste e as colinas ondulantes do planalto. Podiam ver o Ratterlin estendendo-se de norte para sul e a pluma da cascata. A Casa do Abhorsen ficava

encoberta pelas colinas, mas as partes de cima dos bancos de nevoeiro que continuavam rodeando avistavam-se misteriosamente.

Setecentos anos atrás, antes do aparecimento de Kerrigor, teriam sido também fazendas, aldeias e campos cultivados. Agora, vinte anos depois da Restauração do rei Touchstone, esta parte do Reino estava ainda quase totalmente deserta. Pequenas florestas tinham-se juntado para formar outras maiores, árvores isoladas tinham-se tornado pequenas florestas, charcos secos tinham voltado a ser pântanos. Havia por ali aldeias, Lirael sabia, mas não conseguia ver nenhuma. Eram poucas e bastante distantes, porque apenas um punhado de Pedras da Carta fora substituído ou repostado. Só os Magos da Carta da linha real podiam criar ou reparar uma Pedra da Carta — embora o sangue de qualquer Mago da Carta conseguisse destruir uma pedra normal. Muitas Pedras da Carta haviam sido destruídas nos duzentos anos do Interregno apesar dos vinte anos de trabalho árduo para repará-las.

— São pelo menos dois, talvez três dias de marcha constante até Hedge — disse Sam, apontando para nor-noroeste. — O Lago Vermelho fica por trás daquelas montanhas. Que vamos atravessar para sul, muito me apraz dizer.

Lirael protegeu os olhos do sol com a mão e semicerrou-os. Conseguiu distinguir os picos da cadeia de montanhas distante.

— É melhor irmos andando — disse ela. Protegendo ainda os olhos, descreveu gradualmente um círculo completo, olhando para o céu. Era de um azul belo e intenso, mas Lirael sabia que não tardaria a ver os pontos pretos indiciadores — bandos distantes de Corvos de Sangue Coagulado.

— Poderíamos nos dirigir primeiro para Roble's Town — sugeriu Sam, que estava também olhando para o céu. — Quer dizer, de qualquer forma, em breve Hedge vai saber onde estamos e podíamos conseguir obter alguma ajuda em Robles Town. Haverá ali um posto da Guarda.

— Não — respondeu Lirael, pensativamente. Conseguiu ver uma linha de nuvens gordas com riscos negros mais a norte e isso dera-lhe uma idéia. — Só iríamos arranjar problemas para outras pessoas. Além disso, acho que sei como me livrar dos Corvos de Sangue Coagulado, ou pelo menos como nos escondermos deles... muito embora não seja agradável. Tentaremos um pouco mais tarde. Mais perto do anoitecer.

— O que pretende fazer, Dona? — perguntou a Cadela. Deixara-se cair próximo dos pés de Lirael, a língua pendendo enquanto arfava para refrescar depois da escalada. Era uma tarefa difícil, uma vez que o céu estava limpo e o dia se tornava cada vez mais quente à medida que o Sol subia.

— Assobiaremos para chamar aquelas nuvens de chuva — replicou Lirael, apontando para uma camada distante de nuvens negras. — Uma boa

chuva com vento dispersará os Corvos de Sangue Coagulado, e nos tornará difíceis de encontrar e encobrirá também o nosso rastro. O que você acha?

— Um plano excelente! — exclamou a Cadela em tom de aprovação.

— Acha que conseguimos trazer a chuva até aqui? — perguntou Sam, duvidando. — Calculo que aquela nuvem esteja mais ou menos à distância de Ponte Alta.

— Podemos tentar — disse Lirael. — Muito embora haja mais nuvens a oeste...

A sua voz diminuiu de intensidade quando se concentrou realmente na nuvem negra do outro lado das colinas, próximo das montanhas ocidentais. Mesmo a esta distância, conseguia sentir um mal nela e, enquanto observava, viu o reflexo de relâmpagos dentro da nuvem.

— Acho que aquela nuvem não.

— Não — rosnou a Cadela, a sua voz muito cava, ressoando no seu peito. — Ali é onde Hedge e Nicholas estão escavando. Receio que possam já ter posto a descoberto o que procuram.

— Estou certo de que Nick não sabe que está fazendo algo de mau — apressou-se Sam a dizer. — Ele é boa pessoa. Não faria nada que prejudicasse alguém intencionalmente.

— Assim espero — contrapôs Lirael. Perguntava-se mais uma vez o que fariam quando chegassem. Porque Hedge precisava de Nicholas? O que estava sendo desenterrado? Qual era o plano principal do Inimigo?

— De qualquer forma, é melhor irmos andando — disse ela, desviando o olhar da nuvem negra distante e dos seus relâmpagos tremeluzindo para observar a terra com elevações e depressões a oeste.

— E se seguíssemos aquele vale? Vai na direção certa e há muita cobertura de árvores e um rio.

— Deve ser praticamente um riacho — disse Sam. — Não sei o que aconteceu às chuvas da Primavera aqui embaixo.

— O tempo pode ser controlado de duas maneiras — aludiu a Cadela, distraidamente. Continuava olhando para as montanhas. — Pode não ser por acaso que as nuvens de chuva se juntem a norte. Seria bom trazê-las para sul por várias razões. Gostaria ainda mais se conseguíssemos acabar com aquela tempestade com relâmpagos.

— Acho que podíamos tentar — afirmou Sam, cheio de dúvidas, mas a Cadela abanou a cabeça.

— Aquela tempestade não reagiria a qualquer magia do tempo — disse ela. — Há muitos relâmpagos e isso confirma um receio que eu tinha esperanças de enterrar. Não pensei que eles fossem encontrar aquilo tão depressa, ou que

pudesse ser facilmente desenterrado. Devia ter desconfiado. Astarael não caminha levianamente sobre a terra e um Ferenk liberto...

— O que é? — perguntou Lirael, com nervosismo.

— A coisa que Hedge está desenterrando — disse a Cadela. — Direi mais quando for necessário. Não desejo encher os seus ossos de medo, nem vou contar histórias antigas sem uma finalidade. Subsistem várias explicações possíveis e salvaguardas antigas que podiam ainda aguentar mesmo que acontecesse o pior. Mas temos de nos apressar!

Com aquilo, a Cadela pôs-se em pé de um salto e começou a descer rapidamente a colina ziguezagueando à volta das árvores jovens de casca branca com folhas verdes-prateadas e galgou mais outro muro de pedra em ruínas.

Lirael e Sam olharam um para o outro e depois para a tempestade com relâmpagos.

— Como eu gostaria que ela não fizesse isso — queixou-se Lirael, que abrira a boca para colocar outra pergunta. Depois partiu atrás da Cadela, a um ritmo consideravelmente mais lento. Os cães mágicos podiam não se cansar, mas Lirael estava muito fatigada. Seria uma tarde longa e esgotante, se não pior, pois havia sempre a chance dos Corvos de Sangue Coagulado os encontrarem.

— O que você fez, Nick? — murmurou Sam. Depois seguiu Lirael, franzindo os lábios e pensando nas marcas da Carta que seriam necessárias para fazer deslocar uma nuvem de chuva trezentos e vinte quilômetros pelo céu.

Caminharam com regularidade a tarde inteira, com apenas breves intervalos, seguindo um riacho que serpenteava por um vale pouco profundo entre duas linhas de colinas mais ou menos paralelas. O vale estava ligeiramente arborizado, a sombra protegia-os do sol, que Lirael achava particularmente perturbador. Apanhara já uma queimadura solar no nariz e nos málares e não tinha nem tempo nem energia para proteger a pele com uma fórmula. Constituía também uma lembrança incômoda das diferenças que toda a vida a haviam atormentado. As Clayr tinham pele trigueira e nunca se queimavam — a exposição ao sol deixava-as simplesmente mais morenas.

Quando o Sol começou a sua descida lenta por trás das montanhas ocidentais, só a Cadela continuava a deslocar-se com alguma graciosidade. Lirael e Sam estavam acordados há quase dezoito horas, a maior parte delas subindo os Penhascos Longos ou caminhando. Seguiam aos tropeções e adormeciam até em pé, por mais que se esforçassem por ficar acordados. Por fim, Lirael decidiu que precisavam descansar e parariam assim que vissem algum lugar defensável, de preferência com água corrente pelo menos de um dos lados.

Meia hora depois, enquanto continuavam a caminhar aos tropeções e o

vale começava a estreitar e o terreno a elevar-se, Lirael estava preparada para aceitar qualquer lugar onde se pudessem estender, com ou sem água corrente para ajudar a defender dos Mortos. As árvores diminuía também, dando lugar a arbustos pequenos e ervas altas enquanto subiam. Outro campo que voltara a ficar inculto e totalmente indefensável.

Precisamente quando Lirael e Sam mal conseguiam dar mais um passo, encontraram o local perfeito. O gorgolejar suave de uma queda de água anunciou-o e havia uma cabana de pastor, construída sobre estacas por cima da água rápida na base de uma queda de água comprida, mas não muito alta. A cabana era simultaneamente abrigo e ponte, tão solidamente construída com pau-ferro que apresentava poucos estragos, à exceção de algumas telhas de madeira que faltavam no telhado.

A Cadela farejou o exterior da cabana do rio, declarou-a suja, mas habitável e meteu-se no caminho quando Lirael e Sam tentaram subir os degraus e entrar.

Estava imunda lá dentro, tendo a dada época sido sujeita a uma inundação que depositara uma grande quantidade de terra no soalho. Mas Lirael e Sam não estavam nada preocupados. Quer dormissem no interior quer no exterior de um lugar sujo, vinha tudo a dar no mesmo.

— Cadela, pode fazer o primeiro quarto de vigia? — perguntou Lirael, quando finalmente se libertou da mochila e a colocou a um canto.

— Eu posso vigiar — protestou Sam, desmentindo as suas palavras com um enorme bocejo.

— Eu vigio — disse a Cadela Sem Vergonha. — Muito embora possa haver coelhos...

— Não os persiga até longe — advertiu Lirael. Desembainhou Nehima e colocou a espada sobre a mochila, pronta para usá-la rapidamente, depois fez o mesmo com a bandoleira dos sinos. Manteve as botas calçadas, preferindo não especular sobre o estado dos seus pés após dois dias de viagem difícil.

— Acorde-nos daqui a quatro horas, por favor — acrescentou Lirael quando se afundou e encostou à parede. — Temos de atrair as nuvens de chuva.

— Sim, Dona — respondeu a Cadela. Não entrara, preferindo sentar-se próximo da água corrente, as orelhas arrebitadas para captar algum som distante. Talvez coelhos. — Não quer que te leve também um ovo quente e uma torrada?

Não obteve resposta. Quando a Cadela espreitou para dentro um momento depois, tanto Lirael como Sam dormiam profundamente, encostados às suas mochilas. A Cadela soltou um longo suspiro e deitou-se também, mas as orelhas mantinham-se espetadas e os olhos vivos, observando muito depois do crepúsculo estival ter dado lugar à noite.

Perto da meia-noite, a Cadela sacudiu-se e acordou Lirael com uma lambidela no rosto e Sam com uma pata pressionando-lhe o peito com força. Cada um deles acordou com um sobressalto e levaram ambos as mãos às espadas antes dos seus olhos se adaptarem à luz difusa do brilho das marcas da Carta na coleira da Cadela.

A água fria do riacho acordou-os um pouco mais, seguida das abluções indispensáveis ligeiramente mais adiante. Quando voltaram, uma refeição rápida de carne seca, bolachas secas e frutos secos foi comida com vontade pelos três, apesar da Cadela lamentar a ausência de um coelho ou mesmo um belo pedaço de lagarto.

Não conseguiam ver as nuvens de chuva de noite, mesmo com um céu cheio de estrelas e a Lua começando a sua ascensão. Mas sabiam que as nuvens estavam lá, mais para norte.

— Teremos de partir assim que a fórmula estiver concluída — avisou a Cadela, quando Lirael e Sam se encontravam debaixo das estrelas discutindo baixinho como iriam invocar as nuvens e a chuva. — Semelhante Magia da Carta atrairá tudo o que estiver Morto num raio de quilômetros, ou qualquer criatura da Magia Livre.

— Deveríamos prosseguir da mesma forma — disse Lirael. O sono reanimara-a até certo ponto, mas desejava ainda o conforto da cadeira de balanço no seu pequeno quarto na Grande Biblioteca das Clayr.

— Você está pronto, Sam?

Sam parou de murmurar entre dentes e retorquiu:

— Sim. Hum, estava pensando se aceitaria uma ligeira variação na fórmula? Acho que precisaremos de um lançamento mais forte para trazer as nuvens até tão longe.

— Claro — respondeu Lirael. — O que quer fazer?

Sam explicou rapidamente, depois repetiu mais devagar até Lirael se certificar de que sabia o que ele pretendia fazer. Normalmente, assobiavam ambos as mesmas marcas ao mesmo tempo. O que Sam pretendia fazer era assobiar notas diferentes mas complementares, na realidade interligando duas fórmulas diferentes para controlar o tempo. Acabariam com a ativação da fórmula proferindo duas marcas principais ao mesmo tempo, quando uma era normalmente tudo o que se usava.

— E isto funcionará? — perguntou Lirael cheia de ansiedade. Não possuía experiência em trabalhar com qualquer outro Mago da Carta numa fórmula tão complexa.

— Será muito mais forte — afirmou Sam, confiante.

Lirael olhou para a Cadela para obter confirmação, mas o animal não

estava prestando atenção. Olhava para trás em direção ao sul, atento a algo que Lirael ou Sam não conseguiam ver nem sentir.

— O que é?

— Não sei — respondeu a Cadela, virando a cabeça para o lado, as orelhas espetadas tremendo enquanto escutava a noite. — Acho que algo nos segue, mas ainda se encontra distante...

Olhou de novo para Lirael e Sam.

— Façam a sua magia do tempo e vamos embora!

Uma légua ou mais a jusante da cabana do pastor, um homem muito baixo — quase anão — chapinhava pelos baixios. A sua pele era da brancura do osso e o cabelo e a barba mais brancos ainda, tão brancos que brilhavam no escuro, mesmo debaixo da sombra das árvores onde se projetavam na água.

— Ela vai ver — murmurou o albino, muito embora não houvesse ninguém ali para ouvir o seu discurso irado. — Dois mil anos de servidão e agora...

Parou no meio da frase e saltou para o riacho, mergulhando uma mão de dedos nodosos na água. Saiu de lá, um momento mais tarde, segurando um peixe ainda debatendo-se, que mordeu de imediato por trás dos olhos, cortando a espinha. Os seus dentes, brilhando com a luz das estrelas, eram mais afiados do que os de qualquer humano. O anão deu outra dentada no peixe, o sangue escorrendo-lhe pela barba. Passados alguns minutos, comera-o todo, cuspidando as espinhas com pragas e resmungos entre as dentadas, porque, na verdade, queria uma truta e não uma carpa.

Quando terminou, limpou cuidadosamente o rosto e a barba e enxugou os pés, muito embora deixasse ficar as manchas de sangue na túnica simples que envergava. Mas quando começou a caminhar ao longo da margem do rio, as manchas desapareceram e o pano ficou mais uma vez limpo, branco e novo.

A túnica estava presa à volta da cintura do homem com um cinto de pele vermelha e, no lugar onde deveria ter estado a fivela, encontrava-se um sino minúsculo. Todo este tempo o albino segurara-o, servindo-se apenas de uma mão para apanhar o peixe e se lavar. Mas a sua cautela falhou quando escorregou em um pedaço de erva. O sino tocou quando ele caiu sobre um joelho, um som cortante que, paradoxalmente, fez o homem bocejar. Por um momento, pareceu que fosse se estender logo ali, mas com um esforço óbvio, sacudiu a cabeça e levantou-se.

— Não, não, companheiro — murmurou, agarrando o sino com ainda mais intensidade. — Sabe, espera-me trabalho aqui. Não posso adormecer, pelo menos agora. Tenho de percorrer centenas de quilômetros e preciso tirar o maior

partido de duas pernas e duas mãos enquanto ainda as tenho.

Uma ave noturna piou ali próximo e a cabeça do homem virou-se, localizando-a de imediato. Segurando ainda o sino, lambeu os lábios, deu um passo lento atrás de outro e começou a persegui-la. Mas a ave estava atenta e antes que o albino conseguisse atacá-la, levantou voo, gritando lamentosamente na noite.

— Nunca arranjo sobremesa — queixou-se o homem. Virou-se de novo para o rio e começou a segui-lo mais uma vez para oeste, continuando a segurar o sino e murmurando queixas.

OS HEMISFÉRIOS DE PRATA

Duzentos quilômetros para noroeste da Casa do Abhorsen, as margens orientais do Lago Vermelho encontravam-se na escuridão, muito embora tivesse alvorecido um novo dia. Pois não era o escuro da noite, mas da tempestade, o céu carregado de nuvens negras, que se estendiam por várias léguas em todas as direções. A escuridão já durava há mais de uma semana. A pouca luz do Sol que passava através da nuvem era fraca e pálida, e os dias eram iluminados por um estranho crepúsculo que não era benéfico a nada vivo. Apenas no epicentro deste aglomerado imóvel de nuvens de tempestade havia qualquer outra luz e essa era súbita, desagradável e branca, da constante ameaça dos relâmpagos.

Nicholas Sayre acostumara-se ao crepúsculo, assim como se acostumara a muitas outras coisas, e já não o achava estranho. Mas o seu corpo continuava a rebelar-se, mesmo quando a sua mente não o fazia. Tossiu e encostou o lenço de assoar ao nariz e à boca. A Equipe Noturna de Hedge era constituída por trabalhadores de confiança, mas cheiravam horivelmente, como se a carne estivesse apodrecendo nos seus ossos. Geralmente, não gostava de se aproximar demais — não fosse o que quer que tinham ser contagioso — mas desta vez fora preciso, para verificar o que acontecia.

— Como vê, Amo — explicou Hedge —, não podemos aproximar mais os dois hemisférios. Existe uma força que os mantém afastados, quaisquer que sejam os métodos que usamos. Quase como se fossem pólos idênticos de um ímã.

Nick anuiu, absorvendo esta informação. Conforme sonhara, encontravam-se dois hemisférios escondidos no solo, e a sua escavação descobrira-os. Mas a sua sensação de vitória pela descoberta deles não tardou a ser afastada pelos problemas logísticos da sua extração. Cada hemisfério tinha dois metros de diâmetro e o estranho metal que os constituía tinha muito mais peso do que deveria, chegando a ultrapassar o do ouro. Os hemisférios tinham sido enterrados com seis metros de distância, separados por uma barreira formada por sete materiais diferentes, incluindo osso. Agora que haviam sido erguidos, era evidente que esta barreira ajudara a anular a força repulsiva, pois os hemisférios simplesmente não podiam ser colocados a quinze metros um do outro.

Usando roldanas, cordas e duzentos elementos da Equipe Noturna, um dos hemisférios fora arrastado pela rampa em espiral até à beira do poço. O

outro encontrava-se abandonado a uma boa distância lá embaixo na rampa. A última vez que tinham tentado arrastar e empurrar o hemisfério inferior, a força repulsiva fora tão grande que ele se precipitara por ali abaixo, esmagando muitos dos trabalhadores no caminho.

Nick reparou que, além desta estranha força repulsiva, ocorriam outros efeitos à volta dos hemisférios. Pareciam originar um cheiro acre de metal quente que penetrava mesmo através do odor fétido de putrefação da Equipe Noturna. O cheiro deixou-o nauseado, muito embora não parecesse, afetar nem Hedge nem os seus peculiares trabalhadores.

Depois, deram-se os relâmpagos. Nick estremeceu quando caiu mais outro raio, cegando-o momentaneamente, o trovão ensurdecedor vindo um instante depois. Os relâmpagos incidiam até com maior frequência e agora que os dois hemisférios estavam expostos, Nick conseguia ver um padrão. Cada hemisfério era atingido oito vezes seguidas, mas o nono raio falhava invariavelmente, atingindo muitas vezes um dos trabalhadores.

Não que isso parecesse afetá-los, observou parte da mente de Nick. Se eles não pegassem fogo ou ficassem completamente desmembrados, continuavam a trabalhar. A sua mente não reteve esta informação, pois os pensamentos de Nick voltavam sempre ao seu objetivo principal com uma concentração intensa que expulsava quaisquer idéias não relacionadas.

— Iremos continuar a retirar o primeiro hemisfério — disse ele, combatendo a falta de ar de que se fazia acompanhar a náusea de que era acometido sempre que se aproximava demais do metal de prata. — E iremos precisar de uma outra barca. Os dois hemisférios não caberão naquela que temos, não sendo necessários quinze metros de intervalo. Espero que a licença de importação que tenho permita dois carregamentos... De qualquer forma, não existe outra alternativa. Não pode haver atrasos.

— Como o Amo diz — replicou Hedge, mas continuava a olhar para Nick como se esperasse outra coisa.

— Queria pedir-lhe que arranjasse uma tripulação — disse por fim Nick, quando o silêncio se tornou desconfortável. — Para as barcas.

— Sim — respondeu Hedge. — Eles reúnem-se à beira do lago. Homens como eu, Amo. Aqueles que serviram no Exército de Ancelstierre, nas trincheiras do Perímetro. Pelo menos até a noite os afastar dos piquetes e postos de escuta e os fazer atravessar a Muralha.

— Refere-se aos desertores? São de confiança? — perguntou Nick bruscamente. A última coisa que queria era perder um hemisfério devido a estupidez humana, ou arranjar mais complicações quando chegasse o momento de regressarem a Ancelstierre. Não poderia simplesmente permitir que isso

acontecesse.

— Desertores, não, senhor, oh, não — retorquiu Hedge, sorrindo.

— Simplesmente desaparecidos em combate e muito longe de casa. Eles são de plena confiança. Assegurei-me disso.

— E a segunda barca? — perguntou Nick.

Hedge ergueu subitamente o olhar, as narinas dilatando-se para cheirar o ar e não respondeu. Nick olhou também para cima e caiu-lhe na boca uma pesada gota de chuva. Lambeu os lábios, depois cuspiu rapidamente quando uma sensação estranha e paralisante se espalhou pela garganta.

— Isto não deveria acontecer — murmurou Hedge para si mesmo, quando a chuva se tornou mais forte e se levantou um vento à volta deles. — Chuva invocada, vinda de nordeste. É melhor eu ir investigar, Amo.

Nick encolheu os ombros, sem saber muito bem ao que Hedge se referia. A chuva o fez se sentir estranho, recordando-lhe alguma outra sensação de si próprio. Tudo à volta dele assumira uma qualidade irreal e, pela primeira vez, perguntou-se o que diabo estava fazendo. Depois, uma estranha dor atingiu-o no peito e dobrou-se. Hedge apanhou-o e estendeu-o na terra que se estava rapidamente se transformando em lama.

— O que é, Amo? — perguntou Hedge, mas o seu tom era inquiridor em vez de compadecido.

Nick gemeu e agarrou-se ao peito, contorcendo as pernas. Tentou falar, mas só lhe saía saliva dos lábios. Os seus olhos agitaram-se freneticamente de um lado para o outro, depois reviraram-se.

Hedge ajoelhou ao lado dele, à espera. A chuva continuava a cair no rosto de Nick, mas agora crepitava ao atingi-lo, elevando-se vapor da sua pele. Uns momentos depois, começou a sair em rolos do nariz e da boca do jovem, sibilando quando apanhava chuva.

— O que é, Amo? — repetiu Hedge, a sua voz subitamente nervosa.

A boca de Nick abriu-se, e saíram mais baforadas de fumaça. Depois a sua mão agitou-se, mais rápido do que Hedge conseguiu ver, os dedos agarrando a perna do necromante com uma força terrível. Hedge rangeu os dentes, combatendo a dor e voltou a perguntar:

— Amo?

— Tolo! — disse a coisa que usava Nick como sua voz. — Agora não é a hora para procurarmos os nossos inimigos. Eles encontrarão este poço não tarda, mas entretanto já teremos partido. Precisa arranjar imediatamente mais uma barca e carregar os hemisférios. E tire este corpo da chuva, pois já se encontra muito frágil e ainda há muito que fazer. Demais, para os meus servos estarem parados conversando!

As últimas palavras foram ditas com veneno e Hedge gritou quando os dedos na sua perna se cravaram como uma armadilha humana com dentes de aço. Depois foi libertado, caindo na lama.

— Rápido — murmurou a voz. — Rapidez, Hedge. Rapidez.

Hedge curvou-se no lugar onde estava, não confiando em si para falar. Queria afastar-se do poder aprisionador e inumano daquelas mãos, mas receava mover-se.

A chuva intensificou-se, e a fumaça branca começou a retroceder até às narinas e à boca de Nick. Passados alguns segundos, desapareceu por completo e ele ficou totalmente inerte.

Hedge agarrou-lhe a cabeça antes de tombar numa poça. Depois ergueu-o e colocou-o cuidadosamente nos ombros como se fosse um bombeiro. A perna de um homem normal teria sido quebrada com a força exercida através da mão de Nick, mas Hedge não era um homem normal. Içou Nick com facilidade, esboçando apenas um esgar ante a dor na sua perna. Levou Nick até meio do caminho para a sua tenda antes do corpo inerte nos seus ombros se contorcer e o jovem começar a tossir.

— Calma, Amo — disse Hedge, aumentando o seu ritmo. — Eu já o tiro da chuva.

— O que aconteceu? — perguntou Nick, a sua voz áspera. Sentia a garganta como se tivesse fumado meia dúzia de charutos e bebido uma garrafa de brandy.

— Desmaiou — respondeu Hedge, transpondo as abas da porta da tenda. — Consegue secar-se e deitar-se?

— Sim, sim, claro — ripostou Nick, mas as suas pernas tremeram quando Hedge o pôs no chão e teve de se equilibrar encostando-se a um baú de viagem. Lá por cima, a chuva caía com um ritmo constante na lona, acentuado de tantos em tantos minutos pelo estrondo monótono e baixo do trovão.

— Ótimo — disse Hedge, entregando-lhe uma toalha. — Agora vou dar instruções à Equipe Noturna, depois tenho de ir... adquirir outra barca. Seria provavelmente melhor o senhor ficar aqui descansando. Vou me certificar que alguém, nenhum dos atormentados, lhe traz as refeições, e despeja as necessidades, e assim por diante.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim — retrucou Nick, muito embora não conseguisse parar de tremer enquanto despiu a camisa e começava debilmente a enxugar o peito e os braços. — Inclusive supervisionar a Equipe Noturna.

— Isso não será necessário — afirmou Hedge. Debruçou-se sobre Nick, e os seus olhos pareceram aumentar e encher-se de uma luz vermelha

tremeluzente, como se fossem janelas para uma enorme fornalha que ardia em algum lugar dentro do seu crânio.

— Seria melhor ficar aqui — repetiu, o seu hálito quente e metálico sobre o rosto de Nick. — Não precisa supervisionar o trabalho.

— Sim — concordou Nick em tom monótono, a toalha imobilizada a meio do gesto. — Seria melhor eu ficar descansando... aqui.

— Aguardará o meu regresso — ordenou Hedge. O seu tom habitual de subordinado desaparecera por completo, e pairava sobre Nick qual mestre-escola prestes a bater num aluno.

— Aguardarei o seu regresso — repetiu Nick.

— Muito bem — disse Hedge. Sorriu e girou nos calcanhares, avançando em grandes passadas até à chuva. Transformou-se imediatamente em vapor ao tocar-lhe na cabeça descoberta, envolvendo-o com uma estranha auréola branca. Alguns passos mais adiante, o vapor desapareceu e a chuva empastou-lhe simplesmente o cabelo.

De volta à sua tenda, Nick recomeçou subitamente a secar-se. Feito aquilo, vestiu um pijama toscamente remendado e deitou-se na cama de peles empilhadas. A sua cama desmontável de Ancelstierre partira-se dias antes, as molas transformadas em ferrugem e a lona desfazendo-se com o bolor.

O sono chegou rapidamente, mas não o repouso. Sonhou com os dois hemisférios de prata e a sua Armadilha dos Raios que estava sendo preparada do outro lado da Muralha. Viu os hemisférios absorverem a energia que vinha da força de mil raios e, quando isso sucedia, venciam a força que os mantinha afastados. Finalmente, viu-os bater um no outro, carregados com a força de dez mil tempestades... mas depois o sonho recomeçou do princípio, e não conseguiu ver o que acontecia quando os hemisférios se encontravam.

Lá fora, a chuva caía em lençóis, e os relâmpagos sucediam-se dentro e à volta do poço. Os trovões ribombavam e sacudiam enquanto as Mãos Mortas da Equipe Noturna puxavam as cordas, arrastando lentamente o primeiro hemisfério na direção do Lago Vermelho e o segundo hemisfério para cima e para fora do poço.

Continuava a chover dois dias depois de Lirael e Sam terem conseguido controlar o tempo com pleno êxito. Apesar das capas de oleado prudentemente guardadas pelos enviados na Casa, estavam completa e, segundo parecia, permanentemente encharcados. Por sorte, a fórmula estava finalmente enfraquecendo, em particular o aspecto da invocação do vento, pelo que a chuva abrandara e já não os atingia horizontalmente nos rostos, nem estavam sendo fustigados com paus, folhas e outros detritos trazidos pelo vento. Pelo lado positivo, como Lirael tinha de lembrar a si mesma de tantas em tantas horas, a chuva tornara absolutamente impossível qualquer Corvo de Sangue Coagulado encontrarem-nos. Muito embora isso fosse menos animador do que deveria ter sido.

Também não fazia frio, o que era outro aspecto positivo. Senão, teriam morrido congelados, ou então ficado esgotados até à imobilidade usando a Magia da Carta para se manterem vivos. Tanto o vento como a chuva eram quentes, e se tivesse havido nem que fosse uma hora sem eles, Lirael poderia dizer que a forma como haviam controlado o tempo fora um êxito. Naquelas circunstâncias, a tristeza vinha ensombrar qualquer orgulho na fórmula.

Estavam agora aproximando-se do Lago Vermelho, subindo pelos sopés das colinas luxuriantemente florestadas do Monte Abed e seus irmãos. As árvores cresciam juntas ali, formando uma abóbada por cima, à mistura com muitos fetos e plantas que Lirael apenas conhecia dos livros. As folhas caídas de todas elas amontoavam-se no solo, formando um tapete por cima da lama. Devido à chuva, havia milhares de minúsculos fios de água por todo o lado, caindo em cascata entre as raízes das árvores, descendo pedras e à volta dos tornozelos de Lirael. Quando os conseguia ver, porque a maior parte do tempo as suas pernas estavam enterradas até às canelas numa mistura de folhas e lama.

Era muito difícil avançar, e Lirael estava mais cansada do que julgara possível. Os períodos de repouso, quando aconteciam, consistiam em encontrar a maior árvore possível com folhagem mais espessa para não deixar passar a chuva e as raízes mais altas para se sentarem nelas, ficando assim fora da lama. Lirael descobrira que conseguia dormir mesmo nestas condições, muito embora acordasse mais do que uma vez, após as escassas duas horas que se permitiam, para se encontrar estendida na lama em vez de sentada em cima dela.

Claro que, assim que voltavam para a chuva, a lama não tardava a sair.

Lirael não sabia o que era pior. Se a lama, se a chuva. Ou o meio termo: os primeiros dez minutos depois de abandonar a proteção, em que a lama ia saindo e lhe escorria pelo rosto, as mãos e as pernas.

Foi precisamente nessa altura, após um período de descanso, toda a sua atenção concentrada na saída da lama dos olhos enquanto subiam mais outro barranco, que encontraram uma Guarda Real moribunda, encostada ao tronco de uma árvore protetora. Ou melhor, a Cadela Sem Vergonha encontrara-a enquanto seguia à frente de Lirael e de Sam, escarafunchando.

A Guarda estava inconsciente, a sua capa vermelha e dourada manchada de negro do sangue, a cota de malha rasgada e arrancada em vários lugares. Segurava ainda firmemente uma espada com entalhes e romba na mão direita, enquanto a esquerda estava estática num gesto de lançamento de fórmula que nunca iria concluir.

Tanto Lirael como Sam sabiam que ela quase partira, o seu espírito já transpondo a fronteira para a Morte. Rapidamente, Sam debruçou-se, invocando a fórmula curativa mais poderosa que conhecia. Contudo, no momento em que a primeira marca da Carta brotou com intensidade na sua mente, ela morreu. O brilho tênue da vida nos olhos dela desapareceu, substituído pelo olhar parado, vítreo. Sam abandonou a marca curadora e fechou-lhe delicadamente as pálpebras.

— Uma das Guardas do meu Pai — disse a custo. — Não a conheço, porém. Ela pertencia provavelmente à Guarda da torre de Robles Town ou Uppside. Pergunto-me o que estaria fazendo...

Lirael anuiu, mas não conseguiu desviar o olhar do cadáver. Sentia-se tão inútil. Chegava constantemente atrasada, era muito lenta.

O sulista no rio, depois da batalha com Chlorr. Barra e os mercadores. Agora esta mulher. Era tão injusto que fosse morrer sozinha, com apenas alguns momentos entre a morte e o salvamento. Se tivessem sido mais rápidos ao subir a colina ou se não tivessem parado para aquele último repouso...

— Ela estava moribunda há alguns dias — afirmou a Cadela, farejando à volta do corpo. — Mas ela não pode ter vindo de longe, Dona. Não com estes ferimentos.

— Nesse caso, devemos estar próximos de Hedge e Nick — disse Sam, endireitando-se para lançar um olhar desconfiado à sua volta.

— É tão difícil dizer, debaixo de todas estas árvores. Tanto podemos estar próximo do alto da cumeada como termos ainda de andar alguns quilômetros.

— Acho que era melhor descobrirmos — disse Lirael com lentidão. Olhava ainda para o corpo morto da Guarda. — O que a matou e onde está o

inimigo.

— Nesse caso, temos de nos apressar — disse a Cadela, saltitando nas patas traseiras com súbita excitação. — O rio a terá levado para alguma distância.

— Você vai à Morte? — perguntou Sam. — Será sensato? Quer dizer, Hedge pode estar perto... ou mesmo à espera na Morte!

— Eu sei — disse Lirael. Estivera pensando exatamente o mesmo. — Mas acho que vale a pena o risco. Precisamos saber exatamente onde são as escavações de Nick e o que aconteceu a esta Guarda. Não podemos continuar apenas a caminhar às cegas.

— Acho que sim — disse Sam, mordendo o lábio de ansiedade inconsciente. — E o que é que eu faço?

— Vigie o meu corpo enquanto eu estiver ausente, por favor — respondeu Lirael.

— Mas não use qualquer Magia da Carta a menos que tenha de ser — acrescentou a Cadela. — Uma pessoa como Hedge consegue cheirá-la a quilômetros de distância. Mesmo com esta chuva.

— Eu sei isso — respondeu Sam. Denunciou o seu nervosismo puxando a espada, os seus olhos continuando a mover-se, verificando cada árvore e arbusto. Olhou até para cima, a tempo de receber um pinga de chuva que escorrera pelos ramos espessos lá de cima. Desceu-lhe pelo pescoço e meteu-se debaixo do oleado, deixando-o ainda mais desconfortável. Mas não havia nada a espreitar nos ramos da árvore e pelo pouco que conseguia ver do céu, parecia conter apenas chuva e nuvens.

Lirael puxou também a espada. Hesitou por um momento na escolha do sino, a mão pousada na bandoleira. Entrara na Morte apenas uma vez, quando quase fora derrotada e escravizada por Hedge. Desta vez, disse para si mesma, seria mais forte e estaria melhor preparada. Em parte, isso implicaria escolher o sino certo. Os seus dedos tocaram de leve em cada bolsa até à sexta, que abriu cuidadosamente. Retirou o sino, pondo-lhe a mão na boca para que o badalo não soasse. Escolhera Saraneth, o Aprisionador. O mais forte de todos os sinos, com exceção de Astarael.

— Eu também vou com você, não vou? — perguntou a Cadela, ansiosamente, saltando à volta dos pés de Lirael, agitando a cauda a grande velocidade.

Lirael aquiesceu e começou a estender os braços para a Morte. Era fácil aqui, pois o falecimento da Guarda criara uma porta que ligaria a Vida e a Morte neste local durante muitos dias. Uma porta que podia funcionar em ambos os sentidos.

O frio chegou rapidamente, expulsando a umidade da chuva quente. Lirael estremeceu, mas continuou a obrigar-se a avançar até à Morte, até a chuva e o vento e o cheiro de folhas molhadas e o rosto atento de Sam desaparecerem por completo, substituídos pela luz gélida e cinzenta da Morte.

O rio puxava pelos joelhos de Lirael, forçando-a a avançar. Hesitou por um momento, relutante em abandonar a sensação da Vida nas suas costas. Bastava-lhe recuar um passo, estender os braços para a Vida e estaria de volta à floresta. Mas não teria sabido nada...

— Sou o Futuro Abhorsen — murmurou e sentiu o puxão do rio diminuir. Ou talvez fosse apenas sua imaginação. De qualquer forma, sentiu-se melhor. Tinha o direito de estar ali.

Deu o primeiro passo lento em frente e depois outro e mais outro, até estar caminhando firmemente, a Cadela Sem Vergonha avançando pela água a seu lado.

Se tivesse sorte, pensou Lirael, a Guarda estaria ainda deste lado do Primeiro Portão. Mas nada se mexia em qualquer lugar para onde olhasse, nem sequer pairando à superfície, apanhado pela corrente. Ao longe ouvia-se o bramido do Portão.

Apurou o ouvido para ele — pois o bramido pararia se a mulher o transpusesse — e continuou a caminhar, tendo o cuidado de tatear eventuais buracos ou descidas súbitas. Era muito mais fácil seguir com a corrente e descontraíu-se um pouco, mas não ao ponto de baixar a espada ou o sino.

— Ela está ali à frente, Dona — murmurou a Cadela, contraindo o focinho apenas alguns centímetros acima da superfície do rio. — Para a esquerda.

Lirael seguiu a Cadela, que apontava com a pata e viu que havia uma forma difusa debaixo da água., vogando com a corrente em direção ao Primeiro Portão. Instintivamente, avançou, pensando agarrar fisicamente a Guarda. Depois percebeu do seu erro e estacou.

Até os Mortos mais recentes podiam ser perigosos, e um amigo na Vida não o seria necessariamente ali. Era mais seguro não tocar. Preferiu embainhar a espada e, mantendo Saraneth imobilizado na mão esquerda, transferiu a direita para agarrar o cabo de mogno. Lirael sabia que devia ter tocado apenas com uma mão e começou a agitá-lo ao mesmo tempo e sabia que era capaz se fosse preciso, mas fazia sentido ser mais cautelosa. Afinal, nunca antes usara os sinos. Apenas as flautas de Pan e elas eram um instrumento menos poderoso.

— Saraneth será ouvido por muitos e longe — murmurou a Cadela. — Porque não dou uma corrida e a agarro pelo tornozelo?

— Não. — Lirael ficou carrancuda. — Ela é uma Guarda Real, Morta

ou não, e teremos de tratá-la com respeito. Vou chamar-lhe a atenção. Não vamos ficar à espera.

Tocou o sino com um movimento simples em arco, um dos toques mais fáceis descritos n’*O Livro dos Mortos* para Saraneth. Ao mesmo tempo, aplicou a sua vontade ao som do sino, dirigindo-a para o corpo submerso que flutuava à frente.

O sino era muito potente, eclipsando o bramido tênue do Primeiro Portão. Ecoou por todo o lado, parecendo aumentar de volume em vez de diminuir, o tom cavo criando ondas na água num grande círculo à volta de Lirael e da Cadela, ondas que se deslocavam até mesmo contra a corrente.

Depois, o som envolveu o espírito da Guarda e Lirael sentiu o seu pulso debater-se e contorcer-se contra a sua vontade como um peixe acabado de pescar. Através do eco do sino, ouviu um nome e soube que Saraneth o encontrara e o indicava. Às vezes era necessário usar uma fórmula da Carta para descobrir um nome, mas esta Guarda não tinha defesas contra qualquer dos sinos.

— Mareyn — disse o eco de Saraneth, um eco que soou apenas dentro da cabeça de Lirael. O nome da Guarda era Mareyn.

— Pare, Mareyn — disse-lhe em tom de comando. — Levante-se, pois quero falar com você.

Lirael sentiu então resistência da Guarda, mas era fraca. Um momento depois, o rio frio espumava e borbulhava, e o espírito de Mareyn levantou-se e virou-se de frente para a manejadora do sino que a aprisionara.

A Guarda morrera muito recentemente para a Morte a ter mudado, por isso o espírito dela estava igual ao corpo lá fora na Vida. Uma mulher alta, de constituição forte, os buracos da armadura e as feridas no corpo tão nítidos ali à estranha luz da Morte quanto se tinham apresentado sob o sol.

— Fale, se for capaz — ordenou Lirael. Mais uma vez, sendo uma Morta recente, Mareyn provavelmente falaria se quisesse. Muitos dos que permaneciam bastante tempo na Morte perdiam a capacidade da fala, que só podia ser restituída por Dyrin, o sino falador.

— Eu... sou... capaz — anunciou Mareyn. — O que quer de mim, Ama?

— Sou o Futuro Abhorsen — declarou Lirael, e aquelas palavras pareceram ecoar na Morte, abafando a pequena voz dentro dela que dizia: “Sou uma Filha das Clayr.”

— Quero saber como você morreu e o que sabe de um homem chamado Nicholas e do poço que ele escavou — prosseguiu ela.

— Prendeu-me com o seu sino e tenho de responder — afirmou Mareyn, a sua voz destituída de qualquer emoção. — Mas peço-lhe um favor, se

possível.

— Peça — respondeu Lirael, olhando para a Cadela Sem Vergonha, que andava em círculos atrás de Mareyn como um lobo atrás de um cordeiro. A Cadela viu-a olhar, abanou a cauda e começou a retroceder. Via-se que estava apenas brincando, muito embora Lirael não compreendesse como podia estar ali tão alegre na Morte.

— O necromante do poço, cujo nome não ousa proferir — disse Mareyn. — Ele matou os meus companheiros e deixou-me afastar rastejando, ferida como estava, com a promessa de que os seus servos me encontrariam na Morte e me prenderiam ao seu serviço. Sinto que assim acontece e o meu corpo também não está queimado atrás de mim. Não desejo regressar Ama, nem servir alguém como ele. Peço-lhe que me deixe seguir, para onde nenhuma força me possa trazer de volta.

— Claro que sim — disse Lirael, mas as palavras de Mareyn provocaram-lhe uma pontada de medo. Se Hedge deixara Mareyn ir, provavelmente mandara-a seguir e sabia onde estava o corpo dela.

Podia encontrar-se sob observação neste momento e seria suficientemente fácil colocar um vigia na Morte para quando o espírito de Mareyn voltasse. Hedge — ou os seus servos — podiam estar aproximando-se tanto da Vida como da Morte, naquele preciso momento. Enquanto pensava naquilo, a Cadela arrebitou as orelhas e rosnou. Um segundo depois, Lirael ouviu o bramido do Primeiro Portão diminuir e depois silenciar-se.

— Vem algo — avisou a Cadela, o nariz farejando o rio. — Algo mau.

— Depressa, então — disse Lirael. Guardou Saraneth e retirou Kibeth, transferindo o sino para a mão esquerda para poder também desembainhar Nehima. — Mareyn, diga-me onde fica o poço, em relação ao seu corpo.

— O poço encontra-se no próximo vale, do outro lado da cumeada — respondeu Mareyn, calmamente. — Existem lá muitos Mortos, sob nuvens e relâmpagos constantes. Abriram também uma estrada, ao longo do fundo do vale, até o lago. O jovem Nicholas vive numa tenda remendada a leste do poço... Vem algo buscar-me, Ama. Por favor, peço-lhe, deixe-me seguir.

Lirael sentiu o medo dentro do espírito de Mareyn, muito embora a voz dela tivesse o tom firme e sem inflexão dos Mortos. Ouviu-o e reagiu imediatamente, tocando Kibeth acima da cabeça segundo um padrão do número oito.

— Vá, Mareyn — disse com austeridade, as suas palavras misturando-se com o toque do sino. — Caminhe fundo até à Morte e não se demore, nem deixe que te barrem o caminho. Ordeno-lhe que caminhe até ao Nono Portão e o transponha, pois mereceu o seu descanso final. Vá!

Mareyn estremeceu por completo ante aquela última palavra e começou a marchar, a cabeça alta e os braços balançando, como devia em tempos ter marchado na Vida no recinto da parada na caserna em Belisaere. Marchou ereta como um fuso, partindo em direção ao Primeiro Portão. Lirael viu-a vacilar por um momento ao longe, como se algo tivesse tentado atacá-la, mas depois continuou a marchar, até o bramido do primeiro Portão se silenciar, assinalando a sua passagem.

— Foi-se — observou a Cadela. — Mas o que quer que passou está aqui em algum lugar. Consigo cheirá-lo.

— Também o sinto — murmurou Lirael. Trocou novamente de sino, pegando em Saraneth. Gostou da segurança do sino grande e da autoridade cava da sua voz.

— Devíamos voltar — disse a Cadela, movendo lentamente a cabeça de um lado para o outro enquanto tentava localizar a criatura. — Não me agrada quando bancam os espertos.

— Você sabe o que é? — murmurou Lirael quando começaram a arrastar-se até à Vida, ziguezagueando de modo a que as suas costas nunca estivessem verdadeiramente viradas. Como na sua primeira viagem, era muito mais difícil ir contra a corrente e parecia mais fria do que nunca, filtrando-lhe o espírito.

— Algum matreiro que veio de trás do Quinto Portão, creio — disse a Cadela. — Pequeno e há muito reduzido do seu tamanho original... Ali!

Latiu e correu pela água. Lirael viu algo parecido com uma ratazana, fino como um fuso — com carvões incandescentes no lugar dos olhos — saltar para o lado quando a Cadela atacou. A seguir veio direito a ela e sentiu o seu espírito frio e poderoso elevar-se contra ela, completamente desproporcionado em relação à sua forma de ratazana.

Lirael gritou e atingiu-o com a espada, saltando faíscas azuis e brancas por todo o lado. Mas ele foi muito rápido. O golpe resvalou, e aquilo agarrou-se ao seu pulso esquerdo, à mão que segurava o sino. As suas mandíbulas cravaram-se na sua manga blindada e irromperam chamas negro-avermelhadas entre os seus dentes finos como agulhas. Depois a Cadela enterrou as mandíbulas no meio da criatura e arrancou-a do braço de Lirael, o uivo arrepiante dela juntando-se ao som da coisa guinchando e ao grito de Lirael. Um momento depois estavam todos envolvidos pelo som cavo de Saraneth enquanto Lirael recuava, sacudia o sino, agarrava o cabo e o fazia tocar, tudo num movimento suave.

SAMETH POSTO À PROVA

Sam contornou novamente o seu pequeno perímetro, procurando certificar-se de que nada se aproximava. Não que conseguisse ver muito através da chuva e da folhagem. Ou ouvir alguma coisa, até estar próximo demais dele para poder fazer algo a não ser lutar.

Verificou mais uma vez se havia algum sinal de mudança, mas Lirael permanecia na Morte, o seu corpo imóvel como uma estátua, coberto de gelo, o frio descendo para congelar as poças aos pés dela. Sam pensou em partir um pedaço de gelo para se refrescar, mas achou melhor não. Havia várias pegadas grandes da Cadela no meio da poça gelada, pois a Cadela — ao contrário da sua dona podia atravessar fisicamente para a Morte, confirmando o palpite de Sam de que a sua forma corpórea era inteiramente mágica.

O corpo da Guarda continuava também encostado à árvore. Sam pensara deitá-la como deve ser, mas pareceu-lhe uma estupidez já que implicava assentar o corpo dela na lama. Queria dar também um fim adequado ao seu corpo, mas não se atrevia a usar a Magia da Carta necessária. Não até Lirael voltar, pelo menos.

Sam suspirou ante aquele pensamento e desejou poder abrigar-se da chuva encostando-se à árvore enquanto Lirael não regressava. Mas tinha a nítida percepção de que era responsável pela segurança de Lirael. Estava de novo sozinho, na verdade, agora nem sequer tinha a companhia dúbia de Mogget. E isso deixava-o nervoso, mas o medo que o acompanhara desde a fuga de Belisaere desaparecera. Desta vez não queria, pura e simplesmente, decepcionar a tia Lirael. Por isso ergueu a espada e começou mais uma vez a caminhar à volta do círculo estreito de árvores que escolhera para o percurso da sua patrulha.

Ia a meio quando ouviu algo acima do som constante da chuva. O estalar pesado de ramos molhados debaixo de pés, ou algo parecido. Um som que destoava na floresta. Imediatamente, Sam ajoelhou atrás do tronco axadrezado de um feto grande e ficou estático, para poder escutar melhor.

A princípio, tudo o que ouviu foi a chuva e o seu próprio coração batendo. Depois, voltou a captar o som. Um passo suave, folhas esmagadas pelos pés. Alguém — ou algo — tentava espiá-lo. Os sons estavam a cerca de seis metros de distância, mais abaixo na vertente, escondidos por toda a vegetação rasteira verde. Aproximando-se muito lentamente, apenas um único passo mais

ou menos a cada minuto.

Sam olhou de novo para Lirael. Não havia sinal do seu regresso da Morte. Por um momento, pensou que deveria dar uma corrida e bater-lhe no ombro, alertando-a para que voltasse. Era muito tentador, porque então ela se encarregaria de tudo.

Afastou o pensamento. Lirael tinha uma tarefa a cumprir, e ele também. Haveria tempo suficiente para chamá-la se fosse necessário. Talvez se tratasse apenas de um lagarto grande rastejando entre os fetos, ou de um cão selvagem, ou uma daquelas aves grandes e negras que sabia viverem ali nas montanhas. Não conseguia se lembrar do seu nome.

Não era algo Morto. Teria sentido com certeza. Uma criatura da Magia Livre crepitaria devido à chuva e sentiria o seu cheiro. Provavelmente...

Voltou a deslocar-se, mas não subiu. Andava em círculos, percebeu Sam. Talvez tentasse contorná-los para atacar lá embaixo. Isso seria um truque humano.

Podia ser um necromante, disse uma parte receosa da mente de Sam.

Não estava Morto, por isso não era possível senti-lo. Dominando a Magia Livre, mas não pertencente a ela, por isso não havia qualquer cheiro. Podia até ser *ele*. Podia ser Hedge.

A mão de Sam que empunhava a espada começou a tremer. Agarrou o punho com mais força, fez parar o tremor. As cicatrizes da queimadura nos seus pulsos tornaram-se lívidas, intensas com o esforço.

Agora é que é, disse de si para si. Isto era o teste. Se não enfrentasse agora o que quer que estava ali fora, sabia que seria para sempre um cobarde. Lirael não achava que ele o fosse, tão-pouco a Cadela, fugira de Astarael, mas não por medo. Vira-se obrigado pela magia e Lirael tivera de correr também. Não havia qualquer vergonha nisso.

Voltou a mover-se, aproximando-se furtivamente. Sam ainda não conseguia vê-lo, mas tinha certeza que sabia onde estava.

Alcançou a Carta e sentiu o seu coração abrandar de um ritmo frenético enquanto era abraçado pela calma familiar da magia que ligava todas as coisas vivas. Desenhando no ar com a mão livre, Sam invocou quatro marcas da Carta brilhantes. Proferiu a quinta baixinho, para a mão em concha. Quando as marcas se uniram, Sam segurava um punhal que era como um raio de sol apanhado na sua mão. Muito intenso para se olhar para ele, mas dourado à primeira vista.

— Pela Carta!

Com o punhal-sol em uma mão, a espada na outra, Sam soltou um grito de batalha e saltou para a frente, avançando pelos fetos, escorregando na lama, quase resvalando pela vertente abaixo. Viu um clarão em movimento por trás de

uma árvore e mudou de direção, continuando a bramar, o grito guerreiro do sangue do pai latejando-lhe nas têmporas. Lá estava o inimigo, um estranho homenzinho pálido. Que desapareceu.

Sam tentou parar. Cravou os calcanhares, mas os seus pés derraparam na lama e foi direito ao tronco de uma árvore, ricocheteou em um feto e caiu estatelado de costas. Ali na lama, lembrou-se das palavras do seu professor de armas: "A maior parte daqueles que caem numa batalha nunca mais se levantam. Portanto veja se não cai!"

Sam baixou o punhal-sol, que se apagou de imediato, as marcas individuais derretendo-se no solo e levantou-se. Estivera caído apenas um segundo ou dois, pensou, enquanto olhava apavorado à sua volta. Mas não havia sinal do... o que quer que fosse...

Lirael.

O pensamento atingiu-o como um soco e logo a seguir corria pela vertente que acabara de descer, agarrando-se aos fetos e ramos e a tudo o que o fizesse ir mais depressa. Tinha de voltar! E se Lirael fosse atacada enquanto estava imobilizada na Morte? Atingida pelas costas por um punhal, ou uma faca? Não teria chance.

Regressou à pequena clareira. Lirael continuava lá. Pingentes de gelo das gotas de chuva pendiam-lhe dos braços esticados. A poça gelada à volta dos pés dela estendera-se, tão estranha nesta floresta quente. Não sofrera nada.

— Felizmente que eu estava aqui — disse uma voz atrás de Sam. Uma voz familiar.

A voz de Mogget.

Sam virou-se num rompante.

— Mogget? É você? Onde está?

— Aqui e lamentando-o, como de costume — respondeu Mogget e um pequeno gato branco saltou de trás de um feto arbóreo.

Sam não afrouxou a sua defesa. Via que Mogget usava ainda a sua coleira e que havia um sino nela. Mas podia ser um truque. E onde... ou quem... era aquele estranho homem pálido?

— Eu vi um homem — disse Sam. — O cabelo e a pele eram brancos, brancos como a neve. Brancos como o seu pêlo...

— Sim — bocejou Mogget. — Era eu. Mas essa forma foi proibida por Jerizael, que foi... deixe-me ver... ela foi o quadragésimo oitavo Abhorsen. Não posso usá-la na presença de um Abhorsen, nem de um aprendiz, sem permissão prévia. Sua mãe geralmente não me dá permissão, muito embora o pai dela fosse mais flexível. Neste momento, Lirael não pode me autorizar, por isso, mais uma vez me vê tal como sou.

— A Cadela disse que ela... Astarael... não ia deixar que partisse — disse Sam. Não baixara a espada.

Mogget voltou a bocejar e o sino tiniu no pescoço dele. Era Ranna

— Sam reconheceu tanto a voz como a sua própria reação: ele próprio não pudera evitar um bocejo.

— Foi isso que aquele cão disse? — comentou o gato enquanto trepava para a mochila de Sam e cortava delicadamente pelo meio os pontos do remendo com uma garra afiada para poder entrar lá para dentro. — Astarael? Então foi esse? Já passou tanto tempo, que realmente não me lembro de quem era quem. De qualquer modo, ela disse o que queria dizer e depois vim embora. Acorde-me quando estivermos em um lugar seco e confortável, príncipe Sameth. Com comida civilizada.

Sam baixou lentamente a espada e suspirou de exasperação. Era sem dúvida Mogget. Sam só não tinha certeza de estar ou não satisfeito com o regresso do gato. Continuava a recordar aquela gargalhada de regozijo no túnel por baixo da Casa e o fedor e o clarão da Magia Livre...

O gelo estalou. Sam virou-se de novo, o coração batendo ruidosamente. Com o estalar do gelo, ouviu também o eco de um sino distante. Tão distante que podia ter sido uma lembrança, ou um som imaginado. Estalou mais gelo, e Lirael apoiou um joelho em terra, o gelo caindo em flocos à volta dela como uma tempestade de neve em miniatura.

Depois fez-se um clarão intenso, e a Cadela apareceu, saltando cheia de ansiedade e com uma rosnadela cava no peito.

— O que aconteceu? — perguntou Sam. — Está ferida?

— Não — disse Lirael, com um esgar que mostrou que algo estava errado e ergueu o pulso esquerdo. — Um horrível Repousante do Quinto Portão tentou morder-me o braço, mas não penetrou na cota... só está machucado.

— O que lhe fez? — inquiriu Sam. A Cadela continuava a correr por ali como se a criatura Morta pudesse subitamente reaparecer.

— A Cadela cortou-o ao meio — disse Lirael, obrigando-se a inspirar longa e profundamente várias vezes. — Muito embora isso não o detivesse. Mas, no fim, eu obriguei-o a obedecer-me. Vai a caminho do Nono Portão... e não voltará.

— Agora você é realmente o Futuro Abhorsen — disse Sam, a admiração patente na sua voz.

— Acho que sou — respondeu Lirael lentamente. Sentiu-se como se tivesse reclamado algo quando se anunciara como tal na Morte. E tivesse perdido também algo. Uma coisa era pegar os sinos na Casa. Outra completamente diferente era usá-los na Morte. A sua vida antiga parecia agora

tão distante. Desaparecida para sempre e não sabia ainda o que iria ser a sua nova vida, ou sequer o que ela era. Sentiu-se desconfortável na sua própria pele e não tinha nada a ver com o derretimento do gelo, ou a chuva e a lama.

— Estou sentindo cheiro de algo — anunciou a Cadela.

Lirael ergueu o olhar e, pela primeira vez, reparou que Sam estava muito mais enlameado do que antes e sangrava de um arranhão nas costas da mão, muito embora não parecesse ter-se dado conta.

— O que aconteceu? — perguntou bruscamente.

— Mogget voltou — respondeu Sam. — Pelo menos acho que é Mogget. Ele está na minha mochila. Só que a princípio ele era uma espécie de albino realmente muito pequeno, e pensei que se tratava de um inimigo.

Parou de conversar quando a Cadela se aproximou da sua mochila e a farejou. Saiu de lá uma pata branca, e a Cadela recuou a tempo de evitar um arranhão no focinho. Sentou-se e franziu a testa, perplexa.

— É o Mogget — confirmou. — Mas não compreendo.

— Ela me deu o que prefere chamar de outra oportunidade — disse uma voz de dentro da mochila. — Mais do que você alguma vez fez.

— Outra oportunidade de quê? — rosnou a Cadela. — O momento não é para brincadeiras! Você sabe o que está sendo desenterrado a quatro léguas daqui?

Mogget enfiou a cabeça de fora da mochila. Ranna tiniu, enviando uma onda de cansaço a todos os que ouviram o sino.

— Sei! — bufou o pequeno gato. — Na época não quis saber e nem quero agora. É o Destruidor! O Desfazedor! O Desenredador.

Mogget parou para respirar. No momento em que se preparava para voltar a falar, a Cadela latiu subitamente, um latido breve e cortante, carregado de poder. Mogget miou como se lhe tivessem pisado a cauda e enfiou-se na mochila, bufando.

— Não diga o Seu nome — ordenou a Cadela. — Não com raiva, nem quando estamos tão perto.

Mogget ficou calado. Lirael, Sam e a Cadela olharam para a mochila.

— Temos que sair daqui. — Lirael suspirou, limpando as gotas de chuva da sua testa antes de lhe chegarem aos olhos. — Mas, primeiro, quero resolver um assunto.

Aproximou-se da mochila de Sam e debruçou-se sobre ela, tendo o cuidado de se manter fora do alcance de uma pata.

— Mogget. Ainda é obrigado a servir os Abhorsens, não é?

— Sim — ouviu-se a resposta contrariada. — Azar dos azares.

— Portanto, vai me ajudar, vai nos ajudar, não vai?

Não houve resposta.

— Vou arranjar peixe para você — interpôs Sam. — Quer dizer, quando estivermos num lugar onde haja peixe.

— E uns dois ratos — acrescentou Lirael. — Isto é, se gostar de ratos.

Os ratos roíam os livros. Todas as bibliotecárias detestavam os ratos, e Lirael não constituía exceção. Estava muito contente por verificar que o fato de se tornar um Abhorsen não eliminara aquela parte essencial da bibliotecária em si. Continuava também a detestar as traças dos livros.

— É besteira negociar — disse a Cadela. — Ele fará o que lhe mandarem.

— Peixe quando o houver, ratos e uma ave canora — disse Mogget, saindo da mochila, a sua lingueta cor-de-rosa saboreando o ar como se o peixe se encontrasse à sua frente naquele momento.

— Aves canoras, não — respondeu Lirael, categoricamente.

— Muito bem — concordou Mogget. Lançou um olhar de desdém à Cadela. — Um acordo civilizado e à altura da minha presente forma. Cama e mesa em troca da ajuda que eu puder dar. É preferível a ser um escravo.

— Você é um... — começou a Cadela com vivacidade, mas Lirael agarrou-lhe a coleira e ela se acalmou, rosnando.

— Não há tempo para briguinhas — afirmou Lirael. — Hedge deixou Mareyn, a Guarda, tencionando escravizar o espírito dela mais tarde... uma morte lenta é propícia a um espírito mais poderoso. Ele sabe mais ou menos onde ela morreu e pode ter mandado outros servos à Morte que lhe irão anunciar a minha presença. Por isso temos de ir andando.

— Nós devíamos... — começou Sam quando Lirael principiou a afastar-se. — Temos de lhe dar um fim condigno.

Lirael abanou a cabeça, um movimento diagonal que não era nem concordância nem recusa, mas simplesmente cansaço.

— Devo estar cansada — disse ela, limpando de novo a testa. — Prometi que o faria.

Tal como os corpos do grupo de mercadores, o de Mareyn, se ficasse ali, seria imediatamente habitado por outro espírito Morto, ou talvez Hedge o pudesse usar para coisas bem piores.

— Você consegue fazer isso, Sam? — perguntou Lirael, esfregando o pulso. — Estou um pouco esgotada, para ser sincera.

— Hedge pode sentir o cheiro da magia — advertiu a Cadela. — Assim como podem quaisquer criaturas Mortas que se encontrem suficientemente perto. Muito embora a chuva vá ajudar.

— Eu já lancei uma fórmula — disse Sam, em tom de desculpa. —

Achei que estávamos sendo atacados.

— Não se preocupe — interrompeu Lirael. — Mas seja rápido.

Sam aproximou-se do corpo e desenhou as marcas da Carta no ar. Uns segundos depois, um manto rubro-branco de fogo envolveu o corpo, e em breve não restava nada para qualquer necromante aproveitar a não ser os elos enegrecidos da cota de malha.

Sam virou-se então para partir, mas Lirael avançou e, da mão aberta dela, brotaram três marcas da Carta simples em direção à casca da árvore por cima das cinzas. Falou com as marcas, colocando ali as suas palavras para qualquer Mago da Carta as ouvir nos anos futuros, enquanto a árvore subsistisse.

— Mareyn morreu aqui, longe de casa e dos amigos. Era uma Guarda Real. Uma mulher corajosa, que combateu um inimigo muito forte para ela. Mas até na Morte cumpriu o seu dever e mais do que isso. Será lembrada. Adeus, Mareyn.

— Um gesto adequado — comentou a Cadela. — E um...

— Bastante estúpido — interrompeu Mogget, por trás da cabeça de Sam. — Teremos os Mortos sobre nós dentro de minutos se continuar fazendo toda esta magia.

— Obrigada, Mogget — disse Lirael. — Ainda bem que está nos ajudando. Agora vamos partir, pode voltar a dormir. Cadela, por favor, vai na frente. Sam, siga-me.

Sem esperar por uma resposta, partiu em direção à linha da cumeada, dirigindo-se a um ponto onde as árvores se aglomeravam mais densamente. A Cadela correu atrás dela, depois contornou-a para passar para a frente, abanando a cauda.

— Mandona, não é? — comentou Mogget com Sam, que seguia mais devagar. — Me lembra sua mãe.

— Cale-se — disse Sam, afastando um ramo que ameaçava bater-lhe no rosto.

— Sabe que deveríamos correr o máximo que pudéssemos na outra direção — disse Mogget. — Não sabe?

— Já me disse isso antes, lá na Casa, que era besteira fugir ou tentar esconder-nos — respondeu Sam. — Não disse?

Mogget não respondeu, mas Sam sabia que não adormecera. Sentia o gato às voltas dentro da mochila. Sam não repetiu a pergunta, porque a vertente estava ficando mais íngreme e precisava de todo o fôlego. Qualquer idéia de conversa desapareceu rapidamente à medida que subiam cada vez mais, serpenteando por entre as árvores e os troncos caídos, arrancados da vertente pelo vento e a incapacidade de criarem raízes profundas.

Chegaram finalmente à cumeada, encharcados apesar dos oleados e incrivelmente cansados da subida. O Sol, perdido em algum lugar nas nuvens, não estava longe do ocaso e era evidente que não poderiam progredir muito mais antes de anoitecer.

Lirael pensou em parar para descansarem, mas quando fez o gesto à Cadela, o animal ignorou-a, fingindo não ver os sinais da sua mão frenética. Lirael suspirou e prosseguiu, grata por a Cadela ter virado para oeste e seguir agora a cumeada, em vez de descê-la. Continuaram durante mais cerca de trinta minutos, muito embora parecessem horas, até chegarem finalmente a um ponto em que um deslizamento de terras abrira uma grande extensão de solo na vertente setentrional da cumeada.

A Cadela parou ali, escolhendo um local com fetos que pudesse abrigá-los. Lirael sentou-se ao lado dela, e Sam apareceu vacilando um momento depois e deixou-se cair como uma boneca quebrada. Quando se sentou, Mogget saiu da mochila e empinou-se nas patas traseiras, servindo-se da cabeça de Sam como apoio para as duas patas dianteiras.

Os quatro olharam através da clareira para o vale, que seguia até ao Lago Vermelho, uma extensão monótona de água ao longe, iluminada pelo clarão dos relâmpagos e a pouca luz do Sol poente que conseguia atravessar a nuvem.

O poço de Nick estava agora também visível, uma ferida horrenda de terra vermelha e greda amarela no verde do vale. À volta dele a terra era atingida constantemente por relâmpagos, o ribombar de trovões chegando aos quatro observadores, um ruído de fundo constante. Centenas de figuras, reduzidas pela distância, labutavam à volta do poço. A alguns quilômetros de distância, Lirael e Sam conseguiam sentir que eram os Mortos.

— O que as Mãos estão fazendo? — murmurou Lirael. Apesar de estarem escondidos no alto da cumeada no meio das árvores e fetos, tinha ainda a sensação de que estavam prestes a ser detectados por Hedge e os seus servos.

— Não sei bem — respondeu Sam. — Deslocando algo... creio. Na direção do lago.

— Sim — disse a Cadela, que se encontrava agora de pé, completamente hirta, ao lado de Lirael. — Estão arrastando os dois hemisférios de prata, com um intervalo de trezentos passos.

Mogget sibilou por trás da orelha de Sam, que sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Cada hemisfério aprisiona metade de um espírito antigo — afirmou a Cadela. A sua voz era muito baixa. — Um espírito do Começo, antes da Carta ser criada.

— Aquele que disse a Mogget para não nomear — murmurou Lirael. — O Destruidor.

— Sim — respondeu a Cadela. — Foi aprisionado há muito tempo e fechado dentro dos hemisférios de prata e os hemisférios estavam enterrados fundo sob proteções de prata, ouro e chumbo. sorveira-brava, cinza e carvalho; e a sétima proteção era osso.

— Portanto, continua aprisionado — apressou-se Sam a murmurar. — Quer dizer, eles desenterraram os hemisférios, mas aquilo continua preso dentro deles, não é?

— No momento — disse a Cadela. — Mas quando a prisão não funcionar, são poucas as esperanças de voltar a ser preso. Alguém deve ter descoberto uma maneira de juntar os hemisférios, muito embora não adivinhe como e para onde vão levá-los...

— Lamento decepcioná-la, Dona — acrescentou, deitando-se sobre a barriga, enterrando o queixo no solo, infeliz.

— O quê? — perguntou Lirael, olhando para a Cadela deprimida.

Por um momento não lhe ocorreu nada que dizer. Depois, sentiu uma vozinha dentro dela perguntar: "O que faria um Abhorsen?", e soube que devia ser o que lhe competia ser. Destemida, muito embora se sentisse precisamente o contrário.

— Do que está falando? A culpa não é sua. Tremeu-lhe a voz por um segundo, mas disfarçou com uma tossidela antes de prosseguir. — Além disso, o... o Destruidor continua preso. Teremos apenas de impedir que aqueles hemisférios se juntem ou lá o que quer que Hedge pretende fazer com eles.

— Devíamos salvar Nick — disse Sam. Engoliu sonoramente, depois acrescentou: — Muito embora estejam lá embaixo montes de Mortos.

— É isso! — exclamou Lirael. — É isso que podemos fazer para começar, pelo menos. Nick saberá exatamente para onde tencionam levar os hemisférios.

— Ela também faz planos como a sua mãe — comentou Mogget.

— O que é que é que devíamos fazer? Caminhar até lá e pedir a Hedge que nos entregue o rapaz?

— Mogget... — começou a dizer Sam e a Cadela rosnou, mas Lirael sobrepôs a sua voz à deles. Ocorrera-lhe um plano possível e queria expô-lo antes que começasse a parecer desesperado.

— Não seja absurdo, Mogget. Descansaremos um pouco; depois vou vestir a pele da Carta que preparei no barco e voarei até lá como uma coruja. A Cadela também pode voar, e entre ambas, havemos de encontrar Nick e tirá-lo de lá. Você e Sam podem seguir-nos e nos encontraremos perto de água corrente...

aquele riacho ali. Nessa hora, teremos luz do dia e água corrente e poderemos saber por Nick o que vai acontecer. O que acha?

— É só o quarto plano mais estúpido que jamais ouvi de um Abhorsen — replicou Mogget. — Agrada-me aquela parte de dormir um pouco, apesar de te ter esquecido de mencionar o jantar.

— Não sei se deveria ser você a voar — afirmou Sam, constrangido. — Tenho certeza que consigo me enfiar na forma da coruja e poderia convencer melhor Nick a vir conosco. E como é que a Cadela pode voar?

— Não haverá necessidade de convencimento — rosnou a Cadela. — O seu amigo Nick deve ser sobretudo uma criatura do Destruidor. Ele terá de ser obrigado... e nós temos de estar atentos a ele e a quaisquer poderes que lhe possam ter sido concedidos. Quanto a voar, encolho de tamanho e crescem-me asas.

— Oh — comentou Sam. — Claro. Crescem asas.

— Teremos também de estar atentos a Hedge — acrescentou Lirael, que se perguntava tardiamente se afinal não existiria um plano melhor. — Mas terei de ser eu a usar a pele da Carta. Eu a fiz para o meu tamanho, não te serviria. Espero que não esteja muito amarrotada na minha mochila.

— Levarei pelo menos duas horas descendo até àquele riacho, já que não posso voar — disse Sam, olhando para a cumeada. — Talvez devêssemos ir todos à noite; assim você pode voar daqui. Desse modo ficarei mais perto e imediatamente a postos se houver algum problema. E você poderia me emprestar o seu arco, para proteger algumas setas com uma fórmula enquanto fico esperando.

— Boa idéia — afirmou Lirael. — Devíamos continuar. Mas o arco não será de muita utilidade se continuar a chover, e não creio que devamos arriscar mais qualquer magia do tempo para fazê-la parar. Isso iria nos denunciar, com certeza.

— Ela vai parar antes do amanhecer — disse a Cadela com grande autoridade.

— Hum — respondeu Mogget. — Qualquer um podia ter dito isso. Está parando neste momento, para que conste.

Sam e Lirael olharam através da abóbada de árvores e era verdade, muito embora a tempestade a noroeste fosse constante, as nuvens por cima e a leste estavam afastando-se, mostrando uma tênue faixa vermelha de sol e a primeira estrela da noite. Era Uallus, a estrela vermelha que indicava o caminho para norte. Lirael animou-se ao vê-la, apesar de saber que era apenas uma história de pastores que dizia que Uallus concedia sorte se fosse a primeira estrela a aparecer no céu.

— Muito bem — disse Lirael. — Detesto voar com chuva. As penas molhadas são um incômodo.

Sam não respondeu. Estava escurecendo, mas os relâmpagos à volta do poço permitiam distinguir algumas coisas lá embaixo no vale, embora de uma forma entrecortada. Havia uma mancha em forma de quadrado que podia perfeitamente ser uma tenda. Provavelmente a tenda de Nick, pois não se avistavam quaisquer outras.

— Aguenta-se, Nick — murmurou Sam. — Nós vamos salvá-lo.

Primeiro Interlúdio

A mão de Touchstone agarrou o ombro de Sabriel enquanto estavam debaixo do carro. Nenhum deles conseguia ouvir depois da explosão e tinham ficado atordoados do choque. Muitos dos seus guardas jaziam mortos em torno deles, embora os seus olhos não conseguissem absorver a terrível destruição humana que os rodeava. De qualquer forma, estavam atentos aos seus prováveis assassinos. Conseguiram ver os pés deles aproximando-se e as suas gargalhadas chegavam abafadas e de longe, como vizinhos barulhentos do outro lado de uma parede.

Touchstone e Sabriel avançaram rastejando, as pistolas na mão. Os dois guardas que tinham conseguido também enfiar-se debaixo do carro rastejaram igualmente. Uma era Veran, percebeu Sabriel, agarrando ainda a pistola apesar do sangue que lhe escorria pelas mãos. O outro sobrevivente era o mais velho de todos os guardas, Barlest, e o seu cabelo grisalho manchado perdera a alvura. Tinha uma espingarda metralhadora e preparava-a para disparar.

Os assassinos viram o movimento, mas era tarde demais. Os quatro sobreviventes dispararam quase ao mesmo tempo e as gargalhadas perderam-se num ataque de fogo súbito. Os cartuchos de latão vazios caíram para baixo do carro e o cheiro acre ergueu-se por entre as rodas.

— Para o barco! — gritou Barlest a Sabriel, indicando atrás de si. A princípio, ela não o conseguiu ouvir em condições, até ele ter gritado três vezes: — Barco! Barco! Barco!

Touchstone ouviu também. Olhou para Sabriel e ela viu o medo nos seus olhos. Mas era medo por ela, sabia, não por si próprio. Ela fez sinal na direção da rua estreita que passava por entre as casas atrás deles. O caminho os levaria a Praça Larnery e à Escada do Guarda-Portão. Tinham lá barcos e mais guardas disfarçados de comerciantes fluviais. Damed preparara cuidadosamente diversas vias de fuga, mas esta era a mais próxima. Como em tudo, pensara apenas na segurança do seu Rei e da sua Rainha.

— Vão! — gritou Barlest. Mudara o tambor da sua espingarda automática e começara a disparar rajadas curtas para a direita e para a esquerda, obrigando quaisquer atacantes que tivessem conseguido voltar a abrigar-se a manter as cabeças baixas.

Touchstone agarrou o ombro de Barlest por um último breve momento, depois girou sobre si próprio e deslocou-se até ao outro lado do carro. Sabriel rastejou ao lado dele e as suas mãos tocaram-se por breves instantes. Veran, ao lado dela, respirou fundo e arremessou-se para fora, pondo-se em pé de um salto

e correndo assim que o carro deixou de protegê-la. Alcançou a rua estreita, acocorou-se atrás de uma boca de incêndio e cobriu Sabriel e Touchstone enquanto a seguiam. Mas de momento não havia disparos além das rajadas disciplinadas de Barlest, ainda debaixo do carro.

— Venha! — bradou Touchstone, virando-se à entrada da rua estreita. Mas Barlest não foi e Veran agarrou Touchstone e Sabriel e empurrou-os para a rua estreita, gritando: — Vão! Vão!

Ouviram Barlest soltar um grito de batalha atrás deles, ouviram os seus passos quando saiu de baixo do carro do outro lado. Houve uma longa rajada trepidante de disparos automáticos e vários tiros isolados mais altos. Depois, silêncio, à exceção do ruído das suas próprias botas no empedrado, o arfar das suas respirações difíceis e o bater dos seus corações.

A Praça Larnery estava vazia. O jardim central, normalmente o paraíso de amas e bebês, estava completamente destituído de vida. Provavelmente a explosão dera-se há apenas alguns minutos, mas fora o suficiente. Havia imensa agitação em Corvere desde a revolta de Corolini e dos seus rufiões do Nosso País, e os cidadãos comuns tinham aprendido a retirar-se rapidamente das ruas.

Touchstone, Sabriel e Veran correram carrancudos pela praça e desceram a Escada do Guarda-Portão do outro lado. Um barqueiro embriagado viu-os, três figuras empunhando armas manchadas de sangue e pior do que isso e não estava tão ébrio assim para se pôr no caminho. Agachou-se de um dos lados, curvando-se na menor bola possível.

O Rio Sethem corria sujo pelo pequeno cais ao fundo dos degraus. Um homem com botas de borracha até o meio da coxa e os farrapos do que restava da roupa de um dragador de maré encontrava-se ali, as mãos dentro de um barril que supostamente acabara de retirar dos baixios lamacentos do rio. Quando ouviu os passos nas escadas, as suas mãos retiraram uma espingarda de canos serrados, com o cão para baixo.

— Querei! Um salvamento! — gritou Veran.

O homem levantou cuidadosamente o cão da espingarda, retirou um apito de baixo dos seus andrajos múltiplos e soprou-o várias vezes. Ouviu-se um apito responder e diversos outros Guardas Reais saltaram de um barco escondido debaixo do cais, já que o rio estava na maré baixa. Todos os guardas se encontravam armados e à espera de problemas, todavia, pelas suas expressões, nenhum contava com o que viu.

— Uma emboscada — exclamou rapidamente Touchstone, quando se aproximaram. — Temos de fugir imediatamente.

Antes de ter tempo de dizer algo mais, muitas mãos agarraram-no e a Sabriel e atiraram-nos praticamente para o convés do barco que aguardava,

Veran saltando atrás deles. A embarcação, um navio fluvial de carga adaptado, estava cerca de dois metros abaixo do cais, mas havia mais mãos para agarrá-los. No momento em que foram enfiados depressa na cabina protegida por sacos de areia, o motor passou de um trabalhar lento a uma forte vibração e o barco começou a pôr-se em movimento.

Sabriel e Touchstone olharam um para o outro, tranquilizando-se por ainda estarem vivos e relativamente incólumes, apesar de sangrarem ambos de pequenos golpes causados pelos estilhaços.

— Chega — disse Touchstone, pousando a pistola. — Cansei de Ancelstierre.

— Sim — respondeu Sabriel. — Ou o país é que se fartou de nós. Agora não contaremos aqui com qualquer ajuda.

Touchstone suspirou e, pegando um pano, limpou o sangue do rosto de Sabriel. Ela fez-lhe o mesmo, depois ficaram ali de pé e abraçaram-se por breves instantes. Ambos tremiam e não tentaram disfarçar.

— Era melhor tratar dos ferimentos de Veran — disse Sabriel quando se soltaram. — E estabelecer um rumo para nos levar para casa.

— A casa! — confirmou Touchstone, mas nem sequer essa palavra foi dita sem que ambos sentissem um receio inexpresso. Tendo estado tão perto da morte naquele dia, recearam que os filhos pudessem enfrentar perigos ainda maiores e, como ambos sabiam muito bem, havia destinos bem piores do que a simples morte.

Segunda Parte

UM SONHO COM CORUJAS E CÃES VOADORES

Nick voltara a ter o mesmo sonho, com a Armadilha dos Raios e os hemisférios juntando-se. Depois, o sonho mudara subitamente e pareceu-lhe estar deitado em uma cama de peles numa tenda. Ouvia o tamborilar lento da chuva na lona por cima da sua cabeça e o som dos trovões, e toda a tenda era iluminada pelo tremeluzir constante dos relâmpagos.

Nick sentou-se e viu uma coruja empoleirada na sua arca de viagem, olhando para ele com enormes olhos dourados. E havia um cão sentado ao lado da sua cama. Um cão preto e castanho-amarelado pouco maior do que um cão de toca, de cujos ombros saíam asas enormes com penas. Pelo menos sempre era um sonho diferente, pensou uma parte dele. Devia estar quase acordado, e este era um daqueles fragmentos de sonho que precede a vigília total, em que a realidade e a fantasia se misturam. Era a sua tenda, mas uma coruja e um cão alado!

”O que quererá dizer?”, pensou Nick, piscando os seus olhos dentro do sonho.

Lirael e a Cadela Sem Vergonha observavam-no enquanto ele as olhava, os seus olhos sonolentos mas ainda cheios de um brilho febril. Levou a mão ao peito, os dedos curvaram-se como se para agarrar o coração. Pestanejou duas vezes, depois fechou os olhos e deitou-se sobre as peles.

— Ele está realmente doente — murmurou Lirael. — Tem um aspecto horrível. E existe algo mais nele... não o posso dizer em concreto com esta forma. Um mal.

— Existe algo do Destruidor nele — rosnou a Cadela baixinho. — Um estilhaço dos hemisférios de prata, o mais provável, misturada com um fragmento do seu poder. Está consumindo-o, corpo e espírito. Ele está sendo usado como avatar do Destruidor. Um porta-voz. Não podemos despertar esta força dentro dele.

— Como o levamos sem que isso aconteça? — perguntou Lirael. — Ele nem sequer parece ter forças suficientes para sair da cama, quanto mais caminhar.

— Eu posso caminhar — protestou Nick, abrindo os olhos e voltando a sentar-se. Já que aquele era o sonho dele, com certeza poderia participar na conversa entre o cão alado e a coruja faladora. — Quem é o Destruidor e que coisa é essa que está me consumindo? Eu devo ter apenas uma gripe forte ou

algo assim.

— Provoca-me alucinações — acrescentou. — E tenho sonhos vivos. Um cão alado! Hah!

— Ele acha que está sonhando — disse a Cadela. — Ainda bem. O Destruidor não despertará nele a menos que se sinta ameaçado ou exista Magia da Carta por perto. Tenha cuidado, não lhe toque com a tua pele da Carta, Dona!

— Eu não posso ter uma coruja empoleirada na minha cabeça. — Nick soltou uma risada como dentro de um sonho. — Ou sequer um cão.

— Aposto que ele não consegue se levantar e vestir — afirmou Lirael com malícia.

— Posso, sim — respondeu Nick, atirando imediatamente as pernas para fora e deslizando da cama. — Eu posso fazer o que quiser num sonho. Seja o que for.

Vacilando um pouco, despiu o pijama, inconsciente de qualquer necessidade de decoro à frente das criaturas do seu sonho e ficou ali, em pêlo. Parecia muito magro, pensou Lirael e ficou surpresa por sentir uma pontada de preocupação. Sobressaíam-lhe as costelas... e tudo o mais, agora.

— Estão vendo? — disse ele. — De pé e vestido.

— Precisa de mais algumas roupas — sugeriu Lirael. — Pode voltar a chover.

— Tenho um chapéu-de-chuva — declarou Nick. Depois, o seu rosto ensombrou-se. — Não, partiu-se. Vou buscar o meu casaco.

Cantarolando para si mesmo, dirigiu-se à arca e levou a mão à tampa. Lirael, surpresa, levantou vôo a tempo e veio empoleirar-se na cama que ficara vazia.

— A Coruja e o Gato foram... — cantou Nick enquanto retirava roupa interior, calças e um casaco comprido e os vestia, esquecendo a camisa. — Só que está tudo errado no meu sonho ... porque você não é um gato. Você é... um...

— Um cão alado — concluiu, estendendo a mão para tocar no focinho da Cadela Sem Vergonha. A solidez daquela sensação pareceu surpreendê-lo, e o afluxo de febre intensificou-se no seu rosto.

— Estou sonhando? — perguntou subitamente, batendo no rosto. — Não estou, não é? Eu... só... estou... ficando... louco.

— Você não está louco — amenizou Lirael. — Mas estás doente. Está com febre.

— Sim, sim, eu sei — concordou Nick, contrafeito, apalpando a testa suada com as costas da mão. — Tenho de voltar para a cama. Hedge mandou, antes de ir buscar a outra barca.

— Não — ordenou Lirael, a sua voz estranhamente forte para o seu

pequeno bico de coruja. Ao ouvir que Hedge estava ausente, teve certeza que devia aproveitar esta oportunidade. — Precisa de ar fresco. Cadela, consegue fazê-lo caminhar? Como fez com o besteiro?

— Talvez — rosnou a Cadela. — Sinto várias forças ativas dentro dele e até um fragmento do Destruidor aprisionado é uma força a considerar. Alertará também os Mortos.

— Eles continuam arrastando os hemisférios até ao lago — disse Lirael. — Levarão um tempo para chegar aqui. Por isso, acho melhor que o faça.

— Vou voltar para a cama — anunciou Nick, agarrando a cabeça com as mãos. — E quanto mais depressa regressar a Ancelstierre, melhor.

— Você não vai voltar para a cama — rosnou a Cadela, avançando para ele. — Você vem dar um passeio!

Com aquela palavra, latiu, um latido tão profundo e sonoro que a tenda foi sacudida, os postes estremecendo com a ressonância. Lirael sentiu-se atingida pela sua força, eriçando-lhe as penas. Fez também saltar dela faíscas, quando a Magia Livre se confrontou com as marcas da Carta da sua forma alterada.

— Siga-me! — ordenou a Cadela virando-se e abandonando a tenda. Nick deu três passos atrás dela, mas parou à entrada, agarrando a aba de lona.

— Não, não, não posso — murmurou, os músculos movendo-se em estranhos espasmos debaixo da pele do pescoço e das mãos.

— Hedge mandou-me ficar. É melhor eu ficar.

A Cadela voltou a latir, com mais intensidade, ouvindo-se o ruído acima do constante trovejar. Brilhou uma coroa de faíscas à volta de Lirael e o pijama descartado debaixo das garras dela pegou subitamente fogo, obrigando-a a sair da tenda voando.

Nick estremeceu e contorceu-se quando a força do latido o atingiu. Caiu de joelhos e começou a rastejar até fora da tenda, gemendo e gritando por Hedge. Lirael voava em círculos por cima dele, olhando para oeste.

— Ponha-se em pé — ordenou a Cadela. — Caminhe. Siga-me.

Nick levantou-se, deu vários passos, depois ficou estático. Revirou os olhos e, da sua boca aberta, começaram a sair fios de fumaça branca.

— Dona! — gritou a Cadela. — O fragmento desperta nele! Precisa retomar sua forma e subjugá-lo com os sinos!

Lirael caiu feito uma pedra, invocando imediatamente as marcas da Carta para retirar a pele de coruja que usava. Mas não antes dos seus enormes olhos dourados terem penetrado a noite enfeitada com relâmpagos até ao lugar onde os Mortos labutavam para deslocar os hemisférios de prata. Centenas de Mãos Mortas tinham já largado as cordas e viravam-se na direção da tenda. Passado um momento, começaram a correr, o som acumulado de centenas de

articulações secas estalando, compondo um fundo sinistro para os trovões. As Mãos na frente lutaram entre si para passar, enquanto eram atraídas pelo fascínio da magia e a promessa de uma vida preciosa a não desperdiçar. Vida para saciar a sua fome eterna.

A Cadela voltou a latir quando se elevou fumaça do nariz de Nick, mas pareceu surtir pouco efeito. Lirael apenas pôde observar o rolo de fumaça branca enquanto ficava momentaneamente presa dentro de um tornado de luz intensa, enquanto a pele da Carta regressava às suas marcas componentes.

Depois, estava ali na sua própria forma, estendendo as mãos para Saraneth e Nehima. Mas estava ali também algo mais, alguma presença que ardia dentro de Nick, enchendo-o de um brilho interior que fazia ferver as gotas de chuva quando estas lhe caíam na pele. O fedor de metal quente da Magia Livre saiu dele rolando numa onda enquanto uma voz que não era a de Nicholas, partiu da sua boca, acompanhada de baforadas de fumaça branca.

— Como se atreve? Ah... eu devia ter contado contigo, intrometida, e uma das suas irmãs...

— Rápido, Lirael! — bradou a Cadela. — Ranna e Saraneth em conjunto com o meu latido!

— A mim, meus servos! — gritou a voz de dentro de Nick, uma voz muito mais sonora e horrível do que podia provir de qualquer garganta humana. Ouviu-se muito acima dos trovões, estendendo-se pelo vale. Todos os Mortos ouviram, mesmo aqueles que se afadigavam ainda estupidamente com as cordas e todos acorreram, uma onda de carne putrefata fluindo de ambos os lados do poço, precipitando-se para o feixe luminoso da tenda ardendo, onde o seu Amo principal chamava.

Outros a ouviram também, apesar de se encontrarem mais distantes do que qualquer som conseguia alcançar. Hedge praguejou e virou-se de lado para matar um desafortunado cavalo, para que pudesse criar uma montaria que não receasse transportá-lo. Muitas léguas para leste, Chlorr afastou-se da margem do rio próximo da Casa do Abhorsen e começou a correr, um imenso vulto de fogo e escuridão que se deslocava mais depressa do que quaisquer pernas humanas conseguiriam transportar. Lirael largou a espada e retirou Ranna, tão apressadamente que o sino tiniu fugazmente e uma onda de cansaço a invadiu. Ainda lhe doía o pulso do seu encontro na Morte, mas nem a dor nem o protesto de Ranna foram suficientes para detê-la. As páginas relevantes d'O *Livro dos Mortos* surgiram na sua mente, mostrando-lhe o que fazer. E assim fez, reunindo o som suave de Ranna à força profunda de Saraneth e a eles o latido áspero e imperativo da Cadela.

O som envolveu Nick, e a voz que falou de dentro dele diminuiu.

Porém, uma vontade enfurecida combatia a fórmula, uma vontade que Lirael sentia estar empurrando-a, lutando contra as forças combinadas do sino e do latido. Depois, subitamente, a resistência cessou e Nick caiu por terra, o fumaça branca voltando rapidamente para dentro do nariz e da garganta.

— Depressa! Depressa! Levante-o! — instou a Cadela. — Vire para sul e dirija-se para o local de encontro. Eu os retenho aqui!

— Mas... Ranna e Saraneth... ele estará adormecido — protestou Lirael ao guardar os sinos e endireitar Nick. Era muito mais leve do que esperava, mais leve até do que parecia. Obviamente que estava consumido até ao osso.

— Não, apenas o estilhaço dentro dele dorme — disse a Cadela, rapidamente. Recolhera as asas e crescia para o seu tamanho de combate. — Bata-lhe e corra.

Lirael obedeceu, apesar de achar uma crueldade. A estalada deixou-lhe a palma da mão ardendo, mas despertou efetivamente Nick. Ele gritou, olhou à sua volta esgazeado e tentou libertar-se da força de Lirael no seu braço.

— Corra! — ordenou-lhe, arrastando-o, com uma pausa momentânea para apanhar Nehima. — Corra, senão trespasso-o com isto.

Nick olhou para ela, para a tenda queimando, para a Cadela e a horda do que ele julgava serem trabalhadores doentes avançando, o seu rosto lívido do choque e do espanto. Depois, começou a correr, obedecendo ao puxão de Lirael no seu braço para o obrigar a dirigir-se para sul.

Atrás deles, a Cadela destacava-se no clarão do incêndio, agora uma sombra sinistra, seguramente com metro e meio de altura até às espáduas. As marcas da Carta que circulavam na sua coleira brilharam misteriosamente com as suas cores, mais fortes do que o clarão vermelho e amarelo da tenda. A Magia Livre pulsava debaixo da coleira, e as chamas vermelhas escorriam como saliva da sua boca.

A primeira massa de Mãos Mortas viu-a e abrandou, sem saber o que era e até que ponto podia ser poderosa.

Depois a Cadela Sem Vergonha latiu, e as Mãos Mortas estremeceram e uivaram quando uma força que conheciam e temiam as agarrou, um ataque da Magia Livre que as fez largar os seus corpos putrescentes... e os obrigou a regressar à Morte.

Mas a cada uma que tombava, havia uma dúzia que avançava, as suas mãos esqueléticas ávidas prontas a agarrar e rasgar, os seus dentes partidos e manchados da tumba ansiosos por se cravar em qualquer carne, mágica ou não.

O PRÍNCIPE SAMETH E HEDGE

Lirael ia a meio do caminho de regresso ao ponto de encontro com Sam quando Nick caiu e não conseguiu levantar. O rosto dele patenteava a febre e o esgotamento, e não conseguia respirar. Deitou-se no solo olhando para ela com ar apatetado, como se aguardasse uma execução.

E era provavelmente o que parecia, percebeu ela, uma vez que estava de pé acima dele empunhando uma espada desembainhada erguida no ar. Lirael embainhou Nehima e parou de franzir as sobrancelhas, mas viu que ele estava muito doente e cansado para compreender que tentava tranquilizá-lo.

— Parece que vou ter de carregá-lo — disse ela, a sua voz um misto em partes iguais de exaustão e desespero. Não era nada pesado, mas teria de percorrer pelo menos oitocentos metros até o riacho. E não sabia quanto tempo o estilhaço do Destruidor, ou lá o que se encontrava dentro dele, se manteria subjugado.

— Porque... porque está fazendo isto? — gemeu Nick quando ela o colocou ao ombro. — A experiência irá continuar sem mim, você sabe.

Lirael aprendera na Grande Biblioteca das Clayr a transportar pessoas ao estilo dos bombeiros, muito embora não treinasse há vários anos. Não desde que a destilaria clandestina de Kemmeru se incendiara quando Lirael se encontrava no seu turno na brigada de incêndio das bibliotecárias. Ficou satisfeita por não ter se esquecido da técnica e por Nick ser muito mais leve do que Kemmeru. Não que fosse uma comparação justa, já que Kemmeru insistira em ser levada com os seus livros preferidos.

— Seu amigo Sam pode explicar — arquejou Lirael. Ouvia ainda a Cadela ladrando em algum lugar atrás de si, o que era bom, mas tinha dificuldade em ver para onde ia, uma vez que contava apenas com a luz tênue que antecede a manhã, nem sequer suficiente para projetar uma sombra. Fora muito mais fácil atravessar esta extensão do vale como uma coruja.

— Sam? — perguntou Nick. — O que é que Sam tem a ver com isto?

— Ele explicará — respondeu Lirael concisamente, poupando o fôlego. Olhou para cima, tentando determinar novamente a sua posição por Uallus. Mas encontravam-se ainda muito próximo do poço e tudo o que conseguia ver eram nuvens de trovoada e relâmpagos. Pelo menos parara de chover e as nuvens mais naturais estavam se dispersando lentamente.

Lirael continuou a caminhar, mas com uma crescente suspeita de que de

alguma forma se desviara do caminho e já não seguia na direção certa. Teria de prestar mais atenção quando voasse, pensou Lirael, altura em que tudo se estendia por baixo dela numa bela manta de retalhos.

— Hedge me salvará — murmurou Nick, debilitado, a sua voz rouca e estranha, em particular dado que vinha de algum lugar próximo da fivela do cinto dela, pois ia pendurado às costas.

Lirael ignorou-o. Já não conseguia ouvir a Cadela e o solo estava ficando encharcado debaixo dos seus pés, o que não fazia sentido. Mas havia uma massa difusa lá à frente. Talvez arbustos. Talvez os que ladeavam o riacho onde Sam aguardava.

Lirael continuou a avançar, o peso extra de Nick enterrando-lhe os pés fundo no solo encharcado. Conseguiu ver o que havia pela frente, agora estava suficientemente perto e era mais forte a luz do Sol nascente. Eram canas, não arbustos. Canas altas com cabeças vermelhas floridas, as canas que davam o seu nome ao Lago Vermelho, devido ao pólen que coloria as margens do lago com uma camada escarlate brilhante.

Enganara-se por completo no caminho, percebeu Lirael. Devia ter virado para oeste. Agora encontrava-se à beira do lago, e os Corvos de Sangue Coagulado em breve a encontrariam. A menos que, pensou, não conseguissem vê-la. Içou mais Nick e curvou-se ligeiramente para equilibrar o peso. Ele gemeu de dor, mas Lirael ignorou-o e continuou a avançar pelo canavial.

Em breve a lama deu lugar à água, que lhe chegava às canelas. As canas cresciam cada vez mais juntas, as suas cabeças floridas erguendo-se acima dela. Mas havia um caminho estreito onde as canas haviam sido derrubadas, permitindo a passagem através delas. Seguiu esse caminho, embrenhando-se mais e mais no pântano cheio de canas.

Sam desenhou outra marca do fluxo infinito da Carta e aplicou-a na seta que segurava sobre os joelhos, vendo-a espalhar-se como óleo sobre o aço cortante da ponta. Era a marca final para esta seta. Colocara já marcas de precisão e força na haste, marcas para deslocamento e sorte na extremidade e marcas para desemaranhar e expulsar na ponta. Era a última seta de vinte, agora todas com fórmulas para serem armas de grande utilidade contra os Mortos Menores, no mínimo. Sam levava duas horas preparando as vinte e estava um pouco cansado. Não se deu conta de que teria sido necessária a maior parte do dia para os outros Magos da Carta. Sam sempre tivera muita facilidade em aplicar a magia em objetos inanimados.

Estava fazendo este trabalho sentado na extremidade seca de um tronco meio submerso que se projetava do riacho. Era um bom riacho, da perspectiva de

Sam, porque tinha pelo menos quinze metros de largura, era muito fundo e rápido. Podia ser atravessado por intermédio do tronco e saltando sobre duas pedras grandes, mas Sam não achou que os Mortos fossem fazê-lo.

Sam colocou a seta pronta de novo na aljava que encaixava na mochila de Lirael e colocou-a no ombro. A sua própria mochila encontrava-se encostada à margem do riacho, com Mogget adormecido em cima dela. Mas este já lá não estava, percebeu Sam, debruçando-se para ver com mais clareza no lusco-fusco. O remendo na aba desaparecera por completo e não havia sinal do gato na bolsa de cima.

Sam olhou cuidadosamente ao seu redor, mas não conseguiu ver nada se mexendo, e a claridade era insuficiente para detectar algo imóvel ou escondido. Também não conseguia ouvir nada de suspeito — apenas o rumorejar do riacho e o trovão distante da tempestade de relâmpagos à volta do poço.

Mogget nunca escapulira antes daquela forma, e Sam confiava ainda menos naquela coisa que era o pequeno gato branco do que antes da estranha experiência nos túneis por baixo da Casa. Lentamente, tirou o arco de Lirael da aljava e colocou uma seta. A espada estava a seu lado, mas com a manhã, havia apenas claridade suficiente para disparar com precisão a uma pequena distância. Pelo menos até ao outro lado do riacho, que Sam não fazia tenções de atravessar.

Algo se moveu do outro lado. Uma pequena forma branca, caminhando furtivamente perto da água. Provavelmente seria Mogget, pensou Sam, espreitando no escuro. Provavelmente. Aquilo aproximou-se mais. E os seus dedos crispavam-se na corda.

— Mogget? — murmurou, os nervos tão tensos quanto o arco.

— É claro que sou eu, estúpido! — respondeu a forma branca, saltando agilmente de rocha em rocha e depois para o tronco. — Poupe as suas setas, irá precisar delas. Há cerca de duzentas Mãos Mortas a dirigindo-se para cá!

— O quê! — exclamou Sam. — E Lirael e Nick? Estão bem?

— Não sei — respondeu Mogget, calmamente. — Fui ver o que acontecia quando a nossa companheira canina começou a ladrar. Ela vem nesta direção, impetuosamente perseguida, mas não consegui ver Lirael nem o seu amigo incômodo. Ah... creio que agora é a Cadela Descarada.

As palavras de Mogget foram seguidas por um enorme chapinhar quando a Cadela apareceu subitamente na margem oposta e mergulhou no riacho, enviando uma cascata de água em todas as direções, mas principalmente sobre Mogget.

A seguir, a Cadela encontrava-se ao lado deles, sacudindo-se tão vigorosamente que Sam teve de retirar o arco do caminho.

— Rápido — arfou ela. — Precisamos sair daqui! Fique deste lado e

dirija-se para jusante!

Assim que falou, a Cadela partiu novamente, trotando com agilidade pela margem do riacho. Sam saltou do tronco, pegou sua mochila, colocou-a às costas e foi aos tropeções atrás da Cadela, as perguntas brotando-lhe da boca enquanto corria. Com a mochila de Lirael às costas, o arco e uma seta numa mão e a sua própria mochila na outra mão, foi necessária grande concentração da sua parte para não tropeçar e cair no riacho.

— Lirael... e Nick? O que... não podemos parar... tenho de compor tudo isto...

— Lirael foi para o canavial, mas o necromante apareceu subitamente, por isso não podia continuar sem levá-lo até ela — disse a Cadela, virando a cabeça para trás enquanto corria. — Por isso não podemos esperar!

Sam olhou também para trás e caiu de imediato por cima da sua mochila, largando tanto o arco como a seta. Enquanto se punha em pé, viu um muro de Mãos Mortas parar com um solavanco do outro lado do riacho, próximo do tronco afundado. Eram centenas, uma enorme massa escura de figuras contorcendo-se, de imediato começou a acompanhar a corrida da Cadela na outra margem.

No meio das Mãos Mortas, destacava-se uma figura. Um homem envolto numa capa vermelho-chama, montando um cavalo que era principalmente esqueleto, apesar de lhe pender ainda alguma carne do pescoço e das cernelhas.

Hedge. Sam sentiu a sua presença como um choque de água fria e uma dor aguda nos pulsos. Hedge gritava algo — talvez uma fórmula — mas Sam não a ouviu, porque tentava apanhar o arco e tirar outra seta. Estava ainda muito escuro e a uma boa distância, pensou, mas não longe demais para um tiro de sorte, no silêncio que precede a manhã.

Tão rápido quanto aquele pensamento, colocou uma seta e retesou o arco. Por um instante, toda a sua concentração se dirigiu para uma linha entre si próprio e aquela forma de fogo e escuridão.

Depois disparou, e a seta mágica partiu dele como uma faísca azul. Sam observou-a, todo esperançoso, enquanto ela se deslocava tão fiel quanto podia desejar e a seta atingiu o necromante com uma chama de fogo branco no vermelho. Hedge caiu do seu cavalo-esqueleto, que se empinou e depois mergulhou de cabeça, esmagando várias fileiras de Mãos Mortas que foram mergulhar na água numa explosão de faíscas brancas e gritos estridentes. Instintivamente, soubera libertar-se e sofrer a morte derradeira.

— Aquilo vai irritá-lo — disse Mogget de em algum lugar perto dos pés de Sam.

A súbita esperança de Sam morreu quando viu Hedge levantar-se, arrancar a seta da garganta e atirá-la para o chão.

— Não desperdice outra nele — disse a Cadela. — Ele não pode ser morto por uma seta, por mais fórmulas que contenha.

Sam anuiu, carrancudo, atirou o arco para o lado e desembainhou a espada. Apesar do riacho poder reter as Mãos Mortas, sabia que não iria impedir Hedge.

Hedge desembainhou a sua própria espada e avançou, as suas Mãos Mortas afastando-se para formar um corredor. À beira do riacho, o necromante sorria de orelha a orelha e o fogo vermelho dançou-lhe à volta dos dentes. Enfiou uma bota no riacho — e sorriu de novo enquanto a água irrompia em vapor.

— Vá ajudar Lirael — ordenou Sam à Cadela. — Eu aguentarei Hedge o máximo possível. Mogget você me ajuda?

Mogget não respondeu, nem se via em lugar nenhum.

— Boa sorte — disse a Cadela. Depois desapareceu, correndo pela margem para oeste.

Sam respirou fundo e abaixou-se em posição defensiva. Este era o seu pior receio, deparar-se com a terrível realidade. Novamente sozinho e tendo de enfrentar Hedge.

Sam alcançou a Carta, tanto para se reconfortar como para estar pronto para lançar uma fórmula. A sua respiração acalmou-se quando sentiu o fluxo familiar a envolvê-lo e, quase sem pensar, começou a desenhar marcas da Carta, murmurando os seus nomes baixinho enquanto caíam na sua mão aberta.

Hedge deu outro passo. Estava agora envolto em vapor e quase obscurecido por completo, o riacho borbulhando e ficando turvo tanto a montante como a jusante. Com uma sensação de receio, Sam viu que o necromante estava efetivamente deixando o rio ferver até se evaporar. Havia manifestamente menos água abaixo dele, o leito do riacho começava a tornar-se visível enquanto as Mãos Mortas principiavam a mover-se.

Hedge não teria sequer de lutar com ele, pensou Sam. Bastava-lhe ficar de pé no riacho e as suas Mãos Mortas atravessariam e acabariam com ele. Apesar de ter as flautas de Pan, Sam não sabia usá-las devidamente e havia simplesmente muitas Mãos.

Só podia fazer uma coisa. Sam teria de atacar Hedge no riacho e matá-lo antes das Mãos conseguirem atravessar. Se conseguisse matar Hedge, dizia uma vozinha insistente lá ao fundo dentro da sua mente. "Não seria preferível fugir? Fugir antes de voltar a ser queimado e o seu espírito ser arrancado da carne e levado pelo necromante..."

Sam afastou aquele pensamento, enviando a voz insistente para bem longe até aos recessos da sua mente, a ponto de se tornar apenas um murmúrio sem sentido. Depois, deixou que as marcas da Carta que segurava na mão caíssem no nada, alcançou de novo a Carta e retirou toda uma nova sequência de marcas. Ao invocá-las, Sam traçou as marcas sobre as pernas com um dedo. Marcas de proteção, de reflexo, de diversão. Reuniram-se e brilharam ali, envolvendo as suas pernas numa armadura de Magia da Carta que resistisse ao vapor e à água fervente.

Olhou para baixo apenas durante dez ou talvez quinze segundos. Mas quando ergueu de novo o olhar, Hedge desaparecera. O vapor dissipava-se e a água fluía de novo. As Mãos Mortas estavam virando-lhe as costas e deslocavam-se pesadamente, deixando o solo revolto e cheio de pedaços de carne putrefata e osso fragmentado.

— Você nasceu para ter uma morte diferente, Príncipe — observou Mogget, que apareceu aos pés de Sam como uma planta acabada de arrebentar —, ou então Hedge encontrou algo mais importante que fazer.

— Onde esteve? — perguntou Sam. Sentia-se estranhamente vazio. Estava preparado para mergulhar no riacho, combatê-lo e agora, de repente, voltara a ficar uma manhã tranquila. O Sol até nascera e as aves haviam retomado o seu canto. Muito embora apenas deste lado do riacho, percebeu Sam.

— Escondido, como qualquer pessoa sensata quando confrontada com um necromante tão poderoso quanto Hedge — respondeu Mogget.

— Ele é assim tão poderoso? — perguntou Sam. — Deve ter encontrado muitos necromantes, ao servir minha mãe e os outros Abhorsens.

— Eles não tiveram a ajuda do Destruidor — disse Mogget.

— Devo dizer que estou impressionado com o que ele consegue fazer, mesmo preso como se encontra. Uma lição para todos nós, pois mesmo aprisionado dentro de um pedaço de metal prateado...

— Aonde pensas que Hedge foi? — interrompeu Sam, que na verdade não estava escutando.

— Voltou para junto dos pedaços de metal, claro — bocejou Mogget. — Ou foi atrás de Lirael. Acho que está na hora de uma soneca.

Mogget voltou a bocejar, depois miou de surpresa quando Sam o agarrou e sacudiu, fazendo tilintar Ranna na coleira dele.

— Você tem de seguir a Cadela! Temos de ir ajudar Lirael!

— Isso não são modos de me pedir. — Mogget voltou a bocejar, quando as ondas de sono de Ranna os invadiram a ambos. Sam descobriu subitamente que estava sentado e que o solo lhe parecia extremamente confortável. Só tinha de se estender e colocar as mãos por trás da cabeça...

— Não! Não! — protestou. Pondo-se em pé, vacilante, foi até ao riacho e mergulhou a cabeça na água.

Quando saiu de lá, Mogget voltara para a sua mochila. Dormia profundamente, um sorriso malvado no seu focinho pequeno.

Sam olhou para ele do alto e passou as mãos pelo cabelo pingando. A Cadela disparara para jusante. O que dissera ela? "Lirael foi para o canavial."

Por isso, se Sam seguisse o riacho até ao Lago Vermelho, tinha boas chances de encontrar Lirael. Ou algum sinal dela, ou da Cadela. Ou talvez Mogget acordasse.

Ou então Hedge podia voltar...

Sam não queria ficar apenas ali onde estava. Lirael podia precisar da ajuda dele. Nicholas podia precisar da ajuda dele. Tinha de encontrar ambos. Juntos, podiam sobreviver o suficiente para fazerem algo em relação a este Destruidor aprisionado nos hemisférios de prata. Sozinho, só podia falhar e cair.

Sam guardou o arco e retirou a seta. Depois, equilibrou as duas mochilas usando apenas uma alça em cada ombro, certificando-se de que Mogget não caía, muito embora o gato o merecesse, e dirigiu-se para oeste, o riacho seguindo a rumorejar a seu lado.

ESCONDIDOS NO CANAVIAL

Lirael estava apenas em parte contando encontrar um barco feito de canas entrelaçadas, uma vez que as Clayr a tinham Visto e a Nicholas, nele, no Lago Vermelho. Mesmo assim, ficou muito aliviada quando encontrou a estranha embarcação, porque a água lhe dava agora bem acima das coxas. Se tivesse avançado para mais fundo, teria sido obrigada a voltar ou a correr o risco de afogar Nick, dado que não conseguia transportá-lo de outra forma a não ser às costas, o que deixava a sua cabeça a cerca de meio metro mais abaixo da dela.

Cuidadosamente, depositou-o no centro do barco tipo canoa, agarrando rapidamente as bordas quando balançou. O barco tinha de comprimento cerca do dobro da altura dela, mas era muito estreito exceto na seção média — por isso, o espaço seria apenas suficiente para os dois.

Nick estava inconsciente, mas se recuperou quando se sentaram cuidadosamente no barco e Lirael ponderou as suas opções. As canas debruçavam-se sobre eles, criando um caramanchel secreto, e pequenas aves aquáticas soltavam lamentos ali próximo, com o esporádico chapinhar quando uma mergulhava atrás de um apetitoso peixe.

Lirael estava sentada com a espada sobre o colo e uma mão na bandoleira dos sinos, à escuta. As aves do pântano deveriam estar todas satisfeitas chamando e pescando, mas depois silenciaram-se subitamente e embrenharam-se mais no canavial. Lirael sabia que era por causa dos Corvos de Sangue Coagulado que voavam baixo lá em cima. Conseguia sentir o espírito frio que os habitava, seguindo obstinadamente as ordens do seu amo necromante. Procuravam-na.

O barco era exatamente como as Clayr tinham dito que seria, mas Lirael sentiu um receio estranho e novo, sentada ali balançando. Este era o limite da visão das Clayr. Elas tinham-na visto aqui com Nicholas, mas nada mais, não tinham visto o que era Nicholas. Estaria a Visão delas limitada porque era o fim? Hedge se prepararia para aparecer entre o canavial? Ou emergiria o Destruidor de dentro do jovem franzino sentado diante dela?

— O que está esperando? — perguntou subitamente Nick, mostrando-se mais recuperado do que supusera. Lirael sobressaltou-se quando ele falou, fazendo balançar o barco de forma mais violenta. A voz de Nick era sonora e estranha no mundo silencioso do canavial.

— Silêncio! — ordenou Lirael num murmúrio austero.

— Senão o quê? — perguntou Nick com alguma bravata. Mas falou mais baixo e não tirava os olhos da espada dela. Passaram alguns segundos, depois Lirael disse: — Estamos à espera do meio-dia, hora em que o sol está mais forte e os Mortos ficam fracos. Depois seguiremos pela margem do lago e, espero, alcançaremos o ponto de encontro onde estará o seu amigo Sam.

— Os Mortos — disse Nick com um sorriso superior. — Alguns espíritos locais para apaziguar, presumo? E já antes mencionou Sam. O que tem ele a ver com isto? Também o raptou?

— Os Mortos... são os Mortos — respondeu Lirael, carrancuda. Sam dissera que Nick não compreendia, nem tentava sequer compreender, o Reino Antigo, mas esta cegueira para a realidade não podia ser natural. — Você os colocou para trabalhar no seu poço. As Mãos Mortas de Hedge. E não, Sam trabalha comigo para te salvar. É óbvio que não compreende o perigo.

— Não me diga que Sam voltou a toda esta superstição — disse Nick. — Os Mortos, como lhe chama, são simplesmente uns pobres desgraçados que sofrem de algo semelhante a lepra. E, em vez de me salvar, afastou-me de uma experiência científica importante.

— Você me viu sob a forma de uma coruja — lembrou-lhe Lirael, curiosa em apurar até que ponto ele estava afetado. — Com o cão alado.

— Hipnose... ou alucinações — respondeu Nick. — Como pode ver, não estou bem. Que é outra razão para eu não dever estar nesta... nesta embarcação que é um monte de esterco.

— Curioso — observou Lirael, pensativa. — Deve ser a coisa dentro de você que te bloqueou a mente. Pergunto-me a que propósito serve.

Nick não respondeu, mas revirou os olhos com bastante eloquência, obviamente rejeitando o que quer que Lirael tivesse dizendo.

— Hedge virá me salvar, sabe — disse ele. — É um sujeito muito engenhoso e está tão ansioso por cumprir o estabelecido quanto eu. Por isso, seja qual for a crença louca que a tomou, devia desistir e voltar para casa. Na verdade, tenho certeza que haveria alguma recompensa se me devolvesse.

— Uma recompensa? — Lirael soltou uma gargalhada, mas com azedume. — Uma morte horrível ou a servidão eterna? É essa a "recompensa" para qualquer ser vivo que se aproxima de Hedge. Mas diga-me: afinal do que trata a sua experiência?

— Deixa-me partir se eu contar? — perguntou Nick. — Não que seja um segredo terrível. Afinal, não vai publicar nada nas revistas científicas ancelstierranas, não é?

Lirael não respondeu a qualquer das perguntas. Limitou-se a olhar para ele, à espera de que falasse. Primeiro, ele correspondeu ao olhar dela, depois

vacilou e desviou-o. Havia algo de enervante nos olhos dela. Uma dureza que nunca vira nas jovens que conhecia dos bailes de debutantes em Corvere. Foi em parte isso que o fez falar e em parte um desejo de impressioná-la com os seus conhecimentos e inteligência.

— Os hemisférios são um metal previamente desconhecido que supus possuir uma capacidade quase infinita de absorver energia elétrica para posterior descarga — declarou ele, unindo os dedos num arco. — Eles criam também uma espécie de campo ionizado que atrai as tempestades com trovoada, que, por sua vez, criam relâmpagos que são atraídos para o metal. Infelizmente, esse campo ionizado impede também o funcionamento do metal, já que os instrumentos de aço ou ferro não podem ser aproximados dele.

— É minha intenção ligar os hemisférios a uma Armadilha dos Raios, que um sócio da minha confiança está construindo em Ancelstierre no momento em que falamos. A Armadilha dos Raios será constituída por mil hastes de pára-raios ligadas, que atrairão toda a energia elétrica de uma tempestade inteira, em vez de apenas um certo número de raios, e a transmitirão aos hemisférios. E a energia irá... hã... repolarizar... ou desmagnetizar... os dois hemisférios para poderem ser unidos num só. É este o derradeiro objetivo. Eles têm de ser unidos, entende. É absolutamente essencial!

Deixou-se cair com a última palavra, a respiração saindo-lhe entrecortada.

— Como é que sabe? — perguntou Lirael. Pareceu-lhe o tipo de palavreado usado pelos falsos videntes e magos charlatães, mais para convencerem a si próprios do que outra coisa.

— Sei e pronto — murmurou Nick. — Sou um cientista. Quando os hemisférios estiverem em Ancelstierre, poderei provar as minhas teorias, com os instrumentos devidos e a ajuda adequada.

— Porque é que os hemisférios têm de ser juntados? — perguntou Lirael. Aquele parecia ser o ponto mais fraco da crença dele e o mais perigoso, pois a junção dos hemisférios tornaria inteiro o que quer que estivesse preso lá dentro. Só quando fez a pergunta é que percebeu que havia outra mais importante.

— Têm de ser — respondeu Nick, a perplexidade bem patente no seu rosto. Era óbvio que não estava pensando com clareza no assunto.

— Isso deveria ser evidente.

— Sim, claro — disse Lirael, suavemente. — Mas estou curiosa por saber como vai levar os hemisférios para Ancelstierre. E onde é que fica exatamente a sua Armadilha dos Raios? Deve ser difícil montar semelhante coisa. Quer dizer, deve ocupar muito espaço.

— Oh, não é tão difícil quanto possa pensar — argumentou Nick. Pareceu aliviado por se afastar do tema da junção dos hemisférios. — Levaremos o metal até o mar em barcas e depois seguimos a costa para sul. Ao que parece, as águas estão muito revoltas e o tempo enevoadado, de modo geral, para seguirmos sempre pelo mar. Nós o levaremos para terra a norte da Muralha, o arrastaremos por ela e depois são só dezesseis a vinte quilômetros até Forwin Mill, onde está sendo construída minha Armadilha dos Raios. Deve estar concluída no momento em que chegarmos, se correr tudo bem.

— Mas... — disse Lirael —, como é que vai atravessar a Muralha com eles? Existe uma barreira para os Mortos e todas essas coisas. Não conseguirá levar os hemisférios até o outro lado da Muralha.

— Que absurdo! — exclamou Nick. — Você é tão má quanto Hedge. Só que ele, pelo menos, está preparado para tentar, desde que eu o deixe efetuar primeiro alguns rituais.

— Oh — proferiu Lirael. Obviamente que Hedge (ou mais provavelmente o seu Amo principal) descobrira uma maneira de levar os hemisférios através da Muralha. De qualquer forma, fora uma esperança vã, porque Lirael sabia que Hedge a atravessara mais de uma vez e Kerrigor e o seu exército também tinham atravessado anos atrás. Só esperava que os hemisférios fossem impedidos de passar.

— Não... hã... não terá dificuldades com as autoridades em Ancelstierre? — perguntou Lirael, esperançosa. Sam falara-lhe do Perímetro que os Ancelstieranos tinham construído para impedir qualquer coisa de entrar no seu país. Não imaginava o que poderia fazer se os hemisférios fossem levados para fora do Reino Antigo.

— Não — respondeu Nick. — Hedge diz que não haverá problema que ele não consiga resolver, mas eu penso que ele foi uma espécie de contrabandista no passado e tem uns métodos bastante heterodoxos. Eu prefiro trabalhar dentro da lei, por isso arranjei todas as habituais licenças e autorizações alfandegárias e essas coisas. Muito embora admita que não se aplicam a coisas do Reino Antigo, porque, oficialmente, o Reino Antigo não existe, por isso não há impressos. Tenho também uma carta do meu tio, concedendo autorização para eu trazer tudo o que for necessário à minha experiência.

— O seu tio?

— Ele é o primeiro-ministro — respondeu Nick, com orgulho. — Vai para dezessete anos que está no poder como PM... com um intervalo de três anos pelo meio, quando os da Reforma Moderada venceram. O melhor PM que o país alguma vez teve, muito embora, claro, agora esteja com problemas, com as guerras continentais e todos os refugiados sulistas entrando em massa. Mesmo

assim, não creio que Corolini e a sua ralé vão conseguir destituí-lo. Ele é o irmão mais velho da minha mãe e um fulano excepcional. Sempre pronto a ajudar um sobrinho merecedor.

— Esses documentos devem ter queimado na sua tenda — sugeriu Lirael, agarrando-se a outra esperança.

— Não — disse Nick. — Mais uma vez, graças a Hedge. Ele sugeriu que eu os deixasse com o fulano que se vai encontrar conosco na Muralha. Disse que apodreceriam, o que, é absolutamente verdade. Agora... vai me deixar partir?

— Não — disse Lirael. — Você vai ser salvo, quer queira, quer não.

— Nesse caso, não direi mais nada — anunciou Nick, com petulância. Voltou a estender-se, roçando nas canas.

Lirael observou-o, os pensamentos agitando-se na sua cabeça. Esperava que Ellimere tivesse recebido a mensagem de Sam e, neste momento, pudesse haver uma forte força de Guardas a caminho, trazendo auxílio. Sabriel e Touchstone podiam estar também avançando para norte, a partir de Corvere. Podiam, inclusivamente, estar prestes a atravessar a Muralha.

Mas todos eles estariam dirigindo-se para Edge, enquanto os hemisférios que continham a coisa presa eram levados para Ancelstierre, onde o espírito antigo da destruição podia alcançar a sua liberdade, longe da interferência das únicas pessoas que compreendiam o perigo. Nick observava-a também, enquanto aqueles pensamentos se agitavam na mente dela. Mas não com perplexidade ou inimizade. Estava apenas olhando, inclinando a cabeça para o lado, com um olho parcialmente fechado.

— Desculpe — disse ele. — Estava me perguntando como você conheceu Sam. Você é uma... hum... uma princesa? Só que, se é a noiva dele ou assim, achei que devia saber. Para... hã... te congratular, por assim dizer. E nem sequer sei o seu nome.

— Lirael — respondeu Lirael concisamente. — Sou tia de Sam. Digamos que trabalho mais ou menos com a mãe de Sam e eu também... fui... Segunda Assistente de Bibliotecária e uma Filha das Clayr, muito embora não espere que conheça o significado desses títulos. Neste momento, não sei muito bem quem sou.

— Tia dele! — exclamou Nick, um rubor de embaraço em vez da febre colorindo-lhe o rosto. — Mas como pode ser... quer dizer, não fazia idéia. Desculpa, minha senhora.

— E eu sou... sou muito mais velha do que aparento — acrescentou Lirael. — Para o caso de pretender perguntar.

Estava um pouco embaraçada, muito embora não lhe ocorresse porquê.

Não sabia ainda como falar da mãe. De certa forma, era mais doloroso pensar nela agora que sabia quem era o pai e como fora concebida. Um dia, pensou, iria descobrir ao certo o que acontecera a Arielle e porque preferira partir.

— Ninguém diria — replicou Nick. — Sabe, isto parece uma estupidez, mas sinto-me muito melhor aqui do que tenho me sentido nas últimas semanas. Nunca teria imaginado que um pântano pudesse ser um tônico. Hoje nem sequer desmaiei.

— Desmaiou uma vez — afirmou Lirael. — Quando o tirei da tenda.

— Foi? — perguntou Nick. — Que embaraçoso. Parece que desmaio demais. Felizmente, isso acontece quando Hedge está lá para me apanhar.

— Você percebe quando vai desmaiar? — inquiriu Lirael. Não esquecera o aviso da Cadela sobre o tempo de submissão do fragmento e tinha quase certeza que não conseguiria voltar a subjugá-lo sozinha.

— Normalmente — disse Nick. — Primeiro sinto-me nauseado e a minha visão torna-se estranha... fica tudo vermelho. E acontece algo ao meu sentido do olfato, tenho a sensação de algo queimando, como um motor elétrico derretendo. Mas sinto-me muito melhor agora. Talvez a febre tenha passado.

— Não é febre — afirmou Lirael, cansada. — Muito embora espere que tenha melhorado, para o bem de ambos. Agora fique quieto, vou remar para avançarmos mais um pouco. Nos manteremos no canavial, mas quero ver o que se passa no lago. E por favor, não faça barulho.

— Claro — disse Nick. — Também não tenho outra alternativa, não é?

Lirael esteve quase para lhe pedir desculpas, mas recuou a tempo. Sentia pena de Nick. Ele não tinha culpa de ter sido escolhido por um antigo espírito do mal para ser seu avatar. Até se sentia maternal com ele. Precisava de ser aconchegado e de beber um chá de casca de salgueiro. Aquela idéia levou-a à vã especulação de qual seria o seu aspecto se estivesse bem. Devia ser bastante atraente, pensou Lirael e depois, afastou de imediato a idéia. Ele podia ser um inimigo involuntário, mas continuava a ser um inimigo.

O barco era leve, mas mesmo assim custava bastante remar apenas com as mãos. Em particular, porque tinha também de estar de olho em Nicholas, não fosse haver complicações. Mas ele parecia satisfeito por estar deitado na proa alta do barco de canas. Lirael apanhou-o olhando para ela discretamente, mas não tentou fugir nem gritar.

Passados vinte difíceis minutos remando, as canas começaram a escassear, a água vermelha tornou-se rosada e Lirael pôde ver o fundo lamacento do lago. O Sol atingira já o zênite, por isso Lirael arriscou levar o barco até à orla do pântano de canas para poder observar o lago, mas manter-se escondida.

Continuavam cobertos por cima em virtude da forma como as canas se

inclinavam umas sobre as outras. Mesmo assim, Lirael sentiu alívio ao verificar que não captava a presença de Corvos de Sangue Coagulado nas imediações. Provavelmente porque havia uma corrente forte depois das margens do canavial, conjugada com o intenso sol da manhã.

Apesar de não verem Corvos de Sangue Coagulado, havia algo deslocando-se na superfície do lago. Durante um segundo, o coração de Lirael animou-se pensando que pudesse ser Sam, ou uma força de Guardas. Depois percebeu o que era, no momento em que Nick falou.

— Olhe! As minhas barcas! — exclamou, sentando-se e acenando. — Hedge deve ter conseguido a outra, e já carregada!

— Silêncio! — sibilou Lirael, estendendo a mão para obrigá-lo a abaixar-se.

Ele não ofereceu resistência mas ficou subitamente carrancudo e agarrou o peito.

— Acho... acho que estava contando com os ovos que as...

— Reaja! — interrompeu Lirael em tom premente. — Nick, tem de reagir!

— Vou tentar... — começou Nick, mas não acabou a frase, a cabeça pendendo para trás com uma pancada monótona e frágil. Os seus olhos rolaram nas órbitas, e Lirael viu um fino fio de fumaça começar a sair-lhe do nariz e da boca.

Ela bateu-lhe com força no rosto.

— Reaja! Você é Nicholas Sayre! Diga-me quem você é!

Os olhos de Nick focaram-se, apesar da fumaça continuar saindo-lhe pelo nariz.

— Sou... sou Nicholas John Andrew Sayre — murmurou. — Sou Nicholas... Nicholas...

— Sim! — instigou-o Lirael. Colocou a espada a seu lado e pegou-lhe nas mãos, estremecendo ao sentir a Magia Livre correndo no sangue sob a sua pele fria. — Fale-me mais de você, Nicholas John Andrew Sayre! Onde nasceu?

— Nasci em Amberne, na casa da minha família — murmurou Nick. A sua voz tornou-se mais forte e a fumaça retrocedeu. — Na sala de bilhar. Não, é uma brincadeira. Minha mãe me mataria se soubesse. Nasci como compete a um Sayre, assistido por médico e parteiras. Nada menos de duas parteiras e o médico da sociedade...

Nick fechou os olhos, e Lirael agarrou-lhe as mãos com mais força.

— Diga-me... qualquer coisa! — ordenou.

— A gravidade específica da órbita suspensa no mercúrio é... não sei qual é... A neve em Korrovia está circunscrita aos Alpes meridionais, e os

principais desfiladeiros são Kriskadt, Jortschi e Korbuk... A tarambola de cauda azul põe uma média de vinte e seis ovos ao longo do seu período de vida de cinquenta e quatro anos... Mais de cem mil refugiados sulistas entraram ilegalmente o ano passado... A árvore do chocolate é uma invenção de...

Parou subitamente, respirou fundo e abriu os olhos. Lirael continuou a agarrar-lhe as mãos por um momento, mas como não visse sinal de fumaça ou de estranheza no olhar dele, retirou-as e voltou a pegar a espada, apoiando a lâmina nas coxas.

— Estou metido em problemas, não estou? — perguntou Nick. A sua voz era trêmula. Olhou para o fundo do barco, escondendo o rosto, respirando de forma controlada.

— Sim — respondeu Lirael. — Mas Sameth, eu e ... os nossos amigos... faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para salvá-lo.

— Mas não ache que pode — disse Nicholas baixinho. — Esta... coisa... dentro de mim. O que é?

— Não sei — replicou Lirael. — Mas faz parte de algum mal grande e antigo, e você está ajudando a libertá-la. Lançando a destruição.

Nick anuiu lentamente. Depois ergueu o olhar e cruzou-o com o de Lirael.

— Tem sido como um sonho — limitou-se a afirmar. — A maior parte do tempo não sei realmente se estou acordado ou não. Não consigo lembrar das coisas de um minuto para o outro. Não consigo pensar em nada a não ser os hemis...

Parou de falar. O medo invadiu-lhe os olhos e estendeu as mãos para Lirael. Ela tomou-lhe a esquerda, mas não largou a espada. A coisa dentro dele assumira o controle e não a deixaria partir, sabia que teria de se libertar.

— Tudo bem, tudo bem — repetiu Nick para si mesmo, balançando-se para trás e para a frente enquanto falava. — Tenho-a sob controle. Diga-me o que preciso fazer.

— Continuar reagindo — esclareceu Lirael, mas não sabia o que mais lhe dizer. — Se não pudermos ficar contigo, então, quando chegar o momento, tem de fazer seja o que for para impedir... para a impedir. Prometa-me que o fará!

— Prometo — gemeu Nick por entre os dentes cerrados. — Palavra de um Sayre. Eu a deterei! Sério! Fale comigo, por favor, Lirael. Tenho de pensar em outra coisa. Diga-me... Diga-me... onde nasceu?

— Na Geleira das Clayr — respondeu Lirael, com nervosismo. Nick agarrava-a com força e isso não estava lhe agradando. — Nas Salas de Nascimento da Enfermaria. Apesar de algumas Clayr terem os bebês nos seus

próprios quartos, a maior parte de nós... delas... tem os filhos nas Salas de Nascimento, porque todas estão lá e é mais comunitário e divertido.

— Os seus pais — arfou Nick. Estremeceu e começou a falar muito depressa. — Fale-me deles. Não tenho nada a contar sobre os meus. O meu pai é um mau político, apesar de entusiasta. O irmão mais velho dele é mais bem-sucedido. Minha mãe vai a festas e bebe demais. Como pode ser tia de Sameth? Não entendo como pode ser irmã de Touchstone ou de Sabriel. Já os vi. Muito mais velhos do que você. Caducos. Devem ter quarenta, se um dia... Fale comigo, por favor, fale comigo...

— Sou irmã de Sabriel — explicou Lirael, apesar das palavras lhe soarem estranhas na língua. — Irmã de Sabriel. Mas não da mesma mãe. O pai dela... o meu pai esteve... hum... com a minha mãe apenas algum tempo, antes de morrer. Eu nem sequer sabia quem ele era até há muito pouco tempo. A minha mãe... a minha mãe foi embora quando eu tinha cinco anos. E, assim, não sabia que o meu pai era o Abhorsen... Oh não!

— Abhorsen! — exclamou Nick. O seu corpo entrou em convulsões, e Lirael sentiu a pele dele ficar cada vez mais fria. Apressadamente, retirou a mão livre e afastou-se, amaldiçoando-se por ter dito "Abhorsen" em voz alta quando Nick estava à beira de perder o controle. É claro que isso libertaria a Magia Livre dentro dele.

O fumaça branca começou a sair do nariz e da boca dele Nick. Faíscas brancas tremularam por trás da sua língua ao tentar desesperadamente falar. Abriu a boca, mas só saiu fumaça, e Lirael levou algum tempo para entender o que ele estava tentando dizer.

"Não!" ou talvez "Vai!"

O DESTRUIDOR DENTRO DE NICHOLAS

Por um momento, Lirael foi tomada de indecisão, incapaz de resolver em saltar pura e simplesmente borda afora e fugir, ou pegar os sinos. Depois, agiu, retirando Ranna e Saraneth, uma operação difícil com uma espada sobre as coxas.

Nick ainda não se mexera, mas a fumaça branca saía em fios lentos e deliberados que se estendiam nesta e naquela direção, como se possuíssem vida própria. Acompanhava-os o fedor nauseabundo da Magia Livre, atacando o nariz de Lirael, a bÍlis subindo-lhe na garganta como reação.

Não esperou para ver mais e tocou os sinos em conjunto, concentrando a sua vontade numa ordem brusca dirigida à figura à frente dela e à fumaça que se elevava.

”Durma”, pensou Lirael, todo o seu corpo tenso com o esforço para concentrar o poder dos dois sinos. Sentiu a canção de embalar de Ranna e a compulsão de Saraneth, ecoando alto através da água. Juntas, envolveram Nicholas em magia e som, enviando o espírito da Magia Livre lá dentro para o seu sono parasitário.

Ou não, viu Lirael, quando o fumaça branca apenas recuou e os sinos começaram a brilhar com um estranho calor vermelho, as suas vozes perdendo a intensidade e a clareza. Depois Nick sentou-se, os seus olhos ainda revirados para trás e sem verem, e o Destruidor falou através da boca dele. As suas palavras atingiram Lirael com força física, a medula dos seus ossos ardendo subitamente e os seus ouvidos penetrados por uma dor súbita e intensa.

— Tola! Os seus poderes são fracos demais para competir comigo! É uma pena que Saraneth e Ranna só vivam em você e nas suas bugigangas. Fique quieta!

As últimas duas palavras foram proferidas com tamanha força que Lirael gritou da dor súbita. Mas o grito tornou-se um gorgolejo sufocante quando ficou sem ar. A coisa dentro de Nick — o fragmento — prendera-a com tanta força que até os pulmões tinham ficado imobilizados. Procurou desesperadamente respirar, mas era impossível. Todo o seu corpo estava paralisado, por dentro e por fora, preso por uma força que não conseguia sequer começar a combater.

— Adeus — disse o Destruidor. Depois, levantou o corpo de Nick, equilibrando-se cuidadosamente quando o barco de canas balançou e acenou na

direção das barcas. Ao mesmo tempo, gritou um nome que ecoou por todo o vale do lago.

— Hedge!

Entrando em pânico, Lirael tentou respirar sucessivamente. Contudo o seu peito continuava imobilizado, e os sinos jaziam sem vida nas suas mãos inertes. Descontroladamente, percorreu as marcas da Carta na sua cabeça, tentando pensar em algo que pudesse libertá-la antes de morrer por asfixia.

Não lhe ocorreu nada, nada de nada, até perceber subitamente que tinha alguma sensação. Nas coxas, onde se encontrava Nehima sobre as pernas. Mal conseguia vê-la ali — sendo incapaz de mover os olhos — mas as marcas da Carta ardiam na lâmina e fluíam dali para ela, combatendo a fórmula da Magia Livre que a mantinha naquele sufoco mortal. Todavia, as marcas estavam derrotando lentamente a fórmula. Teria de fazer algo por si própria, porque, a este ritmo, asfixiaria antes dos pulmões se libertarem.

Desesperada por fazer algo, verificou que conseguia torcer as barrigas das pernas de um lado para o outro, tentando balançar o barco. Não era muito estável, por isso talvez se virasse e distraísse o espírito da Magia Livre... fosse possível anular a fórmula.

Voltou a balançar, e a água entrou na embarcação, ensopando as canas firmemente amarradas. Mesmo assim, o corpo de Nick não se virou, as pernas dele adaptando-se inconscientemente ao movimento oscilante. A coisa dentro dele estava manifestamente interessada na aproximação das barcas e dos hemisférios que continham a sua parte maior.

Em seguida, Lirael desmaiou, o seu corpo faminto de ar. Voltou a si num instante, o aumento do pânico enviou um novo fluxo de adrenalina pelas suas veias e voltou a balançar com toda a força possível.

O barco de canas rolou — mas não se virou. Lirael gritou interiormente e balançou pelo que podia ser a última vez, usando cada músculo que fora libertado pela sua espada.

A água agitou-se como uma maré e, por um breve momento, o barco pareceu que ia capotar. Mas as pessoas do lago tinham-no entrelaçado bem demais e ele endireitou-se. O corpo de Nick, surpreso pela violência do balanço, não o conseguiu. Inclinou-se para um lado, agarrou-se à proa, inclinou-se para o outro lado — e caiu ao lago.

Imediatamente, Lirael respirou. Os seus pulmões ficaram paralisados por um momento, depois insuflaram-se com um estremecimento que sentiu percorrer todo o seu corpo. A fórmula quebrara-se com a queda de Nick. Soluçando e arfando, guardou os sinos nas bolsas e agarrou a espada, as marcas da Carta no punho pulsando com calor e encorajamento.

Procurava sem cessar a criatura Nick. A princípio não houve qualquer sinal de nada movendo-se na água. Depois, viu um grande fumegar e borbulhar a alguns metros de distância, como se o lago tivesse entrado em ebulição. Uma mão — a mão de Nick — estendeu-se e agarrou a borda do barco, arrancando toda uma seção das canas entrelaçadas com uma força impossível, a sua boca libertou-se da água e um grito penetrante de raiva fez com que todas as aves do pântano no raio de quilômetro e meio levantassem vôo em pânico.

E Lirael também. Instintivamente, saltou pelo outro lado do barco para o mais longe que pôde, indo contra as canas e a água e começando a correr com dificuldade. Ouviu-se novamente um grito terrível, seguido de um chapinhar violento. Por um momento, Lirael julgou que Nick estivesse atrás dela, mas verificou-se antes uma violenta explosão de água e canas partidas: Nick erguera o barco e arremessara-o. Se houvesse sido um pouco mais lenta, seria o barco a atingi-la e não a água e alguns pedaços inofensivos de cana.

Antes que ele pudesse fazer algo mais, Lirael redobrou os seus esforços para fugir. A água não era tão funda quanto esperara — dava-lhe apenas pelo peito — mas a retardava, pensou que a criatura fosse apanhá-la a qualquer instante, ou atingi-la com uma fórmula. Desesperadamente, dirigiu-se para a água menos profunda, cortando as canas com Nehima para avançar mais depressa.

Não olhou para trás, porque não conseguiria enfrentar o que pudesse ver e não queria parar, nem mesmo quando ficou perdida no canavial sem saber para onde ia e sentindo os seus pulmões e músculos doloridos e ardendo do esforço do movimento.

Por fim, foi obrigada a parar quando a câibra na ilharga se tornou impossível de ignorar e as suas pernas não conseguiram mantê-la fora da água. Felizmente, esta dava-lhe agora só pelos joelhos, por isso Lirael se sentou, esmagando canas num assento úmido e lamacento. Todos os seus sentidos estavam sintonizados para a perseguição, mas não parecia vir nada atrás dela — pelo menos nada que conseguisse ouvir acima do bater do seu coração que ecoava através de cada vaso sanguíneo de todo o seu corpo.

Ficou ali repousando, na água lamacenta, durante o que pareceu um longo tempo. Por fim, quando se sentiu capaz de se deslocar sem se debulhar em lágrimas ou vomitar, levantou-se e voltou a avançar chapinhando.

Enquanto avançava com dificuldade, foi pensando no que fizera — ou não fizera. Reviu sucessivamente a cena na sua cabeça. "Devia ter sido mais rápida com os sinos", pensou, recordando a sua hesitação e inépcia. Talvez devesse ter apunhalado Nick — muito embora isso não lhe parecesse certo, uma vez que não fazia idéia do que espreitava dentro dele, aguardando a

oportunidade de se manifestar. Provavelmente não teria sequer servido de nada, uma vez que o fragmento habitaria provavelmente um Nick Morto com a mesma facilidade com que o fazia em vida. Talvez pudesse ter mesmo entrado nela...

A visão das Clayr de um mundo destruído ganhava também destaque na sua mente. Perdera a oportunidade de deter o Destruidor? Eram aqueles parcos minutos com Nick no barco de canas alguma grande ironia do destino? Uma oportunidade vital que devia ter agarrado, mas não conseguira?

Continuava a pensar no assunto quando a água por onde corria se transformou praticamente em lama sólida, em vez de água lamacenta. Os aglomerados de canas começaram também a diminuir, por isso era evidente que estava se aproximando da beira do pântano. Mas como este pântano em particular se estendia à vontade por mais de trinta quilômetros ao longo da margem oriental do Lago Vermelho, Lirael continuava sem saber realmente onde estava.

Calculou que a sul, pela posição do Sol e o comprimento da sombra de uma cana alta, e começou a tomar aquela direção, mantendo-se junto à orla do pântano. Era mais difícil caminhar ali do que em solo seco, mas mais seguro se houvesse Mortos nas imediações, obrigados por Hedge a vir para o sol.

Duas horas depois, Lirael estava mais molhada e mais infeliz do que nunca, graças a um inesperado buraco fundo no caminho. Encontrava-se quase coberta com uma mistura pegajosa e repugnante de pólen de cana e lama negra. Aquilo fedia e ela também, e o pântano parecia interminável, e também não havia sinal dos seus amigos.

As dúvidas começaram a assaltá-la ainda com maior intensidade e Lirael começou a temer pelos seus companheiros, particularmente a Cadela Sem Vergonha. Talvez tivesse sido vencida pelo mero número dos Mortos, ou dominada por Hedge, da mesma forma que o fragmento dentro de Nick passara por cima da sua magia como se ela não existisse. Ou talvez estivessem feridos, ou ainda lutando, pensou, obrigando-se a uma maior velocidade. Sem ela e os sinos, seriam muito mais fracos contra os Mortos. Sam não acabara sequer de ler *O Livro dos Mortos*. Ele não era um Abhorsen. E se houvesse um Mordicante perseguindo-os, ou alguma outra criatura suficientemente forte para suportar o sol do meio-dia?

Aquele pensamento a fez abandonar o canavial e começar alternadamente a correr e a caminhar por solo mais firme. Correr cem passos, caminhar cem passos — mantendo-se sempre atenta a Corvos de Sangue Coagulado, outros Mortos, ou os servos humanos de Hedge. Uma vez viu — e sentiu — Mortos nas proximidades, mas eram Mãos Mortas fugindo ao longe, procurando um refúgio do sol intenso que as atacava, carne e espírito, o sol que

as devolveria à Morte se não conseguissem encontrar uma caverna ou uma sepultura desocupadas.

Não tardou a sentir-se como um animal que é simultaneamente perseguidor e perseguido — como uma raposa ou um lobo. Apenas conseguia se concentrar em alcançar o riacho o mais rapidamente possível, para procurar na sua extensão para encontrar seus amigos ou — como temia — alguma prova do que lhes acontecera. Ao mesmo tempo, tinha a desagradável sensação de que algum inimigo se preparara para aparecer por trás de qualquer elevação ligeira ou árvore mirrada, ou descer a pique do céu.

Pelo menos era muito mais fácil ver para onde ia, pensou Lirael, quando reparou na linha de árvores e arbustos que assinalavam o riacho. Estava a menos de oitocentos metros, por isso redobrou a corrida, fazendo duas centenas de passos de uma assentada em vez de uma. Ia nos 173 passos em corrida quando algo irrompeu da linha das árvores, direto a ela. Instintivamente, Lirael levou a mão ao arco — que não estava lá. Mudou aquele movimento, percorrendo o corpo para puxar Nehima e continuou correndo.

Preparava-se para gritar e transformar a corrida num ataque quando reconheceu a Cadela Sem Vergonha e soltou antes um grito de satisfação, grito esse que foi correspondido pelo latido de alegria da Cadela.

Alguns minutos mais tarde, encontraram-se numa confusão de saltos e lambidelas e voltas (da parte da Cadela) e abraços, beijos e afastamento da espada (da parte de Lirael).

— É você, é você! — ladrou a Cadela, agitando os quartos traseiros e ganindo.

Lirael não disse nada. Ajoelhou e encostou a cabeça ao pescoço quente da Cadela e suspirou, um suspiro que continha todas as suas preocupações.

— Você cheira pior do que é habitual em mim — observou a Cadela, após ter passado a excitação inicial e poder farejar o corpo coberto de lama de Lirael. — É melhor se levantar. Temos de voltar para o riacho. Ainda há por lá muitos Mortos... Hedge parece tê-los deixado entregues a si mesmos. Pelo menos é o que supomos, já que a tempestade com relâmpagos, que, segundo parece, segue os hemisférios, se deslocou para o lago.

— Sim — disse Lirael, depois de terem recomeçado a caminhar. — Hedge encontra-se lá. Nick... a coisa lá dentro... chamou-o do canavial. Eles têm duas barcas e vão levar os hemisférios para Ancelstierre.

— Ele voltou a despertar em Nick — disse a Cadela, absorta. — Não demorou muito tempo. Até o fragmento deve estar mais forte do que eu julgava.

— Estava muito mais forte do que imaginei — respondeu Lirael, estremecendo. Encontravam-se quase no riacho e lá estava Sam à espera à

sombra das árvores, com uma seta pronta a ser disparada. Como ia explicar-lhe que salvara Nicholas... e o voltara a perdê-lo?

Subitamente, Sam avançou e Lirael estacou, surpresa. Parecia que ele ia disparar sobre ela — ou a Cadela. Teve apenas tempo de se baixar quando o arco dele vibrou e partiu de lá uma seta — direto à cabeça dela.

A CADELA SEM VERGONHA ENTRA EM DETALHES

Quando se abaixou, Lirael sentiu subitamente a presença fria de um Corvo de Sangue Coagulado por cima dela. Um instante depois, o seu vôo picado era sustido e ele bateu no solo, transfixo pela seta de Sam, a Magia da Carta que colocara na ponta afiada faiscando ao penetrar no fragmento de Espírito Morto que tentava sair de lá rastejando.

Lirael viu-se instintivamente com um sino na mão, à procura de mais Corvos de Sangue Coagulado. Havia outro, descendo a pique, mas uma seta subiu no ar e apanhou-o também. Este míssil penetrou em cheio na bola de penas e osso seco e continuou a avançar — mas o Corvo de Sangue Coagulado não, e outro fragmento do Espírito Morto contorceu-se no solo próximo do primeiro, padecendo ao sol.

Lirael olhou para o sino na sua mão e os fragmentos do espírito, poças de escuridão cerrada que avançavam já uma para a outra, procurando unir-se para ganharem força. O sino era Kibeth, o mais adequado, por isso tocou-o numa forma rápida em S, produzindo uma melodia cristalina e alegre que fez o pé esquerdo dela irromper numa pequena dança.

Teve um efeito fortemente adverso sobre os fragmentos restantes do espírito dos Corvos de Sangue Coagulado. As duas manchas empinaram-se como sanguessugas experientes e quase deram um salto mortal ao tentarem escapar ao som. Mas não tinham para onde ir, como escapar ao chamado peremptório de Kibeth. Exceto aquele lugar que o espírito nunca mais queria voltar a ver. Mas não tinha escolha. Gritando lá dentro, o espírito obedeceu ao sino e as duas manchas desapareceram na Morte.

Lirael olhou de novo para o céu e sorriu de satisfação quando mais três pontos pretos distantes caíram em direção à terra: Corvos de Sangue Coagulado destruídos quando os dois primeiros fragmentos banidos sugaram o resto do espírito partilhado regressando à Morte. Depois guardou o sino e avançou para saudar Sam, a Cadela Sem Vergonha seguindo em passo rápido para o lado para farejar as penas, para se certificar de que o espírito partira e não havia nada que valesse a pena comer.

Sam, tal como a Cadela, pareceu também extremamente satisfeito por ver Lirael e preparava-se até para lhe dar um abraço de boas-vindas — até sentir o cheiro da lama. Aquilo o fez mudar dos braços abertos para um gesto expansivo de boas-vindas. Mesmo assim, Lirael percebeu que olhava para trás

dela, procurando mais alguém.

— Obrigada por matar os corvos — disse ela. Depois, acrescentou: — Perdi Nick.

— Você o perdeu!

— Existe um fragmento do Destruidor dentro dele e o controla. Não consegui impedi-lo. Quase me matou quando tentei fazê-lo.

— O que quer dizer, um fragmento do Destruidor? Dentro dele, como?

— Não sei! — respondeu Lirael. Respirou fundo antes de continuar. — Desculpe. A Cadela diz que existe um pedaço do metal de um dos hemisférios dentro de Nicholas. Sei apenas isso, muito embora explique a razão de estar trabalhando com Hedge.

— Mas afinal onde é que ele está? — perguntou Sam. — E o que... o que vamos fazer agora?

— Quase com certeza está nas barcas que Hedge está usando para transportar os hemisférios — respondeu Lirael. — Até Ancelstierre.

— Ancelstierre! — exclamou Sam e Mogget fez eco da sua surpresa, emergindo da mochila. O pequeno gato deu vários passos na direção de Lirael, depois franziu o focinho e recuou.

— Sim — disse Lirael com lentidão, ignorando a reação de Mogget. — Aparentemente Hedge... ou o próprio Destruidor, suponho, conhece alguma maneira de atravessar a Muralha. Eles estão levando os hemisférios por barca até o mais próximo que puderem. Depois, atravessarão a Muralha e irão para um lugar chamado Forwin Mill, onde Nick usará mil hastes de pára-raios para fazer convergir toda a energia de uma tempestade para os hemisférios. Isto os ajudará de certa forma a unirem-se e depois, imagino, o que quer que for ficará novamente inteiro e liberto. Só a Carta sabe o que irá acontecer então.

— A destruição total — disse a Cadela com tristeza. — O fim de toda a Vida.

As suas palavras foram recebidas com silêncio. A Cadela ergueu o olhar e viu que Sam e Lirael a fitavam. Apenas Mogget parecia imperturbável, aproveitando aquele momento para lavar as patas.

— Calculo que esteja na hora de lhes dizer exatamente o que enfrentamos — proferiu a Cadela. — Mas primeiro, deveríamos encontrar um lugar defensável. Todos os Mortos que Hedge usou para escavar o poço ainda andam por aí e aqueles suficientemente fortes para enfrentarem o dia estarão famintos de vida.

— Existe uma ilha na foz do riacho — disse Sam lentamente. — Não é muito grande, mas sempre será melhor do que nada.

— Vá você na frente — pediu Lirael, em tom cansado. Queria estender-

se ali e não ouvir o que quer que a Cadela fosse contar. Mas não serviria de nada. Tinham de saber.

A ilha era um emaranhado de rochas e árvores anãs. Fora em tempos um outeiro baixo à beira do lago, com o riacho de um lado, mas séculos atrás, o lago subira ou o leito do riacho dividira-se. Agora, a ilha encontrava-se na ampla foz do riacho, rodeada de correntes rápidas a norte, sul e leste e as águas profundas do lago a oeste.

Atravessaram a vau, Mogget agarrado ao ombro de Sam e a Cadela nadando pelo meio. Ao contrário da maior parte dos cães, percebeu Lirael, a sua amiga mantinha efetivamente toda a cabeça debaixo de água, orelhas e tudo. E qualquer poder que a água em deslocamento rápida pudesse ter sobre os Mortos e algumas criaturas da Magia Livre, manifestamente não se aplicava à Cadela Sem Vergonha.

— Como é que gosta de nadar, mas detesta tomar banho? — perguntou Lirael, por curiosidade, quando chegaram a solo seco e encontraram uma extensão arenosa entre as rochas que permitia improvisar um acampamento.

— Nadar é nadar, e os cheiros mantêm-se iguais — disse a Cadela. — Os banhos implicam sabão.

— Sabão! Como gostaria de ter um pedaço de sabão! — exclamou Lirael. Parte da lama e do pólen das canas saíra no riacho, mas não o suficiente. Sentia-se tão imunda que não conseguia pensar com clareza. Mas sabia pela sua longa experiência que qualquer demora só encorajaria a Cadela a evitar contar-lhes algo. Sentou-se na mochila e olhou expectante para a Cadela. Sam sentou-se também e Mogget desceu e estendeu-se por um momento antes de se instalar confortavelmente na areia quente.

— Conte-nos — ordenou Lirael. — O que é a coisa presa nos hemisférios?

— Acho que o Sol está suficientemente alto — disse a Cadela. — Não seremos incomodados pelo menos durante algumas horas. Muito embora talvez se pudesse...

— Conte-nos!

— Estou contando — protestou a Cadela com enorme dignidade. — Estou só escolhendo as melhores palavras. O Destruidor ficou conhecido por muitos nomes, mas o mais comum é aquele que vou escrever aqui. Não o profiram, a menos que seja necessário, pois até o nome tem poder agora que os hemisférios de prata se encontram a céu aberto.

A Cadela flectiu uma pata, e saiu de lá uma única garra afiada. Rabiscou sete letras na areia, usando a versão moderna do alfabeto preferido pelos Magos da Carta para a comunicação não mágica respeitante a temas mágicos.

As letras que desenhou grafaram uma única palavra.

ORANNIS.

— Quem... ou o que... é esta coisa? — perguntou Lirael depois de ler silenciosamente o nome. Tinha já uma sensação de que seria pior do que esperava. Havia uma enorme tensão sutil na forma como Mogget estava encolhido, os seus olhos verdes fixos nas letras, e na maneira como a Cadela evitava olhar para ela.

A princípio, a Cadela não respondeu, mas agitou as patas e tossiu.

— Por favor — pediu Lirael, com delicadeza. — Precisamos saber.

— É o Nono Brilhador Intenso, o mais poderoso de todos os seres da Magia Livre, aquele que lutou contra os Sete no Começo, quando a Carta foi criada — afirmou a Cadela. — É o Destruidor de mundos, cuja natureza visa opor a aniquilação à criação. Há muito tempo, antes de se contarem os anos, Ele foi derrotado. Partido ao meio, cada metade presa num hemisfério de prata e esses hemisférios foram protegidos com sete elos e enterrados fundo na terra. Para nunca serem libertados, ou assim se pensava.

Lirael puxava nervosamente o cabelo, desejando poder desaparecer para sempre atrás dele. Sentiu um desejo nervoso de rir ou gritar ou atirar-se para o chão e chorar. Olhou para Sam, que mordida o lábio, inconsciente do fato de que o mordera realmente e o sangue lhe escorria pelo queixo.

A Cadela não disse mais nada e Mogget ficou apenas olhando para as letras.

ORANNIS.

— Como podemos derrotar algo dessa natureza? — irrompeu Lirael. — Nem sequer sou ainda um Abhorsen de verdade!

Sam abanou a cabeça quando ela falou, mas se era em negação ou concordância, Lirael não soube dizer. Como continuasse a sacudi-la, percebeu que ele simplesmente não conseguia compreender plenamente o que a Cadela lhes contara.

— Ele continua preso — disse a Cadela baixinho, dando uma lambidela de encorajamento na mão de Lirael. — Enquanto os hemisférios estiverem separados, o Destruidor só pode usar uma pequena porção do seu poder e nenhum dos seus atributos mais destruidores.

— Porque não me disse isso antes?

— Porque então não se sentia suficientemente forte — explicou a Cadela. — Não sabia quem é. Agora sabe e está preparada conhecer aquilo que enfrentamos. Além disso, eu própria também não tinha certeza até ver a

tempestade com relâmpagos.

— Eu sabia — interveio Mogget. Levantou-se e espreguiçou-se consideravelmente antes de se voltar a sentar e inspecionar a pata direita. — Há séculos.

A Cadela franziu o focinho em manifesta incredulidade e continuou a falar.

— O aspecto mais perturbador é que Hedge vai levar os hemisférios para Ancelstierre. Assim que eles atravessarem a Muralha, não sei o que poderá acontecer. Talvez esta aglomeração de hastes de pára-raios de Nick vá permitir ao Destruidor reunir os hemisférios e tornar-se um só. Se Ele o fizer, então todos... e tudo estará condenado, de ambos os lados da Muralha.

— Ele foi sempre o mais poderoso e astuto dos Nove — divagou Mogget. — Deve ter percebido que o único lugar onde ele se voltaria a unir era em algum lugar onde ele nunca tivesse existido. E depois, de certa forma, ele deve ter sabido que usurpamos um mundo além do nosso próprio, porque o Destruidor já estava preso muito antes da Muralha ser construída. Esperto, muito esperto!

— Até parece que o admira — observou Sam com um certo azedume. — O que não é a atitude correta para um servo dos Abhorsens, Mogget.

— Sim, eu admiro o Destruidor — replicou Mogget sonhadoramente, a língua cor-de-rosa lambendo os cantos da sua boca de dentes brancos. — Mas apenas de longe. Ele não teria qualquer receio em me aniquilar, sabe, já que me recusei a aliar-me a ele contra os Sete quando reuniu a sua hoste passados todos aqueles sonhos há muito perdidos.

— A única coisa sensata que alguma vez fez — rosnou a Cadela. — Muito embora não tão sensato quanto poderia ter sido.

— Nem a favor nem contra — disse Mogget. — De qualquer forma, teria perdido. Não que isso acabasse por me ser útil de alguma maneira, escolher o meio termo, pois acabei por perder a maior parte de mim mesmo. Oh, pobre de mim! A vida continua, há peixes no rio e o Destruidor vai a caminho de Ancelstierre e da liberdade. Estou curioso em ouvir o seu próximo plano, Senhora Futura Abhorsen.

— Não sei muito bem se tenho algum — respondeu Lirael. O seu cérebro estava saturado com o perigo. Não conseguia sequer começar a compreender a ameaça que o Destruidor constituía. Isso permitiu que o cansaço, a fome e uma profunda aversão pelo seu corpo enlameado e fedorento sobrepusesse os seus pensamentos. — Acho que tenho de me lavar e comer qualquer coisa. Só que primeiro tenho uma pergunta. Ou duas perguntas, creio. Em primeiro lugar, se o Destruidor se unir de novo em Ancelstierre, Ele poderá

fazer alguma coisa? Quer dizer, tanto a Carta como a Magia Livre não funcionam do outro lado da Muralha, não é?

— A Magia desaparece — respondeu Sam. — Eu conseguia fazer Magia da Carta no colégio a quarenta e oito quilômetros para sul da Muralha, mas nenhuma em Corvere. Depende também se o vento sopra do norte ou não.

— De qualquer forma, o Destruidor é uma fonte da Magia Livre em si mesmo — disse a Cadela, a sua testa enrugada a pensar. — Caso se torne uno e livre, pode andar por onde quiser, muito embora não saiba como ele se manifestaria do outro lado do Reino. A Muralha por si não consegue impedi-lo, pois as pedras contêm o poder de apenas dois dos Sete e seriam necessários todos eles para prender o Destruidor como antigamente.

— O que leva à minha outra pergunta — afirmou Lirael em tom cansado. — Algum de vocês sabe, ou recorda, exatamente como é que ele foi dividido ao meio pelos Sete e preso nos hemisférios?

— Eu já me encontrava preso, tal como muitos outros — fungou Mogget. — Além disso, não sou propriamente o que era há um milênio, quanto mais o que era no Começo.

— De certa forma, eu estava presente — disse a Cadela, após uma longa pausa. — Mas eu também sou apenas uma sombra do que fui e as minhas recordações nítidas provêm todas de uma época posterior. Não conheço a resposta à sua pergunta.

Lirael pensou num capítulo em particular d'*O Livro da lembrança e do Esquecimento* e suspirou. Ouvira antes o termo "o Começo", mas só agora conseguia situar a sua proveniência daquele livro.

— Acho que sei como descobrir, muito embora não saiba se serei capaz de fazer. Mas, em primeiro lugar tenho de me lavar antes que esta lama destrua as minhas roupas!

— E vai pensar em um plano? — perguntou Sam, esperançoso. — Acho que teremos todos de impedir que os hemisférios atravessem a Muralha, não teremos?

— Sim — disse Lirael. — Fique de vigia, está bem? Caminhou cuidadosamente até o riacho propriamente dito, grata por estar um dia invulgarmente quente. Pensara em despir-se para uma lavagem completa, mas mudara de idéia. Como quer que se chamassem as escamas da sua cota de malha ou o que quer que as constituísse, não era metal, por isso não havia o perigo de enferrujarem. E não lhe agradava a idéia de ser surpreendida pelos Mortos seminua. Além disso, fazia calor, há muito que a chuva se fora e secaria rapidamente.

Colocou a espada na margem, ao alcance da mão e a bandoleira com os

sinos junto dela. Necessitavam ambas também de uma boa limpeza e a bandoleira de ser encerada. A sua capa quase teve de ser raspada, tanta era a lama por cima e por baixo dela. Enrolou-a e levou-a até uma poça conveniente, afastada da corrente principal. Um som a fez olhar em redor, mas era apenas a Cadela Sem Vergonha, deslizando cuidadosamente pela margem com algo brilhante e amarelo na boca. Cuspiu-o quando chegou perto de Lirael, seguida de uma mistura de saliva de cão e bolhas.

— Ugh! — fez a Cadela. — Sabão. Vê o quanto gosto de você?

Lirael sorriu e apanhou o sabão, deixou que o riacho levasse a camada de saliva de cão e começou a ensaboar-se e às roupas. Em breve estava completamente coberta de espuma de sabão, mas nem por isso mais limpa, já que a lama e o pólen vermelho eram muito resistentes, mesmo ao sabão e à água. A capa dela parecia que ficaria permanentemente manchada até ter tempo e energia para proceder uma limpeza mágica.

Lavá-la sem a ajuda de magia ocupou-a enquanto pensava no passo seguinte que iam dar. Quanto mais pensava, mais se tornava claro que não poderiam impedir Hedge de transportar os hemisférios através do Reino Antigo. A única verdadeira oportunidade seria detê-lo e aos hemisférios na Muralha. E isso implicava irem a Ancelstierre e recrutar qualquer ajuda que conseguissem ali.

Se, apesar dos seus esforços, Hedge conseguisse levar os hemisférios para o outro lado da Muralha, nesse caso haveria ainda uma última oportunidade: impedir que a Armadilha dos Raios de Nick fosse usada para o Destruidor se unir.

E se isso falhasse... Lirael nem queria pensar nos últimos recursos além daquele.

Quando se considerou o mais limpa possível sem ter de mudar por completo de roupa, Lirael abandonou a água e foi cuidar do seu equipamento. Limpou cuidadosamente a bandoleira, encerou-a com um bocado de cera de abelha de cheiro agradável e aplicou gordura de ganso em Nehima com um pano. Depois, voltou a colocar a capa, a bandoleira dos sinos e o cinturão da espada por cima da armadura.

Sam e a Cadela Sem Vergonha encontravam-se sobre a rocha maior, observando tanto a margem do lago como o céu lá em cima. Não havia sinal de Mogget, muito embora pudesse ter voltado para a mochila de Sam. Lirael escalou a rocha para se reunir a Sam e à Cadela. Escolheu um pedaço ao sol entre os dois, sentou-se e comeu uma bolacha de canela para satisfazer as pontadas mais imediatas de fome.

Sam viu-a comer, mas era óbvio que não podia esperar que ela acabasse

e começasse a falar.

A princípio Lirael ignorou-o, até ele fazer sair uma moeda de ouro da manga e a atirar ao ar. Ela girou e foi subindo, mas quando Lirael pensou que fosse descer, ficou lá em cima, ainda girando. Sam observou-a por algum tempo, suspirou e estalou os dedos. Imediatamente, a moeda caiu na sua mão que aguardava. Repetiu este processo diversas vezes até Lirael responder.

— O que é?

— Oh, terminou — disse Sam, com ar inocente. — Isto? É uma moeda-pena. Fui eu que a fiz.

— Para que serve?

— Não serve para nada. É um brinquedo.

— Serve para aborrecer as pessoas — disse Mogget da mochila de Sam.
— Se não guardares, vou come-la.

Sam fechou a mão sobre a moeda, e ela voltou a subir-lhe pela manga.

— Acho que aborrece as pessoas — disse ele. — Com esta, é a quarta que faço. Minha mãe quebrou duas, e Ellimere apanhou a última e espalmou-a com um martelo, depois disso ela só podia ziguezaguear rente ao solo. Seja como for, agora que acabou de comer...

— O quê!? — perguntou Lirael.

— Oh, nada — respondeu Sam, animado. — Estava só à espera de podermos discutir o que... o que vamos fazer.

— O que acha que devíamos fazer? — inquiriu Lirael, reprimindo a irritação que a moeda-pena criara. Apesar de tudo, Sam parecia estar menos tenso e nervoso do que ela esperara. Talvez se tivesse tornado fatalista, pensou, e perguntou-se se não se passaria o mesmo com ela. Confrontados com um Inimigo que se encontrava tão fora do seu alcance, estavam apenas resignados a fazer o que fosse possível antes de serem mortos ou escravizados. Mas não se sentia fatalista. Agora que se lavara, Lirael sentia-se curiosamente esperançosa, como se pudessem realmente fazer algo.

— Parece-me — afirmou Sam, parando de morder o lábio, novamente pensativo. — Parece-me que devíamos tentar chegar a este lugar, Torwin Mill...

— Forwin Mill — interrompeu Lirael.

— Seja, Forwin — continuou Sam. — Devíamos tentar chegar lá primeiro, com a ajuda que Ancelstieranos possam nos prestar. Quer dizer, eles não gostam que se leve nada do Reino Antigo, muito menos algo mágico que não compreendem. Por isso, se conseguirmos chegar lá primeiro e obter ajuda, podíamos dismantelar ou destruir a Armadilha dos Raios de Nick antes que ele e Hedge cheguem com os hemisférios. Sem a Armadilha dos Raios, Nick não conseguirá transmitir energia aos hemisférios e, assim, ele ficará preso.

— Esse é um bom plano — disse Lirael. — Muito embora eu ache que devíamos tentar impedir os hemisférios de atravessar a Muralha.

— Existe um outro problema que torna ambos os planos um pouco falíveis — adiantou Sam, com alguma hesitação. — Acho que aquelas barcas farão a viagem de Edge até à Foz do Vermelho em menos de dois dias. Mais depressa ainda com um vento mágico. A Muralha não fica muito longe dali, talvez meio dia, conforme a rapidez com que conseguirem arrastar os hemisférios. Nós levaremos pelo menos quatro ou cinco dias caminhando até lá. Mesmo que consigamos arranjar cavalos hoje, chegaremos pelo menos com um dia de atraso.

— Ou mais — disse Lirael. — Eu não sei montar.

— Oh — comentou Sam. — Estou sempre me esquecendo que você é uma Clayr. Nunca vi nenhuma delas a cavalo... Acho que teremos de esperar que os Ancelstierranos não os deixem atravessar. Muito embora não tenha certeza que eles vão conseguir impedir o próprio Hedge, a menos que houvesse muitos Batedores do Ponto de Passagem...

Lirael abanou a cabeça.

— Seu amigo Nick tem uma carta do tio dele. Não sei o que é um primeiro-ministro, mas Nick parecia convencido de que isso obrigaria os Ancelstierranos a deixá-lo levar os hemisférios através da Muralha.

— Mas porque é que ele é sempre "seu amigo Nick" quando dificulta as coisas? — protestou Sam. — Ele é meu amigo, mas são o Destruidor e Hedge que o obrigam a fazer tudo isto. Ele não tem culpa.

— Desculpe — suspirou Lirael. — Eu sei que ele não tem culpa e não lhe voltarei a chamá-lo de "seu amigo Nick". Mas ele tem essa carta. Ou melhor, alguém do outro lado da Muralha, que irá ao encontro deles.

Sam coçou a cabeça e carregou o semblante de exasperação.

— Depende do lugar onde atravessarem e de quem estiver de serviço — disse, desanimado. — Calculo que sejam interceptados no Perímetro por uma patrulha, que provavelmente será toda constituída por elementos do Exército regular, e não por Batedores, e só estes são Magos da Carta. Por isso, irão deixar passar Nick e Hedge e todos os demais pelo Perímetro. Não creio que qualquer das patrulhas normais conseguisse deter Hedge de alguma forma, mesmo que quisessem. Se ao menos chegássemos lá primeiro! Eu conheço bem o general Tindall... ele comanda o Perímetro. E poderíamos telegrafar aos meus pais para a embaixada em Corvere. Se eles ainda estiverem lá.

— Podemos ir de barco? — perguntou Lirael. — Onde seria possível arranjar uma embarcação mais rápida do que as barcas?

— Edge seria o local mais próximo — respondeu Sam. — Pelo menos a

um dia, para norte, por isso, perderíamos tanto tempo quanto o que ganhamos. Se Edge ainda existir. Nem quero pensar na forma como Hedge conseguiu as barcas.

— Bem, e que tal a jusante? — perguntou Lirael. — Existe ali alguma aldeia piscatória ou algo assim?

Sam abanou a cabeça distraidamente. Havia uma resposta, sabia. Sentia uma idéia espreitando, inalcançável. Como podiam chegar à Muralha mais depressa do que Hedge e Nick?

Terra, mar... e ar.

— Voar! — exclamou, pulando e erguendo os braços no ar. — Podemos voar. A sua pele da Carta da coruja!

Foi a vez de Lirael abanar a cabeça.

— Eu levaria pelo menos doze horas para criar duas peles da Carta. Talvez mais, uma vez que primeiro preciso repousar. E são necessárias semanas para aprender a voar como deve ser.

— Mas eu não preciso — disse Sam, todo entusiasmado. — Olha, eu já a vi criar a pele da coruja latidora e reparei que existem apenas algumas marcas da Carta-chave que determinam o seu tamanho, certo?

— É possível — retorquiu Lirael, cheia de dúvidas.

— Bem, a minha idéia é que você faça uma coruja realmente grande, suficientemente grande para levar a mim e ao Mogget nas suas garras — prosseguiu Sam, gesticulando desmesuradamente. — Não demorará mais do que o costume. Depois voamos até à Muralha... hum, nós a atravessamos... e partimos dali.

— Uma excelente idéia — disse a Cadela, a sua expressão um misto de surpresa e aprovação.

— Não sei — contrapôs Lirael. — Não me parece que uma pele da Carta gigante funcione.

— Vai funcionar — respondeu Sam, confiante.

— Não creio que possamos fazer muito mais — afirmou Lirael, calmamente. — Por isso, é melhor experimentarmos. Onde está Mogget? Estou curiosa de saber o que ele acha do seu plano.

— É um horror — disse a voz abafada de Mogget da sombra por baixo do pedregulho. — Mas não existe motivo para não funcionar.

— Há uma outra coisa que creio que poderemos ter de fazer mais tarde — disse Lirael, com hesitação. — É possível entrar na Morte do outro lado da Muralha?

— Claro, dependendo do quanto se penetrou em Ancelstierre, tal como acontece com a magia — respondeu Sam, a sua voz subitamente muito séria. —

O que... o que é que pode ter de fazer?

— Usar o Espelho Negro e olhar para o passado — disse Lirael, a sua voz assumindo inconscientemente um certo timbre da profecia de uma Clayr. — Voltar ao Começo, ver como os Sete derrotaram o Destruidor.

O VÔO ATÉ À MURALHA

— Era enorme — soluçou o homem, o pânico nos seus olhos e na sua voz. — Maior do que um cavalo, com asas... asas que bloqueavam o céu. E levava um homem nas garras, pendurado... horrível... horrível! Os gritos... vocês devem ter ouvido os gritos?

Os outros membros do pequeno grupo de Viajantes acenaram com a cabeça, muitos deles olhando para a luz que desaparecia no céu do anoitecer.

— E algo mais voava com aquilo — murmurou o homem. — Um cão. Um cão com asas!

Os ouvintes trocaram olhares de incredulidade. Uma coruja gigante ainda conseguiam aceitar, depois dos gritos que tinham ouvido. Afinal, estava-se nas Terras Limítrofes e os tempos eram conturbados. Nos últimos dias, tinham andado pela terra muitas coisas que haviam julgado nunca ver. Mas um cão alado?

— É melhor irmos andando — disse a líder, uma mulher de ar duro que ostentava a marca da Carta na testa. Cheirou o ar e acrescentou: — Há algo de estranho aqui, sim. Vamos até o Hogrest, a menos que alguém tenha uma idéia melhor. E ajudem também Elluf. Dêem-lhe um pouco de vinho.

Rapidamente, os Viajantes levantaram o acampamento e soltaram os cavalos. Não tardaram a dirigir-se para norte, com o desafortunado Elluf bebendo vinho de um saco de pele como se fosse água.

A sul dos Viajantes, Lirael voava com batimentos das asas cada vez mais lentos. Era muito, muito mais difícil voar como uma coruja latidora vinte e seis vezes o tamanho de uma normal, em particular carregando Sam, Mogget e ambas as mochilas. Sam ajudara pelo caminho lançando marcas da Carta de força e resistência na direção dela, mas uma grande parte da magia de sustentação fora absorvida pela própria pele da Carta.

— Tenho de pousar — gritou à Cadela Sem Vergonha, que voava atrás dela, quando a dor começou a lhe atacar de novo as asas. Escolheu uma clareira entre o aglomerado de árvores e começou a planar para uma aterragem.

Depois, viu subitamente o destino deles. Ali, do outro lado da floresta — uma longa linha cinzenta serpenteando pelo cimo de uma colina baixa, indo de leste a oeste, tanto quanto conseguia ver. A Muralha que separava o Reino Antigo de Ancelstierre.

E do outro lado da Muralha, escuridão. O escuro pleno, cerca da meia-noite de um início de Primavera ancelstierano, estendendo-se até à Muralha, no lugar onde se encontrava subitamente com o calor de um final de tarde de Verão do Reino Antigo. Lirael sentiu de imediato uma dor de cabeça, os seus olhos de coruja incapazes de se adaptar à contradição — pôr do Sol aqui e noite ali.

Mas lá estava a Muralha e, guiando-se pela sua visão, esqueceu a dor e o local de pouso pretendido. Com um impulso das asas, ergueu-se de novo, indo direto à Muralha, um grito triunfante cortando a noite.

— Não tente atravessar! — gritou-lhe Sam com urgência lá de baixo, balançando-se no arreio improvisado do cinturão da espada e das tiras da mochila que as garras dela mantinham firme. — Temos de aterrisar deste lado, lembre-se!

Lirael ouviu-o, recordou os avisos dele acerca do Perímetro do lado ancelstierano e baixou uma asa. Imediatamente isto se transformou numa volta a pique, seguida do bater frenético das asas quando Lirael percebeu que calculara mal a velocidade de deslocamento e estava prestes a atirar Sam, Mogget e ela própria para o solo a uma velocidade vertiginosa.

O bater de asas funcionou, até certo ponto. Sam levantou-se do solo, verificou se os seus joelhos machucados ainda funcionavam e acercou-se da enorme coruja que estava estendida a seu lado, aparentemente atordoada.

— Você está bem? — perguntou, cheio de ansiedade, sem saber como podia verificar. Corno se tomava o pulso a uma coruja, em particular uma coruja que tinha seis metros de comprido?

Lirael não respondeu, mas linhas tênues de luz dourada começaram a circular em delicadas fendas através da forma gigante da coruja. As linhas uniram-se até Sam conseguir ver marcas da Carta individuais; depois, tudo aquilo começou a brilhar tão intensamente que Sam teve de recuar, protegendo os olhos do clarão.

Depois, permaneceu apenas o suave crepúsculo nos seus olhos, enquanto o Sol se punha lentamente do lado do Reino Antigo. E lá estava Lirael, estendida de bruços com os braços e as pernas afastados, gemendo.

— Au! Tenho cada músculo do meu corpo dolorido — murmurou, elevando-se com as mãos. — E sinto-me absolutamente repugnante! Pior do que a lama, aquela pele da Carta. Onde está a Cadela?

— Aqui, Dona — respondeu a Cadela Sem Vergonha, precipitando-se para surpreender Lirael com uma lambidela na sua boca aberta. — Foi divertido. Em particular voar por cima daquele homem.

— Não foi intencional — disse Lirael, servindo-se da Cadela como muleta para ajudar a levantar-se. — Fiquei tão surpresa quanto ele. Esperemos

apenas ter poupado tempo suficiente para isto valer a pena.

— Se conseguirmos atravessar a Muralha, e o Perímetro, esta noite, estaremos à frente de Hedge — disse Sam. — Afinal, a que velocidade se pode deslocar uma barca?

Era uma pergunta retórica, mas foi respondida.

— Com um vento mágico, eles podem navegar mais de sessenta léguas durante um dia e uma noite — disse Mogget, uma voz oculta de autoridade vinda de dentro da mochila de Sam. — Eu diria que eles chegaram à Foz do Vermelho hoje por volta do meio-dia. Dali, quem sabe? Depende da rapidez com que eles conseguirem deslocar os hemisférios. Eles podem até ter atravessado e o tempo está desarticulado entre o Reino Antigo e Ancelstierre. Hedge, ajudado pelo Destruidor, pode até conseguir manipular essa diferença e ganhar um dia... ou mais.

— Um eterno otimista, não és, Mogget? — perguntou Lirael. Na verdade, sentia-se surpreendentemente animada e não tão cansada quanto julgava estar. Sentiu no seu íntimo orgulho pela pele da Carta da coruja gigante ter funcionado e estava certa de ter conseguido ultrapassar Hedge e as suas barcas.

— Acho que devíamos continuar avançando — disse ela. — É melhor não fazer planos antecipadamente. Sam, eu não tinha realmente pensado nisto, mas como iremos chegar a Ancelstierre? Como é que atravessamos a Muralha?

— A Muralha é a parte fácil — respondeu Sam. — Há muitas portas antigas. Estarão trancadas e protegidas, exceto a do atual Ponto de Passagem, mas acho que consigo abri-las.

— Claro que consegue — respondeu Lirael de forma encorajadora.

— De certa forma, o Perímetro é mais difícil. Eles ali disparam sobre o que se mexe, muito embora a maior parte das tropas esteja à volta do Ponto de Passagem, pelo que haverá apenas uma chance de uma patrulha a esta distância para oeste. Por segurança, pensei que podíamos assumir o aspecto de um oficial e um sargento dos Batedores do Ponto de Passagem. Você pode ser o sargento, com um ferimento na cabeça, por isso não pode falar e meter-nos em problemas. Eles podem até acreditar, o suficiente para não dispararem de imediato.

— E a Cadela e Mogget? — perguntou Lirael.

— Mogget pode ficar na minha mochila — disse Sam. Olhando para trás para o gato, acrescentou: — Mas tem de prometer ficar calado, Mogget. Uma mochila falante implicaria a nossa morte certa.

Mogget não respondeu. Sam e Lirael tomaram-no por concordância contrafeita, uma vez que ele não protestou.

— Podemos também disfarçar a Cadela com um encantamento

prosseguiu Sam. — Para dar a impressão de que tem uma coleira e um peitoral iguais aos dos cães de busca do Exército.

— O que farejam eles? — inquiriu a Cadela Sem Vergonha com interesse.

— Oh, bombas e outros... hã... engenhos explosivos, como as marcas de detonação que usamos, feitas apenas com produtos químicos e não magia — explicou Sam. — Quer dizer, lá no Sul. Mas eles têm cães especiais no Perímetro que farejam os Mortos e a Magia Livre. Os cães são muito melhores do que os ancelstierranos para detectar essas coisas.

— Evidentemente — disse a Cadela Sem Vergonha. — Presumo que também não esteja autorizada a falar?

— Não — confirmou Sam. — Teremos de te dar um nome e um número, como um verdadeiro cão de busca. Que tal Woppet? Conheci um cão que se chamava assim. E podes ter o meu antigo número de serviço do corpo de cadetes do colégio. Dois Oito Dois Nove Sete Três. Ou Woppet Nove Sete Três, abreviando.

— Woppet Nove Sete Três — meditou a Cadela, fazendo circular as palavras na boca como se fossem algo potencialmente comestível. — Um nome curioso.

— É melhor criarmos aqui as ilusões que vamos assumir — sugeriu Sam. — Antes de tentarmos atravessar a Muralha. — Olhou para a noite escura ancelstierrana do outro lado da Muralha e disse: — Precisamos atravessar antes da manhã, o que não deve faltar muito. Há muito menos chances de encontrarmos uma patrulha à noite.

— Nunca lancei um encantamento — disse Lirael, em tom de dúvida.

— Nesse caso, tenho de ser eu a fazê-los — respondeu Sam. — Já que você não sabe qual queremos que seja o nosso aspecto. Não são muito difíceis... bastante mais fáceis do que as suas peles da Carta. Eu consigo fazer para nós três com bastante facilidade.

— Obrigada — retorquiu Lirael. Sentou-se ao lado da Cadela, aliviando os músculos doloridos e coçou o animal debaixo da coleira. Sam afastou-se alguns passos e começou a alcançar a Carta, reunindo as marcas de que necessitava para lançar as fórmulas de disfarce. — É curioso pensar que ele é meu sobrinho — murmurou Lirael à Cadela. — É uma sensação muito estranha. Uma família de verdade, não apenas um grande clã de primas, como as Clayr. Ser tia, e ter também uma. Ter igualmente uma irmã...

— É simultaneamente bom e estranho? — perguntou a Cadela.

— Não tive oportunidade de pensar no assunto — respondeu Lirael, após um momento de silêncio meditativo. — Em parte é bom e em parte é triste.

Bom, porque sou... sou um Abhorsen, em carne e osso, por isso agora sei a que pertencço. Triste, porque toda a minha vida antes foi de inadaptação, sem ser propriamente uma das Clayr. Passei muitos anos querendo ser algo que não era. Agora pergunto-me, se pudesse ter me tornado uma Clayr, isso teria bastado? Ou seria pura e simplesmente incapaz de imaginar ser qualquer outra coisa? — Hesitou, depois acrescentou baixinho: — Pergunto-me se a minha mãe sabia como ia ser a minha infância. Mas Arielle era também uma Clayr e provavelmente não conseguiria compreender como seria crescer na Geleira sem a Visão.

— Agora me lembro — disse Mogget, emergindo inesperadamente da mochila, a orelha esquerda dobrada pela sua saída rápida.

— Arielle. A sua mãe. Ela deixou uma mensagem comigo quando estive na Casa.

— O quê! — exclamou Lirael, saltando para agarrar Mogget pelo cachaço, ignorando o chamamento de Ranna para o sono e o desagradável intercâmbio da Magia Livre debaixo da pele do gato e da coleira protegida pela Carta. — Que mensagem? Porque não falou antes?

— Hummm — respondeu Mogget. Libertou-se, prendendo a coleira na mão de Lirael. Esta largou-o antes que escapulisse da faixa de couro e o toque de aviso de Ranna fizesse o gato parar de se debater. — Se escutar, direi...

— Mogget! — rosnou a Cadela, aproximando-se para respirar sobre o focinho do gato.

— Arielle Viu-me com você, perto da Muralha — apressou-se Mogget a contar. — Ela estava sentada na sua Asa de Papel e eu segurava um embrulho para ela... nessa época, eu tinha uma forma diferente, compreende. Na verdade, provavelmente não me teria lembrado disto se não tenho assumido de novo aquela forma depois do meu encontro forçado debaixo da Casa. É curioso como, na forma humana, recordo das coisas de modo diferente. Acho que tive de esquecer para não recordar senão aqui que ela me vira...

— Mogget! A mensagem! — suplicou Lirael.

Mogget acenou com a cabeça e lambeu a boca. Via-se que avançaria apenas ao seu próprio ritmo.

— Entreguei-lhe o embrulho — prosseguiu. — Ela estava olhando para a bruma por cima da cascata. Havia ali um arco-íris naquele dia, mas ela não o viu. Os olhos dela turvaram-se com a Visão e disse:

— Você estará ao lado da minha filha próximo da Muralha. Você a verá crescer, já que eu não poderei. Diga a Lirael que... que a minha partida não será... não terá sido... por escolha minha. Liguei a vida dela e a minha ao Abhorsen e pus os pés tanto da mãe como da filha em um caminho que limitará a

nossa própria escolha. Diga-lhe também que a amo, sempre irei amar e que deixá-la será a morte do meu coração.

Lirael escutava com atenção, mas não era a voz de Mogget que ouvia. Era a da mãe. Quando o gato terminou, olhou para o céu pintado de vermelho lá em cima e as estrelas cintilantes do outro lado da Muralha e escorreu-lhe uma única lágrima pela face, deixando um rastro de prata, captado pelos últimos momentos da luz do entardecer.

— Já preparei o seu disfarce — disse Sam, que estivera tão absorto com as suas fórmulas que não ouvira nada do que Mogget dissera. — Só precisa entrar nela. Não se esqueça de manter os olhos fechados.

Lirael virou-se e viu o contorno brilhante suspenso no ar e encaminhou-se para lá aos tropeções. Fechou bem os olhos antes de entrar na fórmula. O fogo dourado espalhou-se-lhe pelo rosto como mãos calorosas e acolhedoras que limpavam as suas lágrimas.

— Sargento, há efetivamente algo movendo-se lá — murmurou o arvorado Horrocks, enquanto olhava pela mira da sua metralhadora *Lewin*. — Devo abatê-los?

— Nada disso! — respondeu o sargento Evans com um murmúrio. — Não aprendeu nada? Se é um fantasma ou um Ghlim ou outra coisa, ele virá até aqui e arrancará as suas tripas! Scazlo, volte e avise o Tenente de que apareceu algo. O resto de vocês, passem a palavra para colocar as baionetas, sem barulho. E que ninguém faça nada a menos que eu ordene.

Evans parecia de novo recomposto enquanto Scazlo se apressava a descer a trincheira de comunicações atrás deles. Ouviu-se, ao longo da trincheira principal de combate, o estalido das baionetas sendo colocadas o mais silenciosamente possível. O próprio Evans retesou o seu arco e colocou um cartucho vermelho na pistola de aviso. O vermelho era o sinal para uma incursão do outro lado da Muralha. Pelo menos seria o sinal se funcionasse, pensou. Vinha um vento quente de norte que soprava do Reino Antigo. Servia para tirar o frio da lama gelada das trincheiras, pois a Primavera ainda tinha de expulsar por completo o Inverno anterior, mas significava também que as armas, aviões, foguetes luminosos, minas e tudo que fosse tecnológico poderia não funcionar.

— São dois... e algo que parece um cão — murmurou de novo Horrocks, o seu dedo do gatilho curvando-se lentamente da sua posição ortodoxa esticada sobre a proteção do mesmo.

Evans espreitou a escuridão, tentando ver se percebia alguma coisa. Horrocks não era muito inteligente, mas possuía uma visão noturna extraordinária. Muito melhor do que a de Evans. Não conseguia ver nada, mas havia latas tilintando no arame. Alguém... ou algo... avançava lentamente.

O dedo de Horrocks estava dentro da proteção do gatilho, a patilha de segurança levantada, um tambor cheio de munições por cima, uma descarga na câmara. Só precisava da ordem e, talvez, que o vento mudasse. Depois, suspirou subitamente, o dedo do gatilho voltou a sair e afastou-se da coronha.

— Parece ser alguém da nossa gente — disse ele, já sem murmurar. — Batedores. Um oficial e um pobre desgraçado com a cabeça enfaixada. E um deles... sabe... cães de farejo.

— Cães de busca — corrigiu Evans automaticamente. — Cale-se.

Evans estava pensando no que fazer. Nunca ouvira falar de criaturas do

Reino Antigo que assumissem a forma de um oficial ancelstierrano ou de um cão do Exército. Sombras praticamente invisíveis, sim. Gente de aspecto comum do Reino Antigo, sim. Horrores pelos ares, sim. Mas havia sempre uma primeira vez...

— O que está acontecendo, Evans? — perguntou uma voz atrás dele e sentiu um alívio interno por nunca vir a saber. O tenente Tindall podia ser filho de um General, mas não era um oficial graduado sem préstimo. Sabia o que se acontecia no Perímetro... e tinha a marca da Carta na sua testa para prová-lo.

— Movimento à frente, a cerca de cinquenta metros daqui — disse. — Horrocks julga ter visto dois Batedores, um deles ferido.

— E um cão de farejo... de busca — acrescentou Horrocks.

Tindall ignorou-o para vir debruçar-se do parapeito. Aproximavam-se efetivamente duas formas difusas, fossem lá quem fossem. Mas não sentia nenhuma força inimiga ou magia perigosa. Havia algo... mas se fossem Batedores do Ponto de Passagem, seriam ambos também Magos da Carta.

— Já disparou um sinal luminoso? — perguntou. — Branco?

— Não, meu Tenente — retorquiu Evans. — O vento sopra de norte. Não me pareceu que fosse funcionar.

— Muito bem — disse o Tenente. — Avise os homens que eu vou lançar uma luz à frente. Fiquem todos a postos para as minhas ordens.

— Sim, meu Tenente! — confirmou Evans. Virou-se para o homem a seu lado e disse baixinho: — Suba para o degrau! Luz à frente! Passe a ordem.

Enquanto a ordem era sussurrada pela fila, os homens subiram para o degrau de fogo, a tensão evidente nas suas posturas. Evans não conseguia ver todo o pelotão (estava muito escuro) mas sabia que os seus cabos em cada ponta os escolheriam.

— Lançamento agora — anunciou o tenente Tindall. Uma tênue marca da Carta para luz surgiu na sua mão em concha. Quando começou a intensificar-se, arremessou-a com o braço acima do ombro, diretamente para a frente.

A faísca branca tornou-se mais intensa ao deslocar-se através do ar até ficar um sol em miniatura, pairando artificialmente sobre a Terra de Ninguém. Com a sua luz intensa, todas as sombras foram banidas e puderam ver com clareza duas figuras que seguiam o trilho estreito em ziguezague através do emaranhado de arame. Como dissera Horrocks, tinham com eles um cão de busca e usavam ambos os uniformes caqui do Exército ancelstierrano debaixo das cotas de malha que eram características das Tropas do Perímetro. Havia uma heterodoxia indefinível em relação às suas faixas, e as armas proclamavam-nos também membros da Unidade de Reconhecimento do Perímetro do Norte ou, como eram mais conhecidos, os Batedores do Ponto de Passagem.

Quando a luz incidiu neles, um dos dois homens levantou as mãos. O outro, que tinha a ligadura à volta da cabeça, seguiu o exemplo mais lentamente.

— Tropas amigas! Não disparem! — gritou Sameth quando a luz da Carta diminuiu lentamente por cima dele. — Tenente Stone e sargento Clare regressam. Com um cão de busca!

— Mantenham as mãos no ar e avancem em fila única! — gritou Tindall. E, num à-parte ao seu sargento, disse: — Tenente Stone? Sargento Clare?

Evans abanou a cabeça.

— Nunca ouvi falar deles, senhor. Mas conhece os Batedores. São muito reservados. O Tenente parece ligeiramente familiar.

— Sim — murmurou Tindall, franzindo o sobrolho. O oficial em aproximação parecia vagamente familiar. O sargento ferido deslocava-se com o passo arrastado de alguém que fazia um esforço para caminhar apesar da dor constante. E o cão de busca tinha o peitoral correto caqui com o seu número gravado em branco e a coleira larga de couro com pregos. No conjunto, pareciam autênticos.

— Alto! — gritou Tindall quando Sameth pisou um pedaço de arame em concertina solto, a escassos dez metros da trincheira. — Vou até aí verificar as suas marcas da Carta.

— Cubram-me — murmurou, e dirigindo-se a Evans: — Sabe o que fazer se eles não forem o que parecem.

Evans anuiu, enfiou quatro setas com ponta de prata na lama entre as pranchas para uso rápido e colocou outra. O Exército não produzia nem reconhecia o uso de arcos e setas de prata, mas tal como muitas coisas no Perímetro, cada unidade tinha-os. Muitos dos homens eram hábeis arqueiros, e Evans um dos melhores.

O tenente Tindall olhou para as duas figuras, formas difusas agora que a sua fórmula estava desaparecendo. Mantivera um olho fechado por causa da luz, conforme se ensinava, para preservar a sua visão noturna. Abrira-o então, reparando mais uma vez que não parecia fazer assim muita diferença.

Desembainhou a espada, os fios de prata brilhando nela mesmo com a luz fraca das estrelas e saiu da trincheira, com o coração batendo com tanta força que parecia ecoar-lhe dentro do estômago.

O tenente Stone ficou à espera, de mãos bem no ar. Tindall aproximou-se dele com cuidado, todos os seus sentidos alerta para qualquer sensação, qualquer indício ou cheiro de Magia Livre ou dos Mortos. Mas tudo o que sentiu foi Magia da Carta, alguma magia imprecisa e vaga que envolvia ambos os homens e o cão. Algum encantamento protetor, presumiu.

À distância de um braço, encostou delicadamente a ponta da espada à garganta do Tenente desconhecido, alguns centímetros acima do ponto onde a cota de malha prendia. Depois estendeu a mão e tocou na marca da Carta na testa do homem com o dedo indicador da sua mão esquerda.

Irrompeu fogo dourado da marca quando Tindall lhe tocou e sentiu-se mergulhar no turbilhão familiar e infinito da Carta. Era uma marca pura, e Tindall ficou aliviado ao sentir a força da Carta.

— Francis Tindall, não é? — perguntou Sam, grato por ter criado um bigode farfalhado como parte do encantamento que o disfarçava com o uniforme e o equipamento de um oficial dos Batedores. Encontrara-se com o jovem oficial diversas vezes no ano anterior nas habituais cerimônias oficiais que tinham lugar todos os trimestres. O Tenente era apenas alguns anos mais velho do que Sam. O pai de Francis, o general Tindall, comandava toda a Guarnição do Perímetro.

— Sim — respondeu Francis, surpreendido. — Apesar de não recordar...

— Sam Stone — disse Sameth. Mas manteve as mãos no ar e desviou a cabeça para trás. — É melhor verificar o sargento Clare. Mas cuidado com a cabeça dele. O ferimento da seta é do lado esquerdo. Ele está bastante grogue.

Tindall anuiu, contornou-o e repetiu o procedimento com a espada e a mão no sargento ferido. A maior parte da cabeça do homem estava rudimentarmente enfaixada, mas a marca da Carta era nítida, pelo que lhe tocou. Mais uma vez a encontrou pura. Desta vez percebeu também que o poder dentro do Sargento era muito, muito forte — tal como sucedera com o do tenente Stone. Ambos os soldados eram Magos da Carta extremamente poderosos, dos mais poderosos que alguma vez encontrara.

— Estão limpos! — gritou ao sargento Evans. — Os homens que desçam e voltem para os postos de escuta!

— Ah — proferiu Sam. — Como foi que nos detectou? Não contava que as trincheiras aqui estivessem guarnecidas.

— Há uma emergência mais para oeste — explicou Tindall, enquanto seguia na frente de volta à trincheira. — Recebemos as ordens há apenas uma hora. Na verdade, foi uma sorte ainda estarmos aqui, uma vez que o resto do batalhão encontra-se a meio caminho de Bain. Chamado para dar apoio às autoridades civis. Provavelmente novos problemas nos campos dos Sulistas, ou manifestações do Nosso País. A nossa companhia pertencia ao grupo da retaguarda.

— Uma emergência a oeste daqui? — perguntou Sam, cheio de ansiedade. — Que tipo de emergência?

— Não fomos informados — replicou Tindall. — Sabe de alguma

coisa?

— Espero que não — respondeu Sam. — Mas preciso entrar em contato com o QG o mais rapidamente possível. Tem consigo um telefone de campanha?

— Sim — respondeu Tindall. — Mas não está funcionando. O vento do outro lado da Muralha, presumo. O da Companhia do PP talvez funcione, suponho, caso contrário, terão de voltar à estrada.

— Diabo! — exclamou Sam enquanto desciam a trincheira. Uma emergência a oeste. Tinha de estar relacionada com Hedge e Nicholas. Distraidamente, retribuiu a continência de Evans e reparou em todos os rostos brancos que o fitavam do escuro da trincheira, rostos que patenteavam o seu alívio por não ser uma criatura do Reino Antigo.

A Cadela desceu ao lado dele, e os soldados mais próximos estremeceram. Lirael seguiu devagar atrás do animal, os seus músculos ainda doloridos de voar. Era estranho, este Perímetro, e assustador também. Sentia o imenso peso de muitas mortes aqui, por todo o lado à sua volta. Havia muitos Mortos comprimindo-se na fronteira com a Vida, impedidos de atravessar apenas pelas flautas eólicas que entoavam o seu canto silencioso na Terra de Ninguém. Sabriel as fizera, sabia, pois as flautas eólicas durariam enquanto o atual Abhorsen vivesse. Quando ele falecesse, as flautas eólicas seriam ineficazes na próxima lua cheia e os Mortos ressuscitariam, até voltarem a ser presos pelo novo Abhorsen. Que, percebeu Lirael, seria ela própria.

O tenente Tindall notou o estremecimento dela e olhou-a com preocupação.

— Não devíamos levar o seu Sargento ao posto médico do regimento? — inquiriu. Havia algo de peculiar no Sargento, algo que não o deixava olhar diretamente para ele. Se espreitasse pelos cantos dos olhos, Tindall conseguia ver uma aura difusa que não correspondia exatamente ao contorno que esperava. Aquela bandoleira também era estranha. Desde quando é que os Batedores transportavam bandoleiras com munições para espingarda? Em particular quando nenhum deles tinha espingarda?

— Não — disse Sam rapidamente. — Ele ficará bem. Temos de alcançar um telefone o mais depressa possível e contactar o coronel Dwyer.

Tindall anuiu mas não disse nada. O aceno escondeu um momento de preocupação que lhe perpassou pelo rosto e os pensamentos que lhe atravessavam a cabeça. O tenente-coronel Dwyer, que comandava os Batedores do Ponto de Passagem, estava de licença há dois meses. Tindall fora-se despedir dele, após um jantar memorável no quartel-general do pai.

— É melhor vir comigo até à Companhia do PP — disse por fim. — O major Greene querará dar-lhe uma palavrinha.

— Tenho de telefonar — insistiu Sam. — Não há tempo para conversas!

— O telefone do major Greene pode estar operacional — disse Tindall, tentando manter a voz o mais regular possível. — Sargento Evans, assumo o comando do pelotão. Byatt e Emerson... sigam-me. Mantenham essas baionetas colocadas. Oh, Evans! envie um mensageiro ao tenente Gotley para vir me encontrar no PP. Acho que vamos precisar da sua perícia em sinais.

Seguiu na frente até à trincheira das comunicações, Sam, Lirael e a Cadela atrás dele. Evans, que captara o olhar do Tenente e compreendera o pedido para que fosse chamar o único Mago da Carta na companhia além do major Greene, reteve Byatt e Emerson durante alguns momentos, murmurando:

— Tem algo esquisito, pessoal. Se o chefe der a ordem, ou existir algum indício de problemas, espetem aqueles dois pelas costas!

A DECISÃO DO MAJOR

O coração de Sam teve um baque quando o tenente Tindall os levou para um abrigo subterrâneo cerca de cem metros por trás da trincheira de combate. Mesmo com a luz difusa de uma lâmpada de óleo, pôde ver que se assemelhava demais à residência de um oficial preguiçoso e apreciador do conforto — que provavelmente não iria sequer dar ouvidos, quanto mais compreender, ao que precisavam fazer.

Viram um fogão a lenha ardendo vivamente num canto, uma garrafa de uísque aberta em cima da mesa do mapa e uma poltrona confortável enfiada em outro canto. Por sua vez, o major Greene, estava sentado na poltrona, de rosto congestionado e mal-humorado. Mas tinha as botas calçadas, reparou Sam, uma espada ao lado da poltrona e um revólver no coldre pendurado pela correia num cabide próximo.

— O que é isto? — berrou o major, levantando-se com ruído assim que eles se curvaram para passar debaixo do lintel e se espalharam à volta da mesa do mapa. Era velho para major, pensou Sam. Andaria no mínimo pelos cinquenta e à beira da reforma.

Antes que ele pudesse falar, o tenente Tindall (que passara por trás deles) disse:

— Impostores, senhor. Só não sei bem de que tipo. Eles apresentam as suas marcas da Carta puras.

Sam empertigou-se ao ouvir a palavra "impostores" e viu Lirael agarrar a coleira da Cadela quando esta rosnou, em tom cavo e zangado.

— Impostores, hein? — disse o major Greene. Olhou para Sam e, pela primeira vez, Sam percebeu que o velho oficial tinha uma marca da Carta na testa. — O que têm a alegar em sua defesa?

— Sou o tenente Stone da URPN — afirmou Sam com rigidez. Este é o sargento Clare e o cão de busca Woppet. Preciso telefonar com urgência para o QG do Perímetro...

— Que absurdo — bramou o Major, sem qualquer raiva. Conheço todos os oficiais dos Batedores, os sargentos também. Fui um durante tempo suficiente! E estou bastante familiarizado com os cães de busca e esse aí não é da raça. Ficaria surpreso se ele conseguisse encontrar uma vaca numa cozinha.

— Podia, sim senhor — afirmou a Cadela, com indignação. As suas palavras impuseram silêncio; depois, o Major pegara a espada e apontara-a a eles

e o tenente Tindall e os seus homens tinham avançado, as pontas das espadas e das baionetas escassos centímetros atrás dos pescoços desprotegidos de Sam e Lirael.

— Uups — disse a Cadela, sentando-se e apoiando a cabeça nas patas.
— Desculpe, Dona.

— Dona? — exclamou Greene, o seu rosto tornando-se ainda mais vermelho. — Quem são vocês os dois? E o que é aquilo?

Sam suspirou e disse:

— Sou o príncipe Sameth do Reino Antigo, e a minha companheira Lirael é o Futuro Abhorsen. A Cadela é uma amiga. Estamos todos sob um encantamento. Tenho a sua permissão para retirá-lo? Vamos brilhar um pouco, mas não é perigoso.

O Major ficou mais afogueado do que nunca, mas concordou.

Alguns minutos depois, Sam e Lirael encontravam-se diante do major Greene com os seus próprios rostos e roupas. Via-se que ambos estavam cansados e que tinham sofrido bastante em tempos recentes. O Major observou-os cuidadosamente, depois a Cadela. O seu peitoral desaparecera e a coleira mudara, parecia maior do que antes. Correspondeu ao olhar dele com uma expressão triste, depois estragou tudo piscando o olho.

— É o príncipe Sameth — declarou o tenente Tindall, que dera a volta para ver os rostos deles. Havia uma expressão estranha no seu rosto, um olhar compadecido, e acenou duas vezes a Sameth, que ficou surpreso. — E ela parece... peço desculpas, minha senhora. Queria dizer que se parece muito com Sabriel, quero dizer, a Abhorsen.

— Sim, sou o príncipe Sameth — disse Sam devagar, pouco esperançoso de que este Major com excesso de peso e à beira da reforma pudesse ser de grande utilidade. — Necessito urgentemente de contactar o coronel Dwyer.

— O telefone não funciona — respondeu o Major. — Além disso, o coronel Dwyer está de licença. Que necessidade urgente de comunicar é esta?

Lirael respondeu-lhe, a sua voz falhou e ficou áspera anunciando o princípio de uma constipação, provocada pela transição súbita de um Verão quente do Reino Antigo para a Primavera ancelstierana. A lâmpada de óleo cintilou quando ela falou, projetando a sua sombra sobre a mesa.

— Um mal antigo e terrível vai ser levado para Ancestierre. Precisamos de ajuda para encontrá-lo e detê-lo... antes que ele destrua o seu país e a seguir o nosso.

O Major olhou para ela, o seu rosto vermelho numa expressão carrancuda. Mas não era de incredulidade, conforme Sam temera.

— Se eu não soubesse o que significa o seu título e reconhecesse os sinos que usa — disse o Major lentamente —, desconfiaria do seu exagero. Não creio ter alguma vez ouvido falar de um mal tão poderoso capaz de destruir todo o meu país. Gostaria que isso não estivesse acontecendo agora.

— Chama-se o Destruidor — disse Lirael, a sua voz suave, mas carregada do medo que fora crescendo desde que tinham deixado o Lago Vermelho. — É um dos Nove Brilhadores Intensos, os Espíritos Livres do Começo. Foi aprisionado e separado pelos Sete e enterrado fundo debaixo do solo. Só agora os dois hemisférios de prata que o mantêm prisioneiro foram desenterrados por um necromante chamado Hedge e, no momento em que estamos aqui, ele pode estar preparando-se para atravessar a Muralha.

— Então é isso — disse o Major, mas não havia satisfação na sua voz. — Recebi um pombo-correio da Brigada sobre problemas a oeste e um alerta de defesa, mas desde então não aconteceu nada. Hedge, diz? Conheci um sargento com esse nome, nos Batedores, quando para lá. No entanto, não poderia tratar-se da mesma pessoa... isso foi há trinta e cinco anos e ele teria então os seus cinquenta...

— Major, preciso chegar a um telefone! — interrompeu Sameth.

— Imediatamente! — declarou o Major. Parecia recordar uma versão mais vigorosa e talvez mais jovem de si próprio. — Senhor Tindall, chame o seu pelotão e diga a Edward e ao SAC Porrit que organizem uma ação. Vou levar estes dois...

— Três — retificou a Cadela.

— Quatro — interrompeu Mogget, enfiando a cabeça de fora da mochila de Sam. — Estou farto de ficar calado.

— Ele também é um amigo — apressou-se Lirael a tranquilizar os soldados, no momento em que as mãos tinham ido mais uma vez às espadas e as baionetas foram apontadas. — Mogget é o gato e a Cadela Sem Vergonha é a... hum... Cadela. Eles são... hã... servos das Clayr e do Abhorsen.

— Tal como o Perímetro! Nunca chuveira, mas caem cargas de água — declarou o Major. — Agora, vou levar os quatro até à estrada da linha de reserva e vamos experimentar o telefone ali. Francis, siga para o local de encontro do transporte o mais depressa que puder. — Fez uma pausa e acrescentou: — Calculo que não saibam para onde se dirige este Hedge, se atravessaram o Perímetro?

— Forwin Mill, onde existe algo chamado Armadilha dos Raios que eles irão usar para libertar o Destruidor — explicou Lirael.

— Eles podem não ter dificuldade em atravessar o Perímetro. Hedge tem consigo o sobrinho do primeiro-ministro, Nicholas Sayre, e vai estar

aguardando-os alguém que tem uma carta do primeiro-ministro permitindo-lhes entrar com os hemisférios.

— Isso seria insuficiente — disse o Major. — Acho que poderia funcionar no Ponto de Passagem, mas levariam horas com a Guarnição patrulhando em Bain e em Corvere. Ninguém no seu perfeito juízo se deixaria levar por isso no Perímetro propriamente dito. Teriam de lutar para passar, muito embora, se foi dado um alerta há uma hora, eles provavelmente tenham conseguido. Oficial de dia!

Um cabo, um cigarro aceso escondido numa mão em concha, enfiou a cabeça pela entrada do abrigo subterrâneo.

— Traga-me um mapa que abranja Forwin Mill, em algum lugar a oeste daqui! Nunca ouvi falar do raio do lugar.

— Fica a cerca de quarenta e oito quilômetros descendo a costa a partir daqui, senhor — informou Tindall, parando no meio da corrida para a saída. — Estive pescando lá. Existe um lago com excelente salmão. Fica alguns quilômetros fora da Zona do Perímetro, Major.

— Fica? Hum! — comentou Greene, o seu rosto adquirindo mais uma vez um tom vermelho carregado. — O que mais existe lá?

— Havia uma serralheria abandonada, uma doca destruída e o que resta da linha férrea usada para trazer as árvores das colinas — enumerou Tindall. — Não sei o que possa ser esta Armadilha dos Raios, mas existe...

— Nicholas mandou construir ali a Armadilha dos Raios — interrompeu Lirael. — Muito recentemente, creio.

— Existem pessoas no local? — perguntou o Major.

— Existem agora — respondeu o tenente Tindall. — Foram construídos ali dois campos de refugiados sulistas no final do ano passado. Norris e Erimton, assim se chamam, nas colinas imediatamente por cima do vale do lago. Pode haver cinquenta mil refugiados ali, presumo, sob proteção policial.

— Se o Destruidor for unido, eles serão os primeiros a morrer — disse a Cadela. — E Hedge recolherá os seus espíritos quando atravessarem para a Morte e eles o servirão.

— Nesse caso, teremos de retirá-los dali — afirmou o Major. — Muito embora a distância a que estamos do Perímetro nos dificulte qualquer ação. O general Tindall compreenderá. Só espero que o general Kingswold tenha ido para casa. Ele é um apoiante ferrenho do Nosso País...

— Temos de nos apressar! — interrompeu Lirael subitamente. Não havia mais tempo para conversas. Tomou-a uma sensação terrível de mau presságio, como se cada segundo que passassem ali fosse um grão de areia perdido numa ampulheta quase vazia. — Temos de chegar a Forwin Mill antes

de Hedge e dos hemisférios!

— Isso mesmo! — gritou o major Greene, de repente novamente todo cheio de energia. Parecia necessitar ser espicaçado de vez em quando. Pegou o capacete, colocou-o na cabeça e agarrou o revólver pela correia com o movimento de retorno. — Avance, senhor Tindall. Rapidamente, já!

Aconteceu então tudo com enorme rapidez. O tenente Tindall desapareceu na noite, e o Major levou-os em corrida por outra trincheira de comunicação. Acabou por se elevar do solo e tornar-se um simples trilho, identificado de poucos em poucos metros por uma pedra pintada de branco que brilhava tenuemente à luz das estrelas.

Não havia lua, apesar dela ter subido no céu do lado do Reino Antigo e fazia muito mais frio aqui.

Passados vinte minutos, o Major ofegante — mas em surpreendente boa forma — abrandou para uma marcha, e o trilho chegou em uma ampla de asfalto que se estendia para leste e oeste até aonde conseguiam ver. Os postes telefônicos ladeavam a estrada, parte da rede que ligava o Perímetro em toda a sua extensão.

Havia um fortim de cimento armado do outro lado da estrada, alimentado por postes telegráficos com uma pilha de fios telefônicos tipo espaguete.

O major Greene seguiu na dianteira pelo interior de algo parecido com um míssil corpulento, gritando para acordar o pobre soldado que estava estendido sobre a mesa de um PBX, a cabeça aninhada numa teia de linhas e cavilhas.

— Ligue-me ao QG do Perímetro! — ordenou o Major. O soldado semiconsciente obedeceu-lhe, estabelecendo as ligações com a destreza entorpecida dos altamente treinados. — O general Tindall em pessoa! Acorde-o se necessário!

— Sim, meu Major — murmurou o soldado de serviço ao telefone, desejando ter escolhido uma noite diferente para beber a sua provisão secreta de rum. Mantinha uma mão sobre a boca para evitar que o cheiro chegasse ao feroz Major e aos seus estranhos companheiros.

Quando foi estabelecida a ligação, Greene agarrou o auscultador e falou rapidamente. Era óbvio que estava falando com várias pessoas de permeio que nada resolveram, porque o seu rosto ia ficando cada vez mais vermelho, até Lirael julgar que a pele dele ia incendiar-lhe o bigode. Por fim, chegou a alguém que o escutou por um minuto, sem interrupção. Depois pousou lentamente o auscultador no descanso.

— Está acontecendo uma incursão no extremo ocidental do Perímetro

neste momento — anunciou. — Há notícia de foguetes vermelhos de pedidos de socorro, mas perdemos o contato do Quilômetro Um ao Quilômetro Nove, por isso está ocorrendo um grande ataque. Ninguém sabe o que é. O general Tindall ordenou já o destacamento de uma coluna móvel, mas parece que ele foi atender outro problema no Ponto de Passagem. O inútil do coronel do Estado-maior do outro lado da linha ordenou-me que ficasse aqui.

— Ficar aqui! Não podemos ir para oeste e tentar impedir Hedge na Muralha? — perguntou Lirael.

— Perdemos o contacto há uma hora — disse o major Greene. — Não foi restabelecido. Não foram avistados mais foguetes. Isso quer dizer que não resta ninguém vivo para dispará-los. Ou então fugiram. De qualquer das formas, o seu Hedge e os hemisférios dele já estarão do outro lado da Muralha e ultrapassaram o Perímetro.

— Não compreendo como podem ter nos alcançado — comentou Lirael.

— O tempo prega partidas entre este lugar e a nossa terra — disse Mogget em tom sepulcral, assustando de morte o telefonista. O pequeno gato saltou da mochila de Sam, ignorou o soldado e acrescentou: — Muito embora espere que seja um processo moroso, arrastar os hemisférios até este Forwin Mill. Podemos ter tempo de chegar lá primeiro.

— É melhor eu contactar os meus pais — disse Sam. — Pode fazer-me uma ligação ao sistema de comunicações telefônicas civis?

— Ah — proferiu o Major. Coçou o nariz e parecia não saber o que dizer. — Achei que soubesse. Aconteceu há quase uma semana...

— O quê?

— Lamento, filho — disse o Major. Pôs-se em sentido e acrescentou: — Os seus pais morreram. Foram assassinados em Corvere pelos radicais de Corolini. Uma bomba. O carro deles ficou completamente destruído.

Sam escutou as palavras do Major de rosto inexpressivo. Depois escorregou pela parede abaixo e enfiou a cabeça nas mãos. Lirael tocou no ombro esquerdo de Sam, e a Cadela apoiou o focinho nele. Apenas Mogget pareceu insensível à notícia. Sentou-se ao lado do operador do PBX, os seus olhos verdes falseando.

Lirael passou os segundos seguintes afastando a notícia, empurrando-a para o lugar onde sempre guardava os seus problemas, um lugar que lhe permitisse continuar operacional. Se escapasse com vida, choraria a irmã que nunca conhecera, tal como choraria Touchstone e a sua mãe e tantas outras coisas que tinham corrido mal no mundo. Mas agora não havia tempo para chorar, já que muitos mais irmãos, irmãs, pais, mães e outros dependiam de eles

fazerem o que devia ser feito.

— Não pense nisso — disse Lirael, apertando o ombro de Sam. — Agora está nas nossas mãos. Temos de chegar a Forwin Mill antes de Hedge!

— Não podemos — retorquiu Sam. — Bem que podíamos desistir...

Calou-se no meio da frase, afastou as mãos do rosto e levantou-se, mas acocorou-se como se sentisse uma dor na barriga. Ficou ali em silêncio durante quase um minuto. Depois, tirou da manga a moeda-pena e atirou-a ao ar. Ela subiu girando até o teto do fortim e ficou pairando ali. Sam encostou-se à parede para observá-la, o seu corpo ainda encolhido, mas a cabeça virada para trás.

Por fim, parou de olhar para a moeda rodopiante e endireitou-se, até ficar em sentido defronte de Lirael. Não estalou os dedos para recuperar a moeda.

— Desculpem — murmurou. Tinha lágrimas nos olhos, mas limpou-as. — Agora... agora estou bem. — Baixou a cabeça a Lirael e acrescentou: — Abhorsen.

Lirael fechou os olhos por um momento. Aquela única palavra fez voltar tudo. Era o Abhorsen. Já não o futuro.

— Sim — concordou ela, aceitando o título e tudo o que ele implicava. — Sou o Abhorsen e, nessa qualidade, vou precisar de toda a ajuda que puder.

— Irei com você — afirmou o major Greene. — Mas, legalmente, não posso ordenar à companhia que siga. Muito embora a maior parte deles provavelmente se oferecesse.

— Não compreendo! — protestou Lirael. — O que importa a legalidade? Todo o seu país pode ser destruído! Todos mortos em todo o lado! Não percebe isso?

— Percebo. Só que não é assim tão simples... — começou o Major. Depois calou-se e o seu rosto vermelho ficou manchado e pálido nas têmporas. Lirael viu a testa dele enrugar-se como se um estranho pensamento tentasse se libertar. Depois dissipou-se. Cuidadosamente, levou a mão ao bolso, depois desferiu um murro com uma manopla de metal no PBX de baquelite, os seus delicados mecanismos internos explodindo com uma chuva de faíscas e fumaça.

— Maldição! É muito simples! Vou ordenar a partida da companhia. Afinal, os políticos só podem me fuzilar por isto mais tarde se triunfamos. Quanto a si, soldado Raso, se abrir a boca a este respeito a alguém, dou-lhe como comida àquela espécie de gato ali. Entendido?

— Nham — disse Mogget.

— Sim, meu Major! — murmurou o telefonista, as suas mãos tremendo enquanto tentava abafar os destroços fumegantes do seu PBX com um cobertor.

Mas o Major não parara para responder. Saía já porta fora, gritando a

algum pobre subordinado lá fora:

— Apresse-se e prepare os caminhões!

— Caminhões? — inquiriu Lirael enquanto corriam atrás dele.

— Ha... carroças sem cavalos — explicou Sam mecanicamente. As palavras saíram-lhe lentamente da boca, como se tivesse de se recordar do que eram. — Eles vão... eles vão nos levar até Forwin Mill muito mais depressa. Se funcionarem.

— Pode ser que sim — disse a Cadela, levantando o focinho e farejando. — O vento está virando para sudoeste e esfriando também. Mas olhem para oeste!

Olharam. O horizonte a oeste era iluminado pelos clarões brilhantes dos relâmpagos e ouvia-se o monótono ribombar dos trovões distantes.

Mogget observava também, de novo do seu posto no alto da mochila de Sam. Os seus olhos verdes faziam cálculos e Lirael percebeu que ele contava calmamente em voz alta. Depois farejou com ar descontente.

— A que distância disse aquele rapaz que ficava Forwin Mill? — perguntou, reparando no olhar de Lirael.

— A cerca de quarenta e oito quilômetros — respondeu Sam.

— Cerca de cinco léguas — disse Lirael ao mesmo tempo.

— Aqueles relâmpagos estão a sudoeste e a cerca de seis ou sete léguas. Hedge e a sua carga ainda devem estar atravessando a Muralha.

Segundo Interlúdio

O furgão azul do Serviço Postal reduziu as marchas ao diminuir para seguir pelo desvio da estrada para o caminho de acesso revestido de tijolo. Depois, teve de reduzir ainda mais e frear bruscamente, porque os portões que normalmente se encontravam abertos estavam fechados. Havia também pessoas com armas e espadas do outro lado. Alunas armadas de tênis brancos ou túnicas de hóquei, que pareciam estar segurando raquetes ou aléus de hóquei em vez de armas. Duas delas mantinham as espingardas orientadas para o condutor enquanto outras duas transpuseram a pequena porta no muro, as espadas desembainhadas que seguravam a postos captando a luz do sol do final de tarde.

O condutor do furgão olhou para as letras douradas, imitando as góticas por cima do portão, onde se lia "Colégio Wyverley" e a inscrição menor por baixo, que dizia: "Fundado em 1652 para Meninas de Bem".

— Que estranha forma de se ser uma menina de bem — disse entredentes. Não lhe agradava sentir medo de alunas. Olhou para o interior do furgão e disse em tom mais alto: — Chegamos. Colégio Wyverley.

Veio um tênue rocegar lá de trás, que se transformou numa série de pancadas e exclamações abafadas. O condutor ficou olhando por um segundo, enquanto os sacos do correio se levantaram e saíram mãos lá de dentro para abrir os cordões no alto. Depois virou-se de novo para frente. Duas das alunas vinham aproximando-se da sua janela, cujo vidro ele desceu imediatamente.

— Encomenda especial — anunciou, piscando o olho. — Recomendaram-me que dissesse que era dos pais de Ellie e isso significará algo para vocês, por isso não me espetem uma espada nem me alvejem.

A menina mais próxima, que não teria mais de dezessete anos, virou-se para a outra, que era ainda mais jovem, e disse:

— Vá chamar a mestra Coelle.

— Fique aqui onde está e mantenha as mãos no volante — acrescentou para o condutor. — Diga aos seus passageiros que fiquem também quietos.

— Nós ouvimos — disse uma voz lá do fundo. Uma voz de mulher, forte e vibrante. — Você é a Felicity, não é?

A garota deu um pulo. Depois, mantendo a espada a postos diante de si, espiou pela janela do condutor.

— Sim, sou eu, minha senhora — respondeu a garota, com cautela. Recuou e fez um sinal às garotas com as espingardas, que descontraíram ligeiramente mas não baixaram as armas, para grande desconforto do condutor. — Importa-se de esperar até a mestra Coelle descer? Hoje, todo o cuidado é

pouco. O vento sopra de norte e há notícia de mais distúrbios. Quantos estão aí dentro?

— Nós esperamos — disse a voz. — Dois. Estou eu e... o pai de Ellimere.

— Hum, olá — saudou Felicity. — Tinham nos dito... que haviam... apesar da mestra Coelle não acreditar...

— Não falemos disso agora — pediu Sabriel. Saíra entretanto do saco do correio e estava acorada atrás do condutor. Felicity voltou a espiar, assegurando-se de que a mulher que vira era, na verdade, a mãe de Ellimere. Apesar de Sabriel envergar o uniforme azul do Serviço Postal e um boné de guarda bem enterrado para esconder o seu cabelo negro como a noite, estava reconhecível. Mas Felicity continuava desconfiada. O verdadeiro teste teria lugar quando a mestra Coelle verificasse as marcas da Carta desta gente.

— Aqui está o seu pagamento, conforme o combinado — disse Sabriel, entregando um envelope grosso ao condutor. Ele aceitou-o e olhou imediatamente lá para dentro, um ligeiro sorriso estampado na sua boca e nos seus olhos.

— Muito obrigado — disse ele. — E a minha boca também não se abrirá, conforme prometi.

— É o melhor que tem a fazer — murmurou Touchstone.

O condutor ficou manifestamente ofendido com este comentário. Fungou e disse:

— Vivo e sempre vivi próximo de Bain e sei o que é o quê. Não os ajudei pelo dinheiro. Isso é apenas uma lembrança.

— Agradecemos a sua ajuda — disse Sabriel, deitando um olhar dominador a Touchstone. Estar preso dentro de um saco do correio durante várias horas não melhorara em nada o seu humor, nem tão pouco a espera, agora que estavam tão próximo da Muralha e do seu país. O Colégio Wyverley ficava apenas a sessenta e quatro quilômetros para sul da fronteira.

— Tome, vou devolver-lhe — disse o condutor. Retirou o envelope e arremessou-o na direção de Touchstone.

— Não, não, considere apenas uma recompensa — afirmou Sabriel calmamente e voltou a dar-lhe o envelope. O condutor resistiu por um momento, depois encolheu os ombros e colocou o dinheiro em algum lugar dentro do blusão e instalou-se no seu lugar, carrancudo.

— A Mestra vem aí — anunciou Felicity, aliviada, quando olhou para trás para uma mulher mais velha e várias alunas que desciam o acesso. Pareciam ter surgido de lado nenhum, pois o edifício principal do colégio ficava escondido por trás da curva, encoberto por uma fila de álamos muito juntos.

Assim que a mestra Coelle chegou, foi apenas uma questão de minutos antes de ser avaliada a pureza das marcas da Carta nas testas de Sabriel e Touchstone e seguirem todos a caminho do colégio e o furgão dos correios regressar a Bain.

— Eu sabia que a notícia era falsa — disse a mestra Coelle enquanto caminhavam rapidamente, quase em corrida, até às portas enormes tipo portão do edifício principal. — O *Corvere Times* publicou uma fotografia de dois carros incendiados e alguns corpos mas adiantava pouco mais. Parecia mesmo um esquema para ludibriar.

— Foi bastante real — disse Sabriel. — Damed e mais onze morreram naquele ataque, e outros dois da nossa gente fora de Hennen. Talvez tenham morrido mais, para lançar pistas falsas. Nenhuma dos nossos veio nos procurar aqui?

Coelle abanou a cabeça.

— Damed não será esquecido — disse Touchstone. — Nem Barlest, nem qualquer deles. Também não esqueceremos os nossos inimigos.

— São tempos terríveis — suspirou Coelle. Abanou a cabeça várias vezes enquanto entravam, passando por mais alunas armadas, que pareciam amedrontadas ante a lendária Sabriel e o seu consorte, apesar dele ser apenas o Rei do Reino Antigo e de modo nenhum tão interessante. Em tempos, Sabriel fora uma delas. Continuaram a olhar muito depois de Coelle ter conduzido os distintos visitantes por uma porta até à Sala de Visitas dos Pais, possivelmente a sala mais luxuosamente mobilada de todo o colégio.

— As coisas que aqui deixamos não foram mexidas, pois não é? — perguntou Sabriel. — Qual é a situação? Que notícias há?

— Está tudo tal como deixou — respondeu Coelle. — Ainda não temos problemas sérios. Felicity! Por favor, mande buscar a arca da Abhorsen. Pippa e Zettie... e quem estiver hoje encarregado do salão... poderá ajudá-las. Quanto a notícias, tenho mensagens e...

— Mensagens! De Ellimere ou Sameth? — inquiriu Touchstone com urgência.

Coelle retirou da manga dois pedaços de papel dobrados e estendeu-os. Touchstone agarrou-os avidamente e aproximou-se de Sabriel para os lerem, enquanto Felicity e o seu grupo se puseram em movimento e desapareceram por uma das portas pesadas e fortemente envernizadas.

A primeira mensagem fora escrita com lápis azul num pedaço de cabeçalho rasgado que continha o símbolo da corneta e do pergaminho que adornava a lateral do furgão dos correios. Touchstone e Sabriel leram-no cuidadosamente, sulcos profundos nas testas de ambos. Depois voltaram a ler e

entreolharam-se, a enorme surpresa patente nos seus rostos.

— Uma das nossas antigas alunas enviou esse — adiantou Coelle com nervosismo, como ninguém dissesse nada. — Lornella Acren-Janes, que é assistente do Correio-Mor. Uma cópia de um telegrama, obviamente. Não sei se chegou à sua embaixada.

— É de confiança? — perguntou Touchstone. — Tia Lirael? Futuro Abhorsen? Será outra manobra para nos enganar?

Sabriel abanou a cabeça.

— Parece de Sam — disse ela. — Muito embora não o compreenda. Pelo visto, aconteceu muita coisa no Reino Antigo. Não creio que cheguemos rapidamente ao fundo de toda a questão.

Desdobrou o segundo pedaço de papel. Ao contrário do primeiro, este era espesso, manufaturado e continha apenas três símbolos. Marcas da carta em repouso, escuras na página branca. Sabriel passou a palma da mão sobre elas, que adquiriram vida brilhando, quase saltando para a sua mão. Com elas chegou a voz de Ellimere, cristalina e forte como se se encontrasse ao lado deles.

— Mãe! Pai! Espero que recebam isto muito depressa. As Clayr viram muito mais, demais para contar nesta mensagem. Existe um perigo enorme, maior do que imaginam. Estou em Barhedrin com a Guarda, os Bandos Treinados e Setecentas e Oitenta e Quatro Clayr. Elas estão tentando ver o que temos de fazer. Dizem que Sam está vivo e bem e que o que quer que façamos, vocês têm de chegar a Barhedrin no Dia de Anstyr ou será tarde demais. Temos de levar as Asas de Papel para um determinado lugar. Oh... tenho uma tia, aparentemente sua meia-irmã... O quê? Não interrompa...

A voz de Ellimere parou a meio da palavra. As marcas da Carta voltaram para o papel sumindo.

— Uma interrupção no meio da fórmula — comentou Touchstone, de cenho carregado. — Não é nada típico de Ellimere não refazê-la. Meia-irmã de quem? Ela não pode ser minha...

— O aspecto importante é que as Clayr viram algo finalmente — disse Sabriel. — O Dia de Anstyr... precisamos consultar um almanaque — disse Sabriel. — Deve ser em breve... muito em breve... teremos de partir imediatamente.

— Não sei bem se será possível — aludiu Coelle, com nervosismo.

— Essa mensagem só chegou aqui hoje de manhã. Trouxe-a um Batedor do Ponto de Passagem. Ele estava com pressa de regressar. Ao que parece, houve uma espécie de ataque do outro lado da Muralha e...

— Um ataque do outro lado da Muralha! — interromperam Sabriel e Touchstone ao mesmo tempo. — Que tipo de ataque?

— Ele não disse — balbuciou Coelle, surpresa com a rispidez da pergunta, Sabriel e Touchstone inclinando-se ambos para ela. — Foi no extremo oeste. Mas houve também problemas no Ponto de Passagem. Ao que parece, o general Kingswold, o Inspetor-Geral de visita, declarou-se a favor do governo do Nosso País, mas o general Tindall recusa-se a reconhecê-lo ou Kingswold. Várias unidades tomaram partido, algumas estão com Tindall, outras com Kingswold...

— Pelo visto Corolini tentou tomar abertamente o poder? — perguntou Sabriel. — Quando foi que isto aconteceu?

— Vinha no jornal desta manhã — replicou Coelle. — Não recebemos a edição da tarde. Há combates em Corvere... Não sabiam?

— Chegamos até aqui disfarçados, evitando o máximo possível o contato com Ancelstieranos — disse Touchstone. — Não tivemos muito tempo para ler os jornais.

— O *Times* dizia que o primeiro-ministro ainda controla o Arsenal, o Palácio das Decisões e a Assembléia de Corvere — informou Coelle.

— Se ele ocupa o Palácio, então ainda controla o Árbitro Hereditário — alegou Touchstone. Olhou para Sabriel, pedindo a confirmação. — Corolini não pode formar um governo sem a aprovação do Árbitro, não é?

— Não, a menos que tudo tenha desmoronado — afirmou Sabriel em tom categórico. — Mas não importa. Corolini, a tentativa de golpe... tudo isso não passou de uma manobra de diversão. Tudo o que aconteceu aqui é obra de alguma força do Reino Antigo, o nosso reino. As guerras continentais, o influxo de refugiados sulistas, a ascensão de Corolini, foi tudo orquestrado, planejado com algum propósito que desconhecemos. Mas o que pode uma força do nosso Reino pretender de Ancelstierre? Concebo que se semeie a confusão em Ancelstierre para facilitar um ataque do outro lado da Muralha. Mas com que finalidade? E por quem?

— O telegrama de Sam menciona Chlorr — disse Touchstone.

— Chlorr é apenas uma necromante, embora poderosa — afirmou Sabriel. — Deve ser outra coisa. Mal desenterrado... quer dizer, posto a descoberto... próximo de Edge...

Sabriel parou no meio da frase enquanto Felicity e as suas três auxiliares avançavam com dificuldade, transportando uma arca comprida com aplicações de latão. Pousaram-na no meio do chão. Espalharam-se marcas da Carta em linhas indolentes ao longo da tampa e sobre o buraco da fechadura. Tornaram-se mais brilhantes quando Sabriel tocou na fechadura e murmurou algumas palavras baixinho. Ouviu-se um ruído seco, a tampa levantou-se apenas a espessura de um dedo, depois Sabriel abriu-a toda pondo a descoberto roupas,

armadura, espadas e a sua bandoleira com os sinos. Sabriel ignorou-os, remexendo de um lado até retirar um livro grande com encadernação de couro. Letras douradas gravadas na capa anunciavam que o livro era *Um Almanaque dos Dois Países e da Região da Muralha*. Passou rapidamente as folhas grossas até chegar a uma série de tabelas.

— Que dia é hoje? — perguntou. — A data?

— Vinte — disse Coelle.

Sabriel passou o dedo por um quadro e depois deslocou-o na lateral. Olhou para o resultado e o seu dedo tornou a percorrer os números enquanto voltava a verificar rapidamente.

— Quando é? — indagou Touchstone. — O Dia de Anstyr?

— Agora — respondeu Sabriel. — Hoje.

As suas palavras foram recebidas com silêncio. Touchstone recobrou um momento depois.

— Será ainda de manhã no Reino — disse ele. — Vamos conseguir.

— Não por estrada, sem se poder contar com o Ponto de Passagem — disse Sabriel. — Estamos muito para sul para chamarmos uma Asa de Papel... — Os olhos dela brilharam com uma idéia súbita. — Mestra, Hugh Jorbert ainda aluga o cercado ocidental do colégio para a sua escola de aviação?

— Sim — disse Coelle. — Mas os Jorbert estão de férias. Só voltam daqui a um mês.

— Não podemos voar num aparelho ancelstierrano — protestou Touchstone. — O vento sopra de norte. O motor parará a dezesseis quilômetros daqui.

— Se subíssemos o suficiente, conseguiríamos planar — afirmou Sabriel. — Mas não sem um piloto. Quantas garotas tiveram lições de vôo?

— Talvez uma dúzia — respondeu Coelle com relutância. — Não sei se alguma delas conseguirá voar sozinha...

— Mas eu tenho experiência — interrompeu Felicity, ansiosa. O meu pai costumava voar com o coronel Jorbert na Força Aérea. Tive duzentas horas com o nosso instrutor Humbert em casa e cinquenta aqui no *Beskivith*. Fiz aterrisagens de emergência, vôos noturnos e tudo. Posso levá-los até ao outro lado da Muralha.

— Não pode, não — contrapôs a mestra Coelle. — Eu a proíbo!

— Estes não são tempos normais — alegou Sabriel, dominando Coelle com um olhar. — Temos todos de fazer o que pudermos. Obrigada, Felicity. Nós aceitamos. Por favor, vá aprontar tudo, enquanto nos mudamos para roupas mais adequadas.

Felicity soltou um grito excitado e saiu correndo, sendo seguida de

muito perto. Coelle esboçou um movimento para impedi-la, mas não fez menção de ir atrás dela. Sentou-se antes na poltrona mais próxima, tirou um lenço da manga e limpou a testa. A marca da Carta ali brilhou tenuemente quando o tecido passou por cima dela.

— Ela é uma aluna — disse Coelle. — O que vou dizer aos pais dela se... se ela...

— Não sei — retorquiu Sabriel. — Nunca soube o que dizer às pessoas. Só que é preferível fazer algo do que nada, mesmo que os custos sejam grandes.

Não olhou para Coelle quando falou, mas através da janela. Havia no meio do relvado um obelisco de mármore branco, com seis metros de altura. Nas suas laterais estavam gravados muitos nomes. Eram pequenos demais para se lerem da janela, mas, de qualquer forma, Sabriel sabia a maior parte deles, mesmo que não tivesse conhecido as pessoas. O obelisco era um memorial a todos aqueles que haviam tombado numa terrível noite cerca de vinte anos antes, quando Kerrigor atravessara a Muralha com uma horda de Mortos. Estavam lá os nomes do coronel Horyse, muitos outros soldados, alunas, professores, polícias, dois cozinheiros, um jardineiro...

Um clarão de cor para lá do obelisco captou a atenção de Sabriel. Um coelho branco atravessou o relvado, intensamente perseguido por uma jovem, os seus rabichos esvoaçando enquanto tentava em vão capturar o seu animal de estimação. Por um momento, Sabriel ficou perdida no tempo, recuando até outro coelho em fuga, outra aluna com rabichos. Jacinth e Bunny.

Jacinth era um dos nomes no obelisco, mas o coelho lá fora podia perfeitamente ser um descendente remoto de Bunny. A vida continuava, muito embora nunca sem conflitos.

Sabriel afastou-se da janela e do passado. O futuro era o que a preocupava naquele momento. Tinham de chegar a Barhedrin dentro de doze horas. Sobressaltou Coelle abrindo o guarda-pó azul, revelando-se nua por baixo dele. Quando Touchstone começou a desabotoar o seu, Coelle soltou um pequeno grito e saiu correndo da sala. Sabriel e Touchstone olharam um para o outro e riram. Apenas por um instante, antes de começarem a vestir rapidamente as roupas que estavam na arca. Não tardaram a parecer novamente iguais a si próprios, com boa roupa interior de linho, camisa e calças de lã e cotas de malha e capas. Touchstone tinha as suas espadas gêmeas, Sabriel a sua de Abhorsen e, o mais importante de tudo, voltara a usar a sua bandoleira com os sinos.

— Preparado? — perguntou ao colocar a bandoleira sobre o peito e ajustá-la.

— Preparado — confirmou Touchstone. — Ou tão preparado quanto é possível estar. Detesto voar nas melhores asas, quanto mais numa dessas

máquinas ancelstierranas que não oferecem a mínima confiança.

— Calculo que vá ser pior do que o habitual — disse Sabriel. — Mas não creio que tenhamos qualquer outra alternativa.

— Claro — suspirou Touchstone. — Até tenho medo de perguntar de que forma irá ser pior do que o habitual?

— Porque, a menos que esteja enganada — disse Sabriel —, Jorbert terá partido com a mulher no *Beskwttb* de dois lugares. Restará o mono-lugar *Humbert Twelve*. Vamos ter de ir deitados nas asas.

— Fico sempre surpreso com aquilo que sabe — disse Touchstone. — Não entendo nada destas máquinas. Todas as aeronaves de Jorbert me parecem iguais.

— Infelizmente não são — respondeu Sabriel. — Mas não me ocorre outra forma de voltar ao país. Não se queremos alcançar Barhedrin antes do fim do dia. Vamos!

Saiu da sala em grandes passadas e não parou para olhar para trás para ver se Touchstone a seguia. Claro que sim.

A escola de vôo de Jorbert era um negócio muito pequeno, não mais do que um passatempo para um coronel reformado da Força Aérea. Havia um único hangar a cerca de cem metros da sua confortável casa de fazenda ampliada. O hangar situava-se a um canto do Campo Ocidental do Colégio Wyverley, o qual, devidamente delimitado por tambores de petróleo pintados de amarelo, servia de pista.

Sabriel tinha razão a respeito da aeronave. Havia apenas uma, um biplano monolugar em forma de caixa verde que pareceu a Touchstone excessivamente dependente das suas muitas estruturas de suporte e arames que o mantinham unido.

Felicity, quase irreconhecível com capacete, óculos e jaqueta de pele, encontrava-se já na carlinga. Havia outra garota junto à hélice e mais duas acoradas ao pé das rodas debaixo da fuselagem.

— Vão ter de se deitar nas asas — gritou Felicity, animada. — Esqueci que o Coronel tinha levado o *Beskwith*. Não se preocupem, não é nada difícil. Existem pegas. Já o fiz montes de vezes... bem, duas vezes... e caminhei também sobre a asa.

— Pegas — comentou Touchstone entredentes. — Caminhar sobre a asa.

— Chhhi — ordenou Sabriel. — Não incomode o nosso piloto. Subiu com agilidade para o lado esquerdo e deitou-se sobre a asa, agarrando-se bem às duas pegas. Os sinos constituíam um incômodo, mas já estava acostumada.

Touchstone subiu com menos destreza para o lado direito — e quase enfiou o pé pela asa. Transtornado ao verificar que era apenas tecido esticado sobre uma estrutura de madeira, deitou-se com extremo cuidado e agarrou-se com força às pegas. Não se soltaram, conforme esperara em parte que fosse acontecer.

— Preparados? — perguntou Felicity.

— Preparada! — gritou Sabriel.

— Acho que sim — murmurou Touchstone. Depois, muito mais alto, gritou um sonoro "Sim!"

— Contato! — ordenou Felicity. A garota da frente rodou habilmente a hélice e recuou. Aquela começou a girar enquanto o motor arrancava. Vacilou por um momento, depois acelerou para uma mancha difusa quando o motor pegou.

— Retirar calços!

As outras garotas puxaram as cordas, afastando para cada lado os calços que prendiam as rodas. O avião avançou, em seguida deu algumas sacudidelas descrevendo um arco lento até ficar colocado na pista e virado para o vento. O som do motor aumentou, e o avião começou a deslocar-se, saltando cada vez mais, como se fosse uma ave desajeitada que necessitava saltar e bater as asas durante muito tempo para ser transportada pelo ar.

Touchstone observou o solo à frente, os seus olhos chorando quando a velocidade aumentou. Contara que o avião descolasse como uma Asa de Papel — com bastante rapidez, facilidade e entusiasmo. Mas enquanto aceleravam pelo campo fora e o muro baixo de pedra no extremo norte se aproximava cada vez mais, deu-se conta de que não entendia nada de aviões ancelstierranos. Obviamente iriam saltar bruscamente para o céu mesmo no fim do campo.

Ou talvez não, pensou alguns segundos mais tarde. Continuavam no solo e o muro estava apenas vinte ou trinta passos à frente deles. Começou a achar que seria preferível soltar-se e tentar saltar antes da destruição iminente. Mas não conseguia ver Sabriel na outra asa e não ia sair sem ela.

O avião deslizou para o lado e saltou para o ar. Touchstone suspirou de alívio quando evitaram o muro por escassos centímetros, depois gritou quando voltaram a descer. O choque com o solo deu-se com força e estava sem fôlego para fazer fosse o que fosse no momento em que voltaram a saltar e finalmente ganharam altura.

— Desculpem! — gritou Felicity, a sua voz quase inaudível acima do motor e do fluxo de ar. — Mais pesado do que é costume. Me esqueci.

Ouviu Sabriel gritar algo do outro lado, mas não conseguiu entender as palavras. Fosse o que fosse, Felicity acenava com a cabeça. Quase de imediato, o

avião começou a descrever uma espiral de novo para sul, ganhando altitude. Touchstone anuiu para si mesma. Iam precisar ganhar o máximo de altitude que pudessem para conseguirem o maior ângulo de vôo planado. Com um vento de norte, muito provavelmente o motor falharia dentro de dezesseis quilômetros. Por conseguinte, teriam de poder planar pelo menos até lá e, de preferência até um pouco mais longe. Não bastaria aterrissarem no Perímetro.

Não que aterrissar no Reino Antigo fosse fácil. Touchstone olhou para o tecido da asa agitando-se por cima dele e esperou que a maior parte do avião fosse de fabrico humano. Porque se alguma parte dele não fossem, começariam a desfazer-se não tardaria, o destino habitual dos dispositivos e da maquinaria ancelstierranos assim que atravessavam a Muralha.

— Nunca mais volto a voar — murmurou Touchstone. Depois, lembrou-se da mensagem de Ellimere. Se não conseguissem aterrissar do outro lado da Muralha e chegar a Barhedrin, então teriam de voar para algum lugar numa Asa de Papel, para travar um combate com um Inimigo desconhecido com poderes também desconhecidos.

O rosto de Touchstone endureceu-se ante aquela idéia. Seria bem vindo aquele combate. Ele e Sabriel tinham lutado tempo demais contra adversários manipulados à distância. Agora, o que quer que fosse saía para a superfície e teria de enfrentar as forças combinadas do Rei, da Abhorsen e das Clayr.

Desde que, o Rei e a Abhorsen conseguissem sobreviver a este vôo.

Terceira Parte

O REGRESSO A ANCELSTIERRE

— O vento está virando para nor-nordeste, meu Tenente — informou o alabardeiro Prindel enquanto observava a seta do anemômetro que se encontrava ligado mecanicamente ao catavento vários pisos abaixo deles. Quando a seta virou, as luzes elétricas por cima tremularam e apagaram-se, deixando a sala iluminada apenas pelas duas lanternas à prova de vento bastante enegrecidas. Prindel olhou para o seu relógio, que parara e depois para a vela com traços que indicava o tempo, colocada entre as lanternas à prova de vento. — Falha eléctrica aproximadamente a 1649.

— Muito bem, Prindel — respondeu o tenente Drewe. — Mande mudar para óleo e ligar para o quartel-general. Vou até o farol.

— Sim, sim, meu Tenente — retorquiu Prindel. Destapou um tubo acústico e gritou para dentro dele: — Mudar para óleo! Quartel-general! Volto a repetir, quartel-general!

— Entendido! — chegou o eco pelo tubo acústico, seguido do grito de uma sirene acionada por manivela e do som estridente de uma sineta roufenha, qualquer delas ouvindo-se em todo o farol.

Drewe estremeceu no seu anoraque azul e colocou um cinto largo de couro que sustentava tanto um revólver como um alfange. O seu capacete azul de aço, adornado com o emblema das chaves douradas em cruz que proclamava o seu atual cargo de Encarregado do Farol Ocidental, completava o equipamento. O capacete pertencera ao seu antecessor e ficava-lhe ligeiramente grande, por isso Drewe se sentira um pouco tolo quando o colocara, mas ordens eram ordens.

A sala de controle ficava cinco pisos abaixo do farol. Quando Drewe subia em ritmo constante os degraus, encontrou o marinheiro Kerrick que descia apressadamente.

— Meu Tenente! É melhor apressar-se!

— Estou me apressando, Kerrick — respondeu Drewe tranquilamente, esperando que a sua voz soasse mais firme do que o seu coração acelerado. — O que é?

— Nevoeiro...

— Há sempre nevoeiro. É por isso que estamos aqui. Para avisar qualquer navio para não ir direito a ele.

— Não, não, meu Tenente! Não é no mar! É em terra. Um nevoeiro que

avança, vindo de norte. Há relâmpagos atrás dele e dirige-se para a Muralha. E vem gente de sul, também!

Drewe abandonou a sua calma, que lhe fora inculcada com tanto cuidado na Escola Naval que abandonara há apenas dezoito meses. Passou por Kerrick e subiu o resto dos degraus, três de cada vez. Arfava quando abriu com força o alçapão de aço e chegou à câmara do farol, mas respirou fundo e conseguiu dar mostras do oficial da armada calmo e senhor de si que se esperava que fosse.

O farol estava apagado e não seria aceso durante outra hora ou assim. Existia um sistema duplo, um a óleo e mecânico, o outro totalmente elétrico, para prover à forma estranha como a eletricidade e a tecnologia falhavam quando o vento soprava do norte. Do Reino Antigo.

Drewe ficou aliviado ao ver que o seu oficial subalterno mais experiente já se encontrava ali. O timoneiro Berl estava do lado de fora no passadiço, os enormes binóculos de observador colados aos olhos. Drewe foi ter com ele, preparando-se para a brisa fria. Mas quando saiu, o vento era quente, outro sinal de que vinha do norte. Berl dissera-lhe que as estações eram diferentes do outro lado da Muralha, e Drewe estava no Farol Ocidental há tempo suficiente para acreditar nele agora, apesar de ter rejeitado a idéia de início.

— O que está acontecendo? — perguntou Drewe. O nevoeiro marítimo habitual vinha do largo, como sempre sucedia, noite e dia. Mas havia outro nevoeiro, mais escuro, que avançava do norte, em direção à Muralha. Era estranhamente iluminado por relâmpagos e estendia-se para leste tanto quanto Drewe podia ver.

— Onde estão estas pessoas?

Berl entregou-lhe os binóculos e apontou.

— Centenas delas, senhor Drewe, talvez milhares. Sulistas, calculo, do campo de Lington Hill. Dirigem-se para norte, tentando atravessar a Muralha. Mas o problema não são elas.

Drewe rodou o botão de focagem, bateu com os binóculos na borda do seu capacete e desejou poder impressionar mais na presença de Berl.

A princípio, não conseguiu ver nada, mas quando focou corretamente, todas as manchas difusas ficaram nítidas e tornaram-se figuras correndo. Eram milhares, homens com chapéus azuis e mulheres com lenços azuis e muitas crianças vestidas todas de azul. Atiravam tábuas ao arame em concertina, abrindo caminho à força e cortando onde era preciso. Alguns haviam já alcançado a Terra de Ninguém do arame e estavam quase na Muralha. Drewe abanou a cabeça ante a visão. Por que diabo estariam tentando passar para o Reino Antigo? Para agravar ainda mais a situação, alguns dos Sulistas que tinham alcançado a Muralha voltavam para trás correndo...

— O QG do Perímetro foi informado sobre esta gente? — perguntou. Havia lá um posto do Exército, pelo menos uma companhia nas trincheiras da retaguarda, com piquetes e postos de escuta espalhados de um lado ao outro. — O que os macacos estavam fazendo?

— Os telefones não devem funcionar — afirmou Berl, carrancudo. -- Além disso, aquelas pessoas não constituem problema. Repare na extremidade dianteira daquele nevoeiro, meu Tenente.

Drewe virou os binóculos. O nevoeiro avançava mais depressa do que julgara e era surpreendentemente constante. Quase como uma muralha, descendo ao encontro da de pedra. Nevoeiro estranho, com relâmpagos a iluminá-lo do interior...

Drewe engoliu em seco, pestanejou e ajustou novamente o botão de focagem dos binóculos, incapaz de acreditar no que estava vendo. Havia coisas na primeira linha do nevoeiro. Coisas que podiam já ter sido gente, mas agora não o eram. Ouvira histórias sobre tais criaturas quando fora destacado inicialmente para a costa norte, mas não acreditara realmente nelas. Cadáveres ambulantes, monstros inexplicáveis, magia simultaneamente cruel e benéfica...

— Aqueles Sulistas não terão qualquer chance — murmurou Berl. — Cresci no norte. Vi o que aconteceu há vinte anos em Bain...

— Calado, Berl — ordenou Drewe. — Kerrick!

Kerrick enfiou a cabeça pela porta.

— Kerrick, traga uma dúzia de foguetes vermelhos e comece e a dispará-los. Um a cada três minutos.

— Fo-foguetes vermelhos, meu Tenente? — disse Kerrick com voz trêmula. Os foguetes vermelhos eram o sinal derradeiro de perigo para o farol.

— Foguetes vermelhos! Depressa! — bradou Drewe. — Berl! Quero todos os homens exceto Kerrick reunidos aqui fora dentro de cinco minutos, com equipamento número três e espingardas!

— As espingardas não vão funcionar, meu Tenente — afirmou Berl, pesaroso. — E aqueles Sulistas não deviam ter atravessado o Perímetro a menos que a guarnição já estivesse morta. Havia uma companhia inteira do Exército lá embaixo...

— Eu dei-lhe uma ordem! Trate de cumpri-la imediatamente!

— Meu Tenente, não podemos ajudá-los — suplicou Berl. — O senhor não sabe do que aquelas coisas são capazes! Temos ordens para defender o farol, não para...

— Timoneiro Berl — disse Drewe com rispidez. — Quaisquer que sejam as falhas do exército, a Armada Real ancelstierrana nunca ficou de braços cruzados enquanto morriam inocentes. Não será agora que vai começar a fazê-lo

sob o meu comando!

— Sim, sim, meu Tenente — respondeu Berl com lentidão. Elevou uma mão forte em continência, depois a fez descer subitamente com violência sobre o pescoço de Drewe, abaixo da borda do capacete do oficial. O Tenente caiu nos braços de Berl e o timoneiro estendeu-o cuidadosamente no chão e tirou-lhe o revólver e o alfange.

— Para onde está olhando, Kerrick! Dispare esses malditos foguetes!

— Mas... mas... e então...

— Se ele voltar a si, dê-lhe uma caneca de água e diga-lhe que assumi o comando — ordenou Berl. — Vou lá para baixo preparar as defesas.

— Defesas?

— Aqueles Sulistas vêm do sul, diretamente através das linhas do Exército. Por isso há algo já deste lado, algo que acertou de vez os soldados. Algo Morto, a menos que eu esteja enganado. A seguir seremos nós, se eles aqui não estiverem preparados. Portanto, dispare esses malditos foguetes!

O enorme oficial subalterno gritou as últimas palavras quando passou pelo alçapão e o fechou com força atrás de si.

A pancada do alçapão ecoava ainda na cabeça de Kerrick quando ouviu os primeiros berros, em algum lugar lá embaixo no pátio. Depois, soaram mais berros, um grito terrível e um ruído confuso: berros e gritos e o entrecocar de aço.

Tremendo, Kerrick abriu o depósito dos foguetes e retirou de lá um. O lançador estava montado no corrimão da varanda, mas, apesar de já ter feito aquilo um cento de vezes durante os treinos, não conseguiu encaixar o foguete. Quando isso aconteceu finalmente, puxou muito rapidamente o cordão para acendê-lo e ficou com as mãos queimadas quando o foguete rebentou no céu.

Soluçando da dor e do medo, Kerrick voltou para buscar outro foguete. Por cima da sua cabeça, caíam flores vermelhas do céu, brilhando na nuvem.

Kerrick não esperou três minutos para disparar o seguinte, ou o outro.

Estava ainda disparando foguetes quando as Mãos Mortas entraram pelo alçapão. O nevoeiro envolvia entretanto todo o farol, apenas Kerrick, os seus foguetes e a sala do farol acima da massa úmida e invasora da bruma. O nevoeiro mais parecia terreno sólido, tão convincente que Kerrick nem pensou duas vezes quando a criatura Morta atravessou a porta de vidro e estendeu os braços para dilacerá-lo com mãos que tinham muitos dedos e terminavam em osso curvo e ensanguentado.

Kerrick saltou e, durante alguns passos, o nevoeiro pareceu sustentá-lo e riu histericamente enquanto corria. Não obstante, caía sucessivamente. As Mãos Mortas viram-no partir, uma ínfima centelha de Vida que se extinguiu cedo

demaís.

Mas Kerrick não morrerá em vão. Os foguetes vermelhos tinham sido observados a sul e a leste. E, na sala do farol, o tenente Drewe recuperou os sentidos e tentou pôr-se em pé quando Kerrick caiu. Viu os Mortos e, num rasgo de inspiração, puxou a alavanca que libertava a faísca de ignição e o óleo pressurizado.

A luz brilhou no alto do edifício do farol, uma luz ampliada mil vezes pelas melhores lentes jamais trabalhadas pelos mestres vidraceiros de Corvere. O feixe luminoso cintilou em dois lados, enforquilhando os Mortos na varanda. Eles guincharam e escudaram os seus olhos em decomposição. Num gesto desesperado, o oficial da Armada pôs a engrenagem do mecanismo em ponto morto e encostou-se ao cabrestante, para fazer girar a luz. Fora concebido para este efeito, em caso de falha mecânica total, mas não para ser empurrado por um homem.

O desespero e o medo proporcionaram a força necessária. A luz virou, atingindo em cheio os Mortos com o seu feixe branco quente. Não os feriu, mas eles detestaram-na, de modo que recuaram, seguindo o caminho de Kerrick, até o nevoeiro. Ao contrário de Kerrick, as Mãos Mortas sobreviveram à queda, muito embora os seus corpos ficassem esmagados. Lentamente, endireitaram-se e, apoiando-se em membros amolecidos e partidos, reiniciaram a longa escalada pelas escadas. Havia Vida ali e queriam saboreá-la, a contrariedade da luz já esquecida.

Nick acordou com trovões e relâmpagos. Como sempre nos últimos tempos, ficou desorientado e tonto. Sentiu o solo movendo-se de forma irregular sob os seus pés e demorou algum tempo para perceber que estava sendo transportado numa maca. Havia dois homens em cada extremidade, marchando com a sua carga. Homens normais, ou suficientemente normais. Não os trabalhadores leprosos do poço a que Hedge chamava de Equipe Noturna.

— Onde estamos? — perguntou. A sua voz era rouca e sentiu o sabor de sangue. Com hesitação, tocou nos lábios e apalpou o sangue seco alojado ali. — Gostaria de beber um pouco de água.

— Amo! — gritou um dos homens. — Ele acordou!

Nick tentou sentar-se, mas faltaram-lhe as forças. Tudo o que via por cima eram nuvens de trovoada e relâmpagos, que caíam em algum lugar à frente. Os hemisférios! Vinha-lhe agora tudo à mente. Tinha de se certificar que os hemisférios estavam seguros!

— Os hemisférios! — gritou, a dor cravando-se na garganta.

— Eles estão seguros — disse uma voz familiar. Subitamente, Hedge

erguia-se por cima dele. Ficara mais alto, pensou Nick, irracionalmente. Mais magro também. Parecia ter esticado, como um caramelo disputado por duas crianças. E, se antes parecera estar ficando calvo, agora tinha muito cabelo. Ou era a sombra fazendo caracóis na testa?

Nick fechou os olhos. Não conseguia imaginar onde estava ou como ali chegara. Era óbvio que continuava doente, com maior gravidade do que antes, senão não teriam de transportá-lo.

— Onde estamos? — perguntou Nick com voz fraca. Abriu de novo os olhos, mas não conseguiu ver Hedge, apesar do homem lhe responder de em algum lugar ali próximo.

— Estamos prestes a atravessar a Muralha — replicou Hedge. Era uma gargalhada desagradável. Mas Nick não pôde deixar de rir também. Sem saber porquê nem conseguir parar até se engasgar e se ver obrigado a fazê-lo.

Além da gargalhada de Hedge e do constante ribombar dos trovões, ouvia-se um outro ruído. A princípio, Nick não conseguiu identificá-lo. Esteve constantemente à escuta, enquanto os seus maqueiros continuavam a transportá-lo, imperturbáveis, até que, finalmente, soube do que se tratava. A assistência num jogo de futebol ou numa partida de críquete. Gritos e berros numa vitória. Apesar da Muralha ser um local estranho para realizar um jogo. Talvez os soldados do Perímetro estivessem jogando, pensou.

Cinco minutos depois, Nick ouviu gritos entre o ruído da multidão e percebeu que não era qualquer jogo de futebol. Tentou sentar-se de novo, mas foi de imediato empurrado para baixo por uma mão que soube pertencer a Hedge, apesar de ser negra, ter o aspecto de queimada e haver chamas vermelhas no lugar onde deveriam existir as unhas.

”Alucinações”, pensou Nick, desesperado. ”Alucinações.”

— Temos de atravessar rapidamente — disse Hedge, dando instruções aos maqueiros. — Os Mortos só conseguem manter a passagem por mais alguns minutos. Assim que os hemisférios atravessarem, correremos.

— Sim, senhor — responderam os maqueiros em coro.

Nick perguntou-se do que estaria Hedge a falar. Atravessavam agora por entre duas filas de estranhos trabalhadores doentes. Nick tentou não olhar para eles, para a carne em decomposição sustentada por farrapos azuis rasgados. Felizmente, não conseguiu ver os rostos deteriorados deles. Estavam todos virados para o outro lado, como uma espécie de guarda de honra costas com frente e tinham dado os braços.

— Os hemisférios atravessaram a Muralha!

Nick não soube quem falou. A voz era estranha e ecoante e fez sentir-se sujo. Mas as palavras tiveram um efeito imediato. Os maqueiros começaram a correr, sacudindo Nick para cima e para baixo. Ele agarrou-se às bordas e, no auge de um dos sacões, serviu-se daquele impulso para se sentar e olhar à sua volta.

Corriam por um túnel através da Muralha que separava o Reino Antigo e Ancelstierre. Um túnel baixo em arco talhado na pedra. Estava apinhado de elementos da Equipe Noturna do princípio ao fim, grandes filas deles de braço dado e apenas um corredor muito estreito entre as filas. Cada homem e cada mulher brilhava com uma luz dourada, mas quando Nick se aproximou mais, viu que o brilho provinha dos milhares de ínfimas chamas douradas, que se espalhavam e uniam, e as pessoas mais para o interior da muralha estavam efetivamente ardendo.

Nick gritou, horrorizado, quando entraram no túnel. Havia fogo por todo lado, um estranho fogo dourado que ardia sem fumaça. Apesar dos membros da Equipe Noturna estarem sendo consumidos por ele, não tentavam fugir, nem gritavam, nem faziam nada para impedi-lo. Pior ainda do que isso, Nick percebeu que, enquanto os indivíduos eram consumidos pelo fogo, outros avançavam para os seus lugares. Centenas e centenas de homens e mulheres vestidos de azul entravam pelo extremo mais distante, para manter as filas. Hedge agitava-se à frente, viu Nick. Mas não era exatamente Hedge. Era mais uma coisa escura com a forma de Hedge, iluminada por um fogo vermelho que contrastava com o dourado. Cada passo que dava era manifestamente um esforço e as chamas douradas pareciam quase uma força física que tentava impedir a sua travessia pelo túnel na Muralha.

Subitamente, todo um grupo da Equipe Noturna à frente se incendiou, como velas caindo numa poça final de cera e desapareceu por completo. Antes das pessoas de cada lado conseguirem voltar a dar os braços ou uma nova Equipe Noturna entrar, o fogo dourado aproveitou o intervalo e precipitou-se rugindo pelo túnel afora. Os maqueiros viram-no e praguejaram e gritaram, mas continuaram correndo. Lançaram-se no fogo como nadadores correndo pela praia direitos à rebentação, mergulhando nela. Todavia, apesar da maca e os seus carregadores conseguirem passar, Nick foi arrancado da maca pelo fogo, envolto em chamas e arremessado para o chão de pedra do túnel.

O fogo dourado fez-se acompanhar de uma dor fria e penetrante no coração, como se lhe tivessem cravado um pingente de gelo no peito. Mas trouxe também uma súbita clareza ao seu espírito e uma maior agudeza dos sentidos. Conseguiu ver símbolos individuais nas chamas e nas pedras, símbolos que se moviam e mudavam e formavam novas combinações. Estas eram as marcas da

Carta de que ouvira falar, percebeu Nick. A magia de Sameth... e Lirael.

Tudo o que acontecera antes lhe voltou à mente de forma precipitada. Lembrou-se de Lirael e do cão alado. Da sua conversa com Lirael. Prometera-lhe que faria todo o possíveis para impedir Hedge.

As chamas atingiram Nick no peito, mas não lhe queimaram a pele. Tentaram atacar o que estava dentro dele, obrigar o estilhaço a abandonar o seu corpo. Mas era uma força que ultrapassava a magia da Muralha e essa força resolveu reafirmar-se mesmo quando Nick tentou abraçar o fogo da Carta, agarrar as chamas e tentar até engolir pedaços da luz dourada.

Saltaram faíscas brancas da boca, do nariz e das orelhas de Nick e o seu corpo esticou-se subitamente, ficou ereto que nem um fuso e deu um sacão, os cotovelos e os joelhos unidos na vertical. Tal como uma boneca inflexível, Nick avançou em passos inseguros, as chamas douradas espalhando-se a cada passo. Bem no seu subconsciente, soube o que estava acontecendo, mas não passava de um observador. Não tinha poder sobre os seus próprios músculos. Era o estilhaço que controlava, muito embora não soubesse como fazê-lo caminhar corretamente.

Com as articulações duras, Nick deslocava-se pesadamente, passando pelas inúmeras fileiras da Equipe Noturna em chamas, à medida que mais e mais deles entravam no túnel pelo extremo mais distante. Muitos deles mal pareciam sequer a Equipe Noturna, podendo até ser homens e mulheres normais, a sua pele e o seu cabelo são e vivos. Só os seus olhos proclamavam a diferença e, em algum lugar no seu íntimo, Nick soube que estavam mortos e não apenas doentes. Tal como os seus irmãos mais putrescentes, estes recém-chegados usavam também bonés ou lenços azuis.

E à sua frente, Hedge irrompeu pelo túnel e virou-se para fazer sinal a Nick. Sentiu o gesto como um puxão físico, arrastando-o para a frente cada vez mais depressa. O fogo dourado atingiu-o em todos os lugares possíveis, mas havia muitos elementos da Equipe Noturna, muitos corpos em chamas. O fogo não conseguiu chegar a Nicholas, e ele saiu finalmente do túnel aos tropeções, afastando-se das chamas douradas.

Atravessara a Muralha e estava em Ancelstierre. Ou melhor, na Terra de Ninguém entre a Muralha e o Perímetro. Normalmente, seria um local sossegado e vazio de terra inóspita e arame farpado, pacificado de alguma forma pelo murmúrio suave das flautas eólicas que Nick sempre presumira serem uma estranha decoração ou um memorial. Agora encontrava-se envolto em nevoeiro, um nevoeiro misteriosamente iluminado pelo brilho rasteiro e vermelho do Sol poente e os clarões dos relâmpagos. O nevoeiro diminuía em alguns lugares enquanto avançava inexoravelmente para sul, revelando cenas de carnificina

horrível. A massa branca era como a cortina de um espetáculo de horror, afastando-se brevemente para mostrar pilhas de cadáveres, corpos por todo o lado, corpos pendurados no arame e amontoados no solo. Tinham todos bonés e lenços azuis, e Nick acabou por identificá-los como refugiados sulistas mortos e que, de alguma forma terrível, era o que fora também a Equipe Noturna de Hedge.

Os relâmpagos crepitavam por cima dele, e os trovões ribombavam. Nick vislumbrou os hemisférios um pouco mais à frente, presos com cordas aos enormes trenós de transporte que sabia estarem aguardando-os para quando fossem descarregados das barcas na Foz do Vermelho. Mas não se recordava de isso ter acontecido, ou do que quer que fosse entre a conversa com Lirael no barco de canas e o seu despertar precisamente antes de atravessar a Muralha. Os hemisférios tinham sido arrastados para lá, obviamente pelos homens que o faziam naquele momento. Homens normais, ou pelo menos não pertencentes à Equipe Noturna. Homens vestidos com estranhas combinações grosseiras dos uniformes do Exército ancelstierrano e roupas do Reino Antigo, túnicas de caqui contrastando com blusões de caça, calças de cores vivas e cotas de malha enferrujadas.

A força que o impelira pelo túnel recuou subitamente, e Nick caiu aos pés de Hedge. O necromante tinha agora pelo menos dois metros de altura, e as chamas vermelhas que ardiam à volta da sua carne e nas órbitas eram mais vivas e mais intensas. Pela primeira vez. Nick teve medo dele e perguntou-se porque não sucedera isso sempre. Mas encontrava-se muito fraco para fazer algo mais que acocorar-se aos pés de Hedge e agarrar o peito, onde a dor ainda latejava.

— Em breve — anunciou Hedge, a sua voz ribombando como o trovão. — Em breve o nosso amo será liberto.

Nick percebeu que estava acenando entusiasticamente e isso deixou-o tão assustado quanto o medo que tinha de Hedge. Estava já passando àquele estado sonhador em que só conseguia pensar nos hemisférios, na sua Armadilha dos Raios e no que tinha de ser feito...

— Não — murmurou Nick. No que não devia ser feito. Não sabia o que estava acontecendo e até saber, não ia fazer nada. — Não!

Hedge reconheceu que Nick estava falando com uma voz independente. Sorriu, e o fogo brilhou na sua garganta. Levantou Nick como um bebê e aninhou-o junto ao peito, encostando-o à bandoleira com os sinos.

— A sua parte já está quase concluída, Nicholas Sayre — disse ele e o seu hálito era quente como vapor e cheirava a decomposição. — Nunca passou de um hospedeiro imperfeito, apesar do seu tio e o seu pai se terem revelado mais úteis do que alguma vez esperei, embora involuntariamente.

Nick apenas conseguia fitar os olhos ardentes. Esquecera tudo o que lhe ocorrera no túnel. Viu nos olhos de Hedge os hemisférios de prata, os relâmpagos, a junção que soube mais uma vez ser a única grande finalidade da sua própria vida breve.

— Os hemisférios — murmurou, quase ritualmente. — Os hemisférios têm de ser unidos.

— Em breve, Amo, em breve — trauteou Hedge. Encaminhou-se para os maqueiros e depositou Nicholas na maca, acariciando-lhe o peito por cima do coração com uma mão enegrecida e ainda ardente. O pouco que restava da camisa ancelstierrana de Nick dissolveu-se com o toque de Hedge, mostrando pele nua que era azul com profundas equimoses! — Em breve.

Nick olhou apático enquanto Hedge se afastava. Não restava nele qualquer pensamento independente. Apenas a visão ardente dos hemisférios e da sua derradeira junção. Tentou sentar-se para olhar para eles, mas faltaram-lhe as forças e, de qualquer forma, o nevoeiro estava de novo adensando-se. Cansadas do esforço, as mãos de Nick penderam no chão de cada lado da maca e um dedo tocou num pedaço de detrito que enviou uma sensação estranha através do seu braço. Uma dor aguda e um suave calor curativo. Tentou fechar a mão sobre o objeto, mas os dedos recusaram-se. Com esforço considerável, Nick virou-se para ver exatamente o que era. Olhou para baixo da maca e viu que se tratava de um pedaço de madeira partida, um fragmento de uma das flautas eólicas destruídas, como aquela cujo resto conseguia ver a alguns metros de distância. O fragmento estava ainda envolto em marcas da Carta, que fluíam sobre e através da madeira. Enquanto Nick as observava, algo se agitou nos recessos da sua mente. Por um momento, lembrou-se mais uma vez de quem realmente era e recordou a promessa que fizera, a Lirael.

A sua mão direita recusou-se a obedecer-lhe, de modo que Nicholas se debruçou ainda mais e tentou apanhar o fragmento de madeira com a mão esquerda. Conseguiu-o por alguns segundos, mas já nem sequer a sua mão esquerda lhe obedecia. Os dedos abriram-se e o pedaço da flauta eólica caiu na maca, entre o braço esquerdo e o corpo de Nick, sem tocar propriamente em qualquer dos lados.

Hedge não se afastou muito de Nicholas. Atravessou o nevoeiro, que se abriu à sua frente, direito à pilha maior de cadáveres de Sulistas. Tinham sido destruídos pelos Mortos que Hedge ressuscitara mais cedo naquele dia dos cemitérios provisórios à volta dos campos. Divertia-o a idéia de usar Mortos sulistas para matar Sulistas. Eles haviam também morto os soldados na bizarramente chamada Posição Fortificada Ocidental e os marinheiros no farol.

Hedge atravessara três vezes a Muralha naquele dia. Uma vez para

desencadear os ataques iniciais em Ancelstierre, o que não era tarefa difícil, a segunda para preparar a passagem dos hemisférios, o que era muito mais difícil e a terceira vez com os hemisférios e Nicholas. Nunca mais teria de atravessá-la, sabia, pois a Muralha seria uma das primeiras coisas que o seu amo destruiria, juntamente com todas as outras obras da abominada Carta.

Tudo o que restava fazer aqui era ir à Morte e obrigar o máximo de espíritos que conseguisse encontrar a regressar e habitar aqueles corpos. Muito embora Forwin Mill ficasse a menos de trinta quilômetros de distância e devessem conseguir alcançá-lo pela manhã, Hedge sabia que o Exército ancelstierrano tentaria impedi-los de penetrar no Perímetro. Necessitava de Mãos Mortas para lutar com o Exército e a maior parte das que trouxera de norte e as que criara mais cedo naquele dia no cemitério do campo dos Sulistas fora consumida na travessia da Muralha para permitir a passagem dos hemisférios.

Hedge retirou dois sinos da sua bandoleira: Saraneth, para compulsão; Mosrael, para despertar os espíritos que dormiam aqui na Terra de Ninguém, agora libertos das correntes dos odiados brinquedos de vento da Abhorsen. Usaria Mosrael para ressuscitar o máximo possível, muito embora o uso daquele sino o enviasse também para longe na Morte. Depois teria de voltar pelos portões e recintos, usando Saraneth para empurrar qualquer outro espírito que conseguisse encontrar até à Vida.

Haveria muitos corpos para todos.

Contudo, antes de poder começar, sentiu algo que vinha através da escuridão. Sempre cauteloso, Hedge guardou Mosrael, para que não fosse tocar de moto próprio e desembainhou antes a espada, murmurando as palavras que fizeram as chamas negras descer pela lâmina.

Sabia quem era, mas não confiava sequer nos aprisionamentos e encantamentos que lhe aplicara. Chlorr era agora um dos Mortos Maiores. Na Vida, fora dominada pelo Destruidor, mas na Morte escapava de certa forma a esse controle. Hedge obrigara-a à obediência por outros meios e, como sempre sucedia com o controle de um necromante sobre um desses espíritos, esta obediência poderia revelar-se tênue.

Chlorr surgiu como uma forma de escuridão que era apenas vagamente humana, com apêndices disformes num torso volumoso que indiciava dois braços, duas pernas e uma cabeça. Ardiam fogos profundos no lugar onde deveriam ter estado os olhos, embora os fogos fossem muito grandes e estivessem afastados demais. Chlorr atravessara a Muralha com Hedge da primeira vez e conduzira o ataque-surpresa à guarnição do Exército ancelstierrano, na sua Posição Fortificada Ocidental. Eles não estavam contando com um ataque de sul. Chlorr ceifara muitas vidas e tornara-se mais poderosa em

virtude disso. Hedge observava-a com prudência e não deixava de agarrar firmemente Saraneth. Os sinos não gostavam de servir os necromantes, e até um sino que um Abhorsen acharia disciplinado precisava ficar sabendo quem era que o dominava fosse em que circunstância fosse. Chlorr fez uma vênia, algo ironicamente no entender de Hedge. Depois falou, uma boca distorcida ganhando forma na nuvem de escuridão. As palavras eram uma algaravia incompreensível, arrastada e entrecortada. Hedge carregou o cenho e ergueu a espada. A boca firmou-se e uma língua de fogo vermelho-sangue agitou-se de uma ponta à outra na mandíbula hedionda.

— Peço perdão, Amo — disse Chlorr. — Vêm muitos soldados pela estrada de sul, montados em cavalos. Alguns são Magos da Carta, embora não adeptos. Matei aqueles que chegaram primeiro, mas vêm muitos mais atrás, por isso voltei para avisá-lo.

— Ótimo — disse Hedge. — Estou preparando um novo exército de Mortos, que te enviarei quando estiverem aptos. Por hora, reúna todas as Mãos que puder e ataque estes soldados. Os Magos da Carta, em particular, têm de ser mortos. Nada deve atrasar nosso senhor!

Chlorr baixou a sua cabeça grande e informe. Depois levou a mão atrás e arrastou um homem que estivera escondido pelo nevoeiro e o seu volume negro. Era um homem pequeno e magro, o casaco arrancado das suas costas para pôr à mostra a camisa branca de escrivão, com as mangas de alpaca e tudo. Segurava-o pelo pescoço apenas com dois dedos enormes e ele estava quase morto de terror e falta de ar. Caiu de joelhos diante de Hedge, arfando e soluçando.

— Isto é seu, pelo menos é o que ele diz — afirmou Chlorr. Então afastou-se em grandes passadas, estendendo os braços para tocar nas Mãos Mortas que estavam ali próximo. Quando as alcançou, elas estremeceram e desviaram-se, depois começaram a segui-la lentamente. Porém, o número de Mãos que restava era surpreendentemente pequeno, e não havia nenhuma no túnel através da Muralha. Chlorr teve o cuidado de não se aproximar da massa monótona de pedra que ainda brilhava de vez em quando com luz dourada. Nem mesmo ela encarava levemente a travessia da Muralha e possivelmente não o teria conseguido sem a ajuda de Hedge e o sacrifício de muitos Mortos menores.

— Quem? — perguntou Hedge.

— Sou... sou o vice-chefe Geanner — soluçou o homem. Apresentou um envelope. — Assistente do senhor Corolini. Trouxe-lhe a carta do tratado... a permissão para atravessar... para atravessar a Muralha...

Hedge aceitou o envelope, que irrompeu em chamas quando lhe tocou e foi consumido, os flocos cinzentos de cinza caindo da sua mão enegrecida.

— Não preciso de autorização — murmurou Hedge. — De ninguém.

— Vim também por causa do... quarto pagamento, conforme combinado — prosseguiu Geanner, olhando para Hedge. — Fizemos tudo o que pediu.

— Tudo? — perguntou Hedge. — O Rei e a Abhorsen?

— M... m... mortos — arfou Geanner. — Morreram queimados num ataque à bomba em Corvere. Não sobrou nada.

— Os campos próximo de Forwin Mill?

— A nossa gente irá abrir os portões ao raiar do dia, conforme o combinado. Os folhetos foram impressos, com traduções em azhdik e chellanian. Eles irão acreditar nas promessas, tenho certeza.

— O golpe de estado?

— Ainda estamos combatendo em Corvere e em outros locais, mas... mas estou certo que o Nosso País prevalecerá.

— Nesse caso, tudo o que preciso foi feito — disse Hedge. — Tudo exceto uma coisa.

— E o que é? — indagou Geanner. Olhou para Hedge, mas mal teve tempo de gritar quando a lâmina em chamas desceu e lhe arrancou a cabeça dos ombros.

— Um desperdício — resmungou Chlorr, que regressava com uma fila de Mãos caminhando desajeitadamente atrás dela. — Agora o corpo é inútil.

— Vá! — bramou Hedge, subitamente furioso. Embainhou a espada toda ensanguentada e voltou a retirar Mosrael. — Se não quiser que te mande para a Morte e chame um servo mais útil!

Chlorr soltou uma risada, um som semelhante a pedras secas fazendo barulho num balde de ferro e desapareceu na noite, acompanhada de uma fila de cerca de cem Mãos Mortas, arrastando-se atrás dela. Quando a última atravessou as várias trincheiras avançadas, Hedge fez soar Mosrael. Saiu do sino uma única nota, começando baixa e subindo gradualmente tanto de volume como de tom. Quando o som se espalhou, os corpos dos Sulistas começaram a agitar-se e a contorcer-se e os montes de cadáveres ganharam movimento. Ao mesmo tempo, formou-se gelo em Hedge. Mosrael continuava soando, apesar de o seu manejador estar percorrendo o rio frio da Morte.

CHLORR DA MÁSCARA

Lirael acordou sobressaltada, com o coração batendo e as mãos procurando às apalpadelas os sinos e a espada. Estava escuro e encontrava-se aprisionada numa câmara... não, percebeu, despertando por completo. Estivera dormindo na traseira de um dos meios de transporte barulhentos — um caminhão, como Sam lhe chamara. Só que agora não fazia barulho.

— Paramos — anunciou a Cadela. Enfiou a cabeça pela aba de lona para olhar à sua volta e a voz tornou-se mais abafada. — Acho que de uma forma bastante inesperada.

Lirael sentou-se e tentou repelir a sensação de ter sido recentemente agredida na cabeça e obrigada a beber vinagre. Ainda estava constipada. Pelo menos não piorara, muito embora a Primavera ancelstierrana precisasse ainda desabrochar plenamente, e o Inverno não tivesse deixado de marcar presença nas temperaturas noturnas.

A parada fora certamente inesperada, avaliando pela quantidade de pragas que vinha do motorista. Depois, Sam afastou por completo a aba do lado de fora, escapando por pouco de uma lambidela geral do rosto, num gesto de boas-vindas da Cadela Sem Vergonha. Aparentava um ar cansado, e Lirael perguntou-se se ele teria conseguido dormir depois de receber a terrível notícia sobre os pais. Ela adormecera quase assim que entrara no... caminhão... apesar de não fazer idéia de quanto tempo dormira. Não parecia ter sido tanto assim, e ainda estava muito escuro, a única luz provindo da coleira da Cadela.

— Os caminhões pararam — informou Sam. — Apesar do vento soprar praticamente de oeste. Acho que estamos nos aproximando demais dos hemisférios. Vamos ter de caminhar a partir daqui.

— Onde estamos? — perguntou Lirael. Levantou-se depressa demais e bateu com a cabeça na cobertura de lona, errando por pouco o suporte de aço. Havia agora muito barulho lá fora (gritos e o ruído de botas na estrada), mas como ruído de fundo ouvia-se também um estrondo monótono e constante. No seu estado meio adormecido, levou alguns instantes para perceber que não eram trovões, o que esperara em parte, mas algo diferente.

A Cadela saltou pela comporta de descarga e Lirael seguiu-a, um pouco mais calmamente. Encontravam-se ainda na estrada do Perímetro, reparou, e parecia ser de manhãzinha. A Lua ia alta, um estreito crescente em vez da lua quase cheia do Reino Antigo. Tinha também uma forma e uma cor ligeiramente

diferentes, percebeu Lirael. Menos prateada e mais um amarelo-pálido.

O som ressoante provinha mais de sul e era acompanhado de um ligeiro silvo. Lirael conseguiu ver clarões fortes no horizonte, mas não eram relâmpagos. Havia também trovões, a oeste, e os clarões provenientes daquela direção eram nitidamente relâmpagos. Quando olhou, Lirael julgou captar uma lufada muito tênue de Magia Livre, apesar do vento soprar efetivamente de sul. E conseguia sentir Mortos em algum lugar à frente. A não mais de quilômetro e meio de distância.

— Que ruído e que luzes são aqueles? — perguntou a Sam, apontando para sul. Ele virou-se para olhar, mas teve de recuar antes de conseguir responder, quando os soldados começaram a correr afastando-se dos caminhões.

— Artilharia — respondeu após um momento. — Grandes canhões. Devem estar bastante distantes, para não serem afetados pelo Reino Antigo ou os hemisférios e conseguirem disparar. Hum, são uma espécie de catapultas que atiram um dispositivo que explode a vários quilômetros, quando atinge o solo ou explode no ar e mata pessoas.

— Um completo desperdício de tempo — interrompeu o major Greene, que aparecera, esbaforido. — Não conseguem ouvir qualquer granada explodindo, não é? Por conseguinte, o que eles podem muito bem estar atingindo são pedras grandes, e nem mesmo um impacto direto no alvo com uma granada que não explodiu fará seja o que for aos Mortos. Ficarão apenas uma grande amálgama para os artilheiros retirarem. Milhares de UXBs e a maior parte delas fosforosas brancas. Que coisa horrível! Venham!

O Major prosseguiu, esbaforido, com Lirael, a Cadela e Sam atrás dele. Deixaram as mochilas nos caminhões e por um momento Lirael pensou que Mogget estivesse dormindo na de Sam. Depois viu o pequeno gato branco à frente atrás do primeiro pelotão acelerado, correndo pela beira da estrada como se perseguisse um rato. Enquanto saltava, reconheceu que era exatamente isso que ele estava fazendo. Caçando algo para comer.

— Onde estamos? — perguntou Lirael ao alcançar facilmente o major Greene. Este olhou-a, tossiu e indicou com a cabeça o tenente Tindall, que seguia na frente. Lirael percebeu. Correu até junto do oficial mais jovem e repetiu a pergunta.

— A cerca de cinco quilômetros da Posição Fortificada Ocidental do Perímetro — respondeu Tindall. — Forwin Mill fica a cerca de vinte e cinco quilômetros a sul dali, mas esperamos conseguir deter este tal Hedge na Muralha... Primeiro Pelotão, parar!

A ordem súbita surpreendeu Lirael e correu ainda alguns passos antes de ver que os soldados da frente tinham parado. O Tenente Tindall gritou mais

algumas ordens, repetidas por um sargento e os soldados correram para cada lado da estrada, aprontando as espingardas.

— Cavalaria, minha senhora! — disse Tindall, agarrando-lhe o braço e obrigando-a a sair da estrada. — Não sabemos de quem.

Lirael reuniu-se a Sam e puxou a espada. Olharam para a estrada, escutando o bater dos cascos no asfalto. A Cadela também olhou, mas Mogget brincava com o rato que apanhara. Ainda estava vivo e soltava-o constantemente, apenas para o agarrar depois de ele correr alguns centímetros, segurando-o frenético e aterrado na sua boca parcialmente aberta.

— Não é um Morto — pronunciou-se Lirael.

— Nem Magia Livre — disse a Cadela Sem Vergonha farejando ruidosamente. — Mas está muito assustado.

Viram o cavalo e o cavaleiro um momento depois. Era um soldado ancelstierrano, de infantaria montada, muito embora tivesse perdido a carabina e o sabre. Gritou quando viu os soldados.

— Saiam do caminho! Saiam daqui!

Tentou passar, mas o cavalo assustou-se quando os soldados se espalharam na estrada. Alguém agarrou as rédeas e imobilizou o cavalo. Outros arrancaram o homem bruscamente da sela quando ele tentou bater no cavalo com as mãos.

— O que aconteceu, homem? — perguntou o major Greene, com dureza. — Qual o seu nome e unidade?

— Soldado de cavalaria 732769 Maculler, meu Major — respondeu o homem automaticamente, mas os dentes batiam-lhe enquanto falava e o suor escorria-lhe pelo rosto. — Décimo quarto de Cavalaria Ligeira, com o Destacamento Móvel do Perímetro.

— Muito bem. Agora, conte-me o que aconteceu — ordenou o Major.

— Mortos, todos mortos — murmurou o homem. — Avançamos de sul, através do nevoeiro. Um nevoeiro estranho, tortuoso... Nós os apanhamos com estas coisas grandes de prata... tipo meias-laranjas, mas enormes... Eles estavam colocando-as em carroças, mas os cavalos de tiro estavam mortos. Só que não estavam mortos, mexiam-se. Os cavalos puxavam as carroças apesar de estarem mortos. Todas as pessoas mortas...

O major Greene sacudiu-o, com muita força. Lirael estendeu a mão para fazê-lo parar, mas Sam deteve-a.

— Relatório, soldado de cavalaria Maculler! A situação!

— Estão todos mortos menos eu, meu Major — limitou-se Maculler a dizer. — Eu e Dusty caímos durante o ataque. Quando nos levantámos, tudo tinha terminado. Algo nos deixou nauseados. Talvez houvesse gás no nevoeiro.

Todas as tropas de reconhecimento passaram mal, os cavalos também, ou fugiram. Depois, havia estas coisas por todo o lado à volta das carroças. Corpos, julgamos, Sulistas mortos, mas levantaram-se quando caímos. Eu os vi, avançando sobre os meus companheiros... milhares de monstros, monstros horríveis. Vêm nesta direção, meu Major.

— Os hemisférios de prata — interrompeu Lirael com urgência.

— Em que direção seguiram as carroças?

— Não sei — murmurou o homem. — Vinham para sul, diretamente para nós, quando demos de cara com elas. Depois disso, não sei.

— Hedge atravessou e os hemisférios vão já a caminho da Armadilha dos Raios — disse Lirael aos outros. — Temos de chegar lá antes que eles o façam! É a nossa última oportunidade!

— Como? — perguntou Sam, o seu rosto pálido. — Se eles já atravessaram a Muralha...

O tenente Tindall abriu o mapa e tentava acender uma pequena lanterna elétrica, que se recusava a funcionar. Reprimindo uma praga com um olhar de desculpas a Lirael, virou o mapa para o luar.

Quando o fez, a sensação da Morte agitou-se em Lirael e ergueu o olhar. Não conseguia ver nada na estrada à frente, mas sabia o que aí vinha. Mãos Mortas. Um grande número de Mãos Mortas. E havia também algo mais. Uma presença fria familiar. Um dos Mortos Maiores, não um necromante. Tinha de ser Chlorr.

— Eles vem aí — avisou com urgência. — Dois grupos de Mãos. Cerca de uma centena na frente e muitas mais atrás.

O Major gritou ordens e os soldados correram em todas as direções, principalmente em frente, transportando tripés, metralhadoras e outro equipamento. Um assistente médico levou o soldado de cavalaria Maculler, o seu cavalo seguindo obedientemente atrás. O tenente Tindall sacudiu o mapa e olhou de esguelha para ele.

— Sempre as malditas dobras, ou o lugar onde há a junção de um mapa! — praguejou. — Parece que podíamos nos dirigir para sudeste a partir da encruzilhada lá atrás, depois virar para sudoeste e avançar até Forwin Mill de sul. Talvez os caminhões funcionassem se seguissemos esse caminho. Teríamos de empurrá-los para pegarem.

— Então vamos a isso! — bradou o major Greene. — Traga o seu pelotão para empurrar. Nós vamos aguentar aqui o máximo que pudermos.

— Chlorr os lidera — disse Lirael a Sam e à Cadela. — O que vamos fazer?

— A pé, não conseguiremos chegar à Armadilha dos Raios antes de

Hedge — apressou-se Sam a afirmar. — Podíamos levar o cavalo daquele homem, mas só um de nós iria montado e são vinte e cinco quilômetros no escuro...

— O cavalo está esgotado — interrompeu Mogget. Mastigava e as palavras não saíram muito claras. — Mesmo que quisesse, não conseguiria transportar dois. E não quer.

— Portanto, vamos ter de ir com os soldados — disse Lirael. — O que significa reter Chlorr e a primeira vaga de Mortos o tempo suficiente para empurrarmos os caminhões até um lugar onde funcionem.

Olhou para a estrada, para lá dos soldados, que estavam ajoelhados atrás de uma metralhadora montada num tripé. Havia apenas luz suficiente da lua e das estrelas para se distinguir a estrada e os arbustos atrofiados de cada lado, muito embora fossem fortes e incolores. Enquanto observava, formas mais escuras mancharam as partes mais claras da paisagem. Os Mortos, caminhando desajeitadamente numa turba não planejada e desorganizada. Na frente vinha uma forma maior e mais negra e, mesmo à distância de várias centenas de metros, Lirael conseguiu ver o fogo que ardia dentro da sombra.

Era Chlorr.

O major Greene também viu os Mortos e gritou subitamente algo junto do ouvido de Lirael.

— Companhia! Duzentos metros às doze horas, coisas Mortas em massa na estrada, fogo! Fogo! Fogo!

Os seus gritos foram seguidos pelo estalido em bloco dos gatilhos, audível depois dos gritos. Mas não aconteceu mais nada. Não se deu qualquer assalto súbito de som, nem o rebentar de fuzilaria. Apenas estalidos e exclamações abafadas.

— Não compreendo — comentou Greene. — O vento sopra de leste e as armas normalmente funcionam muito depois dos motores pararem!

— Os hemisférios — disse Sam, trocando um olhar com a Cadela, que anuiu. — São uma fonte de Magia Livre em si mesmos e estamos próximos deles. Provavelmente, Hedge também manipulou o vento. Podíamos perfeitamente estar ainda no Reino Antigo, no que concerne a tecnologia.

— Maldição! Primeiro e Segundo Pelotões, formar na estrada, duas fileiras, imediatamente! — ordenou Greene. — Arqueiros na retaguarda! Atiradores, retirar os cartuchos e desembainhar as espadas!

Verificou-se uma azáfama, súbita quando os metralhadores tiraram os cartuchos das suas armas e desembainharam as espadas. Lirael puxou também a sua espada e, após um momento de hesitação, de Saraneth. Queria usar Kibeth por algum motivo (estava mais familiarizada com o seu toque), mas para

enfrentar Chlorr iria necessitar da autoridade do sino maior.

— Julguei que passava das doze horas — comentou com Sam enquanto avançavam para uma posição na linha da frente dos soldados. Seriam cerca de sessenta em duas filas na estrada e nos campos de cada lado. A linha da frente estava toda ela equipada com cotas de malha e as suas carabinas apresentavam todas os compridos sabres-baionetas que brilhavam como prata. Os da segunda fila eram arqueiros, apesar de Lirael poder ver, só pela maneira como seguravam os arcos, que apenas metade deles sabia realmente o que fazia. Também as setas deles eram prateadas, agradou-lhe verificar. Sempre ajudaria um pouco contra os Mortos.

— Hum, as "doze horas" do major Greene querem dizer "em frente"; devem ser umas duas da manhã — respondeu Sam, após um olhar para o céu noturno. Via-se que conhecia as estrelas ancelstierranas tão bem quanto as do Reino Antigo, pois os céus aqui não diziam nada a Lirael.

— Fileira da frente ajoelhar! — ordenou o major Greene. Encontrava-se à frente com Lirael e Sam e deitou um olhar de soslaio à Cadela Sem Vergonha, que crescia para o tamanho de combate. Os soldados ao lado da Cadela agitaram-se com nervosismo, mesmo quando ajoelharam e colocaram as suas espingardas com baioneta num ângulo de quarenta e cinco graus, formando um bosque cerrado de lanças.

— Arqueiros, a postos!

Os arqueiros colocaram setas, mas não dispararam. Os Mortos aproximavam-se a um ritmo constante, contudo não se encontravam suficientemente próximos para Lirael e Sam distinguirem indivíduos no escuro além de Chlorr. Ouvia-se o estalido dos ossos deles e o arrastar dos muitos pés disformes na estrada.

Lirael sentiu a tensão e o medo nos soldados que a rodeavam. O ar inspirado não saía. O agitar dos pés com nervosismo e as mexidas no equipamento. O silêncio depois das ordens gritadas pelo Major. Não seria preciso muito para debandarem, tentando salvar as suas vidas.

— Eles pararam — disse a Cadela, os seus olhos penetrantes atravessando a noite.

Lirael olhou para a frente. Efetivamente, a massa escura parecia ter parado e o brilho vermelho de Chlorr deslocava-se lateralmente e não à frente.

— Tentando nos flanquear? — perguntou o Major. — Por que será?

— Não — retorquiu Sam. Conseguia sentir o grupo muito maior de Mortos mais atrás. — Ela está à espera do segundo lote de Mortos. Cerca de mil, diria.

Falou baixinho, mas verificou-se uma agitação entre os soldados mais

próximos ante as suas últimas palavras, uma onda que percorreu as fileiras quando as suas palavras foram repetidas.

— Silêncio! — ordenou Greene. — Sargento! Anote o nome daquele homem!

— Meu Major! — responderam vários sargentos. A maior parte deles estivera murmurando entre si e nenhum fez menção de anotar o que quer que fosse nos seus blocos de apontamentos.

— Não podemos esperar — disse Lirael, cheia de ansiedade. Temos de alcançar a Armadilha dos Raios!

— Também não podemos virar as costas a esta gente — disse Greene. Curvou-se, a Marca da Carta na sua testa brilhando suavemente como se respondesse à Magia da Carta na Cadela e murmurou: — Eles não são Batedores, não estão acostumados a este tipo de coisa.

Lirael anuiu. Rangeu os dentes, assinalando um momento de indecisão, depois saiu da fileira da frente.

— Eu me encarrego de combater Chloir — afirmou. — Se eu conseguir derrotá-la, as Mãos podem afastar-se ou voltar para Hedge. De qualquer forma, lutarão mal.

— Você não vai sem mim — disse a Cadela. Avançou também, com um latido excitado, um latido que ecoou na noite. Havia algo de estranho naquele latido. Deixou todos com os cabelos em pé e o sino na mão de Lirael tocou baixinho antes que ela conseguir calá-lo. Ambos os sons deixaram os soldados ainda mais sobressaltados.

— Nem mim — anunciou Sam, orgulhosamente. Avançou também, a sua espada cintilando com marcas da Carta, a sua mão esquerda em concha brilhando com uma fórmula preparada.

— Eu fico vigiando — alvitrou Mogget. — Talvez consiga assustar dois ratos dos seus buracos.

— Se deixar um velho lutar consigo — começou Greene, mas Lirael abanou a cabeça.

— O senhor fica aqui, Major — disse ela e a sua voz não era a de uma jovem, mas de um Abhorsen prestes a enfrentar os Mortos. — Protegendo a nossa retaguarda.

— Sim, minha senhora — respondeu o major Greene. Fez a continência e recuou para a fileira.

Lirael avançou, a gravilha na estrada esmagada pelos seus pés. A Cadela Sem Vergonha seguia à direita dela e Sam à esquerda. Mogget, uma forma branca rápida, corria pela beira da estrada para trás e para frente, supostamente à procura de mais ratos para atormentar.

Os Mortos não vieram ao encontro de Lirael quando avançou, mas à medida que se aproximava mais, viu que estavam se espalhando. Chlorr aguardava na estrada, uma forma alta, mais escura do que a noite à exceção dos seus olhos incandescentes. Lirael sentiu a presença da Morta Maior como uma mão gélida na sua nuca.

Quando se encontravam a cerca de cinquenta metros, Lirael parou, a Cadela e Sam meio passo atrás dela. Ergueu Saraneth alto, e o sino refulgiu de prata ao luar, as marcas da Carta brilhando e deslocando-se sobre o metal.

— Chlorr da Máscara — gritou Lirael —, volte para a Morte! Agitou o sino, segurando-o pelo cabo e tocando-o ao mesmo tempo. Saraneth ressoou pela noite, as Mãos Mortas estremecendo quando o som as atingiu. Mas o sino tocava para Chlorr, e todo o poder e a atenção de Lirael estavam concentrados naquele espírito.

Chlorr ergueu a sua espada com lâmina de sombra acima da cabeça e respondeu com um grito de desafio. No entanto, o grito perdeu-se no toque continuado do sino e Chlorr recuou um passo apesar de brandir a espada.

— Volte para a Morte! — ordenou Lirael, avançando, agitando Saraneth em círculos lentos que provinham diretamente de uma página d’O *Livro dos Mortos* que brilhava agora tão intensamente na sua mente. — O seu tempo chegou ao fim!

Chlorr sibilou e recuou outro passo. Depois, um novo som reuniu-se ao sino. Um latido imperioso, impossivelmente ininterrupto, estendendo-se sucessivamente, mais cortante e elevado do que a voz cava de Saraneth. Chlorr ergueu a espada como se para fugir dos sons, mas recuou mais dois passos. Confusas, as Mãos Mortas afastaram-se do seu caminho, manifestando a sua aflição através das suas gargantas putrescentes.

O braço de Sam descreveu um círculo executado com o braço acima do ombro e o fogo dourado explodiu subitamente sobre e à volta de Chlorr e salpicou as Mãos, que gritaram e se contorceram quando ele lhes corroe a carne Morta.

A seguir, uma pequena figura branca apareceu de repente quase aos pés de Chlorr. Um gato, saltitando nas patas traseiras, dando pancadas no ar diante do espírito da Morta Maior.

— Vá! Fuja, Chlorr Sem-Rosto! — gargalhou Mogget. — A Abhorsen veio para te mandar para lá do Nono Portão!

Chlorr atacou o gato, que saltou agilmente para o lado quando a lâmina cortou o ar. Depois, a coisa Morta Maior transformou a oscilação num salto, um grande salto de nove metros sobre as cabeças das Mãos Mortas atrás dela. Transformando-se durante esse salto, tornou-se uma nuvem enorme de escuridão

em forma de corvo que se afastou pelos campos para norte, até à Muralha e à segurança. Perseguida pelo som de Saraneth e o latido da Cadela.

UMA LATA DE SARDINHAS

Enquanto Chlorr fugia, a massa de Mãos Mortas irrompeu como um formigueiro atingido com água quente. Correram em todas as direções, as mais estúpidas na de Lirael, Sam e da Cadela. Mogget passou por entre as pernas delas, rindo, enquanto a Magia da Carta penetrava nos seus tendões e as fazia cair por terra, os latidos da Cadela enviando os seus espíritos de volta para a Morte e Saraneth ordenando-lhes que abandonassem os seus corpos.

Passados alguns minutos de loucura, tudo acabara. Os ecos do sino e dos latidos desapareceram, deixando Lirael e os seus companheiros de pé numa estrada vazia sob o luar e as estrelas, rodeados por uma centena de corpos que mais não eram do que peles ocas.

O silêncio foi interrompido pelos vivas e berros dos soldados atrás deles. Lirael ignorou-os e interpelou Mogget.

— Por que mandou Chlorr fugir? Estávamos vencendo! E o que foi isso da coisa Sem-Rosto?

— Foi mais rápido e me pareceu apropriado — disse Mogget. Dirigiu-se para os pés de Sam e sentou-se ali, bocejando. — Chlorr foi sempre excessivamente cautelosa, mesmo quando estava... viva. Agora estou cansado. Pode levar-me?

Sam suspirou. Embainhou a espada e pegou o gato, deixando o bichano aninhar-se na curva do seu braço.

— Foi mais rápido — disse a Lirael como quem pede desculpa. — E detesto ter de admitir isto, mas vêm aí muitas mais Mãos Mortas... e Mãos Sombra, se não estou enganado...

— Não está enganado — rosnou a Cadela. Olhou com desconfiança para Mogget. — Mas, tal como a minha Dona, não fiquei satisfeita com a motivação ou a explicação de Mogget, por isso sugiro que partamos de imediato. Temos pouco tempo.

Como se em resposta às palavras dela, chegou-lhes da estrada o som dos motores dos caminhões. Obviamente o tenente Tindall e os seus homens tinham-nos empurrado para bastante longe e eles haviam voltado a pegar.

— Espero que possamos dar a volta — disse Sam, cheio de ansiedade quando correram para os caminhões. — Se o vento voltar a mudar, ficaremos encalhados ainda mais longe.

— Podíamos tentar dar um jeito... — começou Lirael. Depois abanou a

cabeça. — Não, é claro que não. Isso só complicaria tudo para a... como é que lhe chamas? Tecnologia ancelstierrana?

— É mais ou menos isso — bufou Sam. — Venham!

Tinham alcançado o major Greene e o pelotão da retaguarda, que corria para os caminhões. O Major sorriu-lhes enquanto acompanhavam o seu passo e vários soldados bateram nas espingardas em continência. O ambiente era muito diferente do que existira alguns momentos antes.

O tenente Tindall aguardava junto ao caminhão da frente, estudando mais uma vez o mapa, desta vez com o auxílio de uma lanterna elétrica que funcionava. Ergueu o olhar e fez a continência quando Lirael, Sam e o major Greene se aproximaram.

— Descobri uma estrada — anunciou rapidamente. — Acho que podíamos até conseguir derrotar Hedge ali!

— Como? — apressou-se Lirael a perguntar.

— Bem, a única estrada para sul da Posição Fortificada Ocidental serpenteia aqui por estas colinas — disse ele, apontando. — É uma estrada estreita e nem sequer está calçada. Carroças muito carregadas, como as que Maculler me descreveu, levarão pelo menos um dia para chegar lá. Não conseguirão estar no Moinho antes do final da tarde! Nós podemos chegar pouco depois da manhã.

— Bom trabalho, Tindall — exclamou o Major, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Há alguma outra forma dos hemisférios poderem ser levados para o Moinho? — perguntou Sam. — Tudo isto foi cuidadosamente planejado por Hedge. Tanto no Reino como aqui...tudo foi preparado. Usando os Sulistas para arranjar mais Mortos e as carroças a postos...

Tindall voltou a consultar o mapa. O feixe da lanterna percorreu várias direções sobre ele como se pensasse nas alternativas possíveis.

— Bem — acabou por dizer —, acho que eles podiam levar os hemisférios na carroça até o mar, carregá-los em barcos e levá-los para sul e depois pelo lago até à velha doca no Moinho. Mas não existe onde carregá-los próximo da Posição Fortificada Ocidental...

— Existe, sim — afirmou o Major, subitamente carrancudo. Apontou para um único símbolo no mapa, um traço vertical rodeado por quatro traços inclinados. — Existe uma doca da Marinha no Farol Ocidental.

— É o que fará Hedge — disse Lirael, subitamente gelada com a certeza. — Com que rapidez se podem deslocar no mar?

— Levará algum tempo para carregar os hemisférios — lembrou Sam, reunindo-se ao aglomerado de cabeças debruçado sobre o mapa.

— E eles terão de navegar com vela, não a vapor. Mas Hedge manipulará o vento. Eu diria menos de oito horas.

Seguiu-se um momento de silêncio após as suas palavras; depois, por acordo tácito, o aglomerado explodiu em ação. Greene guardou o mapa e içou-se para a cabina do primeiro caminhão, Lirael e os seus companheiros correram para a traseira para saltarem para dentro e o tenente Tindall correu também pela estrada, agitando a mão e gritando:

— Vamos! Vamos! — enquanto os caminhões aceleravam mais e começavam lentamente a deslocar-se, os faróis dianteiros brilhando enquanto os motores aguentavam o esforço.

Na traseira do caminhão, Sam colocou Mogget no alto da sua mochila muitas vezes remendada e sentou-se ao lado dela. Quando o fez, retirou da bolsa do cinto um pequeno recipiente de metal e colocou-o junto ao focinho do gato. Durante alguns segundos, o gato pareceu profundamente adormecido. Depois um olho verde abriu uma nesga.

— O que é isso? — perguntou Mogget.

— Sardinhas — respondeu Sam. — Eu sabia que eram rações normais, por isso trouxe algumas latas para você.

— O que são sardinhas? — inquiriu Mogget, desconfiado. — E porque existe uma chave? Trata-se de algum tipo de brincadeira do Abhorsen?

Em resposta, Sam retirou a chave e enrolou lentamente a tampa da lata. O cheiro forte de sardinhas espalhou-se. Mogget observou o processo com avidez, sem nunca tirar os olhos da lata. Quando Sam a pousou, por pouco não se cortando enquanto o caminhão dava uma série de solavancos, Mogget cheirou cautelosamente as sardinhas.

— Porque está me dando isto?

— Você gosta de peixe — disse Sam. — Além disso, eu tinha prometido.

Mogget desviou o olhar das sardinhas e fitou Sam. Semicerrou os olhos, mas não viu sinais de astúcia no rosto de Sam. O pequeno gato sacudiu a cabeça e depois comeu as sardinhas num ápice, deixando a lata limpa e vazia.

Lirael e a Cadela assistiram a esta manifestação de gula, mas estavam ambas mais interessadas no que acontecia lá fora e atrás deles. Lirael afastou a aba de lona e olharam para lá dos três caminhões que os seguiam. Lirael conseguiu sentir o segundo grupo, muito maior, de Mortos e Mãos Sombra que avançava pela estrada. As Mãos Sombra, que eram simultaneamente mais poderosas do que as Mãos Mortas e estavam libertas da carne, deslocavam-se muito rapidamente, algumas delas saltando e deslizando como morcegos enormes à frente do corpo principal das suas irmãs trôpegas que habitavam um

cadáver. Iriam sem dúvida causar enormes problemas em algum lugar, mas não podia perder mais tempo pensando nelas. O maior perigo residia a oeste e já um pouco para sul, onde os relâmpagos iluminavam o horizonte. Lirael percebeu que o outro trovão artificial da artilharia ancelstierrana cessara há algum tempo, mas estivera muito ocupada para atinar com isso.

— Cadela — murmurou Lirael. Atraiu a Cadela a si e abraçou-a pelo pescoço. — Cadela. E se chegarmos tarde demais para destruir a Armadilha dos Raios? E se os hemisférios se juntarem?

A Cadela não disse nada. Farejou antes a orelha de Lirael e agitou a cauda no chão do caminho.

— Vou ter de ir à Morte, não vou? — segredou Lirael. — Para usar o Espelho Negro e descobrir como Ele foi aprisionado no Começo.

A Cadela continuava sem dizer nada.

— Vem comigo? — pediu Lirael, o seu murmúrio tão baixo que nenhum humano teria conseguido ouvi-lo.

— Sim — respondeu a Cadela. — Aonde quer que vá, lá estarei.

— Quando deveríamos ir? — inquiriu Lirael.

— Por enquanto, não — murmurou a Cadela. — Pelo menos enquanto não houver outra alternativa. Talvez consigamos alcançar a Armadilha dos Raios antes de Hedge.

— Assim espero — disse Lirael. Voltou a abraçar a Cadela, depois soltou-a e recostou-se na sua própria mochila. Sam dormia do outro lado do caminho, com Mogget enrolado junto a ele, a lata de sardinhas vazia deslizando pelo chão de madeira do caminho. Lirael pegou-a, franziu o nariz e enfiou-a num canto onde não fizesse barulho.

— Ficarei de guarda — anunciou a Cadela Sem Vergonha. — Devia dormir, Dona. Faltam ainda várias horas para a manhã e irá necessitar de todas as suas forças.

— Acho que não vou conseguir dormir — respondeu Lirael baixinho. Mas recostou-se na mochila e fechou os olhos. Todo o seu corpo se sentia agitado e, se tivesse sido possível, teria se levantado e treinado com a espada, ou feito algo para tentar dissipar aquela tensão com exercício. Mas não havia nada que pudesse fazer na traseira de um veículo em movimento. A não ser deitar-se ali e preocupar-se com o que tinha pela frente. Foi o que fez e não tardou a atravessar a linha entre a preocupação vigil e o sono perturbado.

A Cadela apoiou a cabeça nas patas e viu Lirael virar-se para cá e para lá e murmurar durante o sono. Por debaixo delas, o caminho restolhava e vibrava, o barulho do motor subindo e descendo enquanto o veículo vencias as curvas e subidas e descidas da estrada.

Passado uma hora ou assim, Mogget abriu um olho. Viu a Cadela de guarda e voltou a fechá-lo rapidamente. A Cadela levantou-se sem fazer barulho e aproximou-se sorrateiramente, enfiando o focinho junto do narizito rosado de Mogget.

— Me dê um motivo para não te agarrar pelo cachaço e atirá-lo daqui para fora — murmurou a Cadela.

Mogget voltou a abrir um olho sereno.

— Eu correria atrás — respondeu também com um murmúrio. — Além disso, Ela me deu o benefício da dúvida. Não faria o mesmo?

— Eu não sou tão caridosa — retorquiu a Cadela, mostrando os dentes. — Deixe-me lembrá-lo de que, se virar a casaca, me encarregarei pessoalmente de liquidá-lo.

— É mesmo? — ronronou Mogget, abrindo o outro olho. — E se não puder?

A Cadela rosnou, em tom baixo e ameaçador. Foi o suficiente para acordar Sam, que piscou os olhos e levou a mão à espada.

— O que é? — perguntou, ensonado.

— Nada — respondeu a Cadela. Virou-se para Lirael e estendeu-se com um suspiro frustrado. — Nada de preocupante. Volte a dormir.

Mogget sorriu e sacudiu a cabeça, o Ranna em miniatura tilintando. Sam bocejou fortemente ao ouvir o som e voltou a encostar-se à mochila, readormecendo num instante.

Nicholas Sayre foi ao encontro do estado vigil como um peixe que salta para uma isca. Uma subida lenta que o deixou arfando e confuso, debatendo-se como se fosse o próprio peixe acabado de apanhar nas margens de um lago — que era onde estava. Sentou-se e olhou à sua volta. Uma parte da sua mente sentiu conforto no fato de se encontrar num mundo crepuscular feito de nuvens de tempestade por cima dele e os relâmpagos crepitaram nem a cinquenta metros dali. Estava menos interessado no meio sol pálido a leste, que acabara de surgir por cima da cumeada.

Nicholas encontrava-se deitado numa pilha de feno ao lado de uma cabana, de um dos lados do que fora em tempos um desembarcadouro ativo. A vinte metros dali, os homens de Hedge praguejavam e amaldiçoavam-se, enquanto se debatiam com as cábreas, cordas e roldanas para trazer para terra um dos hemisférios de prata de um navio de cabotagem. Encontrava-se outro navio de cabotagem ao largo, a várias centenas de metros no lago, cuidadosamente posicionado para não se aproximar o suficiente e os hemisférios exercerem a violenta repulsão um do outro.

Nicholas sorriu. Estavam em Forwin Mill. Não conseguia se lembrar como tinham chegado ali, mas haviam atravessado a Muralha com os hemisférios. A Armadilha dos Raios estava a postos e só lhes restava unir os hemisférios e tudo se encaixaria.

Os trovões ribombaram e alguém gritou. Um homem caiu do barco, a sua pele enegrecida e o cabelo em chamas. Ficou estendido na doca, contorcendo-se e gemendo até um dos outros homens descer e lhe cortar rapidamente a garganta. Nick assistiu a tudo aquilo com muita calma. Era apenas o preço a pagar por mexer nos hemisférios e eles eram tudo o que importava.

Lentamente, Nick levantou-se, primeiro de gatas e depois plenamente ereto. Foi difícil e teve de se agarrar por algum tempo ao tubo de escoamento partido da cabana, até a vertigem passar. Mas, aos poucos, ganhou firmeza. Morreu outro homem enquanto ali esteve, mas Nick nem sequer reparou. Só tinha olhos para o esplendor dos hemisférios e a progressão dos trabalhos. Não tardou que o primeiro estivesse pronto para ser transferido para as paredes em ruínas da serração. Seria colocado num encaixe especial montado num vagão de trem que aguardava, um dos dois na mesma curta extensão da linha.

Pelo menos fora o que Nicholas ordenara. Ocorreu-lhe que não chegara efetivamente a inspecionar a Armadilha dos Raios. Traçara os planos e pagara pela sua construção antes de deixar o Reino Antigo. Parecia ter sido há muito tempo. Na realidade, nunca chegara a ver a Armadilha dos Raios. Apenas no papel e nos seus sonhos perturbados.

Ainda estava fraco da doença que apanhara do outro lado da Muralha, muito fraco para caminhar facilmente por ali. Havia uma maca próximo, uma coisa simples de lona e madeira. Talvez pudesse retirar uma das varas e usá-la como bordão, pensou Nick. Muito lentamente e com infinito cuidado, aproximou-se da maca, amaldiçoando a sua fraqueza quando quase caiu. Ajoelhou-se e retirou a vara, arrastando-a pelas alças da lona. Teria à vontade dois metros e meio de comprimento e era bem pesada, mas sempre era melhor do que nada.

Preparava-se para se servir dela, para se levantar quando viu algo brilhar na maca. Um fragmento de madeira, pintado com estranhos símbolos luminosos. Intrigado, estendeu a mão para apanhá-lo.

Quando lhe tocou, o seu corpo entrou em convulsões e ficou violentamente nauseado. Mas mesmo enquanto vomitava, manteve um dedo no que sabia agora ser um fragmento de uma flauta eólica. Não conseguiu pegá-la, pois a sua mão se recusava obedecer-lhe e fechar-se, mas conseguia tocar-lhe. E enquanto lhe tocou, a sua memória voltou precipitadamente. E enquanto lhe tocou, era realmente Nicholas Sayre e não um títere dos hemisférios brilhantes

ali tão próximos.

— Palavra de um Sayre — murmurou, recordando de novo Lirael. — Tenho de impedir isto.

Permaneceu debruçado sobre a vara, sobre o seu próprio vômito, tocando apenas no fragmento, enquanto a sua mente procurava intensamente entender a situação penosa em que se encontrava. Assim que largasse o feitiço, regressaria, voltaria a ser um servo estúpido. Não conseguia pegá-lo nem transportá-lo nas mãos. No entanto, tinha de haver alguma maneira de o conservar suficientemente próximo para fazer funcionar a sua magia, para lhe lembrar quem era.

Nick inspecionou-se. Estava simultaneamente chocado e assustado com a sua magreza e com as equimoses azuis e roxas que se estendiam por todo o lado esquerdo do seu peito. A sua camisa estava em fios e farrapos e as calças não em muito melhor estado, presas à sua cintura escanzelada, não por um cinto, mas por um pedaço de corda coberta de alcatrão. Os bolsos tinham desaparecido, bem como a sua roupa interior.

Mas as dobras das calças continuavam viradas para cima. Nick apalpou-as com a mão direita, certificando-se de que aguentariam. O tecido de lã fina estava mais puído do que escassas semanas antes, mas não se rasgaria com facilidade.

Arfando do esforço, aproximou o tornozelo o máximo que pôde do fragmento de flauta eólica, afastou a dobra e serviu-se da outra mão para empurrar o pedaço de madeira na direção dela. Foram necessárias duas tentativas, mas por fim meteu-o lá dentro. No instante em que isto aconteceu, esqueceu-se do que estava fazendo, até uns segundos mais tarde, quando a dobra das calças lhe bateu na pele. A dor subiu-lhe pelo tornozelo, mas foi suportável.

Não quis olhar para os hemisférios, mas não foi capaz de evitar. O primeiro estava no desembarcadouro. Muitas pessoas o rodeavam, atando novas cordas para arrastá-lo e desamarrando as que tinham sido usadas para trazê-lo para terra. Nick viu que muitos dos trabalhadores que agarravam as cordas em terra pertenciam à Equipe Noturna. Um pouco melhores, mas putrefatos debaixo dos chapéus e lenços azuis.

Não, pensou Nick, enquanto o feitiço de madeira lhe batia no tornozelo. Eles não eram humanos doentes, mas criaturas Mortas, cadáveres a que Hedge dera alguma semelhança de vida. Ao contrário dos homens normais, não pareciam incomodados com a estreita proximidade dos hemisférios, nem pelos relâmpagos constantes.

Como se só de pensar no seu nome atraísse Hedge, logo a seguir ao relâmpago mais recente, o necromante surgiu subitamente ao lado do hemisfério.

Mais uma vez, Nick ficou surpreso com o quão monstruoso Hedge se tornara. Deslocavam-se sombras sobre o seu crânio, entrelaçando-se no fogo profundo nos seus olhos e dos seus dedos escorriam chamas vermelhas e viscosas.

O necromante encaminhou-se para a proa do navio de cabotagem e gritou algo. Os homens apressaram-se a obedecer, muito embora se visse que estavam quase todos feridos de alguma forma, ou doentes. Regressaram e içaram a vela, e o navio afastou-se do desembarcadouro. O outro navio de cabotagem carregado começou imediatamente a efetuar a sua aproximação.

Hedge viu-o chegar e levantou as mãos acima da cabeça. Depois falou, duas palavras ásperas que fizeram o ar agitar-se à sua volta e o solo estremecer. Estendeu uma mão na direção das águas do lago e voltou a chamar, fazendo gestos que deixaram rastros de fogo vermelho no ar.

Começou a levantar-se nevoeiro do lago. Os fios brancos e finos foram subindo cada vez mais em espiral, levando atrás de si rastros de bruma. Hedge efetuou gestos à direita e à esquerda e os fios espalharam-se na lateral, fazendo levantar-se mais nevoeiro da água para formar uma parede que se estendeu lentamente em toda a extensão do lago. Enquanto se espalhava para o lado, avançou também em rolos, na direção do desembarcadouro, da serração, do vale do lago e das colinas mais além.

Hedge bateu as palmas e virou-se. Os seus olhos incidiram em Nick, que imediatamente desviou o olhar e se agarrou ao peito. Ouviu o necromante aproximar-se, os seus calcanhares fazendo barulho nas tábuas de madeira.

— Os hemisférios — murmurou rapidamente Nick quando os passos pararam diante de si. — Os hemisférios têm de... temos de...

— Tudo progride bem — afirmou Hedge. — Levantei um nevoeiro marítimo que resistirá a qualquer tentativa de afastá-lo, caso esteja aqui algum dos nossos inimigos suficientemente hábeis para tentar. Deseja dar-me mais instruções, Amo?

Nick sentiu algo deslocar-se no seu peito. Como um batimento cardíaco de pânico, só que mais forte e muito mais assustador e repulsivo. Arfou ante a dor que lhe provocou e tombou para a frente, as suas mãos arranhando as tábuas, as unhas partindo-se ao arrancar a madeira.

Hedge esperou até o espasmo passar. Nick ficou ali arfando, incapaz de falar, aguardando a perda de consciência e que a coisa dentro dele assumisse o controle. Mas ela não o fez e passados vários minutos, Hedge afastou-se.

Nick deitou-se de costas e viu o nevoeiro avançar pelo céu, cobrindo as nuvens de tempestade, embora não os relâmpagos. O nevoeiro iluminado pelos relâmpagos não era uma visão que alguma vez esperasse ter, pensou, uma parte dele não registrando os estranhos efeitos.

Mas a maior parte da sua mente estava ocupada com algo muito mais importante. Tinha de impedir Hedge de usar a Armadilha dos Raios.

O COMEÇO DO FIM

A manhã começava quando os motores dos caminhões recomeçaram aos soluços, imobilizando-se depois. O tenente Tindall praguejou quando o seu lápis *Chinagraph* vermelho resvalou e o ponto que ia assinalar no mapa se tornou uma linha, que ele transformou numa cruz. Esta foi marcada nas linhas de contorno densamente aglomeradas que assinalavam a descida para Forvale, um amplo vale separado de Forwin Loch e da serração por uma cumeada longa e baixa.

Lirael voltara a adormecer enquanto os caminhões avançavam pela noite. Por conseguinte, perdera os pequenos dramas que haviam preenchido as horas à medida que os caminhões avançavam, sem efetuar qualquer parada, os condutores acelerando muito mais do que o bom senso aconselhava. Mas a sorte bafejara-os, ou tinham-na propiciado e não houvera incidentes. Muitas pequenas colisões, raspões e sustos, mas nada grave.

Lirael também não percebeu as deserções durante a noite. Cada vez que os caminhões tinham diminuído para descrever uma curva pronunciada, ou haviam sido obrigados a parar antes de avançarem lentamente por um pedaço do que era uma estrada muito secundária, os soldados que não conseguiam encarar a perspectiva de mais encontros com os Mortos saltavam dos caminhões e desapareciam no escuro. A companhia tinha mais de cem homens quando deixara o Perímetro. À chegada a Forvale, restavam apenas setenta e três.

— Apear! Rapidamente!

Os gritos do Sargento-Ajudante da Companhia despertaram Lirael. Sobressaltou-se, uma mão agarrando um sino, a outra em Nehíma. Sam reagiu de modo muito semelhante. Desorientado e assustado, avançou aos tropeços para a comporta de descarga, mesmo atrás da Cadela Sem Vergonha, que saltou no instante seguinte.

— Cinco minutos de descanso! Cinco minutos! Façam o que têm a fazer e sejam rápidos! Nada de bebidas!

Lirael desceu do caminhão, bocejou e esfregou os olhos. Estava ainda meio escuro, a claridade no céu a oriente mas sem qualquer sinal do Sol propriamente dito. A maior parte do céu começava a ficar azul, à exceção de uma porção não muito distante, escura e ameaçadora. Lirael viu-a pelo canto do olho, virou-se rapidamente e os seus piores receios concretizaram-se. Brilhavam relâmpagos na nuvem. Muitos relâmpagos, mais do que nunca até ali e incidiam

numa área maior. Tudo do outro lado da cumeada.

— Forwin Loch e a serração — disse o major Greene. — Ficam do lado de lá daquela cumeada. O que...

Estavam todos olhando para o outro lado da montanha. Greene apontou então para o vale. Era uma zona de terra de cultivo de um verde luxuriante, dividida nos habituais campos de cinco acres por vedações de arame. Havia carneiros em alguns dos campos. Contudo, no extremo sul do vale movimentava-se uma massa azul. Milhares de pessoas, uma grande quantidade de Sulistas de lenços e chapéus azuis, uma enorme migração por todo o vale.

Greene e Tindall olharam rapidamente pelos binóculos. Mas Lirael não precisou de binóculos para ver para onde se dirigia a multidão. Os grupos dianteiros estavam virando para oeste, para a cumeada e Forwin Mill, do outro lado. Para a Armadilha dos Raios, onde, pelo aspecto da tempestade, os hemisférios se já encontrariam.

— Temos de impedi-los! — exclamou Sam. Apontava para os Sulistas.

— É mais importante impedir que os hemisférios se unam — contrapôs Lirael. Hesitou por um segundo, sem saber o que fazer ou dizer. Só um caminho parecia óbvio. Tinham de chegar à topo da colina ocidental e ver o que acontecia do outro lado e isso implicava atravessar o vale o mais rapidamente possível. — Precisamos subir aquela colina! Venham!

Começou a descer a estrada até o vale, correndo devagar a princípio, mas aumentando lentamente a velocidade. A Cadela corria ao lado dela, com a língua de fora. Sam seguiu-a meio minuto depois, com Mogget empoleirado nos seus ombros. O major Greene e o tenente Tindall foram mais vagarosos, mas não tardou que ambos gritassem ordens e os soldados saíssem correndo da vala junto à beira da estrada e formassem.

A estrada era mais um trilho, mas uma vez descida a colina, seguia direto através dos campos, atravessava o riacho no centro do vale num vau de cimento ou uma ponte abatida e depois estendia-se pelo sopé da colina.

Lirael corria como nunca antes o fizera. Uma figura solitária, atravessou o vau chapinhando e passou à frente dos Sulistas. Mais próximo, viu que seguiam em grupos de famílias, com frequência de muitas gerações. Centenas de famílias. Avós, pais, crianças e bebês. Tinham todos o mesmo ar assustado nos rostos e quase todos, por mais velhos ou pequenos, vinham carregados com malas, sacos e pequenas trouxas. Alguns traziam estranhos pertences, pequenas máquinas e objetos de metal que Lirael não sabia o que eram mas Sam reconheceu como sendo máquinas de costura, fonógrafos e máquinas de escrever. Curiosamente, quase todos os adultos agarravam também pequenos pedaços de papel.

— Não podemos deixá-los atravessar a colina — disse a Cadela, quando Lirael abrandou para os observar. — Mas não devemos parar. Receio que os relâmpagos estejam aumentando.

Lirael parou por um segundo e virou-se para trás. Sam encontrava-se cerca de cinquenta metros atrás, correndo com impiedosa determinação.

— Sam! — gritou Lirael. Indicou os Sulistas, que começavam a virar na direção da colina. Alguns homens mais jovens vinham subindo a vertente. — Detenha-os! Vou avançar!

Lirael recomeçou a correr, ignorando a dor de uma pontada incipiente na ilharga. A cada passo que dava, parecia-lhe que os relâmpagos do outro lado da colina se espalhavam e os trovões se tornavam mais fortes e mais frequentes. Lirael saiu da estrada e começou a subir em ziguezague um contraforte longo que seguia até ao alto. Para facilitar a marcha, agarrou-se a pedras e aos ramos de árvores de casca branca que salpicavam a vertente.

Enquanto subia, sentia os Mortos do outro lado da colina. Não mais de uma vintena a princípio, mas surgiu pelo menos mais uma dúzia enquanto subia. Obviamente Hedge estava trazendo espíritos da Morte. Devia ter encontrado uma fonte de cadáveres em algum lugar. Não pareceram a Lirael Mãos Sombra, pois era necessário mais tempo para preparar o espírito para a Vida se não houvesse carne onde alojá-lo. Pelo menos pressupunha-se que levasse mais tempo. Lirael temia não ter uma idéia daquilo de que Hedge era capaz.

Depois, sem aviso, encontrou-se no alto da colina e tinham acabado as árvores de casca branca, os pedregulhos. Conseguia ver com clareza a vertente ocidental despida que descia até às águas azuis do lago. A vertente da colina fora completamente desbastada, como se varrida pelo fogo e uma vassoura gigante, deixando apenas sulcos de terra castanha. Mas da terra brotara uma estranha sementeira. Varas finas de metal, com o dobro da altura de Lirael. Centenas delas, espaçadas cerca de dois metros e unidas na base por cabos negros que serpenteavam pela vertente até um edifício de pedra em ruínas que perdera o telhado. Linhas de metal paralelas colocadas por cima de muitas vigas de madeira curtas formavam uma espécie de trilho. Seguiam pelo solo atravessando o edifício, terminando bruscamente após vinte metros para cada lado dele. Havia dois vagões de bordos baixos com rodas metálicas na linha, um em cada extremidade. Instintivamente, Lirael soube que eram para os hemisférios. Seriam colocados nos vagões e, de alguma forma, feitos transportar recorrendo à energia da tempestade com relâmpagos.

Estes brilharam como se para acentuar os seus pensamentos. Bifurcavam-se a toda a volta do cais, tão fortes que Lirael teve de proteger os olhos com a mão. Sabia o que iria ver ali, porque sentia o odor a metal quente. O

cheiro corrosivo da Magia Livre deu-lhe a volta ao estômago e ficou grata por não comer há horas.

Um dos hemisférios de prata encontrava-se já no cais. Brilhou com luz azul quando o relâmpago incidiu nele. O outro hemisfério estava num barco ao largo do lago. Apesar de a maior parte dos relâmpagos estar a atingir os hemisférios, Lirael viu que se estendiam também para os lados e subiam a vertente e a maior parte das descargas atingia os postes altos. Eram hastes de pára-raios, os milhares de hastes de pára-raios que, juntas, formavam a Armadilha dos Raios de Nicholas.

Como se não bastasse as nuvens negras por cima, começava a sair nevoeiro em remoinho do lago. Lirael sentiu que se tratava de um nevoeiro mágico, criado com água verdadeira, pelo que seria muito mais difícil de repelir ou dissipar. Sentiu a Magia Livre ativa nele e na sua origem. Hedge estava em algum lugar lá embaixo no cais. Encontravam-se Mortos junto dele, deslocando o primeiro hemisfério e havia mais Mortos à volta dos vários edifícios pequenos que orlavam o cais. Lirael sentia-os movendo-se por ali, com Hedge no centro de tudo. Sentiu-se como uma mosca na beira de uma teia de aranha, captando o movimento da grande aranha mãe no centro e a sua inúmera prole espalhada pela teia.

Lirael desembainhou Nehima e a seguir, após um momento de hesitação a sua mão recaiu sobre Astarael O Pesaroso. Todos os que o ouvissem seriam atirados para a Morte, inclusive a própria Lirael. Se conseguisse se aproximar o suficiente, poderia enviar Hedge e todos os Mortos para muito, muito longe. Pelo menos Hedge conseguiria provavelmente regressar à Vida, mas havia uma hipótese remota de Lirael poder regressar também e isso proporcionar-lhe-ia tempo precioso.

Mas quando começou a retirar o sino da bandoleira, a Cadela bateu nela e afastou a mão de Lirael com o focinho.

— Não, Dona — disse. — Astarael por si só não pode prevalecer aqui. Chegamos tarde demais para impedir a junção dos hemisférios.

— Sam, os soldados... — disse Lirael. — Se atacarmos de imediato...

— Não creio que conseguíssemos atravessar facilmente esta Armadilha dos Raios — afirmou a Cadela, abanando a cabeça.

— O poder do Destruidor está menos aprisionado aqui e o Destruidor é que orienta os relâmpagos. Além disso, os Mortos aqui são comandados por Hedge, não por Chlorr.

— Mas se os hemisférios se juntarem... — murmurou Lirael para si mesma. Depois engoliu em seco e disse: — Está na hora, não está?

— Sim — afirmou a Cadela. — Mas não aqui. Hedge sabe que estamos

aqui, tal como nós sabemos que ele está. A sua mente está nos hemisférios, no momento, mas não creio que demore muito para ele ordenar um ataque.

Lirael virou-se para recuar pela vertente oriental da colina, depois parou e olhou para trás.

— Nicholas? E ele?

— Neste momento, não podemos ajudá-lo — respondeu a Cadela, pesarosa. — Quando os hemisférios se unirem, o estilhaço dentro dele irromperá do seu coração para se tornar parte do todo. Mas ele nem irá perceber. Será um fim rápido, muito embora receie que Hedge vá aprisionar o seu espírito.

— Pobre Nick — comentou Lirael. — Nunca devia te-lo deixado partir.

— Não teve escolha — disse a Cadela. Afocinhou Lirael por trás do joelho, ansiosa por obrigá-la a se mexer. — Temos de nos apressar!

Lirael concordou e virou-se para voltar a descer a vertente. Fazendo-o apressada, escorregou e quase caiu nas partes mais íngremes, pensando em Nicholas e depois em tudo o mais, incluindo ela própria. Talvez Nick tivesse o caminho mais fácil. Afinal, era provável que ele fosse apenas o primeiro a morrer, na ignorância. Todos os demais estariam apenas muito conscientes do seu destino e, provavelmente, acabariam todos servindo a Hedge.

Lirael ia a meio da descida quando uma voz imensamente alta e atrojadora encheu o vale. Deixou-a em estado de choque por um segundo, até reconhecer que era Sam, a sua fala muito amplificada pela Magia da Carta. Encontrava-se de pé num pedregulho apenas a uma centena de metros ou assim, mais abaixo, no contraforte, as mãos em concha à volta da boca, os dedos brilhando com a fórmula.

— Sulistas! Amigos! Não ultrapassem a colina ocidental! Ali só lhes espera a morte! Não acreditem nos papéis que lhes deram... são só mentiras! Sou o príncipe Sameth do Reino Antigo e prometo dar terras e propriedades a todos aqueles que ficarem no vale! Se ficarem no vale, receberão fazendas e terra do outro lado da Muralha!

Sam repetiu a mensagem enquanto Lirael parava arquejante ao lado do pedregulho onde ele se encontrava. Por baixo, os homens do major Greene estavam estendidos numa longa fila na base da colina. Os Sulistas tinham se reunido atrás dessa linha, sobrepondo-se em várias centenas de metros no extremo sul. A maior parte deles parava para escutar Sam, mas alguns subiam ainda a colina.

Sam parou de falar e desceu dali.

— É o melhor que consigo fazer — disse, cheio de ansiedade.

— Talvez impeça alguns deles. Se compreenderem o que estava dizendo.

— Não podemos fazer mais nada — afirmou o major Greene.

— Não podemos disparar sobre os desgraçados e eles nos esmagariam se tentássemos impedi-los apenas com a baioneta. Gostaria de dar uma palavrinha à polícia a quem é suposto...

— Um dos hemisférios já se encontra em terra e o outro vem logo atrás — interrompeu Lirael, a sua notícia suscitando atenção imediata.

— Hedge está ali levantando um nevoeiro e a conjurando mais Mortos. A Armadilha dos Raios também começou a funcionar e o Destruidor está atraindo e a orientando os relâmpagos.

— Era preferível atacarmos de imediato — disse o major Greene. Começou a preparar-se para gritar, mas Lirael voltou a interrompê-lo.

— Não — advertiu-o. — Não conseguiremos atravessar a Armadilha dos Raios e existem Mortos demais. Não podemos impedir os hemisférios de se unirem, agora.

— Mas isso...isso significa que perdemos — disse Sam. — Tudo. O Destruidor...

— Não — respondeu Lirael. — Vou à Morte, para usar o Espelho Negro. O Destruidor foi aprisionado e separado no Começo. Assim que descobrir como conseguiram isso, poderei fazê-lo de novo. Mas terão de proteger o meu corpo até eu regressar e haver certeza que Hedge não vai atacar.

Enquanto falava, Lirael olhou Sam com firmeza nos olhos, depois o major Greene e os dois tenentes, Tindall e Gotley. Esperava estar transmitindo alguma confiança. Tinha de acreditar que havia uma resposta na Morte, no passado. Algum segredo que lhes permitisse derrotar Orannis.

— A Cadela vem comigo — disse. — Onde está Mogget?

— Aqui! — respondeu uma voz perto dos pés dela. Lirael olhou para baixo e viu Mogget na sombra de um pedregulho, lambendo a segunda das duas latas de sardinhas.

— Achei melhor dá-las — disse Sam, baixinho, encolhendo os ombros.

— Mogget! Ajude como puder — ordenou Lirael.

— Como puder — confirmou Mogget com um sorriso manhoso. A sua confirmação mais pareceu uma pergunta.

Lirael olhou à sua volta, depois avançou até ao meio de um círculo de pedras cobertas de líquens, onde o contraforte se erguia outra vez ligeiramente depois de descer a colina. Verificou se o Espelho Negro estava na bolsa do cinto. A seguir retirou Nehima e Saraneth. Desta vez segurou o sino pelo cabo. Tocaria mais facilmente sem querer, mas também seria usado com maior rapidez.

— Vou tentar ir à Morte aqui — anunciou. — Dependendo de vocês para me protegerem. Voltarei assim que puder.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Sam. Retirou as flautas de Pan e agarrou a espada pelo punho. Lirael viu que ele estava falando sério.

— Não — disse Lirael. — Acho que terá bastante que fazer aqui. Hedge não vai nos deixar em paz estando perto dele. Não sente os Mortos em movimento? Seremos atacados aqui, não vai demorar, e alguém terá de proteger o meu corpo vivo enquanto estou na Morte. Encarrego-o disso, príncipe Sameth. Se tiver tempo, lance um losango de proteção.

Sam anuiu circunspectamente e disse:

— Sim, tia Lirael.

— Tia? — perguntou o tenente Tindall, mas Lirael nem o ouviu. Acocorou-se cuidadosamente e abraçou a Cadela Sem Vergonha, reprimindo a sensação terrível de que podia ser a última vez que sentia o pêlo macio da cadela na sua face viva.

— Mesmo que descubra como foi que os Sete aprisionaram o Destruidor, como nós poderemos fazê-lo? — murmurou junto ao ouvido da Cadela, tão baixinho que mais ninguém ouviu. — Como poderemos?

A Cadela Sem Vergonha olhou para ela com olhos castanhos tristes mas não respondeu. Lirael correspondeu ao olhar dela e depois sorriu, um sorriso pesaroso, agridoce.

— Nós percorremos um longo caminho desde a Geleira, não percorremos? — disse ela. — Agora iremos ainda mais longe.

Levantou-se e estendeu as mãos para a Morte. Quando o frio lhe penetrou nos ossos, ouviu Sam dizer algo e um grito distante. Mas os sons desvaneceram-se, bem como a luz do dia. Levantando a espada, Lirael caminhou para a Morte, a sua fiel cadela atrás de si.

A percepção da Morte, que era como um outro sentido, despertou espasmodicamente em Sam. A respiração de Lirael produziu vapor e formou-se gelo na boca e no nariz. A Cadela Sem Vergonha avançou ao lado dela e desapareceu, deixando um contorno momentâneo de luz dourada que se foi desaparecendo aos poucos.

— Nick! E Nick! — gritou subitamente Sam. Bateu na cabeça e praguejou: — Eu devia ter perguntado!

— Movimento na colina! — alertou alguém e verificou-se um fluxo geral de atividade. Tindall e Gotley correram para os seus pelotões e o major Greene gritou ordens. Os Sulistas, que tinham sentado para escutar Sam, levantaram-se. Alguns indivíduos começaram a subir a colina, depois deu-se um avanço generalizado de toda a imensa multidão. Ao mesmo tempo, verificou-se um súbito aumento dos relâmpagos do outro lado da colina e os trovões ribombaram, mais sonoros e mais constantes.

— Vou concentrar a companhia — gritou Greene. — Formaremos aqui uma linha de defesa a toda a volta.

Sam concordou. Sentia os Mortos em deslocamento do outro lado da colina. Cinquenta ou sessenta Mãos Mortas, vindo na direção deles.

— Os Mortos vem aí — avisou. Olhou para o alto da colina, depois para Lirael e para os Sulistas mais além. Estavam todos avançando com dificuldade em direção à colina, em vez de voltarem para o vale. Os soldados corriam já na direção do contraforte, a fila encolhendo. Não havia nada entre os Sulistas e o seu destino.

— Maldição! — praguejou Greene. — Achei que os tínhamos convencido!

— Vou falar com eles! — declarou Sam, tomando uma decisão momentânea. Os Mortos estavam pelo menos à distância de cinco minutos e Lirael encarregara-o antes de conter os Sulistas. Ela não correria perigo se fosse rápido. — Voltarei dentro de minutos. Major Greene, não abandone Lirael! Mogget, proteja-a!

Com aquelas palavras, correu na direção de um determinado grupo de Sulistas que vira antes, mas não considerara importante até há alguns instantes, momento em que lhe ocorrera um pensamento súbito. O grupo era encabeçado por uma matriarca idosa, de cabelo branco e muito melhor vestida do que todos os demais à sua volta. Estava também acompanhada por vários homens e mulheres mais jovens. Era o único grupo que não constituía obviamente uma família, sem crianças e sem bagagem. A matriarca era a líder, pensou Sam. Sabia disso a respeito dos Sulistas. Alguém que podia ser capaz de fazer regressar a maré humana.

Se ao menos conseguisse convencê-la nos minutos seguintes. Quando os Mortos atacassem, tudo podia acontecer. Os Sulistas entrariam em pânico e muitos correriam no sentido errado e seriam espezinhados. Ou rejeitariam o que os seus próprios olhos viam e prosseguiriam cegamente pela colina, movidos pelo otimismo e a esperança de que finalmente iam encontrar um lugar melhor para chamar de lar.

PENETRANDO PROFUNDAMENTE NA MORTE

Lirael não parou para olhar à sua volta quando entrou na Morte e a corrente a agarrou, tentando arrastá-la para baixo, naquele primeiro instante de choque do frio total. Avançou de imediato, enquanto a Cadela Sem Vergonha corria à frente, farejando o rio em busca de qualquer Morto que estivesse à espreita.

Ao caminhar com dificuldade, Lirael revia cheia de ansiedade os ensinamentos básicos que retirara d'O *Livro dos Mortos* e d'O *Livro da Lembrança e do Esquecimento*. As suas páginas brilharam na mente dela, esclarecendo-a sobre cada um dos Nove Recintos e os segredos dos Nove Portões. Todavia, conhecer esses segredos — mesmo através de um livro mágico —, não era o mesmo que tê-los experimentado. E Lirael nunca fora além do Primeiro Recinto, nunca chegara sequer a transpor o Primeiro Portão.

Todavia, avançou confiante, remetendo as suas dúvidas para o lugar mais recôndito possível da sua mente. A Morte não era local para dúvidas. O rio atacaria rapidamente qualquer fraqueza, pois só a força de vontade impedia a corrente de sugar o espírito de Lirael. Se vacilasse, as águas a levariam para baixo e tudo estaria perdido.

Chegou ao Primeiro Portão com uma rapidez surpreendente. Há pouco, fora um bramido distante e uma superfície longínqua de névoa que se estendia até aonde era possível alcançar, à esquerda e à direita. Agora, ao que parecia apenas um momento depois, Lirael encontrava-se suficientemente próximo para quase tocar na névoa, além de que o bramido dos rápidos do outro lado era muito intenso.

As palavras chegaram até ela, palavras de poder incutidas na sua mente por ambos os livros. Proferiu-as, sentindo a Magia Livre contorcer-se e crepitar na língua e nos lábios enquanto as palavras brotavam da sua boca.

O manto de névoa afastou-se enquanto falava, deslizando lentamente para o lado para revelar uma série de quedas de água que pareciam descer eternamente até um abismo escuro e infinito. Lirael voltou a falar e fez um gesto para a direita e para a esquerda com a espada. Surgiu um caminho, talhado fundo na queda de água, como um desfiladeiro estreito entre duas montanhas líquidas. Lirael avançou pelo caminho, a Cadela tão próxima que quase se emaranhava nas pernas de Lirael. Enquanto caminhavam, a névoa fechou-se e o caminho desapareceu atrás delas.

Depois de terem passado, um espírito furtivo muito pequeno ergueu-se da água próximo do Primeiro Portão e começou a encaminhar-se para a Vida, seguindo um fio preto quase invisível preso ao seu centro. Contorcia-se e balbuciava enquanto caminhava, antevendo a recompensa do seu amo pela notícia destes viajantes. Talvez lhe fosse permitido ficar na Vida e receber um corpo, esse prazer imenso e tão acalentado.

A travessia do Primeiro Portão foi ilusória. Lirael não soube quanto tempo demorou, mas em breve o rio voltara a ser uma extensão plana e infinda ao retomar o seu fluxo através do Segundo Recinto. Lirael começou a sondar a água à sua frente com a espada assim que deixou o caminho, verificando se tinha pé. Este recinto era idêntico ao Primeiro, mas continha buracos fundos e perigosos, assim como uma corrente constante. Tornava-se ainda mais difícil devido a um efeito difuso provocado por uma luz cinzenta turva e indistinta, pelo que Lirael não conseguia ver muito além do que tocava com a espada estendida a todo o comprimento do seu braço.

Existia um caminho fácil, um caminho assinalado pelos Abhorsens anteriores e referido n’O *Livro dos Mortos*. Lirael seguiu-o, muito embora não confiasse o suficiente no que aprendera para deixar de sondar com a espada. Mas contou os passos conforme o Livro indicava e deu as voltas memorizadas em cada ponto.

Estava tão atenta ao que fazia que, perdida na cadência dos seus passos, quase caiu no Segundo Portão. O puxão rápido da Cadela no seu cinto trouxe-a para terreno seguro, quando deu um passo a mais, contando “Onze” quando o seu cérebro dizia: “Parar no Dez.”

Tão rapidamente quanto aquele pensamento, tentou recuar, mas a atração do Segundo Portão era muito mais forte do que a corrente normal do rio. Só a valorosa âncora da Cadela a salvou, muito embora fosse precisa toda a força de ambas para afastar Lirael do precipício do portão.

Porque o Segundo Portão era um buraco enorme, pelo qual o rio descia como água por um cano abaixo, criando um remoinho de força incrível.

— Obrigada — disse Lirael, tremendo enquanto olhava para o remoinho e pensava no que podia ter acontecido. A Cadela não respondeu logo, pois estava soltando o pedaço de couro lamentavelmente gasto que antes fora um cinto ainda utilizável.

— Vá com calma, Dona — advertiu a Cadela baixinho. — Vamos necessitar de pressa em outro lugar que não este.

— Sim -- concordou Lirael, impelindo o ar lenta e profundamente para os pulmões. Quando se sentiu mais calma, endireitou-se e recitou mais palavras da Magia Livre, palavras que lhe encheram a boca de um calor súbito, um brilho

estranho nas suas faces profundamente geladas.

As palavras ecoaram e as águas turbilhonantes do Segundo Portão abrandaram e depois pararam por completo, como se todo o turbilhão tivesse ficado subitamente gelado. Agora, cada remoinho tornara-se um terraço, constituindo um longo caminho em espiral até ao vórtice do Portão. Lirael desceu até ao começo do caminho e começou a andar. Atrás dela e por cima, o remoinho começou de novo a girar.

Parecia que ia ter de dar uma centena de voltas ou mais até chegar ao fundo, mas Lirael soube de novo que era uma ilusão. Levou apenas alguns minutos atravessando o Segundo Portão e passou o tempo pensando no Terceiro Recinto e na armadilha que encerrava para os incautos.

Porque ali o rio dava apenas pelo tornozelo e era um pouco mais quente. A luz era também melhor. Mais forte e menos difusa, embora ainda de um cinzento-pálido. A própria corrente não passava de uma sensação de cócegas nos tornozelos. Pensando bem, era um local muito mais agradável do que o Primeiro ou o Segundo Recintos. Os necromantes mal preparados ou inconscientes poderiam sentir-se tentados a parar para descansar. Se parassem, não seria por muito tempo — porque o Terceiro Recinto tinha ondas.

Lirael sabia disso e deixou o Segundo Portão rapidamente. Este era um dos locais na Morte onde era necessária a pressa, pensou enquanto obrigava as pernas a um arranco completo. Ouvia o bramido da onda atrás dela, uma onda que fora controlada pela mesma fórmula que acalmara o remoinho. Mas não olhou e concentrou-se totalmente na velocidade. Se a onda a apanhasse, seria atirada pelo Terceiro Portão e seguiria à deriva, atordoada e incapaz de se salvar.

— Mais depressa! — gritou a Cadela, e Lirael correu com mais força, o som da onda agora tão próximo, que pareceu capaz de apanhar a ambas.

Lirael alcançou as névoas do Terceiro Portão apenas um passo ou dois antes das águas impetuosas, proferindo freneticamente a fórmula da Magia Livre necessária enquanto corria. Desta vez, a Cadela vinha na frente, a fórmula limitando-se a separar as névoas à frente do seu focinho.

Quando pararam, arquejantes, na porta que a fórmula criara na névoa, a onda rebentou à volta delas, arremessando a sua carga de Mortos para a queda de água do outro lado. Lirael deteve-se para recuperar o fôlego e mais alguns segundos para que o caminho surgisse. Depois, prosseguiu até ao Quarto Recinto.

Atravessaram este recinto rapidamente. Foi relativamente fácil, sem buracos nem outras armadilhas para os incautos, muito embora a corrente fosse novamente forte, mais forte ainda do que no Primeiro Recinto. Mas Lirael acostumara-se ao seu frio e ao puxão matreiro. Permaneceu atenta. Além dos

perigos conhecidos e registrados de cada recinto, havia sempre a possibilidade de algo novo, ou de algo tão antigo e infrequente, que não constava d'O *Livro dos Mortos*. A parte estas anomalias, o Livro sugeria forças que conseguiam se deslocar na Morte, além dos próprios Mortos, ou dos necromantes. Algumas destas entidades criavam estranhas condições locais, ou afetavam as naturezas habituais dos recintos. Lirael calculou que ela própria fosse uma dessas forças que alterava a natureza do rio e dos seus portões.

O Quarto Portão era outra queda de água, mas não se encontrava coberta de névoa. A primeira vista, parecia uma descida fácil de apenas meio ou um metro e o rio dava a impressão de querer continuar correndo depois dele.

Lirael estava avisada, pel'O *Livro dos Mortos*. Parou a uns bons três metros e proferiu a fórmula que a deixaria passar. Lentamente, começou a sair uma faixa escura da beira da queda de água, flutuando no ar por cima da água. Apenas com noventa centímetros de largura, parecia feita de noite — uma noite sem estrelas. Estendia-se na horizontal desde o alto da queda de água até uma distância que Lirael não conseguia determinar.

Avançou para o caminho, afastou um pouco os pés para obter melhor equilíbrio e começou a caminhar. Este caminho estreito não era apenas o que atravessava o Quarto Portão, era também o único meio de efetuar a travessia do Quinto Recinto. Aqui, o rio era fundo, muito fundo para passar a vau e a água possuía um forte efeito metamórfico. Um necromante que permanecesse qualquer período de tempo nas suas águas ficaria com o espírito e o corpo alterados e não era para melhor. Qualquer espírito Morto que conseguisse voltar atrás por este caminho não teria a mesma forma de quando vivo.

A própria travessia do recinto pelo caminho negro era perigosa. Além de estreito, era igualmente o caminho preferido pelos próprios Mortos Maiores e seres da Magia Livre para atravessarem o Quinto Recinto — seguindo no sentido contrário, em direção à Vida. Aguardariam que um necromante criasse o caminho, depois correriam por ele, esperando surpreender o criador do caminho com um ataque súbito e traiçoeiro.

Lirael sabia disso, mas mesmo assim, foi apenas o latido rápido da Cadela que a avisou quando algo avançou sofregamente pelo caminho, aparentemente vindo de lugar nenhum. Em tempos humano, a sua longa permanência na Morte transformara-o em algo hediondo e assustador. Avançou correndo apoiado nos braços e nas pernas, deslocando-se à semelhança de uma aranha. O seu corpo era gordo e bolboso e o pescoço articulava-se de maneira que apenas conseguia olhar a frente quando de gatas.

Lirael teve apenas um instante para impelir a espada quando ele atacou, a ponta penetrando uma face negra, fazendo saltar a nuca. Mas continuou a

penetrar, apesar do clarão de faíscas brancas que jorravam por todo o lado enquanto a Magia da Carta corroía a sua carne-espírito. Enfiou-se quase até ao punho, os olhos de fogo vermelho focados em Lirael, a sua boca muito ampla cuspindo e sibilando.

Lirael deu-lhe um pontapé para soltá-lo da espada e fez soar Saraneth ao mesmo tempo. Mas estava desequilibrada e o sino não tocou como devia ser. Ecoou uma nota discordante na Morte e, em vez de sentir a sua vontade concentrada na coisa Morta e os primórdios do domínio, Lirael foi distraída. A sua mente divagou e, por um instante, esqueceu-se do que estava fazendo.

Deu-se conta um segundo ou um minuto depois e foi percorrida por um choque, o medo eletrizando cada nervo do seu corpo. Olhou e viu que a criatura Morta estava quase largando a espada, pronta a atacar de novo.

— Cale o sino! — latiu a Cadela e encolheu de tamanho para tentar passar por entre as pernas de Lirael e atacar a criatura. — Cale o sino!

— O quê? — exclamou Lirael; depois o choque e o medo voltaram a percorrê-la quando sentiu que a sua mão fazia ainda soar Saraneth, sem se dar conta disso. Em pânico, obrigou-o a imobilizar-se. O sino tocou mais uma vez e depois calou-se quando o tornou a enfiar na sua bolsa.

Mas voltou a distrair-se — e naquele momento a criatura atacou. Desta vez saltou para ela, tencionando esmagá-la por completo por baixo do seu volume pálido e medonho. Mas a Cadela viu o monstro crispar-se e adivinhou a sua intenção. Em vez de passar pelas pernas de Lirael, atirou-se para a frente e apoiou duas pesadas patas dianteiras nas costas dela.

Depois, Lirael apenas percebeu que estava de joelhos e a criatura voava por cima dela. Um dedo farpado apanhou uma madeixa do seu cabelo ao passar, cortando-a pela raiz. Lirael mal se deu conta, ao virar-se freneticamente no caminho estreito para se levantar. Toda a sua confiança desaparecera e não contou que se equilibrasse, por isso não foi uma manobra rápida.

Mas quando se virou, a criatura tinha desaparecido. Apenas restava a Cadela. Uma Cadela enorme, o pêlo do dorso eriçado como uma escova de cabelo de cerdas de javali, escorrendo fogo vermelho de dentes do tamanho dos dedos de Lirael. Havia ferocidade no seu olhar, quando se virou para a sua dona.

— Cadela? — murmurou Lirael. Nunca antes reudara a amiga, mas também nunca fora tão longe na Morte. Tudo podia acontecer aqui, sentiu. Qualquer pessoa... qualquer coisa podia mudar.

A Cadela sacudiu-se, encolheu de tamanho e a ferocidade nos seus olhos extinguiu-se. Começou a abanar a cauda e mordeu a sua base por um segundo antes de vir lambar a mão aberta de Lirael.

— Desculpe — disse ela. — Perdi o controle.

— Para onde é que ele foi? — perguntou Lirael, olhando à sua volta. Não havia nada no caminho, tanto quanto podia ver, nem nada no rio por baixo delas. Não lhe pareceu ter ouvido um chape. Teria ouvido? A sua mente estava confusa, ressoando ainda com a dissonância de Saraneth.

— Para baixo — respondeu a Cadela, indicando com a cabeça.

— É melhor nos apressarmos. Devia retirar também um sino. Talvez Ranna. Ele é mais clemente aqui.

Lirael ajoelhou e esfregou o nariz no focinho da Cadela.

— Não teria conseguido sem você — disse, dando-lhe um beijo no focinho.

— Eu sei, eu sei — respondeu a Cadela distraidamente, agitando as orelhas num movimento semicircular. — Ouve alguma coisa?

— Não — redarguiu Lirael. Pôs-se em pé para escutar e a sua mão libertou automaticamente Ranna da bandoleira. — E você?

— Achei que alguém... algo nos seguia antes — disse a Cadela. — Agora tenho certeza. Vem algo atrás de nós. Algo poderoso, deslocando-se com rapidez.

— Hedge! — exclamou Lirael, esquecendo a crise de confiança no seu equilíbrio ao virar-se e correr pelo caminho. — Ou poderia ser outra vez Mogget?

— Não creio que seja Mogget — discordou a Cadela com ar carrancudo. Parou para olhar para trás por um momento, as orelhas espetadas para frente. Depois abanou a cabeça. — Quem quer que... ou o que quer que seja... era melhor deixá-lo para trás.

Lirael caminhava enquanto caminhava e agarrou com mais força tanto o sino como a espada. Estava decidida a não ser surpreendida pelo que quer que encontrassem em seguida, viesse pela frente ou por trás.

CAIXAS DE DERIVAÇÃO E SULISTAS

O nevoeiro ocultara o cais e avançava inexoravelmente pela vertente acima. Nick viu-o estender-se e observou os relâmpagos que o atravessavam. De uma forma desagradável, fez com que pensasse em veias luminosas em carne parcialmente transparente. Não que houvesse algo vivo que tivesse carne assim...

Sabia que tinha de fazer algo, mas não conseguia lembrar-se do que era. Sabia que os hemisférios não estavam muito distantes, no meio do nevoeiro. Uma parte de si queria aproximar-se deles e supervisionar a junção final. Mas havia um outro eu, rebelde, que pretendia exatamente o contrário, impedir os hemisférios de se unirem por quaisquer meios possíveis. Eram como duas vozes sussurrando dentro da sua cabeça, ambas tão estridentes que se misturaram e tornaram ininteligíveis.

— Nick! O que te fizeram?

Por um momento, Nick pensou que se tratava de uma terceira voz, dentro da sua cabeça. Mas quando a voz repetiu as mesmas palavras, percebeu que não era.

Com dificuldade, Nick virou-se. A princípio não conseguiu ver nada através do nevoeiro. Depois detectou um rosto que espreitava por trás da esquina da cabana mais próxima. Levou alguns segundos para descobrir quem era. O seu amigo da Universidade de Corvere. Timothy Wallach, o estudante ligeiramente mais velho que contratara para supervisionar a construção da Armadilha dos Raios. Normalmente, Tim era um indivíduo donairoso e um tanto lânguido, que andava sempre impecavelmente vestido.

Tim não tinha o mesmo aspecto naquele momento. O seu rosto estava pálido e sujo, a camisa perdera o colarinho e havia lama cobrindo-lhe os sapatos e as calças. Acocorado atrás da cabana, tremia continuamente, como se tivesse febre ou estivesse apavorado. Nick acenou e fez um esforço para dar alguns passos vacilantes até Tim, muito embora tivesse de se agarrar à parede no último instante para não cair.

— Tem de impedi-lo, Nick! — exclamou Tim. Não olhou para Nick, mas para outro lugar, os seus olhos agitando-se de um lado para o outro, amedrontados. — O que quer que ele está fazendo... vocês estão fazendo... está errado!

— O quê? — perguntou Nick, aborrecido. A caminhada cansara-o e uma das vozes interiores tornara-se mais forte. — O que estamos fazendo? É

uma experiência científica, nada mais. E quem é esse que tenho de impedir? Sou o responsável aqui.

— Ele! Hedge! — proferiu atabalhoadamente Tim, apontando na direção dos hemisférios, onde o nevoeiro era mais denso. — Ele matou os meus trabalhadores, Nick! Ele os matou! Apontou para eles e eles tombaram. Sem mais nem menos.

Imitou o movimento de lançar uma fórmula com a mão e começou a soluçar, sem lágrimas, as palavras brotando num misto de arfadas e gritos.

— Eu o vi fazer isso. Foi apenas... apenas...

Olhou para o relógio. Os ponteiros estavam imobilizados, parados para sempre seis minutos antes das sete.

— Faltavam só seis minutos para as sete — murmurou Tim. — Robert viu os navios de cabotagem chegarem e nos acordou, para que pudéssemos comemorar a conclusão da obra. Voltei à cabana para buscar uma garrafa que tinha estado guardando... Vi tudo através da janela...

— Viu o quê? — perguntou Nick. Estava tentando compreender o que deixara Tim tão perturbado, mas sentia uma dor horrível no peito e não conseguia pura e simplesmente pensar. Não conseguia conjugar o conceito de Hedge com os trabalhadores assassinados de Tim.

— Tem algo errado com você, Nick — murmurou Tim, afastando-se dele. — Não compreende? Aqueles hemisférios são veneno puro e Hedge matou os meus trabalhadores! Todos eles, até os dois aprendizes. Eu vi!

Sem avisar, Tim teve vômitos violentos, tossindo e arfando, apesar de não sair nada. Já lançara tudo fora.

Nick assistiu aparvalhado, como se algo dentro dele tivesse despertado com estas notícias de morte e infortúnio, e uma força antagônica se opusesse com sensações de medo, repulsa e uma dúvida terrível. A dor no seu peito redobrou e ele caiu, levando a mão ao coração e ao tornozelo.

— Temos de fugir — disse Tim, limpando a boca com as costas de uma mão trêmula. — Temos de avisar alguém.

— Sim — murmurou Nick. Conseguira sentar-se, mas continuava curvado, uma mão pálida sobre o coração, a outra agarrada ao fragmento de flauta eólica através da dobra das calças. Combateu a dor em ambos os lugares e a pressão dentro da cabeça. — Sim, vá você, Tim. Diga-lhe... diga-lhes que vou tentar impedi-lo. Diga a ela...

— O quê? A quem? — perguntou Tim. — Tem de vir comigo.

— Não posso — murmurou Nick. Voltara a lembrar-se. Da conversa com Lirael no barco de canas, de tentar manter afastado o estilhaço do Destruidor dentro de si. Lembrou-se da náusea e do travo metálico na sua língua.

Sentia-o de novo naquele momento subindo.

— Vá! — insistiu em tom premente, empurrando Tim para obrigá-lo a fugir. — Corra, antes que eu... Aah!

Reprimiu um grito, caiu e enrolou-se numa bola. Tim gatinhou até ele e viu os olhos de Nick revirarem-se. Por um momento, pensou em pegar-lhe no colo. Depois viu a fumaça branca saindo da boca flácida e entreaberta de Nick.

O medo venceu então tudo e começou a correr, por entre as hastes dos pára-raios, colina acima. Se ao menos conseguisse transpor a colina, desaparecer de vista — afastar-se da Armadilha dos Raios e do nevoeiro que se levantava a um ritmo constante...

Por trás dele, a mão de Nick agarrava a dobra das calças com ainda maior intensidade. Murmurava para si mesmo, as palavras sem nexos brotando num frenesi.

— Corvere capital com dois milhões principais produtos manufaturados... acumulando a atração entre dois objetos é diretamente proporcional ao produto das auroras... não é o meu coração... quatro mil e oitocentos e o vento muda geralmente na direção do deserto branco que o Pai me ajude a Mãe de Sam me ajude Lirael...

Nick parou, tossiu e tomou fôlego. O fumaça branca misturou-se com o nevoeiro e não surgiu fumaça nova. Nick inspirou tremulamente duas vezes, depois experimentou largar a dobra das calças e o pedaço de flauta lá dentro. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo quando o fez, mas continuava sabendo quem era e o que tinha de fazer. Servindo-se da esquina do edifício, endireitou-se e avançou vacilante para o nevoeiro. Como sempre, os hemisférios de prata brilharam na sua mente, mas empurrara-os para segundo plano. Agora estava pensando no projeto da Armadilha dos Raios. Se Tim a tivesse construído de acordo com as instruções do esboço de Nick, então uma das nove caixas elétricas de derivação estaria depois da esquina do edifício principal da serração.

Nick quase foi de encontro à parede ocidental da serração, tão denso era o nevoeiro. Contornou-a para norte o mais rapidamente que pôde, mantendo-se afastado do extremo sul, onde os Mortos se afadigavam a içar o primeiro hemisfério para um vagão de bordos baixos dos caminhos-de-ferro.

Os hemisférios. Brilharam com maior intensidade na mente de Nick do que os clarões dos relâmpagos. Foi subitamente acometido de uma compulsão para se certificar de que eram devidamente colocados nas estruturas, que os cabos estavam corretamente ligados, a via-férrea se encontrava coberta de areia para oferecer tração com aquele nevoeiro úmido. Tinha de tratar disso. Os hemisférios tinham de se unir!

Nick caiu de joelhos junto da via-férrea e depois estendeu-se, ficando

enrolado sobre o aço frio e as chulipas usadas de madeira. Agarrou a dobra das calças, combatendo o impulso opressivo de virar à direita e se aproximar do hemisfério no vagão dos caminhos-de-ferro. Desesperadamente, pensou em Lirael a puxá-lo para o barco de canas, na promessa que lhe fizera. No seu amigo Sam, que lhe pegara no colo depois de perder os sentidos devido a uma bola rápida quando jogava críquete. Em Tim Wallach, todo janota de laço ao pescoço, servindo-lhe um gim tônica.

— Palavra de um Sayre, palavra de um Sayre, palavra de um Sayre — repetiu sucessivamente.

Murmurando ainda, obrigou-se a rastejar. Sobre a via-férrea, ignorando as lascas dos velhos dormentes dos caminhos-de-ferro. Arrastou-se até o outro extremo da serração e aproveitou a parede para ir meio gatinhando, meio tropeçando até à caixa de derivação, que era, na verdade, uma pequena cabana de cimento armado. Aqui, centenas de cabos das hastes dos pára-raios vinham ligar-se a um dos nove cabos principais, cada um da espessura do corpo de Nick.

— Vou impedi-lo — murmurou, quando chegou à caixa de derivação. Ensurdecido pelos trovões, meio-cego dos relâmpagos e tolhido da dor e da náusea, estendeu a mão e tentou abrir a porta de metal assinalada com um raio amarelo e a palavra "PERIGO".

A porta estava trancada. Nick sacudiu o puxador, mas aquele pequeno ato de desafio não fez senão consumir a sua última reserva de energia. Esgotado, Nick tombou e ficou atravessado à frente da porta.

Falhara. Os relâmpagos continuavam estendendo-se pela vertente, acompanhados de nevoeiro e do ribombar dos trovões. Os Mortos continuavam também a braços com os hemisférios. Um encontrava-se no seu vagão dos caminhos-de-ferro, que estava sendo deslocado pelos carris até ao outro extremo da linha, apesar dos Mortos serem atingidos sucessivamente pelos raios enquanto o empurravam. O outro hemisfério balançava no navio de cabotagem — até os raios queimarem a corda e ele cair, esmagando várias Mãos Mortas. Mas quando o hemisfério foi levantado, as Mãos esmagadas saíram lá debaixo. Já não reconhecíveis como algo remotamente humano e sem utilidade para o trabalho, afastaram-se para leste. Subiram a colina, para se reunirem aos Mortos que Hedge enviara para se certificar que a vitória final do Destruidor não sofria atrasos.

— Têm de acreditar em mim! — exclamou Sam, exasperado. — Diga-lhe novamente que prometo, palavra de um Príncipe do Reino Antigo, que cada um de vocês receberá uma propriedade!

Um jovem sulista servia-lhe de intérprete, apesar de Sam ter certeza

que, tal como a maior parte dos Sulistas, a matriarca compreendia pelo menos o ancelstierrano falado. Desta vez, interrompeu o intérprete no meio do processo e estendeu o papel que trazia na direção de Sam. Este pegou-o rapidamente analisou-o, nitidamente consciente de que lhe restavam apenas um minuto ou dois antes de ter de voltar para junto de Lirael.

O papel estava impresso de ambos os lados, em várias línguas. Tinha como título "Terra para o Povo Sulista" e depois prometia dez acres de terra arável de primeira por cada pedaço de papel apresentado no "departamento de terras" em Forwin Mill. Tinha um timbre de aspecto oficial e o documento provinha, supostamente, do "Gabinete de Recolonização do Governo de Ancelstierre".

— Isto é uma fraude — protestou Sam. — Não existe um Gabinete de Recolonização em Ancelstierre e, mesmo que existisse, porque haveriam de querer que fossem para um lugar como Forwin Mill?

— É lá que há terras — respondeu o jovem tradutor melifluamente. — E tem de existir um Gabinete de Recolonização. Por que outro motivo a polícia nos deixaria abandonar os campos?

— Vejam o que está acontecendo! — gritou Sam, apontando para as nuvens de trovoadas e os ziguezagues constantes dos relâmpagos, todos eles agora facilmente visíveis, do fundo do vale.

— Se forem para lá, serão mortos! Foi por isso que os deixaram sair! Eles ficam com o problema resolvido se morrerem e podem dizer que não tiveram culpa!

A matriarca endireitou a cabeça e olhou para os relâmpagos que incidiam sobre a colina. Depois olhou para o céu azul a norte, sul e leste. Tocou no braço do intérprete e proferiu três palavras.

— Promete-nos pelo seu sangue? — perguntou o intérprete. Puxou de uma faca feita com a extremidade afiada de uma colher. Nos dará terra no seu país?

— Sim, prometo pelo meu sangue — respondeu Sam rapidamente. — Darei terra e toda a ajuda que pudermos para conseguirem viver lá.

A matriarca estendeu a palma, que apresentava centenas de minúsculas cicatrizes penteadas formando uma complexa espiral. O intérprete perfurou a pele dela com a faca e torceu-a algumas vezes, para formar um novo ponto.

Sam estendeu a mão. Não sentiu a faca. Toda a sua concentração estava atrás dele, apurando o ouvido para captar algum som de um ataque.

A matriarca falou rapidamente e estendeu a palma da mão. O intérprete fez sinal a Sam para que encostasse a sua à dela. Assim fez e ela agarrou-lhe a mão com força surpreendente para os seus dedos velhos e ossudos.

— Ótimo, excelente — balbuciou Sam. — Mande a sua gente voltar para o outro lado do riacho e esperar ali. Assim que puder, nós... eu tudo farei para que lhes seja dada terra.

— Porque não esperamos aqui? — inquiriu o intérprete.

— Porque vai haver uma batalha — respondeu Sam, cheio de ansiedade. — Oh, que a Carta me ajude! Por favor, voltem para o outro lado do riacho. A água corrente será a única proteção que têm!

Virou-se e partiu correndo antes que lhe fizessem mais perguntas. O intérprete chamou-o, mas Sam não respondeu. Sentia os Mortos avançando deste lado da colina e receava demais ter estado longe de Lirael tempo excessivo. Ela encontrava-se ali no contraforte e ele era o seu principal protetor. Havia tanta coisa que os Ancelstierranos podiam fazer, mesmo aqueles que possuísem algum domínio da Magia da Carta, por mais incompleto que fosse.

Sam não viu, porque corria com todas as suas forças, mas atrás de si o intérprete e a matriarca discutiam acesamente. Depois o intérprete fez um gesto na direção do centro do vale e do riacho. A matriarca olhou mais uma vez na direção dos relâmpagos, em seguida rasgou o papel, atirou-o para o chão e cuspiu nele. O seu gesto foi imitado por todos os que a rodeavam, depois por outros e toda a imensa multidão começou lentamente a rasgar os papéis e a cuspir. A seguir, a matriarca virou-se e começou a caminhar para leste, para o meio do vale e o riacho. Como um rebanho seguindo o seu carneiro-guia, todos os outros Sulistas se viraram também.

Sam arfava no contraforte, a três quartos do caminho de regresso, quando ouviu gritos à frente.

— Parem! Parem!

Sam não sentia os Mortos tão próximo, mas não soube como arranjar velocidade suplementar e a espada saltou-lhe para a mão. Sobressaltados, os soldados desviaram-se quando passou por eles correndo e alcançou Lirael. Continuava de pé e imóvel no círculo de pedras. Greene e dois soldados estavam diante dela. Cerca de três metros à sua frente, mais dois soldados apontavam as baionetas à garganta de um jovem. Este continuava estendido no solo e gritando. As suas roupas e a sua pele estavam enegrecidas e perdera a maior parte do cabelo. Mas não era uma Mão Morta. Na verdade, Sam percebeu que o seu fugitivo chamuscado era pouco mais velho do que ele.

— Não sou eu, não sou eu, não sou eles, eles vêm atrás de mim — gritou. — Têm de me ajudar!

— Quem é você? — perguntou o major Greene. — O que aconteceu lá?

— Sou Timothy Wallach — arfou o jovem. — Não sei o que aconteceu! É um pesadelo! Aquilo... não sei o que ele é... Hedge. Matou os meus

trabalhadores! Todos eles. Apontou para eles e eles morreram.

— Quem vem atrás de você? — perguntou Sam.

— Não sei — soluçou Tim. — Eles eram os meus homens. Não sei o que são agora. Vi Krontas ser atingido diretamente por um raio. Ficou com a cabeça em chamas, mas não parou. Eles são...

— Os Mortos — disse Sam. — O que estava fazendo em Forwin Mill?

— Sou da Universidade de Corvere — murmurou Tim. Fez um nítido esforço para se controlar. — Construí a Armadilha dos Raios para Nicholas Sayre. Eu não sabia... não sei para o que é, mas não pode ser coisa boa. Temos de impedir que seja usada! Nick disse que ia tentar, mas...

— Nicholas está ali? — respondeu Sam.

Tim concordou.

— Mas o estado dele é péssimo. Mal sabia quem eu era. Não creio que tenha muitas chances de fazer alguma coisa. E saía-lhe fumaça branca do nariz...

Sam escutava, cheio de desânimo. Soubera por Lirael que o fumaça branca era o sinal de que o Destruidor estava assumindo o controle. Qualquer tênue esperança que tivesse de que Nick fosse escapar desaparecera. O amigo estava perdido.

— O que se pode fazer? — perguntou Sam. — Existe alguma maneira de inutilizar a Armadilha dos Raios?

— Existem interruptores de circuito em cada uma das nove caixas de derivação — murmurou Tim. — Se fossem abertas... Mas não sei quantos circuitos são realmente necessários. Ou... ou podiam cortar os cabos das hastes de pára-raios. Há mil e uma hastes de pára-raios e como estão já sendo atingidas pelos raios... precisariam de equipamento muito especial.

Sam não escutou as últimas palavras de Tim. Todos os pensamentos sobre a situação de Nick e a Armadilha dos Raios se varreram quando uma sensação de frio deixou os cabelos da sua nuca em pé.

Sacudiu a cabeça e passou por Tim. A primeira vaga de Mortos estava quase sobre eles e qualquer chance de fazer algo a qualquer caixa de derivação era acadêmica.

— Eles chegaram! — gritou e saltou para uma rocha, procurando dentro da Carta para preparar fórmulas destruidoras. Surpreendeu-o a tamanha facilidade com que o fez. O vento soprava ainda de oeste e devia ter sido mais difícil a esta distância da Muralha. Mas sentia a Carta com força, quase tão nítida e presente como estava no Reino Antigo, apesar de se encontrar de alguma forma tanto dentro dele como exterior a ele.

— Preparar! — gritou Greene, o seu aviso repetido por sargentos e cabos no círculo de soldados à volta do corpo gelado de Lirael.

— Lembrem-se, nada deve chegar à Abhorsen! Nada!

— A Abhorsen. — Sam fechou os olhos por um segundo, desejando afastar aquela dor. Não havia tempo para chorar ou pensar no mundo sem os seus pais. Via as Mãos Mortas deslocando-se pesadamente pela vertente, ganhando velocidade quando sentiram a Vida tão próxima.

Sam preparou uma fórmula e olhou rapidamente à sua volta. Todos os arqueiros tinham as setas colocadas e faziam equipe com pares de homens com baionetas. Greene e Tindall encontravam-se ao lado de Sam, ambos a postos com fórmulas da Carta. Lirael estava vários passos atrás deles, rodeada por soldados.

Mas onde estava Mogget? Não se via o pequeno gato branco em lugar nenhum.

LATHAL, A ABOMINAÇÃO

O Quinto Portão era uma queda de água ao contrário: uma subida de água. O rio batia numa parede invisível e continuava correndo por ela acima. A faixa escura do caminho que atravessava o Quinto Recinto acabava antes desta subida de água, deixando um intervalo. Lirael e a Cadela olharam para cima do fim do caminho com os estômagos apertados nas gargantas. Era muito desconcertante ver a água elevar-se quando devia cair, apesar de, felizmente, adquirir uma opacidade cinzenta antes de continuar a subir mais alto. Mesmo assim, Lirael teve a sensação desagradável de que já não estava sujeita à gravidade normal e podia cair também para cima.

Essa sensação foi alimentada pelo conhecimento de que era realmente o que ia acontecer quando proferisse a fórmula da Magia Livre para atravessar o Quinto Portão. Não existiam aqui nem caminho nem escadas — a fórmula garantia apenas que a subida de água não levava uma pessoa muito longe.

— É melhor se agarrar à minha coleira, Dona — disse a Cadela, olhando para a água que subia. — Senão, a fórmula não me incluirá.

Lirael embainhou a espada e agarrou a coleira da Cadela, os seus dedos sentindo o calor e a familiaridade confortável das marcas da Carta que a constituíam. Teve uma estranha sensação de já visto quando introduziu os dedos, como se conhecesse as marcas da Carta de algum lugar — um lugar relativamente recente, não apenas dos milhares de vezes que agarrara a coleira. Mas não tinha tempo para tirar conclusões sobre essa sensação.

Segurando a Cadela com força, Lirael proferiu as palavras que as levariam pela subida de água, sentindo mais uma vez o calor da Magia Livre através do nariz e da boca. Muito provavelmente, perderia a voz devido a ela, pensou, mas parecia também tê-la curado da constipação ancelstierrana. Apesar de sentir ainda o frio no seu corpo verdadeiro, lá fora na Vida. Não sabia muito bem como é que coisas dessas na Morte a afetariam na Vida. E claro que, se fosse assassinada na Morte, o seu corpo morreria também na Vida.

A fórmula começou a atuar com lentidão e, por um instante, Lirael pensou voltar a proferi-la. Depois viu um lençol de água estender-se à superfície da subida de água, deslocando-se como um estranho tentáculo muito fino e muito largo. Atravessou o intervalo até à faixa do caminho numa série de extensões trementes e enrolou-se à volta de Lirael e da Cadela como um cobertor grande, sem lhes tocar propriamente. Depois, começou a avançar pela subida de

água, deslocando-se ao mesmo ritmo da corrente vertical — levando consigo Lirael e a sua amiga canina bem agarrada.

Subiram a um ritmo constante durante vários minutos, até o recinto por baixo se perder na luz cinzenta difusa. A subida de água continuava o seu caminho — talvez para sempre — mas a porção onde se encontrava Lirael acabava. A seguir, deslocou-se subitamente até à superfície da subida de água — arremessando as suas passageiras para o outro lado.

Lirael piscou os olhos quando foi lançada violentamente para o que o seu senso comum lhe dizia ser um penhasco, mas a parte de trás da subida de água seguia tanto o senso comum quanto confirmava a gravidade. De alguma forma, empurrara-as para o próximo recinto. O Sexto, um lugar onde o rio se tornava uma poça baixa e não havia qualquer corrente. Mas havia montes e montes de Mortos.

Lirael sentiu-os de uma forma assaz intensa, podiam até ter estado ao lado dela — e alguns provavelmente estariam, debaixo de água. Imediatamente, largou a coleira e puxou Nehima, a espada sussurrando ao saltar da sua bainha.

A espada e o sino que segurava constituíram aviso suficiente para a maior parte dos Mortos. De qualquer forma, a grande maioria estava simplesmente ali à espera de que acontecesse algo e fosse obrigada a prosseguir, uma vez que lhes faltava a vontade e o conhecimento para regressar pelo caminho inverso. Muito poucos se esforçavam ativamente por voltar à Vida.

Aqueles que o faziam viram a grande centelha de Vida em Lirael e desejaram-na. Outros necromantes haviam saciado a sua fome no passado ajudando-os a regressar da beira do Nono Portão — voluntariamente ou não. Esta era jovem e, por conseguinte, deveria ser presa fácil para qualquer dos Mortos Maiores que estivesse por perto.

E havia três que estavam.

Lirael observou e viu sombras enormes que espreitavam por entre os espíritos menores apáticos, fogos ardendo no lugar onde outrora as suas formas vivas tinham os olhos. Estavam três suficientemente perto para a interceptar no caminho pretendido — e esses três eram demais.

Contudo, mais uma vez, *O Livro aos Mortos* aconselhava sobre semelhante confronto no Sexto Recinto. E, como sempre, tinha a Cadela Sem Vergonha.

Quando os três Mortos Maiores monstruosos avançaram para ela, Lirael guardou Ranna e retirou Saraneth. Preparando-se cuidadosamente desta vez, fê-lo soar, juntando a sua vontade indómita ao seu toque cavo.

As criaturas Mortas hesitaram quando a voz forte de Saraneth ecoou pelo Recinto e prepararam-se para lutar, para enfrentar esta necromante

presunçosa que se julgava capaz de submetê-los à sua vontade.

A seguir riram-se, gargalhadas horríveis que soaram como uma grande multidão apanhada entre o absurdo e a tristeza. Porque esta necromante era tão incompetente que concentrara a sua vontade não neles, mas nos Mortos Menores que se encontravam por todo o lado.

Continuando a rir, os Mortos Maiores precipitaram-se, agora gananciosos, cada um olhando com atenção para os outros para verem se estavam suficientemente fracos para saírem do caminho. Pois, quem quer que alcançasse primeiro esta necromante, teria o prazer de consumir a maior parte da sua vida. Vida e poder, as únicas coisas que tinham alguma utilidade na longa viagem para fora da Morte.

Não perceberam sequer os primeiros poucos espíritos agarrados às suas pernas umbrosas ou que lhes mordiam os tornozelos, ignorando-os tal como uma pessoa viva poderia não ligar a algumas picadelas de mosquito.

Depois começaram a sair da água cada vez mais espíritos, que se arremessaram aos três Mortos Maiores. Foram obrigados a parar e esmagar aqueles incomodativos Mortos Maiores, a despedaçá-los e lacerá-los com as suas bocas ígneas. Furiosos, espezinhavam e batiam, bradando agora de raiva, esquecidas as gargalhadas.

Distraído, o Morto Maior mais próximo de Lirael mal percebeu que a Fórmula da Carta revelava o seu nome e não a viu quando ela foi direto ao lugar onde lutava com uma massa agitada dos seus irmãos menores.

Mas Lirael obteve toda a atenção da criatura quando tocou um novo sino, substituindo as ordens estridentes de Saraneth por uma marcha emotiva. Este sino foi Kibeth, junto da cabeça da coisa, soando com um tom desagradável para ser escutado especificamente por ela. Uma melodia que não pôde ignorar, mesmo depois do sino ter parado.

— Lathal, a Abominação! — ordenou Lirael. — Chegou a tua hora. O Nono Portão o chama e você tem de transpo-lo!

Lathal gritou quando Lirael falou, um grito que carregava a angústia de mil anos. Conhecia aquela voz, pois Lathal percorrera duas vezes o longo caminho até à Vida no último milênio, para logo ser obrigado a voltar para a Morte por outros que falavam com o mesmo tom frio. Como sempre, conseguira evitar ser levado até o último portão. Agora, Lathal nunca mais voltaria a caminhar sob o sol, nunca mais beberia a doce vida dos vivos incautos. Estava muito próximo do Nono Portão e a compulsão era forte.

Drubas e Sonmir ouviram o sino, o grito e a voz e souberam que esta necromante não era nenhuma tola — era o Abhorsen. Um novo, pois conheciam o antigo e teriam fugido dele. A espada era também diferente, mas no futuro se

lembrariam.

Gritando ainda, Lathal virou-se e fugiu aos tropeções, os Mortos Menores agarrando-se às suas pernas enquanto vacilava e seguia aos tombos através da água e tentava constantemente voltar para trás sem êxito.

Lirael não o seguiu, porque não queria estar muito próximo quando ele passasse o Sexto Portão, para que a corrente súbita pudesse levá-la também. Os outros Mortos Maiores afastavam-se apressadamente, notou com cruel satisfação, abrindo caminho através dos espíritos coleantes que ainda os importunavam.

— Posso capturá-los, Dona? — perguntou a Cadela, ansiosa, olhando para as formas negras em retirada com tensa antecipação. — Posso?

— Não — respondeu Lirael com firmeza. — Surpreendi Lathal. Aqueles dois estarão atentos e seriam muito mais perigosos juntos. Além disso, não temos tempo.

Enquanto falava, o grito de Lathal foi subitamente interrompido e Lirael sentiu a corrente do rio elevar-se de repente à volta das suas pernas. Afastou os pés e equilibrou-se, apoiando-se na Cadela firme como uma rocha. A corrente foi muito forte durante alguns minutos, ameaçando arrastá-la para baixo, depois reduziu-se a nada — e, mais uma vez, as águas do Sexto Recinto se imobilizaram.

Imediatamente, Lirael começou a caminhar até ao ponto onde conseguia dominar o Sexto Portão. Ao invés dos outros recintos, o Portão do lado de fora do Sexto Recinto não se encontrava em nenhum lugar em concreto. Abria-se aleatoriamente de tempos em tempos — o que era um perigo — ou podia ser aberto em qualquer lugar a uma determinada distância do Quinto Portão.

Não fosse ser como o portão anterior, Lirael agarrou de novo a coleira da Cadela Sem Vergonha, apesar de isso implicar embainhar Nehima. Depois recitou a fórmula, umedecendo os lábios entre as frases para tentar aliviar o calor empolante da Magia Livre. Quando a fórmula ficou concluída, a água escoou-se num círculo com cerca de três metros de diâmetro à volta e por baixo de Lirael e da Cadela. Quando ficou seco, o círculo começou a baixar, a água elevando-se à sua volta de todos os lados. Afundou-se cada vez mais depressa, até parecerem estar na base de um cilindro estreito de ar seco aberto em noventa metros de água.

Depois, com um grande ruído, os lados do cilindro com água afundaram-se, jorrando em todas as direções. Foram precisos alguns minutos para as águas escoarem, e a espuma e a borriça desaparecerem; então, o rio recuou lentamente e envolveu as pernas de Lirael. O ar dissipou-se e viu que estavam de pé no rio, a corrente tentando novamente levá-las para baixo e para

longe.

Tinham chegado ao Sétimo Recinto e Lirael já via o primeiro dos Três Portões que assinalavam os domínios mais profundos da Morte. O Sétimo Portão — uma linha infinita de fogo vermelho que ardia misteriosamente sobre a água, a luz intensa e perturbadora depois do tom cinzento uniforme dos recintos anteriores.

— Estamos nos aproximando — disse Lirael, numa voz que denunciava um misto de alívio por terem chegado tão longe e de apreensão por ainda terem de avançar mais.

Mas a Cadela não escutava — olhava para trás, as orelhas arrebitadas e agitando-se. Quando fitou Lirael, limitou-se a dizer:

— O nosso perseguidor aproxima-se de nós, Dona. Acho que é Hedge! Temos de ir mais depressa!

A INICIATIVA INCOMPREENSÍVEL DE MOGGET

Nick puxou-se para cima e encostou-se à porta. Encontrara um prego curvo no solo e, munido deste e de uma vaga memória de como funcionavam as fechaduras, tentou mais uma vez entrar na construção de cimento armado que abrigava uma das nove caixas de derivação que eram vitais ao funcionamento da Armadilha dos Raios.

Não ouvia agora nada a não serem trovões e não conseguiu olhar para cima, porque os relâmpagos estavam muito próximos, eram muito intensos. A coisa dentro dele queria que olhasse, para se certificar que os hemisférios estavam sendo devidamente carregados nos suportes de bronze. Porém, mesmo que cedesse àquela compulsão, o seu corpo estava muito fraco para obedecer.

Preferiu deixar-se cair até o solo e largou o prego. Começou a procurá-lo, apesar de saber que era inútil. Tinha de fazer alguma coisa. Por mais vã que parecesse.

Depois, sentiu algo roçar-lhe a face e estremeceu. Tocou-lhe de novo — algo mais úmido do que o nevoeiro e áspero. Cautelosamente, abriu os olhos em fendas estreitas, preparando-se para o clarão branco do relâmpago.

Recebeu-o, mas havia também outra brancura, mais suave. O pêlo de um pequeno gato branco, que lhe lambia delicadamente o rosto.

— Vá embora, gato! — murmurou Nick. A sua voz pareceu insignificante e patética no meio dos trovões. Esboçou uma sacudidela com a mão e acrescentou: — Vai ser atingido pelos raios.

— Duvido — retorquiu Mogget, junto ao seu ouvido. — Além disso, decidi levá-lo comigo. Infelizmente. Consegue andar?

Nick abanou a cabeça e verificou, para surpresa sua, que afinal ainda lhe restavam lágrimas. Não ficou surpreso com um gato falante. O mundo desmoronava-se à sua volta e tudo podia acontecer.

— Não — murmurou. — Há algo dentro de mim, gato. Não me deixará partir.

— O Destruidor está distraído — disse Mogget. Consequia ver o segundo hemisfério sendo encaixado numa estrutura no vagão dos caminhos de ferro, as Mãos Mortas queimadas e destruídas trabalhando com uma dedicação abstrata. Os olhos verdes de Mogget refletiram uma tapeçaria de relâmpagos, mas o gato nem pestanejou.

— Assim como Hedge — acrescentou. Mogget efetuara já um

reconhecimento cuidadoso e vira o necromante de pé no cemitério que em tempos servira a próspera cidade madeireira. Hedge encontrava-se coberto de gelo, manifestamente empenhado na angariação de reforços na Morte e em mandá-los de volta. Com enorme êxito, sabia Mogget, pelos muitos cadáveres e esqueletos putrefatos que já se desenterravam das suas sepulturas.

De certa forma, Nick sabia que esta era a sua última oportunidade, que este animal falante era como o Cão do seu sonho, associado a Lirael e ao seu amigo Sam. Reunindo as suas últimas reservas de força, tentou pôr-se em pé — mas foi tudo. Encontrava-se fraco demais e muito perto dos hemisférios. Mogget olhou para ele, a sua cauda agitando-se para cá e para lá de contrariedade.

— Se é o melhor que consegue fazer, acho que vou ter de carregá-lo — disse.

— C... como? — balbuciou Nick. Não conseguia sequer começara perguntar-se como é que o pequeno gato pretendia transportar um homem adulto. Apesar de bastante definhado. Mogget não respondeu. Levantou-se apenas nas patas traseiras — e começou a mudar.

Nick olhou para o lugar onde estivera o pequeno gato branco. Os seus olhos choravam por causa do clarão constante dos relâmpagos. Assistia à mudança do animal, apesar de ter dificuldade em acreditar no que os seus olhos viam. Pois, em vez de um pequeno gato, havia agora um homem muito baixo, de cintura fina e ombros largos. Não era muito mais alto do que uma criança de dez anos e tinha cabelo louro quase branco e a pele pálida e translúcida de um albino, embora os seus olhos não fossem vermelhos. Eram de um verde-vivo e amendoados, exatamente como haviam sido os do gato. E tinha à cintura uma faixa de couro vermelho-vivo, da qual pendia um minúsculo sino de prata. Nick reparou então que a túnica branca desta aparição tinha duas faixas largas à volta dos punhos, salpicadas com minúsculas chaves de prata, as mesmas chaves de prata que vira na capa de Lirael.

— Muito bem — disse Mogget com cautela. Sentia o fragmento do Destruidor dentro de Nick e, mesmo com a maior parte atenta à sua junção, sabia que teria de ser cuidadoso. Mas a astúcia podia valer onde não entrava a força. — Vou levantá-lo e vamos partir e procurar um lugar bom de onde possamos assistir à junção dos hemisférios.

À menção dos hemisférios, Nick sentiu uma dor ardente, rubro-branca percorrer-lhe o peito. Sim, estavam próximos, conseguia senti-los...

— Tenho de supervisionar o trabalho — gemeu. Fechou de novo os olhos e a visão dos hemisférios brilhou na sua mente com maior intensidade do que qualquer relâmpago.

— O trabalho está concluído — condescendeu Mogget. Pegou em Nick

e aguentou-o nos seus braços anormalmente fortes, apesar de ter o cuidado de não lhe tocar no peito. O albino assemelhava-se um pouco a uma formiga, carregando um peso superior a si próprio ligeiramente afastado do seu corpo. — Vamos só para um lugar de onde tenhamos uma vista melhor. Uma visão dos hemisférios quando se unirem.

— Uma vista melhor — murmurou Nick. De certa forma, isso sossegou a dor no seu peito, mas permitiu-lhe também voltar a pensar com a sua própria mente.

Abriu os olhos, que se cruzaram com os verdes do seu carregador. Não conseguiu decifrar as emoções ali. Seria medo — ou antecipação excitada?

— Temos de impedi-lo! — arquejou e a dor voltou com tamanha força que gritou, um grito perdido nos trovões. Mogget baixou mais a cabeça, enquanto Nick continuava a murmurar. — Posso mostrar-lhe... ah... desaparafusar as caixas de derivação... desligar os cabos principais.

— É tarde demais para isso — disse Mogget. Começou a caminhar por entre as hastes dos pára-raios, baixando-se e serpenteando com uma previsão que indicava que conseguia antever onde e quando os raios iam cair.

Por trás e abaixo de Mogget e do seu fardo, um dos últimos trabalhadores de Hedge ligava os cabos principais às estruturas que sustentavam os hemisférios por cima dos vagões dos caminhos-de-ferro.

Estes estavam posicionados a cinquenta metros de distância na breve extensão de linha férrea, e os hemisférios tinham sido colocados de modo a que as suas partes de baixo, planas, estivessem viradas uma para a outra e se projetassem das estruturas. Os cabos vinham ligar-se à armação de bronze que sustentava cada hemisfério. Não havia sinal de nada que pudesse unir os vagões dos caminhos-de-ferro — e os hemisférios —, mas era manifestamente essa a intenção.

Muitas das hastes de pára-raios estavam sendo atingidas e a energia era já fornecida aos hemisférios. Longas faíscas azuis crepitavam à volta dos vagões dos caminhos-de-ferro e Mogget sentia a sucção ávida do Destruidor e a agitação da entidade antiga dentro do metal de prata.

O albino começou a deslocar-se mais rapidamente, muito embora não tão depressa quanto podia, para não perturbar o estilhaço dentro de Nick. Mas o jovem estava deitado sossegado nos seus braços, uma parte da sua mente satisfeita por ser tarde demais para impedir a junção, a outra parte lamentando haver fracassado.

Em breve eram visíveis indícios de que Orannis se agitava dentro da sua própria prisão. Os relâmpagos tinham cessado à volta dos próprios hemisférios e começavam a deslocar-se para fora, como se repelidos por alguma mão invisível.

Em vez de uma série concentrada de incidências sobre e à volta dos vagões dos caminhos-de-ferro, os relâmpagos começaram a cair cada vez mais sobre as hastes dos pára-raios que salpicavam a vertente da colina. Vinham também mais relâmpagos da tempestade. Onde houvera nove relâmpagos por minuto numa pequena zona à volta dos hemisférios, ocorriam agora noventa por toda a vertente da colina, depois várias centenas, enquanto a tempestade se agitava e estrondeava, espalhando-se por toda a Armadilha dos Raios.

Dentro de alguns minutos, não havia qualquer relâmpago em todo o centro da tempestade. Mas lá embaixo, os hemisférios brilharam com a energia recém-adquirida e cada vez que Mogget olhava para trás, via sombras escuras contorcendo-se bem no interior do metal de prata. Em cada hemisfério, as sombras vieram escurecer o lado mais próximo do outro, enfurecendo-se contra a repulsa que ainda os mantinha afastados.

Houve mais relâmpagos, o ribombar dos trovões fazendo estremecer o solo. Os hemisférios brilharam ainda mais, e as sombras ficaram mais negras. Com um ruído de protesto do metal das rodas há muito em desuso, os vagões dos caminhos-de-ferro começaram a aproximar-se.

— Os hemisférios unem-se! — gritou Mogget e correu mais depressa pela vertente da colina acima, ziguezagueando por entre as hastes dos pára-raios, o seu corpo curvado para proteger o fardo das energias violentas que caíam por todo o lado à volta deles.

Dentro do coração de Nick, um pequeno fragmento de metal estremeceu, sentindo a atração do seu todo maior. Por um instante, deslocou-se contra a parede do coração, como se para explodir em sangrenta glória. Mas a força de atração não era ainda suficientemente forte e estava muito longe. Em vez de perfurar a pele e o osso, o estilhaço do Destruidor entrou no fluxo de saída de uma artéria e começou a reconstituir o caminho que tomara cerca de um ano antes.

Sam baixou a mão quando uma Mão Morta começou a gritar, o fogo dourado da Carta destruindo cada tendão. Caindo e contorcendo-se, refugiou-se atrás de duas árvores em chamas. A fumaça destes incêndios erguia-se em espirais, parecendo cocheiro do imenso banco de nevoeiro que se estendia sobre o alto da colina.

— Quem me dera que as setas fizessem aquilo — comentou o sargento Evans. Cravara várias setas de prata naquela mesma Mão Morta, mas apenas tinham conseguido fazê-la diminuir.

— O espírito ainda está lá — disse Sam, pesaroso. — Apenas o corpo é inútil para ela agora.

Conseguia sentir mais Mortos, subindo do outro lado da colina, avançando com o nevoeiro. Até ali, Sam e os soldados tinham conseguido repelir o primeiro ataque. Mas tinham-se tratado apenas de meia dúzia de Mãos Mortas.

— Estão nos obrigando a manter a distância enquanto preparam o ataque principal, presumo — disse o major Greene, empurrando o capacete para limpar uma camada de suor da testa.

— Sim — concordou Sam. Hesitou, depois disse baixinho. — Havia ali cerca de uma centena de Mãos Mortas e surgem mais a cada minuto.

Olhou para trás de si, para o lugar onde o corpo incrustado de gelo de Lirael se encontrava entre as rochas e depois para o círculo de soldados. As suas fileiras estavam mais reduzidas do que antes. Os Mortos não tinham destruído nenhum, mas pelo menos uma dúzia ou mais deles fugira simplesmente, muito assustados para enfrentar a luta.

O major deixara-os partir com relutância, murmurando algo a respeito de não ser capaz de alvejá-los quando toda a companhia não devia de modo algum estar ali.

— Quem me dera saber o que está acontecendo! — desabafou Sam. — Com Lirael e aqueles hemisférios amaldiçoados pela Carta!

— A espera é sempre o pior — comentou o major Greene. — Mas não creio que vamos esperar muito, de uma maneira ou de outra. Aquele nevoeiro está descendo. Dentro de minutos seremos envoltos por ele.

Sam voltou a olhar para a frente. Sem dúvida, o nevoeiro deslocava-se mais rapidamente, braços compridos descendo a vertente, com o grosso do nevoeiro atrás. Ao mesmo tempo, sentiu uma imensa vaga de Mortos estendendo-se pela colina.

— Aí vêm eles! — gritou o Major. — Aguentem firme, rapazes! Eram demais para destruir com fórmulas da Carta, percebeu Sam. Hesitou por um momento, depois pegou as flautas de Pan que Lirael lhe dera e levou-as à boca. Podia não ser o Futuro Abhorsen, mas teria de representar esse papel em face da invasão de Mortos.

Depois Sam perdeu de vista o Major, toda a sua atenção no avanço dos Mortos e nas flautas de Pan. Colocou os lábios no tubo de Saraneth, inspirou com força através do nariz — e soprou, o som puro e forte penetrando os trovões e a umidade do nevoeiro.

Com aquele som, Sam exerceu a sua vontade, sentindo-a estender-se pelo campo de batalha, abrangendo mais de cinquenta Mãos Mortas. Sentiu o seu ritmo de descida abrandar, sentiu-as lutar contra ele, os seus espíritos enfurecendo-se enquanto a carne morta se esforçava por avançar. Por um instante, Sam manteve-as a todas sob o seu domínio e as Mãos Mortas

imobilizaram-se até ficarem como estátuas sinistras, envoltas em pedaços de nevoeiro. As setas atacaram-*nas e* alguns dos soldados mais próximos avançaram para lhes agredir as pernas ou perfurar os joelhos com as baionetas.

Mesmo assim, os espíritos dentro da carne morta não deixaram de lutar e Sam soube que não conseguiria obter o domínio total. Deixou Saraneth ecoar pela vertente da colina e transferiu a boca para o tubo de Ranna. Mas teve de inspirar de novo e, nesse breve momento, o som de Saraneth desapareceu e a vontade de Sam quebrou-se. Perdeu o controle e, ao longo da fila, os Mortos puseram-se em movimento e mais uma vez atacaram descendo o contraforte, famintos de Vida.

Lirael e a Cadela atravessaram o Sétimo Recinto numa corrida, sem pararem sequer enquanto Lirael entoava a fórmula para abrir o Sétimo Portão. Lá adiante, a linha de fogo estremeceu ante as palavras dela e à frente, elevou-se para formar um arco estreito, apenas com largura suficiente para elas passarem.

Quando se curvou, Lirael olhou para trás — e viu uma figura com forma de homem correndo atrás delas, ele próprio uma coisa de fogo e escuridão, empunhando uma espada de onde gotejavam chamas vermelhas parecidas às do Sétimo Portão.

Depois, tinham chegado ao Oitavo Recinto e Lirael precisou proferir rapidamente outra fórmula para afastar uma língua de fogo que se erguia da água em direção a elas. Estas chamas constituíam a principal ameaça do recinto, pois o rio era iluminado por manchas flutuantes de fogo que se deslocavam de acordo com estranhas correntes próprias ou surgiam sem se saber de onde.

Lirael desviou-se a tempo de outra e passou rapidamente. Sentiu um minúsculo músculo por cima do seu olho começar a contrair-se descontroladamente, um sintoma de origem nervosa, enquanto fogos individuais se acendiam para onde quer que olhasse, alguns deslocando-se com rapidez, outros lentamente. Em simultâneo, esperou que Hedge aparecesse rapidamente por trás e atacasse.

A Cadela latiu ao lado dela e um enorme aglomerado de fogo desviou-se lateralmente. Nem sequer o vira começar a arder, a sua mente tão ocupada por aqueles que conseguia ver e a ameaça do que poderia surgir por trás.

— Aguenta-se, Dona — disse a Cadela, calmamente. — Em breve sairemos desta.

— Hedge! — Lirael engoliu em seco, depois gritou imediatamente duas palavras para enviar uma longa serpente de fogo rodopiando contra outra, as duas reunindo-se numa dança combustiva. Pareciam quase vivas, pensou, vendendo-as a rodopiar. Mais como criaturas do que manchas de espuma oleosa ardendo, que era ao que se assemelhavam quando não se mexiam. Diferiam também de outra forma dos fogos normais, percebeu Lirael, porque não existia fumaça.

— Eu vi Hedge — repetiu, assim que a ameaça imediata de imolação passou. — Atrás de nós.

— Eu sei — disse a Cadela. — Quando chegarmos ao Oitavo Portão, ficarei aqui e o detenho enquanto você prossegue.

— Não! — exclamou Lirael. — Você veio comigo! Não tenho medo dele... só... só que é muito inoportuno!

— Atenção! — latiu a Cadela e saltaram ambas para o lado quando um grande globo de fogo passou girando, suficientemente próximo para sufocar Lirael com o seu calor súbito. Tossindo, dobrou-se — e o rio escolheu aquele momento para tentar dar um puxão nas pernas dela e fazê-la desequilibrar-se.

Quase conseguiu. A onda súbita da corrente fez Lirael escorregar, mas desceu apenas até à cintura, depois serviu-se da espada como muleta para voltar a levantar-se com um único salto ascendente.

A Cadela mergulhara já para içar a sua dona e o animal ficou muito embaraçado quando emergiu, todo encharcado e encontrou Lirael não só ainda na posição de pé, mas, principalmente, seca.

— Pensei que tivesse mergulhado — murmurou, depois latiu a um fogo, não só para desviar a conversa, mas também para distrair o intruso.

— Vamos! — disse Lirael.

— Vou esperar e emboscar — começou por afirmar a Cadela, mas Lirael virou-se para ela e agarrou-a pela coleira. A obstinada Cadela sentou-se mais uma vez e Lirael tentou puxá-la.

— Você vem comigo! — ordenou Lirael, o seu tom de comando diminuindo com o tremor na voz. — Combateremos Hedge juntas... quando for necessário. Por ora, nos apressemos!

— Oh, está bem — resmungou a Cadela. Levantou-se e sacudiu-se, despejando abundantes quantidades de água do rio em cima de Lirael.

— Aconteça o que acontecer — acrescentou Lirael, tranquilamente. — Quero que fiquemos juntas, Cadela.

A Cadela Sem Vergonha olhou para ela com uma expressão inquieta, mas não falou. Lirael esteve para dizer algo mais, mas ficou-lhe entalado na garganta e logo em seguida teve de afastar outra incursão de fogos flutuantes.

Feito isso, caminharam lado a lado e, passados alguns minutos, avançaram confiantes para a parede de escuridão que era o Oitavo Portão. Toda a claridade desapareceu e Lirael não conseguia ver nada, nem ouvir nada, nem sentir nada, inclusive o seu próprio corpo. Parecia que subitamente se tornara uma inteligência sem corpo que se encontrava completamente sozinha, isolada de qualquer estímulo exterior.

Todavia, já estava à espera disso e, apesar de não sentir a sua própria boca e os lábios e os ouvidos não escutarem qualquer som, proferiu a fórmula que as levaria através desta derradeira escuridão. Até ao Nono e último Recinto da Morte.

O Nono Recinto era completamente diferente de todas as partes da

Morte. Lirael piscou os olhos quando emergiu da escuridão do Oitavo Portão, surpresa pela luz súbita. O puxão familiar do rio nos joelhos cessou quando a corrente enfraqueceu. O rio agora só chapinhava suavemente à volta dos seus tornozelos e a água era quente. O frio terrível que predominara em todos os outros recintos da Morte tinha desaparecido.

Nos outros lugares da Morte, sempre houvera uma sensação de redução devido à estranha luz cinzenta que limitava a visão. Aqui era o oposto. Verificava-se uma sensação de imensidão e Lirael conseguia ver por quilômetros e quilômetros, através de uma grande extensão plana de água resplandecente.

Pela primeira vez, conseguia também olhar para cima e ver mais do que uma mancha cinzenta e deprimente. Muito mais. Havia um céu por cima dela, um céu noturno tão carregado de estrelas que se sobrepunham e fundiam para formar uma nuvem inconcebivelmente imensa e luminosa. Não se distinguiam constelações, nem havia padrões visíveis. Apenas uma imensidão de estrelas, lançando uma luz tão intensa, porém mais suave quanto, o sol do mundo dos vivos.

Lirael sentiu as estrelas chamá-la e brotou no seu coração um anseio de responder. Guardou o sino e a espada e estendeu os braços para o céu brilhante. Sentiu que se erguia e os seus pés saíram do rio com uma suave agitação e um suspiro das águas. Os Mortos também se ergueram, reparou. Mortos de todas as formas e tamanhos, todos eles subindo para o mar de estrelas. Alguns fizeram-no lentamente e outros tão depressa que eram apenas uma mancha.

Uma pequena parte da mente de Lirael avisou-a de que estava a responder ao chamado do Nono Portão. O manto de estrelas era a última fronteira, a morte derradeira da qual não havia retorno. Essa mesma pequena consciência clamava por responsabilidade e por Orannis, a Cadela Sem Vergonha, Sam, Nick e todo o mundo da Vida. Esbracejava furiosamente e gritava contra a sensação esmagadora de paz e repouso proporcionada pelas estrelas.

— Ainda não — gritava. — Ainda não.

Aquele grito foi respondido, mas não por uma voz. Subitamente, as estrelas recuaram, tornaram-se incomensuravelmente distantes. Lirael pestanejou, sacudiu a cabeça e caiu vários metros com um chape ao lado da Cadela, que olhava ainda para o céu luminoso.

— Porque não me deteve? — perguntou Lirael, irada pelo susto que levara. Mais alguns segundos e não teria conseguido regressar, você sabia. Teria transposto o Nono Portão para sempre.

— É algo que todos os que vêm aqui têm de enfrentar sozinhos — murmurou a Cadela. Continuava olhando para cima e não fitou Lirael. — Todos

e tudo, têm a sua hora de morrer. Alguns desconhecem-no, ou não se demorariam, mas a sua verdade não pode ser negada. Não quando se olha para as estrelas do Nono Portão. Estou feliz por ter voltado, Dona.

— Eu também — respondeu Lirael com nervosismo. Via os Mortos a emergirem ao longo da massa escura do Oitavo Portão. De cada vez que saía um, ficava tensa, pensando que pudesse ser Hedge. Sentia mais Mortos do que aqueles que conseguia ver, mas eles limitavam-se a passar e caíam de imediato na direção do céu, desaparecendo entre as estrelas. Mas Hedge, que devia estar apenas alguns minutos atrás de Lirael e da Cadela, não atravessou o Oitavo Portão.

A Cadela continuava a olhar para cima. Lirael percebeu finalmente e o seu coração quase parou. A Cadela não ia responder ao chamado do Nono Portão, não é?

Por fim, a Cadela olhou para baixo e soltou um som ligeiro de latido.

— Também não chegou ainda a minha hora — disse e Lirael respirou de alívio. — Não devia estar fazendo aquilo que nos trouxe aqui, Dona?

— Eu sei — respondeu Lirael, infeliz, muito consciente do tempo desperdiçado. Tocou no Espelho Negro dentro da bolsa. — Mas e se Hedge vier enquanto estou olhando?

— Se ele não atravessou até agora, provavelmente não o fará — respondeu a Cadela, farejando o rio. — Poucos necromantes se arriscam a ver o Nono Portão, pois está na sua própria natureza negar o chamado.

— Oh — disse Lirael, muito aliviada com este conselho.

— Porém, ele estará certamente à nossa espera na volta — continuou a Cadela, rebentando aquela pequena bolha de alívio. — Mas, por agora, eu a protegerei.

Lirael sorriu, um sorriso perturbado que transmitia o seu amor e a sua gratidão. Estava duplamente vulnerável, pensou, com o corpo lá fora na Vida guardado por Sam e agora o seu espírito aqui na Morte, guardado pela Cadela.

Mas tinha de fazer o que precisava ser feito, independente do risco.

Em primeiro lugar, picou a ponta do dedo com Nehima antes de voltar a embainhar a espada. Depois retirou o Espelho Negro e abriu-o com um estalido decidido.

O sangue escorreu-lhe pelo dedo e caiu uma gota. Mas subiu em direção ao céu em vez de cair no rio. Lirael não se deu conta. Estava recordando páginas d'*O Livro da Lembrança e do Esquecimento*, concentrada enquanto mantinha o dedo perto do espelho e colocava uma única gota brilhante na sua superfície opaca. Quando a gota o alcançou, espalhou-se, de modo a formar uma película

luminosa na superfície escura do vidro.

Lirael levantou o espelho e aproximou-o do olho direito, enquanto continuava a olhar para a Morte através do esquerdo. O sangue conferiu uma tênue coloração vermelha ao espelho, mas desapareceu rapidamente quando focou e a escuridão começou a dissipar-se. Mais uma vez, Lirael viu através do espelho algum outro lugar, mas conseguia ver também ao mesmo tempo as águas borbulhantes do Nono Recinto. As duas visões fundiram-se e Lirael viu as luzes rodopiando e o sol a recuando de alguma forma através das águas da Morte e sentiu-se mergulhar cada vez mais rápido em algum passado incrivelmente distante.

Lirael começou então a pensar no que queria ver e a sua mão esquerda tocou inconscientemente em cada um dos sinos na sua bandoleira.

— Pelo Direito do Sangue — disse, a sua voz tornando-se mais forte e mais confiante a cada palavra —, pelo Direito da Herança, pelo Direito da Carta e pelo Direito dos Sete que a criaram, gostaria de ver através do véu do tempo, até o Começo. Gostaria de presenciar o Aprisionamento e a Separação de Orannis e saber o que era e no que se deve tornar. Assim seja!

Muito depois de ter falado, os sóis retrocediam ainda e Lirael foi recuando cada vez mais para eles, até todos os sóis serem um só, cegando-a com a sua luz. Depois, a luz desapareceu e olhou para um vazio negro. Havia um único ponto de luz dentro do vazio e avançou para lá. Não tardou que deixasse de ser uma luz, mas antes uma lua e depois um planeta enorme que enchia o horizonte e percorria o seu céu e deslizava no ar por cima de um deserto que se estendia de horizonte a horizonte, um deserto que Lirael sabia de alguma forma abranger todo este mundo. Nada se agitava na terra cozida, crestada. Nada crescia nem vivia lá.

O mundo girou por baixo dela, cada vez mais depressa e Lirael viu-o em tempos primitivos, viu como toda a vida fora extinta. Depois, voltou a passar pelos sóis e viu outro vazio, outro mundo isolado, em luta, que se tornaria um deserto.

Seis vezes Lirael viu um mundo destruído. Da sétima, viu o seu próprio mundo. Reconheceu-o, apesar de não encontrar qualquer acontecimento ou característica que lhe dissesse. Viu o Destruidor escolhê-lo, mas desta vez outros o escolheram também. Seria aqui o campo de batalha onde enfrentariam o Destruidor, seria aqui que se tomariam partidos e decidiriam lealdades para todo o sempre.

Esta visão de Lirael pareceu durar muitos dias e muitos horrores. Mas, ao mesmo tempo, através do outro olho, viu a Cadela andando para cá e para lá e Lirael soube que passara pouco tempo na Morte.

Por fim, viu o suficiente e não suportou ver mais. Cerrou os olhos, fechou o espelho com força e deixou-se cair de joelhos, segurando o pequeno estojo de prata entre as mãos cruzadas. A água quente agitava-se à sua volta, mas não lhe proporcionou qualquer conforto. Quando abriu os olhos um instante depois, a Cadela lambeu-lhe a boca e olhou para ela com enorme preocupação.

— Temos de nos apressar — disse Lirael, levantando-se. — Não tinha compreendido antes... Temos de nos apressar!

Recuou sobressaltada até o Oitavo Portão e retirou tanto a espada como o sino com um novo poder de decisão. Vira agora do que Orannis era capaz, bem pior do que alguma vez imaginara. Na verdade, Destruidor era um nome apropriado. Orannis existia unicamente para destruir e a Carta fora o inimigo que o impedira de o fazer. Detestava todas as coisas vivas e não as queria apenas destruir

— Ele tinha o poder para isso.

Apenas Lirael sabia como Orannis podia voltar a ser aprisionado. Seria difícil — talvez impossível. Mas era a sua única chance e estava imbuída de uma determinação exclusiva de voltar para a Vida. Tinha de fazer com que acontecesse. Por si própria, pela Cadela, por Sam, Nick, o major Greene e os seus homens, pelo povo de Ancelstierre que morreria sem suspeitar sequer do perigo e todos os outros no Reino Antigo. As suas primas das Clayr. Até a tia Kirrith.

Os pensamentos neles todos e a sua responsabilidade, enchiam-lhe a cabeça quando se aproximou do Oitavo Portão, as palavras da fórmula de abertura nos seus lábios. Mas quando abriu a boca para proferir as palavras, veio um fluxo de chamas da escuridão do Portão, na direção contrária a Lirael e à Cadela.

Envolto naquela chama, Hedge precipitou-se. A sua espada atacou o braço esquerdo de Lirael, o seu toque breve rapidamente engolido pelo rio. O som estridente do aço enfeitiçado nas placas de *gethre* ecoou através da água. A armadura resistiu, mas mesmo assim, o braço de Lirael por baixo ficou muito machucado — pela segunda vez em poucos dias.

Lirael mal conseguiu desviar-se do golpe seguinte, dirigido à sua cabeça. Saltou para trás e enredou-se na Cadela, que se preparava para atacar. A dor percorreu o braço esquerdo de Lirael, subindo-lhe até ao ombro e ao pescoço. Contudo, agarrou um sino.

Hedge foi mais rápido. Já tinha um sino na mão e tocou-o. Saraneth, reconheceu Lirael e preparou-se para resistir ao seu poder. Mas não aconteceu nada com o toque do sino. Nem compulsão, nem teste de vontades.

— Sente-se! — ordenou Hedge e Lirael percebeu logo que Hedge

concentrara o poder de Saraneth na Cadela Sem Vergonha.

Rosnando, a Cadela ficou estática, a meio de se sentar, pronta para saltar. Mas Saraneth aprisionara-a e não conseguia se mexer.

Lirael contornou a Cadela, para tentar golpear o braço de Hedge que tinha o sino, tal como ele fizera ao seu. Mas também ele se moveu, rodando em círculo no sentido inverso. Havia algo de estranho na sua posição de combate, notou Lirael. Depois percebeu que mantinha a cabeça inclinada para baixo e nunca olhava para cima. Manifestamente, Hedge receava as estrelas do Nono Portão.

Começou a deslocar-se na direção dela, mas ela recuou também em círculo, mantendo a Cadela imóvel entre ambos. Quando passou pela frente dela, viu o animal piscar-lhe o olho.

— Você me levou a uma longa perseguição — disse Hedge. A sua voz tinha o sabor da Magia Livre e soava muito mais como algo Morto do que um homem vivo. Parecia morto, também. Pairou sobre Lirael e havia fogos por todo o lado dentro dele, brilhando vermelhos nos olhos e na boca, escorrendo-lhe pelos dedos e brilhando através da sua pele. Lirael não tinha bem certeza de ele ser um homem vivo. Parecia mais um espírito da Magia Livre, só que revestido de carne humana. — Mas agora terminou, aqui e na Vida. O meu amo vai ficar de novo inteiro e a destruição começou. Só os Mortos caminham no mundo dos vivos, para louvar Orannis pelo seu trabalho. Só os Mortos... e eu, o fiel vizir.

A sua voz tinha um caráter hipnótico. Lirael percebeu que ele tentava distraí-la enquanto preparava um golpe mortal. Não tentara o sino com ela, o que era curioso, mas por outro lado, já não era a primeira vez que se libertava de Hedge e Saraneth.

— Levante a cabeça, Hedge — respondeu Lirael, enquanto andavam de novo em círculos. — O Nono Portão o chama. Não sente o chamado das estrelas?

Atacou-o quando disse "estrelas", mas Hedge estava preparado e era mais hábil com uma espada. Esquivou-se e a sua reação rápida cortou o tecido da capa dela sobre o coração.

Rapidamente, ela voltou a recuar, desta vez afastando-se em círculo da Cadela. Hedge seguiu-a, a cabeça ainda curvada, observando-a através dos seus olhos encapuçados. Atrás dele, a Cadela agitou-se. Lentamente, ergueu uma pata do rio baixo, tendo o cuidado de não chapinhar. Depois começou a caminhar sorrateiramente atrás do necromante enquanto ele avançava para Lirael.

— Também não acredito no que disse sobre o Destruidor continuou Lirael e ia recuando, esperando que a sua voz abafasse o som do avanço da Cadela. — Eu saberia se tivesse acontecido algo ao meu corpo na Vida. Além

disso, não se preocuparia comigo se ele estivesse livre.

— Você é um estorvo, nada mais — contrapôs Hedge. Sorria agora e as chamas na sua espada ficaram mais vivas, alimentadas pela sua expectativa de uma morte. — Tenho prazer em acabar com você. E não é tudo. Enquanto o meu Amo destrói aquilo que lhe desagrada, eu também o faço!

Desferiu maldosamente um golpe na direção dela. Lirael mal conseguiu esquivar-se e afastar a espada dele. A seguir ficaram presos, corpo com corpo, a cabeça dele curvada sobre a dela e o seu hálito metálico, dominado pelas chamas, quente na face dela enquanto se virava.

— Talvez devesse brincar primeiro um pouco com você. — Hedge sorriu, soltou-se e recuou.

Lirael atingiu-o com toda a sua força e raiva. Hedge soltou uma gargalhada, desviou-se, recuou mais uma vez — e tropeçou na Cadela Sem Vergonha.

Largou a espada e o sino de imediato e levou as mãos aos olhos ao cair na água com o silvar e o fervilhar do vapor. Mas atrasou-se apenas um instante. Viu as estrelas quando caiu e elas chamaram-no, vencendo o peso de fórmulas e poder que o tinham mantido no mundo dos vivos durante mais de cem anos. Sempre adiando a Morte, sempre procurando algo que lhe permitisse ficar eternamente debaixo do sol. Achou que conseguira, servindo Orannis, pois não queria saber de mais ninguém nem de qualquer outra coisa viva. O Destruidor prometera-lhe a recompensa da vida eterna e um domínio ainda maior sobre os Mortos. Hedge fizera todo o possível para merecê-lo.

Agora, com um único vislumbre daquelas estrelas que o chamavam, perdera tudo. As mãos de Hedge tombaram. A luz das estrelas encheu-lhe os olhos de lágrimas brilhantes que apagaram lentamente os seus fogos internos. Os rolos de vapor afastaram-se e o rio ficou silencioso. Hedge levantou os braços e iniciou a sua própria queda na direção do céu, das estrelas e do Nono Portão.

A Cadela Sem Vergonha retirou o sino de Lirael do rio e levou-o, tendo o cuidado de não fazê-lo soar. Lirael recebeu-o em silêncio e guardou-o. Não havia tempo para saborear a vitória delas sobre o necromante. Lirael sabia que ele era apenas um inimigo menor.

Juntas, atravessaram o Oitavo Portão, ambas cheias de um medo terrível. O medo de que, apesar das palavras de Hedge não passarem de mentiras, se pudessem tornar verdade antes de ambas conseguirem regressar à Vida.

Lirael vinha sobrecarregada com o peso do conhecimento. Agora sabia como aprisionar de novo o Destruidor, mas sabia também que não conseguiria fazê-lo sozinha. Sam teria de ser o herdeiro dos Construtores da Muralha de

verdade e não ter apenas o direito de usar o esparavel de prata deles na sua capa.

Seriam igualmente necessários outros do Sangue e eles não se encontravam ali.

Pior ainda, o aprisionamento era apenas metade do que devia ser feito. Mesmo que Lirael e Sam conseguissem de alguma forma, restava a separação e essa requeria mais coragem do que a que Lirael julgava possuir.

SAM E AS MÃOS SOMBRA

Enquanto os Mortos se libertavam do domínio de Saraneth, Sam soprava na flauta de Ranna. Mas a suave canção de embalar chegara muito tarde e o sopro de Sam fora excessivamente precipitado. Apenas meia dúzia de Mortos se deitou para dormir sob o feitiço de Ranna, e o sino afetou também diversos soldados. As outras noventa ou mais Mãos Mortas saíram do nevoeiro, para serem recebidas por espadas, baionetas, lâminas de prata e os relâmpagos brancos dos Magos da Carta.

Durante um minuto furioso e frenético de mutilação e fintas, Sam não conseguiu ver o que acontecia. Depois, a Mão diante dele caiu, as suas pernas cortadas. Sam ficou surpreso ao ver que o conseguira sozinho, as marcas da Carta na sua espada ardendo com uma fúria branco-azulada.

— Toque outra vez as flautas! — gritou o Major. Surgiu à frente de Sam para atacar a aparição seguinte de maxilares partidos. — Nós lhe damos cobertura!

Sam anuiu e levou outra vez as flautas aos lábios com nova determinação. Os Mortos tinham repellido os defensores com o seu ataque e agora Lirael estava apenas alguns passos atrás dele, uma estátua imóvel completamente vulnerável ao ataque.

A maioria das Mãos Mortas era constituída por cadáveres recentes, vestidos ainda com uniformes de trabalhadores. Mas muitas eram habitadas por espíritos que haviam permanecido muito tempo na Morte, que transformavam rapidamente a carne morta que ocupavam agora, tornando-a menos humana e mais parecida com as formas medonhas que haviam assumido na Morte. Uma veio direto a Sam naquele momento, contorcendo-se como uma cobra entre o major Greene e o tenente Tindall, o seu maxilar inferior solto para uma dentada maior. Num gesto reflexo, Sam trespassou-a pela garganta. Saltaram faíscas quando as marcas da Carta na lâmina destruíram a carne morta. Contorceu-se e debateu-se, mas não se conseguiu libertar a espada, e o espírito daquilo começou a rastejar para fora da sua pele carnuda, como uma lagarta de escuridão abandonando uma maçã completamente podre.

Sam olhou para aquilo e sentiu o seu medo substituído por uma fúria intensa. Como se atreviam estes Mortos a invadir o mundo da Vida? As suas narinas agitaram-se e o seu rosto ruborizou-se quando inspirou para soprar na flauta. Este não era o caminho dos Mortos e decidiu obrigá-los a seguir outro.

Com os pulmões expandidos ao máximo, escolheu a flauta de Kibeth e soprou. Soou uma única nota, alta e cristalina — mas depois tornou-se, sem saber como, uma dança animada e contagiante. Encorajou os soldados e os fez até sorrir, as suas armas movendo-se ao ritmo da canção de Kibeth.

Mas os Mortos escutaram uma melodia diferente e aqueles cujas bocas e pulmões e gargantas funcionavam soltaram uivos terríveis de medo e angústia. Todavia, por mais que uivassem, não conseguiram abafar o chamamento de Kibeth e os Espíritos Mortos começaram a mover-se contra a sua vontade, expulsos da carne putrefata que ocupavam e voltaram para a Morte.

— Bem feito para eles! — gritou o tenente Tindall, quando as Mãos Mortas caíram todas ao longo da fila, deixando corpos vazios, os espíritos condutores arrastados para a Morte por Kibeth.

— Não se entusiasme demais — resmungou o Major. Olhou rapidamente à sua volta e viu vários homens por terra, manifestamente mortos ou moribundos. Havia muitos feridos dirigindo-se para o posto de socorros na base do contraforte, alguns deles amparados por muitos companheiros válidos. Um número consideravelmente maior de homens corria simplesmente pela colina abaixo, na direção dos Sulistas e da relativa proteção do riacho. A maior parte da companhia fugira efetivamente e Greene sentiu uma profunda decepção pelo que sabia ser o seu último comando. Mas a grande maioria dos homens era recrutada e mesmo aqueles que haviam servido no Perímetro durante algum tempo nunca tinham visto tantos Mortos.

— Malditos! Logo agora que estávamos vencendo, grandes tolos!

O tenente Tindall percebera finalmente os homens em fuga, com toda a indignação da sua juventude. Preparou-se para ir atrás deles, mas o major Greene impediu-o.

— Deixe-os ir, Francis. Eles não são Batedores e isto é demais para eles. E precisamos de você aqui, aquela foi provavelmente apenas a primeira vaga. Virão mais.

— Sim e em breve — apressou-se Sam a confirmar. — Major, precisamos reunir todos ainda mais à volta de Lirael. Receio que se uma só das criaturas Mortas conseguir passar...

— Sim! — concordou o Major com vivacidade. — Francis, Edward, aproximem-se, todos, o mais rapidamente possível. Vejam também o que podem fazer pelos feridos, mas não quero perder mais nenhum efetivo. Vão!

— Sim, meu Major! — responderam os dois tenentes em uníssono. Depois, gritaram ordens e os sargentos transmitiram-nas com um prazer redobrado. Restavam apenas trinta e poucos soldados e passado um minuto estavam quase ombro com ombro num círculo compacto à volta da figura gelada

de Lirael.

— Quantos mais Mortos vêm aí? — perguntou o Major, enquanto Sam olhava para o nevoeiro. Continuava estendendo-se e adensando-se, pedaços serpenteando por entre eles enquanto descia a colina. Havia também mais relâmpagos do outro lado da colina e as nuvens de tempestade tinham-se espalhado pelo céu como uma grande mancha de tinta, em comparação com o nevoeiro branco lá em baixo.

— Não faço idéia. — Sam carregou o cenho. — Chegam em cada vez maior número à Vida. Hedge deve encontrar-se na própria Morte e está mandando-os de volta. Ele deve ter encontrado um antigo cemitério ou alguma outra fonte de cadáveres, porque são todos Mãos Mortas até aqui. Timothy disse que ele só tinha sessenta trabalhadores e esses estiveram todos no primeiro ataque.

Olharam ambos para Tim Wallach quando Sam falou. Pegara a espingarda, o sabre-baioneta e o capacete de um soldado morto e encontrava-se agora no círculo — para grande surpresa de todos, incluindo talvez o próprio.

— Sempre é preferível participar — disse Sam, citando a Cadela Sem Vergonha. Quando o disse, percebeu que agora acreditava realmente. Continuava assustado, sentia ainda o nó de apreensão nas entranhas. Mas sabia que isso não o impediria de fazer o que tinha de ser feito. Era o que os pais esperariam, pensou Sam, mas não perdeu muito mais tempo. Não podia pensar em Sabriel e Touchstone, ou não aguentaria — e não podia, não devia, fazê-lo.

— É precisamente a minha filosofia — começou a dizer o Major, depois viu Sam estremecer e levar a mão às flautas de Pan.

— Mãos Sombra! — exclamou Sam, apontando com a espada quando levou as flautas aos lábios.

— A postos! — bradou o Major, alcançando a Carta para as marcas de fogo e destruição, apesar de saber que seriam de pouca utilidade contra as Mãos Sombra. Não tinham corpos para queimar ou destruir. A Magia da Carta que os soldados conheciam poderia retardá-las, mas era tudo.

Lá em cima na colina, quatro formas vagamente humanas de profunda escuridão atravessaram o nevoeiro, agitando-se sobre a rocha e os espinheiros. Silenciosas como um túmulo, ignoraram as setas que as atravessaram e avançaram inexoravelmente — na direção de Lirael e do intervalo entre os pedregulhos onde Sam, o major Greene e o tenente Tindall se encontravam para lhes barrar o caminho.

Quando estavam apenas a vinte metros, uma Mão Sombra parou e saltou sobre um soldado ferido que fora ignorado, estendido debaixo da parte saliente de uma rocha grande. Freneticamente, tentou levantar-se e fugir, mas a

Mão Sombra envolveu-o como uma mortalha e sugou-lhe a vida.

Quando o grito de morte do soldado se calou, Sam inspirou e soprou desesperadamente na flauta de Saraneth. Tinha de dominar as Mãos Sombra, obrigá-las à sua vontade, pois ele e os seus aliados não dispunham de outras armas que pudessem funcionar. A sua espada e as marcas que ostentava, poderiam feri-las, mas apenas isso.

Soprou então e pediu à Carta que lhe desse forças para vencer as Mãos Sombra.

A voz forte de Saraneth penetrou os trovões. Sam sentiu de imediato as Mãos Sombra resistirem ao seu domínio. Enfureceram-se contra a sua vontade, e o suor brotou em todo o seu corpo, do esforço. Não podia fazer mais nada para detê-las. Estes espíritos eram antigos e muito mais fortes do que as Mãos Mortas que Sam devolvera à Morte com Kibeth. Foi necessária toda a sua força para impedi-las de avançar, pois repeliam constantemente as amarras que Saraneth, de uma forma tão ligeira, tecera em torno delas. Lentamente, o mundo reduziu-se para Sam, até conseguir sentir apenas os quatro espíritos e a sua luta contra ele. Tudo o mais desaparecera: a umidade do nevoeiro, os soldados ao redor dele, os trovões e os relâmpagos. Só existiam ele e os seus adversários.

— Curvem-se à minha vontade! — gritou, mas foi com a sua mente e a sua vontade, e não com um grito que qualquer ouvido humano pudesse escutar. Sam ouviu os espíritos sem voz responderem do mesmo modo, um coro de uivos e silvos mentais que manifestamente o desafiavam.

Eram inteligentes, estas Mãos Sombra. Uma fingiu vacilar, mas quando Sam concentrou a sua vontade contra aquela, as outras contra-atacaram, quase cessando o seu domínio. Aos poucos, Sam percebeu que não lhe ofereciam apenas resistência, estavam destruindo o aprisionamento. Cada vez que a sua concentração mudava, avançavam um pouco. Apenas alguns passos, mas gradualmente o intervalo começou a reduzir-se. Não tardariam a conseguir passar por ele, retirar a vida aos soldados a seu lado — e atacar o corpo indefeso de Lirael.

Percebeu também que, na verdade, tinham apenas passado alguns segundos desde que começara a soprar na flauta de Saraneth e precisava inspirar mais uma vez. Apesar do som da flauta continuar, estava enfraquecendo. Se ao menos pudesse parar, voltar a encher os pulmões e fazer soar de novo Saraneth, conseguiria fortalecer o aprisionamento. Sam sabia estar próximo do controle total destes espíritos, mas não suficientemente próximo. Sabia igualmente que se afastasse a sua concentração plena das quatro Mãos Sombra para respirar, elas o atacariam.

Dado isso, tudo o que podia fazer era retardá-las ainda mais. Lirael

regressaria a qualquer momento e as expulsaria com os sinos. Sam tinha apenas de aguentar o tempo suficiente.

Deixou até de tentar inspirar, afastando as necessidades urgentes de ar do seu corpo para um canto da sua mente. Nada era tão importante quanto sustentar as Mãos Sombra. Concentraria cada derradeira partícula da sua mente e energia nelas e cada último pedaço de ar para dentro da flauta. Não alcançariam Lirael. Não podiam. Ela era a última esperança para todo o mundo contra o Destruidor.

Além disso, ela era sua parente consanguínea e comprometera-se.

As Mãos Sombra aproximaram-se mais outro passo e todo o corpo de Sam estremeceu com o esforço ao tentar obrigá-las a recuar, os seus músculos refletindo a luta da sua mente. Mas estava enfraquecendo, sabia, e os Mortos mais fortes. Estava também perto de morrer por falta de ar e crescia dentro de si um impulso quase avassalador de recuar. Sair dali! Respirar! Deixar passar aqueles monstros!

No entanto, enquanto combatia os Mortos, combatia os seus próprios receios, repelindo-os para o mesmo canto distante da sua mente que tanto queria fazer entrar o ar nos pulmões. Ficariam ali e estava decidido a lutar muito além do seu último fôlego. Ao mesmo tempo, tentava desesperadamente pensar em algum estratagema ou plano astucioso.

Não lhe ocorreu nada e, apesar de não as ter visto ou sentido mexerem-se, as Mãos Sombra tinham ganho algum terreno. Estavam agora mesmo fora do alcance da espada, colunas altas de negrura de tinta, espalhando uma sensação mais fria do que os dias mais gélidos de Inverno.

As duas de fora deslocavam-se à volta dele, percebeu Sam, embora não muito. Era nítida a sua intenção de o cercarem e abafarem com a sua substância-sombra, envolvê-lo num casulo de quatro espíritos famintos. Depois, atacariam Lirael.

Irrompeu repentinamente fogo à volta da cabeça da Mão Sombra mais próxima, um globo de chama azul pura do tamanho de um punho. Mas a criatura Morta não chegou sequer a estremecer e o fogo crepitou nas marcas individuais que a tinham outrora criado e estas desapareceram no nevoeiro.

Outra fórmula da Carta, sem consequências a não ser pegar fogo nas árvores anãs enquanto as chamas faziam ricochete na forma sombria do Morto. Sam percebeu que o major Greene e o tenente Tindall estavam tentando ajudá-lo com estas fórmulas, mas não podia desperdiçar nem o pensamento nem o fôlego para avisá-los da inutilidade do fogo contra semelhante inimigo.

Toda a atenção de Sam ia para os Mortos. Por sua vez, toda a atenção deles estava concentrada na sua pessoa e na luta entre eles.

Por isso, nenhum se deu conta de que o nevoeiro os envolvia, como se

impelido por alguma forte rajada de ar, nem dos berros e gritos dos soldados atrás deles.

Isto é, até ouvirem o sino. Uma melodia forte, feroz, que veio do ar por cima deles. Agarrou as quatro Mãos Sombra como um mestre bonecreiro apanha as marionetes para guardá-las na caixa. Incapazes de resistirem, curvaram-se, as suas cabeças umbrosas erguidas para suplicarem misericórdia sem qualquer palavra.

Não houve qualquer misericórdia. Ouviu-se outro sino tocar, sobrepondo uma dança irada e violenta ao grito marcante do primeiro. As Mãos Sombra endireitaram-se ao ouvirem o seu toque agudo, a sua substância-sombra estendendo-se em linhas finas, como se estivessem sendo sugadas através de um buraco estreito.

A seguir desapareceram, sumariamente executadas, desta vez em definitivo.

Sam caiu de joelhos quando os Mortos desapareceram e fez entrar de forma profunda e entrecortada o ar nos seus pulmões desesperados. Por cima dele, uma Asa de Papel azul-forte e prata pairou por um momento, como um falcão gigante sobre a sua presa. Depois desceu rapidamente, descrevendo círculos até o fundo do vale, onde o solo era plano e estava suficientemente desimpedido para uma aterrissagem. Sam olhou para ela e para as outras duas Asas de Papel que planavam agora em frente dos Sulistas.

Três Asas de Papel. O aparelho que passara por cima era azul e prateado e essas eram as cores do Abhorsen. O segundo era verde e prateado, das Clayr. O terceiro era o vermelho e dourado da linha real. Duas das três Asas de Papel traziam um passageiro além do piloto.

— Não compreendo — murmurou Sam. — Quem maneja os sinos?

Mogget estava quase chegando ao alto da colina, ziguezagueando por entre Mãos Mortas e hastes de pára-raios, quando ouviu os sinos. Sorriu e parou para gritar à única Mão Morta que se encontrava no seu caminho.

— Escute a voz plena de Saraneth! Foge enquanto ainda pode!

Como estratagema, não funcionou. A Mão Morta regressara muito recentemente à Vida, muito estúpida para compreender as palavras de Mogget e não possuía o ouvido supinamente apurado de Mogget. Não ouvira os sinos por causa dos trovões e não fazia idéia do poder desencadeado do outro lado da colina. No que lhe dizia respeito, a presa viva acabara de parar diante de si. Suficientemente próximo para a agarrar.

Dedos putrefatos estenderam-se, agarrando a perna pequena do albino. Mogget uivou e deu um sacão, os ossos secos do seu captor estalando com a

força do golpe. Mas continuou agarrado e agora outros Mortos avançavam na direção de Mogget, atraídos pela perspectiva de Vida com que se banqueteariam.

Mogget uivou de novo e pousou Nick. A seguir, virou-se, os seus dedos de unhas compridas arranhando e a sua boca de dentes afiados cravando-se no pulso da Mão Morta. Se possuísse ainda alguma inteligência humana, a Mão teria ficado surpresa, pois nunca nenhum homem lutara como este com as costas arqueadas e uma combinação selvagem de bufadelas, dentadas e arranhadelas.

Mogget cravou os dentes no pulso da criatura Morta, cortando-o por completo. Imediatamente recuou com um salto, pegou Nick, desviou-se da Mão e desatou a correr com um miado vitorioso.

A criatura ignorou a sua ausência de mão e tentou segui-los. Só então descobriu que este estranho adversário lhe destruíra os tendões do jarrete. Deu dois passos vacilantes e caiu, o espírito Morto que o habitava olhando desesperadamente à sua volta, procurando outro corpo para habitar.

Nessa altura, Mogget encontrava-se do outro lado da colina. Mantinha o braço de Nick estendido para o lado enquanto corria, conservando-o bem afastado do seu próprio corpo. Aquele braço sacudiu-se e estremeceu, os músculos contorceram-se debaixo da pele e surgiram equimoses escuras a toda a volta do cotovelo e do antebraço.

Por trás de Mogget, a tempestade com relâmpagos começou a diminuir e os trovões enfraqueceram. O nevoeiro era ainda iluminado por azul-elétrico nas extremidades — mas no centro, tanto o nevoeiro como as nuvens de tempestade por cima dele, apresentavam um tom vermelho muito, muito intenso.

DEPOIS DE OS RELÂMPAGOS CESSAREM

Sam levantou-se. Sentia-se muito fraco, esgotado e confuso. Devagar, virou-se para olhar para as três Asas de Papel no vale, a várias centenas de metros de distância. Pareciam muito pequenas em face da multidão de Sulistas. Aparelhos voadores mágicos feitos de papel laminado e Magia da Carta, que mais pareciam aves enormes de penas brilhantes. Os pilotos e os passageiros das três Asas de Papel desciam dos seus aparelhos. Sam observava-os, sem conseguir acreditar em quem estava vendo.

— É o Rei e a Abhorsen, não é, príncipe Sameth? — perguntou o tenente Tindall. -Achei que tinham morrido.

Sam anuiu e sorriu e abanou a cabeça ao mesmo tempo. Sentiu um impulso irresistível de alívio percorrer cada parte do seu corpo. Não sabia se rir se chorar ou se cantar e não ficou surpreso ao constatar que lhe escorriam lágrimas pelas faces e as gargalhadas tinham se soltado e lhe saíam pela boca. Porque as pessoas que desciam da Asa de Papel azul e prata eram indiscutivelmente Touchstone e Sabriel. Vivos e em boa saúde, todas as histórias da sua morte se revelavam falsas naquela singela visão jubilosa.

Mas as surpresas não acabavam ali. Sam limpou as lágrimas, acalmou as gargalhadas antes que se tornassem histéricas e susteve o fôlego quando viu uma mulher jovem de cabelo muito negro saltar do aparelho vermelho e ouro e correr para reunir-se aos pais, de espada em punho e brilhando. Atrás dela, duas mulheres muito louras, de pele trigueira e esbeltas, abandonavam a Asa de Papel verde e prata, um pouco mais calmas que os outros passageiros, mas também com pressa.

— Quem é aquela garota? — perguntou o tenente Tindall, com mais do que interesse profissional nos seus salvadores. — Quer dizer, quem são aquelas senhoras?

— É a minha irmã, Ellimere! — exclamou Sam. — E duas das Clayr, ao que parece!

Começou a correr para elas, mas parou depois de dar dois passos. Subiam todos apressados, e o seu lugar era aqui, junto de Lirael. Continuava imobilizada no lugar, ainda em algum lugar na Morte, enfrentando sabe-se lá que perigos. Essa consciencialização trouxe Sam de volta à presente situação. Os Mortos tinham fugido de Saraneth, que fora manejado pela Abhorsen. Mas eram apenas lacaios menores do verdadeiro Inimigo.

— Os relâmpagos pararam — disse Tim Wallach. — Escutem: agora não há trovões.

Todos se viraram para a colina. As sensações de alívio de Sam desapareceram num instante. Os trovões e os relâmpagos tinham acabado, sem dúvida, mas o nevoeiro estava mais denso do que nunca. Já não era iluminado por clarões azuis, mas por um vermelho constante e pulsante que se tornava mais intenso enquanto observavam — como se um enorme coração de fogo crescesse no vale mais além.

Algo vinha descendo a colina, uma forma que parecia ter muitos braços, uma silhueta medonha iluminada por trás pelo clarão vermelho-sangue do outro lado da colina.

Sam ergueu a espada e procurou as flautas de Pan. O que quer que fosse aquilo, não parecia estar Morto — ou pelo menos não conseguia sentir que estivesse. Mas fazia-se acompanhar do fedor quente da Magia Livre — e vinha na direção dele.

Depois a coisa gritou, com a voz de Mogget.

— Sou eu... Mogget! Trago Nicholas comigo!

O nevoeiro moveu-se em remoinho e Sam viu que a voz provinha do estranho pequeno homem com cabelo e pele pálidos que vira pela última vez na colina por cima do Lago Vermelho. Transportava um corpo emaciado que podia realmente ser Nick. Fosse quem fosse, Mogget mantinha o braço direito do homem estendido para o lado, que se contorcia e agitava com vida própria, assemelhando-se demais a um tentáculo.

— O que é aquilo? — perguntou o major Greene baixinho enquanto fazia sinal aos seus homens para se voltarem a reunir à volta de Lirael.

— É Mogget — respondeu Sam, de cenho carregado. — Ele tinha essa forma no tempo do meu avô. E aquele... aquele é o meu amigo Nick.

— É claro que é! — gritou Mogget, que não parara de descer.

— Onde está a Abhorsen? E Lirael? Temos de nos apressar, os hemisférios estão quase unidos. Se conseguirmos afastar Nicholas o suficiente, o fragmento não conseguirá se reunir e os hemisférios ficarão incompletos...

Foi interrompido por um grito terrível. Os olhos de Nick abriram-se e todo o seu corpo ganhou rigidez, um braço apontado para trás na direção do vale do lago como uma arma. Algo mais brilhante do que o Sol iluminou a ponta do seu dedo por um momento, depois disparou pela colina, muito rápido para ser seguido.

— Não! — gritou Nick. A sua boca espumou sangue e os seus dedos agarraram inutilmente o ar vazio. Mas o seu grito perdeu-se em outro som, um som que brotou do coração vermelho do nevoeiro do outro lado da colina. Um

grito de triunfo, ganância e fúria indescritíveis. Com aquele grito, elevou-se uma coluna de fogo até ao céu. Foi subindo até pairar no alto por cima da colina. O nevoeiro rodopiava à volta dela como um manto e começou a derreter.

— Livre! — atroou o Destruidor. A palavra atingiu os observadores como um vento quente, retirando a umidade dos seus olhos e bocas. O som continuou a ser levado, ecoando pelas colinas distantes, gritando até às cidades longínquas, incutindo medo em todos os que o ouviam, muito depois da palavra se perder.

— Tarde demais — disse Mogget. Deitou Nick cuidadosamente no solo rochoso e acorcorou-se. O seu cabelo pálido começou a descer-lhe pelo pescoço e o rosto e os ossos contraíram-se e apertaram-se debaixo da pele. Em menos de um minuto, era de novo um pequeno gato branco, com Ranna tilintando na sua coleira.

Sam mal percebeu a transformação. Foi correndo encontrar com Nick e debruçou-se sobre ele, alcançando as marcas da Carta mais fortes que conhecia para curar, reunindo-as na mente. Não tinha dúvidas de que o seu amigo estava morrendo. Sam sentia o seu espírito escapar para a Morte, via a terrível palidez no rosto de Nick, o sangue na sua boca e as profundas equimoses no peito e no braço.

O fogo dourado cresceu nas mãos gesticulantes de Sam enquanto retirava marcas da Carta com uma pressa imensa. Depois, assentou suavemente as palmas das mãos no peito de Nick e transferiu a magia curadora para o seu corpo deteriorado.

Só que a fórmula não se agarrou. As marcas deslizaram e perderam-se e estralejaram faíscas azuis debaixo das palmas das mãos de Sam. Praguejou e voltou a tentar, mas era inútil. O resíduo de Magia Livre em Nick continuava muito forte e repelia todos os esforços de Sam.

Apenas conseguiu trazer Nick de volta ao estado consciente — de certa forma. Sorriu ao ver Sam, pensando que estava de volta ao colégio e fora atingido por uma bola rápida. Mas Sam envergava uma estranha armadura e não o equipamento branco do críquete. E havia um denso nevoeiro atrás dele em vez do sol brilhando e pedras e árvores anãs em vez de relva recentemente aparada.

Nick recordou-se e o seu sorriso desapareceu. Com a lembrança veio a dor, por todo o lado no seu corpo, mas havia também uma agradável leveza. Sentiu-se livre e irrestrito, como se fosse um prisioneiro liberto depois de uma vida inteira trancado num mesmo quarto.

— Desculpe — arfou, o sangue na sua boca sufocando-o ao falar. — Eu não sabia, Sam. Eu não sabia...

— Não tem importância — disse Sam. Limpou a espuma

ensanguentada da boca de Nick com a manga da capa. — Você não teve culpa. Eu devia ter percebido que te acontecera algo...

— A estrada afundada — murmurou Nick. Fechou de novo os olhos, a sua respiração entrando de forma entrecortada. — Depois de ir à Morte na colina. Agora me lembro. Corri para ver o que podia fazer e caí na estrada. Hedge estava à espera. Ele achou que era você, Sam...

A sua voz perdeu-se. Sam debruçou-se novamente sobre ele, tentando empurrar as marcas para dentro dele através da força da vontade. Pela terceira vez, elas resvalaram.

Os lábios de Nick moveram-se e disse algo muito fraco para se ouvir. Sam aproximou-se ainda mais, a sua orelha colada à boca de Nick, pegou-lhe na mão e agarrou-a como se pudesse arrastar fisicamente o amigo da Morte.

— Lirael — murmurou Nick. — Diga a Lirael que não me esqueci dela. Tentei...

— Pode dizer-lhe pessoalmente — respondeu Sam com urgência. — Ela estará aqui! A qualquer momento. Nick, você tem de reagir!

— Foi o que ela disse — tossiu Nick. Manchas de sangue salpicaram a face de Sam, mas ele nem estremeceu. Não ouviu o latido suave da Cadela quando regressou à Vida, nem o gelo estalando, nem a exclamação de surpresa de Lirael. Para Sam, havia apenas o espaço que ele e Nicholas ocupavam. Tudo o mais deixara de existir.

A seguir, sentiu uma mão fria no ombro e virou-se para olhar. Lirael estava ali. Continuava coberta de gelo. Quando se moveu, ele caiu do seu rosto. Olhou para Nick e Sam viu uma expressão fugaz que não conseguiu situar. Depois desapareceu, visivelmente reprimida por uma dureza que fez recordar a Sam a sua mãe.

— Nick está morrendo — disse Sam, as lágrimas brilhando nos seus olhos. — As fórmulas curativas não se... O estilhaço saiu dele como uma flecha. Não consigo fazer nada!

— Sei como aprisionar e separar o Destruidor — apressou-se Lirael a dizer. Desviou o olhar de Nick e fitou diretamente Sam. — Você precisa me fazer uma arma, Sam. Imediatamente!

— Mas Nick! — protestou Sam. Não largou a mão do amigo.

Lirael olhou para a coluna de fogo. Sentia agora o seu calor, podendo avaliar o estado do poder do Destruidor pela sua cor e a altura das chamas. Restavam ainda alguns minutos — mas muito poucos. Nem mesmo o dobro seria suficiente para Nick.

— Não há... não há nada que eu possa fazer por Nick — disse ela, apesar das palavras saírem com um soluço. — Não há tempo e preciso... preciso

te dizer como deve ser feita. Existe uma chance, Sam! Achei que não fosse possível, mas as Clayr viram quem era necessário e eles estão aqui. Porém temos de agir imediatamente!

Sam olhou para o seu melhor amigo. Nick tinha os olhos novamente abertos, mas olhava para lá de Sam, para Lirael.

— Faça o que ela diz, Sam — murmurou Nick, esboçando um sorriso. — Procure remediar a situação.

Depois, os seus olhos desfocaram-se e a sua respiração entrecortada perdeu-se. Tanto Sam como Lirael sentiram o seu espírito escapar e souberam que Nicholas Sayre morreria.

Sam abriu a mão e levantou-se. Sentia-se velho e cansado, as suas articulações rígidas. Estava também perplexo, incapaz de aceitar que o corpo a seus pés era o de Nick. Propusera-se salvá-lo e fracassara. Tudo o mais estava também condenado ao fracasso.

Lirael agarrou-o quando cambaleou diante de si, os olhos desfocados. O choque perpassou a distância que sentia à sua volta e correspondeu com relutância ao olhar dela. Virou-o e apontou para Sabriel, Touchstone, Ellimere e as duas Clayr, que se deslocavam rapidamente pelo contraforte.

— Você vai precisar de uma gota de sangue minha, dos seus pais, de Ellimere, de Sanar e Ryelle e uni-lo ao seu em Nehima com o metal das flautas de Pan. Consegue fazê-lo? Imediatamente!

— Não tenho uma forja — respondeu Sam, apavorado, mas recebeu Nehima das mãos de Lirael. Continuava olhando para Nick.

— Use a magia! — gritou Lirael e sacudiu-o com força. — Você é um Construtor da Muralha, Sam! Rápido!

A sacudidela trouxe Sam de volta ao presente. Sentiu subitamente o calor da coluna ígnea e todo o medo do Destruidor lhe invadiu os ossos. Virando as costas a Nick, serviu-se da espada para cortar a palma da sua mão, espalhando o sangue ao longo da lâmina.

Foi a vez de Lirael se cortar, deixando o sangue escorrer pela lâmina.

— Me lembrarei — murmurou, ao tocar na espada. Depois, sem mais delongas, consciente de quão pouco tempo tinham, gritou aos soldados.

— Major Greene! Leve toda a sua gente para junto dos Sulistas! Avise-os! Devem ficar todos do outro lado do riacho e completamente estendidos. Não olhem na direção do fogo e quando ele se tornar subitamente mais intenso, fechem os olhos! Vão! Vão!

Antes que alguém tivesse tempo de responder, Lirael gritava novamente, desta vez ao grupo encabeçado por Sabriel, que estava quase alcançando-os.

— Apressem-se! Por favor, apressem-se! Temos de construir pelo menos três losangos de proteção nos próximos dez minutos! Apressem-se!

Sam correu ao encontro dos pais, da irmã e das duas Clayr, segurando a espada ensanguentada, pronto para receber mais contributos. Enquanto caminhava, construiu mentalmente uma fórmula para forjar e prender, entrelaçando as marcas umas nas outras numa rede comprida e complexa. Quando a lâmina ficasse completamente coberta de sangue, colocaria as flautas de Pan sobre ela e a fórmula a todo o seu comprimento. Se funcionasse, o sangue e o metal se uniriam na criação de uma espada nova e única. Se funcionasse...

Atrás dele, a Cadela escapulira para junto do corpo estendido e silencioso de Nicholas. Olhou à sua volta para se certificar de que ninguém estava observando, depois latiu baixinho ao ouvido dele.

Não aconteceu nada. A Cadela ficou intrigada, como se esperasse um efeito imediato e lambeu-lhe a testa. A sua língua deixou uma marca brilhante. Continuou a não acontecer nada. Passado um momento, a Cadela abandonou o corpo e correu para junto de Lirael, que lançava a Marca de Leste de um losango de proteção muito grande. Seria a mais abrangente de três, se houvesse tempo para as lançar. Se não houvesse, não conseguiriam sobreviver.

Do outro lado da colina, a imensa coluna de fogo ardia cada vez com mais calor, muito embora conservasse um vermelho terrível e perturbador. O vermelho do sangue vivo e fresco de uma ferida.

— Sameth, o que você fez agora! — foram as primeiras a sair da boca de Ellimere. Mas tentou remediar o que dissera com uma tentativa de abraçá-lo, à qual Sam se furtou.

— Não há tempo para explicar! — exclamou ele enquanto empunhava Nehima ensanguentada. — Preciso de um pouco do seu sangue na lâmina, depois tem de ir ajudar a tia Lirael.

Ellimere obedeceu imediatamente. Em outra ocasião, Sam teria ficado surpreso com a cooperação instantânea da irmã. Mas Ellimere não era tola, e a coluna gigantesca de fogo do outro lado da colina era apenas o princípio de algo terrível e estranho.

— Mãe! Pai! Estou... estou muito satisfeito por não terem morrido! — clamou Sam enquanto Ellimere passava correndo, a palma da mão cortada ainda escorrendo sangue e Sabriel e Touchstone subiam.

— Nós também — respondeu Touchstone, mas não perdeu igualmente tempo, estendendo a mão para que Sam pudesse fazer o golpe. Sabriel apresentou a sua em simultâneo, mas despenteou o cabelo de Sam com a outra mão.

— Tenho uma irmã, pelo menos foi o que as Clayr me disseram e um novo Futuro Abhorsen — disse Sabriel enquanto limpavam as mãos no aço, as marcas brilhando ao sentirem o parentesco do Sangue com a Carta. — E você encontrou um caminho diferente, mas não menos importante. Espero que tenha sido útil à sua tia.

— Acho que sim — replicou Sam. Estava tentando reunir na sua cabeça toda a fórmula para forjar a espada e não tinha tempo para conversa. — Ela precisa de ajuda agora. Três losangos de proteção!

Sabriel e Touchstone desapareceram antes de Sam terminar de falar. As duas Clayr encontravam-se diante dele, de mãos estendidas. Sem proferir palavra, Sam cortou delicadamente as palmas das mãos delas e deixaram também o seu sangue na lâmina. Sam mal as viu fazê-lo, tantas eram as marcas da Carta que rodopiavam na sua cabeça. Também não percebeu que elas lhe agarraram os cotovelos e o levaram de volta colina acima. Não podia pensar em semelhantes mundanidades enquanto caminhava. Estava perdido na Carta, retirando marcas que mal conhecia. Milhares e milhares de marcas da Carta que lhe enchiam a cabeça de luz, estendendo-se para dentro e para fora, ordenando-

se numa fórmula que se reuniria a Nehima e às sete flautas para reproduzir uma arma que era tão mortífera para o seu manejador quanto para o seu alvo.

Também não houve tempo para saudações mais acima na colina. Lirael limitou-se a gritar ordens quando Ellimere, Sabriel e Touchstone chegaram. Mandou-os preparar as primeiras três marcas de cada losango de proteção, guardando a última marca até estarem todos lá dentro e os losangos poderem ficar concluídos. Por um momento, Lirael hesitara nas suas instruções, temendo que eles pudessem protestar, pois quem era ela para dar ordens ao Rei e à Abhorsen? Mas não o fizeram, realizando rapidamente as suas tarefas, construindo os losangos em conjunto para pouparem tempo, encarregando-se cada um de uma marca cardeal.

O major Greene também não questionara as ordens dela, notou Lirael, com alívio. O que restava da sua companhia corria atabalhoadamente pelo vale, os válidos transportando os feridos, com os gritos do Major fazendo-os andar mais depressa. Gritavam também aos Sulistas, mandando-os deitar-se e desviar o olhar. Lirael esperava que os Sulistas escutassem, apesar da visão da coluna de fogo em turbilhão ter a capacidade de fascinar bem como de aterrorizar.

Sam hesitou entre Sanar e Ryelle, que sorriram a Lirael enquanto o conduziam ao centro do losango incipiente. Lirael retribuiu o sorriso, um sorriso breve que a fez por um instante recordar as palavras das gêmeas no dia em que deixara a Geleira: "Não pode esquecer que, com ou sem Visão, é uma Filha das Clayr."

Lirael fechou o losango exterior com uma marca cardeal e entrou para dentro do losango seguinte incompleto. Quando passou por ele, Touchstone deixou que a Marca do Norte descesse pela sua espada para fechar o segundo losango atrás dela. Sorriu a Lirael enquanto se refugiavam no terceiro e último losango e ela reparou na forte semelhança entre ele e o filho.

A própria Sabriel fechou o losango interior. Em apenas alguns minutos, tinham criado defesas mágicas de força tripla. Lirael esperava que fosse suficiente e que conseguissem sobreviver ao que tinha de ser feito. Sentiu então um pânico momentâneo e teve de contar rapidamente nos dedos para se certificar de que tinham os sete necessários. Ela própria, Sameth, Ellimere, Sabriel, Touchstone, Sanar e Ryelle. Eram sete, muito embora não soubesse muito bem se eram os sete certos.

As linhas do losango brilharam douradas, mas eram pálidas em comparação com a luz intensa da coluna de fogo. Por mais atoadora que fosse a coluna, Lirael sabia que era apenas a primeira e a menos importante das nove manifestações do poder do Destruidor. O pior estava para vir e em breve.

Sam ajoelhou-se sobre a espada e as flautas de Pan, construindo a sua

fórmula. Lirael verificou se a Cadela e Mogget estavam seguros dentro do losango e reparou que o corpo de Nick também se encontrava lá dentro, o que, de certa forma, pareceu certo. Havia também um cardo grande, que era incômodo e revelador da sua pressa. Não tivera tempo para pensar onde deveriam ficar os losangos.

Todos dentro dos losangos, exceto Sam, ficaram rígidos e sem graça por um momento, naquela calma estranha antes da catástrofe iminente. Depois, Sabriel atraiu Lirael para um abraço frouxo e deu-lhe um beijo de leve na face.

— Então, Você é a irmã que nunca soube ter — disse Sabriel. — Quem me dera que tivéssemos nos conhecido antes e numa ocasião mais auspiciosa. Foram-nos impostas muitas revelações, mais do que a minha mente cansada consegue absorver, receio. Andamos de barco, furgão, avião e Asa de Papel para chegar aqui, quase sem descansar, e as Clayr viram coisas extraordinárias muito de repente. Dizem-me que enfrentamos um grande espírito do Começo e que você não é apenas a herdeira do meu cargo, mas também uma Lembradora e que você viu o passado tal como as outras Clayr Vêem o futuro. Por isso, por favor, diga-nos, o que temos de fazer?

— Ainda bem que estão todos aqui neste momento — respondeu Lirael. Era muito tentador ceder durante este breve momento de quietude, mas não podia. Tudo dependia dela. Tudo. Respirou fundo e continuou. — O Destruidor está preparando-se para a Sua segunda manifestação, da qual espero... espero que os losangos nos protejam. Depois, Ele irá recuar por algum tempo e é então que temos de atacá-lo, protegendo-nos dos fogos que a segunda manifestação irá produzir. A fórmula aprisionadora que iremos usar é simples e vou dizê-la agora. Mas primeiro, cada um terá de tirar um sino de mim... ou da Abhorsen.

— Trate-me por Sabriel — insistiu esta com firmeza. — Importa qual o sino?

— Terá de ser aquele que parecer o adequado, aquele que falará ao seu sangue. Cada um de nós irá representar um dos Sete iniciais, tal como vivem na nossa linha de consanguinidade e nos sinos — balbuciou Lirael, nervosa por estar dando instruções aos mais velhos. Sabriel era bastante assustadora vista de perto e tinha dificuldade em se lembrar de que era sua própria irmã, não apenas a quase lendária aprisionadora dos Mortos. Mas Lirael sabia o que estava fazendo. Vira no Espelho Negro como tinham procedido no aprisionamento e como podia voltar a fazer-se e sentia as afinidades entre os sinos e as pessoas.

Apesar de existir algo de estranho em relação a Sanar e Ryelle. Lirael olhou para elas, e o seu coração quase parou ao perceber que, enquanto gêmeas, os seus espíritos estavam interligados. As duas só poderiam manejar um sino. Haveria apenas seis dos sete necessários.

Ficou estarrecida e horrorizada quando os outros avançaram e tiraram os sinos de Sabriel.

— Saraneth para mim, creio — disse Sabriel, mas deixou ficar o sino na bandoleira. — Touchstone?

— Ranna para mim — respondeu Touchstone. — O Adormentador parece muito apropriado, dado o meu passado.

— Eu tirarei um sino da minha tia, se me é permitido — disse Ellimere. — Dyrin, creio.

Lirael entregou mecanicamente o sino à sobrinha. Ellimere parecia-se demais com Sabriel, com o mesmo tipo de força contida dentro de si. Mas possuía o sorriso do pai, viu Lirael, apesar do pânico.

— Nós seguraremos Mosrael juntas — anunciaram Sanar e Ryelle em unísono.

Lirael fechou os olhos. Talvez se enganasse a contar, pensou. Mas sentia quem devia ficar com qual dos sinos. Voltou a abrir os olhos e, com mãos trêmulas, começou a desapertar a tira da bandoleira.

— Sam ficará com Belgaer e... e eu manejarei Astarael e... e Kibeth, para completar os sete.

Falou o mais confiantemente possível, mas havia tremor na sua voz. Não podia manejar dois sinos. Não para este aprisionamento. Eram necessários sete manejadores e não apenas sete sinos.

— Hummph — latiu a Cadela, levantando-se e meneando os quartos traseiros de uma forma algo embaraçada. — Kibeth não. Representarei a mim mesma.

A mão de Lirael mexia na tira que mantinha Astarael silencioso e conseguiu evitar que o toque pesaroso do sino mandasse todos os que o ouviam para a Morte.

— Mas você disse que não eras um dos Sete! — protestou Lirael, apesar de desconfiar da verdade em relação à Cadela. Só não quisera admitir, nem sequer a si própria, pois a Cadela era a sua melhor e mais antiga amiga, há muito a sua única amiga. Lirael não conseguia imaginar *Kibeth* como sua amiga.

— Menti — respondeu a Cadela, toda animada. — Por isso sou a Cadela Sem Vergonha. Além disso, sou apenas o que resta de Kibeth, de uma forma indireta, herdada. Não é bem o mesmo. Mas enfrentarei o Destruidor. Enfrentarei Orannis, como um dos seus Sete.

Quando a Cadela proferiu o nome do Destruidor, a coluna de fogo troou ainda mais alto e atravessou os restos das nuvens de tempestade. Tinha agora mais de quilômetro e meio de altura e dominava todo o céu a oeste, a sua luz vermelha suplantando o amarelo do Sol.

Lirael quis dizer algo, mas as palavras foram sufocadas pelas lágrimas incipientes. Não se importou se eram de alívio ou tristeza. O que quer que acontecesse, sabia que nada voltaria a ser o que era com ela e a Cadela Sem Vergonha.

Em vez de falar, coçou a cabeça da Cadela. Apenas duas vezes, percorrendo com os dedos o pêlo macio do animal. A seguir, recitou rapidamente a fórmula de aprisionamento, mostrando a todos as marcas e as palavras que teriam de proferir.

— Sam está preparando a espada que irei usar para dividir o Destruidor assim que Ele estiver aprisionado — concluiu Lirael. Pelo menos esperava que conseguisse. Como se para reforçar a sua esperança, acrescentou: — Ele é um verdadeiro herdeiro dos poderes do Construtor da Muralha.

Indicou o local onde Sam se encontrava debruçado sobre Nehima, as suas mãos movendo-se em gestos complexos, os nomes das marcas da Carta brotando da sua boca enquanto as suas mãos entrelaçavam os símbolos brilhantes num fio complexo que saía do ar e se estendia sobre a lâmina.

— Quanto tempo irá levar? — perguntou Ellimere.

— Não sei — murmurou Lirael. Depois repetiu-se, mais alto: — Não sei.

Ficaram aguardando, os segundos de ansiedade transformando-se em minutos, enquanto Sam invocava as suas marcas da Carta e Orannis atroava do outro lado, ambos criando fórmulas muito diferentes. Lirael deu consigo a olhar para o vale de tantos em tantos segundos, onde tudo indicava que o major Greene estaria conseguindo levar os Sulistas a deitarem-se, a seguir, olhou para Sam, depois, para o fogo do Destruidor e, por fim, recomeçou tudo, cheia de diferentes ansiedades e receios para onde quer que olhasse.

Os Sulistas estavam ainda próximos demais, Lirael sabia, apesar de se situarem consideravelmente mais abaixo no vale do que tinham se encontrado. Sam não parecia preparar-se para terminar. O Destruidor agigantava-se e fortalecia-se e Lirael sabia que, a qualquer momento, assumiria a sua segunda manifestação, aquela que lhe dava o nome.

O Destruidor.

Todos se sobressaltaram quando Sam se levantou de repente. Voltaram a sobressaltar-se quando proferiu as marcas principais, uma após a outra. Uma torrente de chamas de ouro e prata derretidos desceu das suas mãos estendidas até à espada ensanguentada de Lirael e às flautas de Pan, que separara em tubos individuais e dispusera ao comprimento da lâmina prateada.

Momentos depois, o Destruidor brilhou com maior intensidade e o solo estremeceu debaixo dos pés deles.

— Desviem o rosto e fechem os olhos! — gritou Lirael. Cobriu o rosto com um braço e acorrou-se, virando-se para o vale. Por trás dela, um globo de prata brilhante: os hemisférios unidos subiram até o céu por cima da coluna de fogo. Quando se elevou, a esfera tornou-se cada vez mais intensa até ficar mais brilhante do que o Sol alguma vez fora. Pairou alto no ar por alguns segundos, como se inspecionasse o solo, depois voltou a descer, desaparecendo de vista.

Durante nove longos segundos, Lirael esperou, os olhos fechados com força, o rosto comprimido contra a manga muito suja. Sabia o que viria, mas isso não a ajudou.

A explosão deu-se quando contou nove, uma explosão de fúria rubro-branca que aniquilou tudo no vale do lago. A serração e o caminho-de-ferro tinham-se pulverizado durante o primeiro clarão. O lago ferveu e secou um instante depois, enviando uma ampla nuvem de vapor sobreaquecido e ensurdecedor até o céu. As rochas derreteram-se, as árvores tornaram-se cinza, as aves e os peixes desapareceram simplesmente. As hastes dos pára-raios transformaram-se em metal derretido que foi arremessado alto para o ar, para voltar a cair como chuva mortífera.

A explosão cortou por completo o alto da colina, destruindo terra, rochas, hastes de pára-raios, árvores e tudo o mais. O que quer que pudesse arder ardeu, até ser extinto segundos depois pelo vento e o vapor.

O losango de proteção exterior apanhou o que restou da explosão depois de destruir a terra protetora da colina. A defesa mágica brilhou por um instante, depois desapareceu.

O segundo losango recebeu o vento quente e o vapor capazes de arrancar a carne do osso. Bastaram alguns segundos para desaparecer também.

O terceiro e último losango aguentou-se durante mais de um minuto, repelindo uma saraivada de pedras, metal derretido e detritos. Depois, também ele falhou, mas não sem que o pior tivesse passado. Chegou um vento quente — mas suportável — quando o losango desapareceu e envolveu os Sete enquanto se acoravam no solo, de olhos ainda fechados, abalados no corpo e na mente.

Por cima deles, ergueu-se uma enorme nuvem de pó, cinza, vapor e destruição, subindo centenas de metros até se espalhar como um chapéu de cogumelo, para cobrir tudo de sombra.

Lirael foi a primeira a se recobrar. Abriu os olhos e viu cair cinza a toda a volta como neve enegrecida e a pequena porção de terra deles em forma de losango incólume, uma ilha num deserto de onde toda a cor desaparecera debaixo de um céu que era como uma noite nublada, sem qualquer indício de sol. Mas não foi o choque que deveria ter sido. Já o vira antes no passado e a sua mente estava totalmente ocupada, antecipando-se ao que tinham de fazer. Ao que

ela teria de fazer.

— Protejam-se do calor! — gritou, enquanto os outros se levantavam lentamente e olhavam à sua volta, o choque e o horror nos olhos. Rapidamente, invocou as marcas de proteção, deixando-as fluir da sua mente e atravessar a pele e o vestuário. Depois, procurou a arma que esperava que Sam tivesse criado.

Sam segurava-a pela lâmina e olhava perplexo, como se duvidando do que forjara. Ofereceu-a a Lirael e ela pegou-lhe pelo punho, não sem uma pontada de medo. Deixara de ser Nehima e não era a mesma espada. Estava mais comprida, com uma lâmina muito mais larga e a pedra verde desaparecera do punho. As marcas da Carta circulavam por todo o lado através do metal, que apresentava um brilho vermelho-prateado, como se tivesse sido mergulhada em algum óleo estranho. Uma espada de carrasco, pensou Lirael. A inscrição na lâmina parecia a mesma. Seria? Não conseguia se recordar exatamente. Agora dizia apenas, "Lembre-se de Nehima."

— É isto? — perguntou Sam. Estava lívido do choque. Olhou para lá dela, para o vale, mas não conseguiu ver os Sulistas nem o major Greene e os seus homens. Havia muita poeira e muito pouca luz. Mas também não ouvia nada. Nem berros nem gritos de socorro e temeu o pior. — Fiz o que pedi.

— Sim — respondeu Lirael, a garganta seca. A espada pesava na sua mão e ainda mais no seu coração. Quando... se... aprisionassem Orannis, teria de usá-la para o partir ao meio, pois nenhum aprisionamento conseguiria deter o Destruidor se ele ficasse inteiro. Esta arma separaria Orannis, mas apenas à custa da vida do manejador.

A vida dela.

— Todos tem um sino? — perguntou rapidamente, para se abstrair. — Sabriel, por favor dê Belgaer a Sam e diga-lhe qual é a fórmula de aprisionamento.

Não esperou por uma resposta, seguindo na frente para a colina destruída, atravessando os fogos e a vertente cortada, as poças de cinza e o metal esfriando. Até às margens do lago seco, onde o Destruidor descansava momentaneamente antes da sua terceira manifestação, que desencadearia poderes destruidores ainda maiores.

Seguiu-a um grupo sinistro, cada qual segurando um sino, a fórmula de aprisionamento que Lirael lhes ensinara, repetida sucessivamente em cada cabeça.

Quando se aproximaram, o cheiro de Magia Livre sobrepôs-se à fumaça, até o fedor ácido lhes afetar os pulmões e surgirem ondas de náusea. Parecia corroer-lhes os ossos, mas Lirael não abrandou o ritmo por causa do

mal-estar, e os outros seguiram o seu exemplo, reprimindo a bÍlis nas gargantas e as cãibras que atacavam por dentro.

O vapor assentara como nevoeiro e a nuvem por cima trouxe uma escuridão próxima da noite, Lirael tinha pouco para orientá-la a não ser o seu instinto. Escolheu o caminho que lhe causava pior sensação, certa de que este os levaria à esfera que era o núcleo do Destruidor. Sabia que se abrandassem para tentar escolher um caminho por meios mais convenientes, em breve veriam uma nova coluna de chamas, um feixe luminoso que assinalaria apenas o fracasso.

Depois, muito subitamente, Lirael viu a esfera de fogo líquido que era a atual manifestação do Destruidor. Pairava no ar por cima da cabeça dela, correntes escuras alternando com línguas de fogo sobre a sua superfície lisa e lustrosa.

— Formem um círculo à volta dele — ordenou Lirael, a sua voz fraca e baixa neste abismo de destruição, no meio da escuridão e do nevoeiro. Ergueu Astarael com a mão esquerda, estremecendo ante a dor. Com toda aquela precipitação, esquecera-se do golpe de Hedge. Continuava a não ter tempo para ele, mas nessa hora ocorreu-lhe que dentro em breve isso não teria importância. Apoiava a espada no ombro esquerdo, pronta para desferir um golpe.

Em silêncio, os seus companheiros — a sua família, antiga e nova, percebeu Lirael com uma pontada — estenderam-se para formar um círculo à volta da esfera de fogo e escuridão. Só então Lirael se deu conta de que não via Mogget desde a destruição, apesar de ele se encontrar dentro dos losangos de proteção. Não conseguia vê-lo agora e outro pequeno receio invadiu-lhe o coração.

O círculo ficou completo. Olhavam todos para Lirael. Respirou fundo e tossiu, a corrosiva Magia Livre afetando-lhe a garganta. Antes de conseguir se recuperar e iniciar a fórmula, a esfera começou a expandir-se e saltaram dela chamas vermelhas, na direção do círculo dos Sete, como mil compridas línguas que procuravam tocar-lhes na carne.

Enquanto as chamas se contorciam, Orannis falou.

A ESCOLHA DE LIRAE

— Afinal Hedge me abandonou, como fazem os servidores — disse Orannis, a sua voz baixa como um murmúrio, mas áspera e penetrante. — Tal como todas as coisas vivas têm de falhar, até o silêncio me envolver na calma eterna, através de um mar de poeira. E agora vêm outros Sete, todos chamados para aprisionar Orannis mais uma vez no metal, bem fundo debaixo da terra. Mas pode um Sete de tal sangue aguado e mais enfraquecido prevalecer sobre o Destruidor, o último e mais poderoso dos Nove?

Orannis parou por um momento de silêncio terrível e absoluto. Depois, proferiu três palavras que abalaram todos à sua volta, atingindo-os como uma bofetada no rosto.

— Acho que não.

As palavras foram proferidas com tamanha intensidade que ninguém conseguiu mover-se nem falar. Lirael começara a fórmula aprisionadora, mas de repente a sua garganta ficou muito seca para falar, os membros muito pesados para se moverem. Desesperadamente, lutou contra a força que a prendia, recorrendo à dor no braço, ao choque de ver o rosto moribundo de Nick e à destruição terrível e total à sua volta.

A sua língua moveu-se então e encontrou um pouquinho de umidade na boca, mesmo quando Orannis crescia na direção do círculo dos Sete, as suas línguas de fogo estendendo-se para envolver os tolos que pretendiam derrubá-lo.

— Represento Astarael contra você — proferiu Lirael, esboçando uma marca da Carta com a ponta da espada. A marca pairou ali, brilhando, e as línguas ígneas afastaram-se deles ligeiramente.

Foi o suficiente para libertar os outros e iniciar a fórmula de aprisionamento. Sabriel desenhou uma marca com a sua espada e disse:

— Represento Saraneth contra você. — A sua voz era forte e confiante, conferindo esperança a todos os outros.

— Represento Belgaer contra você — disse Sam, a sua voz ganhando força e raiva ao pensar em Nick, o seu rosto exangue olhando para cima quando lhe dissera para "reparar a situação". Rapidamente, desenhou a marca da Carta, os seus dedos agitando-a quase diante dele.

— Represento Dyrin contra você — anunciou Ellimere, orgulhosa, como se fosse um desafio para um duelo. A sua marca foi desenhada deliberadamente, como uma linha na areia.

— Tal como fiz então, também o faço agora — afirmou a Cadela Sem Vergonha. — Sou Kibeth e oponho-me a você.

Ao contrário dos outros, não desenhou uma marca da Carta, mas o seu corpo agitou-se, o pêlo castanho de cão dando lugar a um arco-íris de marcas que a percorreu em estranhos padrões e conjunções de forma e cor. Uma destas marcas avançou para a frente do focinho e soprou-a, impelindo-a para ficar pairando no ar.

— Somos uma só, representando Mosrael contra você — entoaram Sanar e Ryelle em uníssono. Desenharam juntas a sua marca, em gestos ousados com as mãos apertadas.

— Sou Torrigan, chamado Touchstone, e represento Ranna contra você — declarou Touchstone e a sua voz era a de um rei. Desenhou a sua marca e, quando ela brilhou, foi o primeiro a fazer soar o sino. A seguir, as Clayr juntaram a voz de Mosrael, a Cadela iniciou um latido rítmico, Ellimere agitou Dyrin, Sam tocou Belgaer e Sabriel deixou que Saraneth retinisse, cavo e baixo acima deles todos.

Por fim, Lirael sacudiu Astarael e o seu tom melancólico reuniu-se ao círculo de som e magia que envolvia Orannis. Normalmente, o Pesaroso atirava todos os que o escutavam para a Morte. Aqui, combinado com as outras seis vozes, o seu som evocou uma tristeza que não tinha igual. Juntos, os sinos e a Cadela entoaram um canto que era mais do que som e poder. Era o canto da terra, da lua, das estrelas, do mar e do céu, da Vida e da Morte e de tudo o que existia e haveria de existir. Era o canto da Carta, o canto que aprisionara Orannis há muito tempo, o canto que tentava aprisionar o Destruidor mais uma vez.

Os sinos continuaram a tocar, até parecerem ecoar por todo o lado dentro de Lirael. Ficou saturada do seu poder, como uma esponja que não consegue absorver mais. Sentia-o dentro de si e nos outros, uma emanção que os enchia a todos e depois precisava transbordar.

Assim sucedeu, fluindo para a marca que ela desenhara, que ficou brilhante e se espalhou para o lado para se tornar uma faixa de luz que se reuniu à marca seguinte e depois à subsequente, até formar um círculo brilhante que se fechou à volta do globo de Orannis, uma faixa luminosa em órbita à volta da esfera escura e ameaçadora.

Lirael proferiu o resto da fórmula de aprisionamento, as palavras brotando dela numa maré-cheia de poder. Com a fórmula, o círculo tornou-se ainda mais intenso e começou a apertar-se, obrigando as línguas de chamas a recuar. Fê-las contorcer-se em retirada, regressando à esfera de escuridão que era Orannis.

Lirael deu um passo em frente e todos os sete fizeram o mesmo,

fechando o círculo humano por trás do mágico de luz. Depois deram outro passo e mais outro, enquanto o círculo-fórmula se fechava mais, apertando a própria esfera. A toda a volta, os sinos continuavam tocando em glória, o latido da Cadela num ritmo que os sineiros seguiam sem pensamento consciente. Uma enorme sensação de triunfo e alívio começou a crescer em Lirael, misturada com o medo da espada no seu ombro. Em breve a empunharia e, mais breve ainda, caminharia de novo até ao Nono Portão, para nunca mais voltar.

Então, o círculo-fórmula parou. Os sinos hesitaram quando os sineiros se imobilizaram atrás dele no meio do passo. Lirael estremeceu, sentindo uma repercussão do poder, como se subitamente se encaminhasse para uma parede inesperada.

— Não — disse Orannis, a sua voz calma, destituída de qualquer emoção.

O círculo-fórmula tremeu quando Orannis falou e começou a expandir-se novamente, obrigado a afastar-se pela esfera cada vez maior. As línguas de fogo reapareceram, mais numerosas do que antes.

Os sinos continuaram a tocar, mas os sineiros viram-se obrigados a recuar, os seus rostos patenteando emoções que iam do desespero terrível à determinação fatídica. O círculo-fórmula desapareceu ao abrir-se, esticado ao máximo pelo poder crescente de Orannis.

— Permaneci tempo demais no meu túmulo de metal — falou Orannis. — Suportei por muito tempo a afronta de uma vida inferior. Sou o Destruído... e todos serão destruídos!

Com a última palavra, as chamas brotaram e atacaram o círculo-fórmula com mil dedos minúsculos de fogo escuro. Agitaram-se e contorceram-se de todas as formas, apressando a sua destruição.

Lirael presenciou aquilo como se estivesse distante. Agora estava tudo perdido. Não havia mais nada que fazer ou tentar. Vira o Começo e vira Orannis aprisionado. Depois, os Sete tinham prevalecido. Aqui, haviam fracassado. Lirael conhecera e aceitara certeza da sua própria morte nesta empresa e achara-a um preço justo pela derrota de Orannis e a salvação de todos aqueles que amava e conhecia.

Agora, seriam apenas os primeiros de uma multidão a morrer, até Orannis reinar num mundo de cinza e escória, apenas com a companhia dos Mortos.

Então, no meio do desespero, Lirael ouviu Sam falar e viu um clarão de luz intensa surgir a seu lado, para constituir uma forma alta de fogo branco que era apenas vagamente humana.

— Liberte-se, Mogget! — gritou Sam, enquanto segurava uma coleira

vermelha no alto. — Escolha bem!

A forma de fogo cresceu. Afastou-se de Sam em direção a Sabriel e a sua cabeça desceu como se fosse subitamente morder. Sabriel olhou estoicamente para cima e aquilo hesitou. Depois, avançou para Lirael e esta sentiu o seu calor e o choque da sua própria Magia Livre que se misturou com o impacto destruidor dos pulmões de Orannis.

— Por favor, Mogget — murmurou Lirael, muito baixo para ser ouvido por alguém.

Mas a forma branca ouviu. Estacou e virou-se para dentro, de frente para Orannis, mudando de um pilar de fogo para uma forma mais humana, mas com uma pele tão brilhante quanto uma estrela ardente.

— Sou Yrael — disse, estendendo uma mão para lançar uma linha de fogo prateado no círculo-fórmula que se desfazia, a sua voz vibrando com a força. — Também me oponho a você.

O círculo-fórmula voltou a comprimir-se e automaticamente todos avançaram. Desta vez, não parou, voltando a contrair-se. Quando o círculo se apertou, as línguas de fogo apagaram-se e a esfera tornou-se mais escura. Depois, começou a adquirir um reflexo prateado, a prata dos hemisférios que aprisionara Orannis durante tanto tempo.

Lirael avançou novamente, os seus olhos fixos na esfera em processo de encolhimento. Vagamente, teve consciência de que Astarael continuava tocando na sua mão, enquanto percebia ainda mais ligeiramente que Yrael cantava agora, cantava acima dos sinos e dos latidos, a sua voz penetrando o canto.

A esfera contraiu-se ainda mais, a prata espalhando-se nela como mercúrio derramado na água, deslocando-se em espirais lentas. Quando se tornou toda ela de prata, Lirael soube que devia desferir o golpe, nos escassos momentos em que Orannis estava completamente aprisionado. Não pelos Sete, mas pelos Oito, percebeu, pois Mogget, Yrael, não podia ser senão o Oitavo Brilhador Intenso, ele próprio aprisionado pelos Sete há muito, muito tempo.

Os sinos tocavam, Yrael cantava, Kibeth latia, Astarael chorava. A prata espalhou-se e Lirael aproximou-se mais e ergueu a arma que Sam preparara para ela a partir do sangue e da espada e do espírito dos Sete nas flautas de Pan.

Orannis falou então, em tons cortantes, amargos.

— Porquê, Yrael? — disse, quando a última escuridão deu lugar à prata e a esfera brilhante de metal se afundou lentamente no solo. — Porquê?

A resposta de Yrael pareceu percorrer um espaço maior, as palavras resvalando no consciente de Lirael quando elevou a espada ainda mais alto, inclinando o corpo para trás, preparando-se para o poderoso golpe que deveria atravessar toda a esfera.

— Vida — disse Yrael, que era mais Mogget do que alguma vez percebera. — Peixe e carne, sol quente e árvores frondosas, os ratos do campo no trigo, debaixo da luz fria da Lua. Todos os...

Lirael não escutou mais. Reuniu toda a sua coragem e desferiu o golpe.

A espada foi ao encontro do metal com um grito que silenciou tudo, a lâmina penetrando num clarão de faíscas branco-azuladas que saltaram para o céu cor de cinza.

Mesmo quando o cortou, a espada derreteu-se e o fogo vermelho subiu pela mão de Lirael. Gritou quando a atingiu, mas aguentou, colocando todo o seu peso, força e fúria no golpe. Sentia Orannis no fogo, sentia-o no calor. Procurava a sua última vingança nela, enchendo-a do seu poder destruidor, um poder que a transformaria em cinzas.

Lirael tornou a gritar quando as chamas envolveram o punho, a sua mão agora apenas uma massa de dor. Mas resistiu, para concluir a separação.

A espada penetrou, a esfera separou-se, dividida. Mesmo sabendo que não conseguiria, Lirael tentou soltar-se. Mas Orannis apanhara-a, o seu espírito momentaneamente inteiro através da estreita ponte da espada dela, os últimos resquícios da lâmina entre os hemisférios. Uma ponte para a destruição dela.

— Cadela! — gritou instintivamente Lirael, sem saber o que dizia, a dor e o medo vencendo a sua intenção de simplesmente morrer. Voltou a tentar abrir a mão, mas os dedos estavam soldados ao metal e Orannis penetrara no seu sangue, espalhando-se para consumi-la no seu fogo derradeiro.

Então, os dentes da Cadela cravaram-se subitamente no pulso de Lirael. Sentiu uma nova dor, mas pura, aguda e súbita. Orannis fora-se dela, assim como o fogo que ameaçava destruí-la. Um momento depois, Lirael percebeu que a Cadela lhe arrancara a mão.

Tudo o que restava liberto do poder vingativo de Orannis foi canalizado para a Cadela Sem Vergonha. O fogo vermelho fluiu nela quando cuspiu a mão, atirando-a para o meio dos hemisférios, onde se debateu e contorceu como uma aranha medonha feita de carne queimada e enegrecida.

Irrompeu uma grande mancha de chama que envolveu a Cadela, fazendo Lirael recuar aos tropeções, as suas sobranceiras franzindo-se no nada. Depois, com um longo grito final, os hemisférios foram arremessados um para cada lado. Por pouco um não atingiu Lirael, passou rolando por ela até ao lago e ao mar que voltavam. O outro voou por cima de Sabriel, para aterrisar atrás dela num torvelinho de poeira e cinza.

— Aprisionados e separados — murmurou Lirael, olhando para o pulso, incrédula. Sentia ainda a mão, mas não havia ali nada a não ser um coto cauterizado e as extremidades queimadas da manga.

Começou então a tremer e as lágrimas chegaram, até não conseguir ver de tanto chorar. Só havia uma coisa que podia fazer e que fez, avançando aos tropeções sem ver, chamando a Cadela.

— Aqui — respondeu a Cadela baixinho, em resposta ao chamamento. Estava deitada de lado no lugar onde se encontrara a esfera, sobre uma cama de cinza. Abanou a cauda quando ouviu Lirael, mas apenas a pontinha e não se levantou.

Lirael ajoelhou ao lado dela. O animal não parecia ferido, mas Lirael viu que tinha o focinho coberto de gelo e que o pêlo estava solto à volta do pescoço, como se tivesse subitamente envelhecido. A Cadela levantou a cabeça muito lentamente quando Lirael se debruçou sobre ela e lambeu-lhe de leve a face.

— Bem, está feito, Dona — murmurou, deixando cair a cabeça. — Agora tenho de deixá-la.

— Não — soluçou Lirael. Envolveu-a com o braço sem mão e enterrou a face no focinho da Cadela. — Devia ser eu! Não te deixarei partir! Eu te adoro, Cadela!

— Haverá outros cães, outros amigos e outros amores — murmurou a Cadela. — Encontrou a sua família, a sua herança e alcançou um lugar elevado no mundo. Também te adoro, mas o meu tempo com você acabou. Adeus, Lirael.

A seguir partiu e Lirael ficou curvada sobre uma pequena estatueta de greda de um cão.

Atrás de si, ouviu Yrael falar e Sabriel e o breve toque de Belgaer, tão estranho depois do canto conjunto de todos os sinos, a sua voz isolada libertando Mogget do seu milênio de servidão. Mas o som estava muito distante, em outro lugar, em outro tempo.

Sam encontrou Lirael um momento depois, enrolada nas cinzas, a estatueta da Cadela aninhada na curva do braço sem mão. Segurava Astarael — o Pesaroso — com a outra mão, os dedos apertados com força à volta do badalo para que não soasse.

Epílogo

Nick encontrava-se no meio do rio e observou com interesse quando a corrente o puxou pelos joelhos. Quis ir com aquela corrente, deitar-se e deixar-se arrebatado, levando consigo a culpa e a pena para onde quer que o rio pudesse ir. Mas não conseguia se mexer, porque de certa forma estava preso ao lugar por uma força que emanava da zona de calor na sua testa, o que era muito estranho quando tudo o mais estava frio.

Passado algum tempo que podiam ter sido minutos ou horas ou mesmo dias — pois não era possível saber se o tempo tinha algum sentido neste local de luz cinzenta constante — Nick percebeu que havia um cão sentado a seu lado. Um cão grande castanho e preto, com uma expressão circunspecta. Parecia-lhe algo familiar.

— Você é o cão do meu sonho — disse Nick. Curvou-se para lhe coçar a cabeça. — Só que não era um sonho, não é?

— Sim — concordou a Cadela. — Sou a Cadela Sem Vergonha, Nicholas.

— Muito prazer em conhecê-la — proferiu Nick, em tom formal. A Cadela ofereceu uma pata e Nicholas apertou-a. — Por acaso sabes onde estamos? Achei que...

— Você morreu — respondeu a Cadela, animada. — Isso mesmo. Estamos na Morte.

— Ah — respondeu Nick. Em tempos quisera discutir o assunto. Agora tinha uma perspectiva diferente e outras coisas em que pensar.

— Você... eles... os hemisférios?

— Orannis está novamente aprisionado — anunciou a Cadela. — Está de novo fechado dentro dos hemisférios. A seu tempo, eles serão transportados de novo para o Reino Antigo e enterrados fundo debaixo de pedra e encantamento.

O alívio estampou-se no rosto de Nick desfazendo as rugas de preocupação à volta dos olhos e da boca dele. Ajoelhou ao lado da Cadela para abraçá-la, sentindo o calor do seu pêlo em nítido contraste com o frio gélido do rio. A coleira brilhante à volta do pescoço dela também era bonita. Proporcionou-lhe uma sensação de calor no peito.

— Sam e... Lirael? — inquiriu Nick, esperançoso, a cabeça ainda curvada, próximo do ouvido da Cadela.

— Estão vivos — respondeu a Cadela. — Muito embora com alguns estragos. A minha dona perdeu a mão. O príncipe Sameth lhe fará outra, claro,

de ouro brilhante e magia inteligente. Lirael da Mão de Ouro, como passará a ser conhecida. Lembradora e Abhorsen e muita coisa mais. Mas existem outros males, que requerem remédios diferentes. Ela é muito jovem. Levante-se, Nicholas.

Nicholas levantou-se. Vacilou um pouco quando a corrente tentou enganá-lo e levá-lo para baixo.

— Dei-lhe um batismo tardio para preservar o seu espírito — disse a Cadela. — Você ostenta agora a marca da Carta na sua testa, para equilibrar a Magia Livre que permanece no seu corpo e nos seus ossos. Achará a marca da Carta e a Magia Livre simultaneamente uma vantagem e um fardo, pois elas o afastarão de Ancelstierre e o caminho que irás trilhar não será aquele que durante muito tempo julgou ter pela frente.

— O que quer dizer? — perguntou Nick, perplexo. Tocou na marca na sua testa e piscou os olhos quando ela brilhou com luz súbita. A coleira da Cadela brilhou também, com muitas outras marcas intensas que lhe rodearam a cabeça com uma coroa de luz dourada. — O que quer dizer, longe de Ancelstierre? Como posso ir a algum lugar? Estou morto, não es...

— Vou mandá-lo de volta — disse a Cadela, delicadamente, empurrando a perna de Nick com o focinho, para ele ficar de frente para a Vida. Depois ladrou, um único som penetrante que era simultaneamente de boas-vindas e de despedida.

— Isto é permitido? — perguntou Nick, quando sentiu a corrente soltá-lo relutantemente e recuou o primeiro passo.

— Não — respondeu a Cadela. — Mas por isso é que sou a Cadela Sem Vergonha.

Nick deu outro passo e sorriu quando sentiu o calor da Vida e o sorriso tornou-se uma gargalhada, uma gargalhada que dava as boas-vindas a tudo, mesmo à dor que aguardava no seu corpo.

Na Vida, os seus olhos acordando olharam para cima e viu o Sol irromper através de uma nuvem baixa e escura, e o seu calor e a sua luz incidiram num pedaço de terra em forma de losango onde se encontrava deitado, a salvo no meio da ruína e da destruição. Nick sentou-se e viu soldados aproximarem-se, caminhando com cuidado por um deserto de cinza. Os Sulistas seguiam os soldados, os seus chapéus e lenços com o aspecto de terem sido acabados de escovar, predominando o azul-vivo, a única cor no deserto.

Surtiu subitamente um gato branco aos pés de Nicholas. Farejou repugnado e disse:

— Eu devia ter desconfiado — depois olhou para lá de Nick para algo que não estava presente e piscou o olho, antes de partir a correr em direção ao

norte.

O gato foi seguido um pouco depois pelos passos fatigados de seis pessoas, que amparavam a sétima. Nick conseguiu levantar-se e acenar e, no espaço daquele ínfimo movimento e da correspondente resposta sobressaltada, teve tempo para se interrogar sobre tudo o que o futuro reservava e pensar que seria muito mais risonho do que o passado.

A Cadela Sem Vergonha ficou sentada com a cabeça inclinada para um lado durante vários minutos, os seus olhos velhos e sábios vendo muito mais do que o rio, as suas orelhas apuradas escutando mais do que apenas o gorgolejar da corrente. Dali a um instante, partiu do seu peito um ruído de imensa satisfação. Levantou-se esticou as patas para retirar o corpo da água e sacudiu-se até ficar seca. Depois partiu, seguindo um caminho em ziguezague ao longo da fronteira entre a Vida e a Morte, abanando a cauda com tanta força, que a sua ponta provocava espuma no rio atrás dela.

Fim

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por um autor desconhecido pelo grupo **verbo ad verbum**.

Para a capa, utilizei como modelo uma edição norte-americana.

Junho de 2014

LeYtor